

# OMERTÀ

MARIO PUZO



# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Omertà**  
**Mario Puzo**

*A Evelyn Murphy*

Omertà: Código de honra siciliano que proíbe dar informações sobre quaisquer crimes, considerados assuntos pessoais das pessoas envolvidas.

# Prólogo

1967

Em Castellamare del Golfo, uma pedregosa aldeia sobranceira às profundas e sombrias águas do Mediterrâneo siciliano, Don Vincerizo Zeno aguardava a morte. Era um grande chefe da Máfia, um homem de honra, amado e temido pela imparcialidade e justiça do seu julgamento, pela generosidade com que sempre ajudara os que necessitavam de ajuda e pela crueza implacável com que punia os que ousavam opor-se à sua vontade.

Junto ao leito onde agonizava, estavam três antigos lugares-tenentes, que a seu tempo tinham partido em busca de poder e posição: Raymonde Aprile, da Sicília e Nova Iorque, Octavius Bianco, de Palermo, e Benito Craxxi, de Chicago. Todos eles lhe deviam um derradeiro favor.

Don Zeno era o último dos verdadeiros chefes da Máfia, e toda a sua vida respeitara as antigas tradições. Impunha um tributo a todos os comerciantes, mas nunca recebera um centavo da droga, da prostituição ou de qualquer outra atividade criminosa. E nunca um homem que precisasse de dinheiro saía de sua casa de mãos vazias. Era o socorro dos pobres contra as injustiças da lei — bem podia o mais alto juiz da Sicília ditar a sua sentença: se o visado tivesse razão, Don Zeno anulava o veredicto pela força da sua própria vontade, e se necessário das armas.

Nunca um jovem estouvado seduzira a filha de um camponês pobre sem que Don Zeno soubesse persuadi-lo das alegrias do sagrado matrimônio. Nunca um banco executara uma hipoteca contra um agricultor indefeso sem que Don Zeno interviesse para repor a justiça. Nunca um jovem sedento de uma educação universitária ficara com as pernas cortadas por falta de dinheiro ou de qualificações. Para quem pertencesse à sua cosca, ao seu clã, todos os sonhos eram possíveis. As leis de Roma nunca poderiam julgar as tradições sicilianas e não tinham autoridade: Don Zeno impunha-lhes a sua própria lei, custasse o que custasse.

Agora, porém, o Don passara dos oitenta, e nos últimos anos o seu poder começara a declinar. Tivera a fraqueza de casar com uma rapariga muito nova e bonita, que lhe dera um belo rapaz. A jovem esposa morrera de parto, e a criança tinha agora dois anos. O velho, sabendo que o fim se aproximava e que, sem ele, a sua cosca seria pulverizada pelos clãs mais poderosos dos Corleone e dos Clericuzio, pensava no futuro do filho.

Agradeceu aos amigos a cortesia e o respeito que tinham demonstrado vindo de tão longe a seu pedido. Disse-lhes então que queria que o filho, Astorre, fosse levado para um lugar seguro e criado noutras condições, mas sempre na tradição de um homem de honra, como ele próprio.

— Morrerei de consciência tranqüila — disse aquele homem que ao longo da vida decretara a morte de centenas de pessoas —, se souber que meu filho está em segurança. Porque naquele menino de dois anos vejo o coração e a alma de um verdadeiro mafioso, uma qualidade rara e já quase extinta.

Explicou-lhes que escolheria um deles como tutor e guardião daquela invulgar criança, e que essa responsabilidade seria acompanhada de grandes recompensas.

— É estranho — continuou, fixando nos amigos os olhos já enevoados. — De acordo com a tradição, o primogênito é o verdadeiro mafioso. Mas no meu caso tive de esperar até aos oitenta anos para realizar esse sonho. Não sou um homem supersticioso, mas se fosse, poderia acreditar que esta criança nasceu do próprio chão da Sicília. Os olhos dele são verdes como as azeitonas das minhas melhores árvores. Tem uma sensibilidade tão siciliana... romântica, musical, feliz. E no entanto, se alguém o ofende, não o esquece, pequenino como é. Mas precisa de ser guiado.

— Que deseja então de nós, Don Zeno? — perguntou Craxxi. Porque, pelo meu lado, receberei de coração aberto esse seu filho e cria-lo-ei como se meu fosse.

Bianco olhou para ele quase com ressentimento.

— Conheço o rapaz desde que nasceu — protestou. — já está habituado a mim. É para minha casa que deve ir.

Raymonde Aprile olhou para Don Zeno, mas nada disse.

— E tu, Raymonde? — perguntou o velho.

— Se for eu o escolhido — respondeu Aprile —, o seu filho será meu filho.

O Don olhou-os um a um. Todos homens de valor. Pousou os olhos em Craxxi, o mais inteligente. Depois em Bianco, sem a dúvida o mais ambicioso e decidido. E Aprile, um homem de virtude, mais contido, mais próximo dele próprio. Mas implacável.

Don Zeno, mesmo à beira da morte, compreendeu que era Aprile quem mais precisava da criança. Era ele quem mais beneficiaria do seu amor, e tudo faria para que o seu filho aprendesse a sobreviver no mundo de traição em que se moviam.

Permaneceu silencioso por um longo momento. Finalmente, disse:

— Raymonde, serás o pai do meu filho. Agora posso morrer em paz

O funeral do Don foi digno de um imperador. Todos os chefes de cosca da Sicília vieram apresentar os seus respetos, e com eles membros do governo de Roma, os proprietários dos grandes latifúndios, e centenas de dependentes do vasto clã. Astorre Zeno, vestido de negro e de cabeça coberta, seguia, majestoso e altivo como um César, sentado no banco do carro fúnebre tirado por cavalos negros.

O cardeal de Palermo conduziu as exéquias, declarando a dada altura: “Na doença e na saúde, na infelicidade e no desespero, Don Zeno foi sempre, para todos nós, um verdadeiro amigo.” Recitou então as últimas

palavras de Don Zeno: “Encomendo-me a Deus. Ele perdoará os meus pecados, pois sabe que tentei ser justo todos os dias da minha vida.”

E assim aconteceu que Astorre Zeno foi levado para a América por Raymonde Aprile e passou a fazer parte da sua família.

# Capítulo 1

1995

Quando os gêmeos Sturzo, Franky e Stace, pararam o Buick diante da casa de John Heskow, viram quatro adolescentes, esgalgados e esguios como árvores jovens, a jogar basquetebol no pequeno pátio. Os dois irmãos apearam-se e Heskow saiu a recebê-los. Era um homem alto, com um corpo em forma de pêra e uma faixa de cabelo ralo a rodear-lhe, como se tivesse sido pintada, o topo nu da cabeça.

— Vêm em boa altura — disse, e os seus pequenos olhos azuis brilharam. — Quero apresentar-lhes uma pessoa. Este é o meu filho Jocko — anunciou orgulhosamente.

O mais alto dos quatro jovens, que tinham interrompido o jogo, estendeu a Franky uma mão enorme.

— Eh! — disse Franky. — Que tal um joguinho?

Jocko observou os dois visitantes. Tinham cerca de um metro e oitenta de altura e pareciam m boa forma. Usavam ambos pólos Ralph Lauren vermelha um, verde o outro, calças de caqui e sapatos de sola de borracha. Pareciam simpáticos, com um ar de tranqüila confiança a suavizar-lhes as feições vincadas e duras. Eram obviamente irmãos, mas Jocko não tinha meio de saber que eram gêmeos. Calculou que tivessem quarenta e poucos anos.

— Claro — concordou, com descuidada jovialidade.

Stace sorriu.

— Ótimo! Depois de uma viagem de cinco mil quilômetros, precisamos de descontrair um pouco.

Jocko dirigiu-se aos companheiros, todos com bastante mais de um metro e oitenta de altura, e disse:

— Eles e eu contra vocês os três.

Sabia que era de longe o melhor jogador e pensava, com esta escolha, dar uma hipótese aos amigos do pai.

— Não apertem muito com eles — recomendou Heskow aos rapazes. — São só uns velhotes a armar em bons.

O sol fazia refulgir os telhados e as paredes de vidro dos viveiros de flores, o negócio “oficial” do dono da casa.

Os jovens companheiros de Jocko, condescendentemente, imprimiram ao jogo um ritmo mais lento, que julgaram adequado àqueles homens mais velhos. Mas então, subitamente, Franky e Stace estavam a passar por eles como setas e a marcar pontos por baixo do cesto. Jocko ficou a olhar para eles, espantado. Em várias ocasiões, em vez de encestarem, passavam-lhe a bola a ele. Nunca tentavam de meia distância. Parecia ser ponto de honra libertarem-se dos adversários e fazerem o cesto junto à tabela.

Os rapazes da equipa contrária começaram a usar a sua maior altura para se imporem, mas, surpreendentemente, apanhavam poucos ressaltos. Por fim, um deles perdeu a paciência e atingiu Franky no rosto com uma violenta cotovelada. Uma fração de segundo depois, estava estendido no chão. Jocko, que observava tudo, não soube exatamente como aquilo acontecera. Mas então Stace bateu com a bola na cabeça do irmão e disse:

— Anda lá, joga, cabeça de burro.

Franky ajudou o rapaz a levantar-se e deu-lhe uma palmada nas costas.

— Desculpa lá, pá - disse.

Jogaram ainda cerca de cinco minutos, mas por essa altura os homens mais velhos estavam claramente cansados e os miúdos começaram a fazer deles gato-sapato. Finalmente, desistiram.

Heskow trouxe uma bandeja com refrescos e os adolescentes juntaram-se à volta de Franky, que tinha carisma e durante o jogo demonstrara qualidades de profissional. Franky abraçou o rapaz que derrubara e dirigiu-lhe um grande sorriso, que lhe iluminou o rosto anguloso.

— Permitam que um velho lhes dê alguns conselhos — disse. — Nunca fintem quando puderem passar. Nunca desistam quando estiverem a perder por vinte pontos na última parte. E nunca saiam com uma mulher que tenha mais de um gato.

Os rapazes riram-se.

Franky e Stace apertaram-lhes as mãos, agradeceram o jogo e entraram em casa atrás de Heskow.

— Eh, vocês são bons! — gritou-lhes Jocko, do pátio.

John Heskow conduziu os dois irmãos até ao quarto que lhes reservara no primeiro andar. Tinha uma porta pesada, com uma boa fechadura, notaram Tracy e Stace enquanto o dono da casa se afastava para deixá-los entrar e voltava a fechá-la à chave. No mesmo quarto — e, num canto, um grande baú reforçado com cintas de aço e fechado por um pesado cadeado. Heskow serviu-se de uma chave para abri-lo e levantou a tampa, mostrando uma coleção de pistolas, armas automáticas e caixas de munições cuidadosamente dispostas numa fila de formas geométricas e negras.

— Serve? — perguntou.

— Não há silenciadores — observou Franky.

— Não vão precisar de silenciadores para este serviço.

— Ótimo — interveio Stace. — Detesto silenciadores. Não consigo acertar numa casa com um silenciador.

— OIC — prosseguiu Heskow. - Tomem um banho e instalem-se, enquanto eu despacho os miúdos e faço o jantar. O que é que acharam do meu rapaz?

— Um garoto muito simpático — respondeu Franky.

— E que acharam da maneira como joga basquete? — quis saber Heskow, com um rubor de orgulho que o fez parecer ainda mais uma pêra madura.

— Excepcional — disse Franky.

— Stace, tu o que é que achas? — insistiu Heskow.

— Super-excepcional — declarou Stace.

— Tem uma bolsa de estudos para a Villanova — explicou Heskow. Vai direitinho à NBA.

Os gêmeos desceram à sala de estar, um pouco mais tarde, quando Heskow esperava-os. Tinha preparado vitela salteada com cogumelos e uma grande tigela de salada. Havia uma garrafa de vinho tinto em cima da mesa, posta para três.

Sentaram-se. Eram velhos amigos e sabiam as histórias uns dos outros. Heskow estava divorciado havia três anos. A ex-mulher e Jocko viviam perto, em Babylon. Mas o rapaz passava muito tempo ali em casa, e Heskow sempre fora um pai atento e dedicado.

— Só contava convosco amanhã de manhã — disse. — Tinha mandado o puto para casa se soubesse que vinham hoje. Quando telefonaram, não podia correr com ele e com os amigos.

— Não tem importância — assegurou Franky — Que se lixe.

— Safaram-se bastante bem com os miúdos, lá fora — continuou Heskow. — Alguma vez perguntaram a vocês mesmos se poderiam ter chegado a profissionais?

— Não — respondeu Stace. — Somos muito baixinhos, só um metro e oitenta. Os pretos eram demasiado grandes para nós.

— Nunca digas uma coisa dessas à frente do puto — pediu Heskow, horrorizado. — Tem de jogar com eles.

— Oh, não! — prometeu Stace. — Nunca faria semelhante coisa,

Heskow descontraíu-se e bebeu um gole de vinho. Sempre gostara de trabalhar com os irmãos Sturzo. Eram ambos simpáticos, nunca se mostravam violentos como a maior parte do lixo com que era obrigado a lidar. Tinham em sociedade um à-vontade que refletia o à-vontade que havia entre os dois. Eram homens seguros de si mesmos, uma característica que os tornava agradavelmente convivas.

Comeram sem pressa, descontraidamente. Heskow voltou a encher os pratos, servindo diretamente da frigideira.

— Há uma coisa que sempre quis perguntar-te — disse Franky, dirigindo-se a Heskow. — Por que foi que mudaste de nome?

— Oh, isso foi há muito tempo — respondeu Heskow. - Não que tivesse vergonha de ser italiano. Mas vocês sabem como é, pareço uma porra de um alemão. Com cabelos louros, e olhos azuis, e este nariz. As pessoas achavam estranho um nome italiano, ficavam desconfiadas.

Os gêmeos riram-se. Um riso fácil, relaxado. Sabiam que aquilo era conversa, mas não se importavam.

Quando acabaram a salada, Heskow serviu cafés duplos, tirados na máquina, e bolos italianos. Ofereceu charutos, mas os Sturzo recusaram.

Acenderam Marlboros, que pareciam curiosamente adequados aos seus rostos vincados de homens do Oeste.

— Falemos de negócios — disse Stace. — Deve ser coisa grande, ou não nos obrigariam a fazer a merda de cinco mil quilômetros de automóvel. Podíamos ter vindo de avião.

— Não foi tão mau como isso — contrapôs Franky. Eu gostei. Vi a América em primeira-mão. Até nos divertimos. As pessoas das cidades pequenas são porreiras.

— Excepcionais — concordou Stace. — Mas mesmo assim, foi uma viagem e tanto.

— Não quis deixar rastos nos aeroportos — explicou Heskow. — É a primeira coisa que verificam. E, podem ter a certeza, vai aquecer. Não têm medo de um pouco de calor, pois não?

— Para mim é como chupar a teta da mãezinha — afirmou Stace. — Muito bem, quem é o gajo?

— Don Raymonde Aprile. — Heskow quase se engasgou com o café ao dizer estas palavras.

Fez-se um longo silêncio e, pela primeira vez, Heskow sentiu o frio de morte que os dois gêmeos eram capazes de irradiar.

— Fizeste-nos viajar cinco mil quilômetros para nos propor esse trabalho? — perguntou Franky, calmamente.

— Gostei de te conhecer, John — disse Stace, com um sorriso. — É só pagares a nossa taxa de morte-súbita e vamos andando.

Riram-se ambos, mas Heskow não percebeu a piada.

Um dos amigos de Franky em Los Angeles, um escritor free-lancer, explicara-lhes certa vez que as revistas podiam custear as despesas de um artigo sem necessariamente lho comprarem. Limitavam-se a pagar uma pequena percentagem do preço combinado para “matar” a peça. Os gêmeos tinham adotado a idéia. Cobravam só por ouvir uma proposta. Naquele caso, tendo em conta o tempo da viagem e o fato de estarem ambos envolvidos, a taxa de morte-súbita ascendia a vinte mil dólares.

O papel de Heskow era, porém, convencê-los a aceitar a missão.

— O Dom está retirado há três anos — disse. — Toda a gente que conhecia está na cadeia. O poder dele foi-se. O único que podia causar problemas é o Timonna Portella, e esse garanto eu. O prêmio é um milhão de dólares. Metade depois do serviço e a outra metade passado um ano. Mas, durante esse ano, terão de manter-se quietos e calados. Está tudo combinado. Tudo o que têm de fazer é disparar.

— Um milhão de dólares — murmurou Stace. — É uma porção de massa.

— O meu cliente sabe que liquidar Don Aprile não é brincadeira — continuou Heskow. — Por isso quer o melhor. Atiradores frios, gente que saiba conservar a boca fechada, com boa cabeça. E vocês os dois são pura e simplesmente o melhor.

— Não há por aí muitos tipos dispostos a correr um risco destes — comentou Franky.

— Pois não — corroborou Stace. — É uma coisa com que um tipo vai ter de viver o resto da vida. Há de haver sempre alguém atrás dele, além da bófia e dos “fedés”.

— Juro-lhes, a polícia não vai esforçar-se muito — afirmou Heskow. Quanto ao FBI, nem sequer se vai meter.

— E os velhos amigos do Don? — perguntou Stace.

— Os mortos não têm amigos. — Heskow fez uma curta pausa. — Quando o Don se retirou, cortou todos os laços. Não têm nada com que se preocupar.

— É curioso — disse Franky, dirigindo-se a Stace. — Em todos os nossos trabalhos, dizem-nos sempre que não temos nada com que nos preocupar porque não são eles que têm de disparar. John, és um velho amigo. Confiamos em ti. Mas, e se estás enganado? Qualquer pessoa pode enganar-se. E se o Don ainda tem velhos amigos? Sabes como é que ele funciona. Sem piedade. Um tipo não é simplesmente morto, é crucificado. Primeiro, passa um bom par de horas no inferno. Além disso, as nossas famílias estão à mercê dele. O que quer dizer o teu filho. Não poderá jogar na NBA se estiver enterrado. Talvez devêssemos saber quem está a pagar por esta coisa.

Heskow inclinou-se para a frente. A pele normalmente pálida do rosto pusera-se-lhe vermelha, como se estivesse a corar.

— Não posso dizer-lhes. Estão fartos de saber. Sou apenas o intermediário. E já pensei em todas essas coisas. Acham que sou estúpido? Quem não sabe quem é o Don? Mas neste momento está indefeso. Tenho garantias ao mais alto nível. A policia limitar-se-á a fingir que investiga. O FBI não pode dar-se ao luxo de investigar. E os chefões da Máfia não intervirão. É à prova de fogo.

— Nunca sonhei que Don Aprile pudesse vir a ser um dos meus alvos — disse Franky, sonhadoramente. A façanha apelava-lhe ao ego. Matar um homem tão temido e respeitado no seu mundo.

— Franky, isto não é um jogo de basquete — avisou Stace. — Se perdermos, não trocamos apertos de mão e saímos do campo.

— Stace, é um milhão de dólares — retorquiu Franky — E o John nunca nos meteu numa fria. Vamos alinhar.

Stace sentiu a excitação a crescer dentro de si. Que diabo. Ele e Franky sabiam perfeitamente cuidar de si mesmos. Ao fim e ao cabo, sempre era um milhão de dólares. Para dizer a verdade, Stace era mais mercenário do que Franky, mais voltado para o negócio, e aquilo do milhão decidiu-o.

— OK. — disse. — Alinhamos. Mas que Deus se amerceie das nossas almas se estivermos enganados.

Quando era garoto, costumava ajudar à missa.

— E se o Don está a ser vigiado pelo FBI? — perguntou Franky. — Vamos ter de preocupar-nos com isso?

— Não — respondeu Heskow. — Quando todos os amigos foram presos, o Don reformou-se como um cavalheiro. O FBI apreciou o gesto. Deixam-no em paz. Posso garantir-lhes isto. Agora deixem-me explicar-lhes a coisa.

Demorou mais de meia hora a expor o plano com todo o pormenor. Finalmente, Stace perguntou:

— Quando?

— Domingo de manhã. Ficam aqui os primeiros dois dias. Depois, um jato particular leva-os até Newark.

— Precisamos de um condutor muito bom — disse Stace. — Excepcional.

— Eu conduzo — informou Heskow, e acrescentou, quase apologeticamente. — É um bolo muito grande.

Durante o resto da semana, Heskow serviu de ama-seca aos gêmeos, preparando-lhes as refeições, e fazendo-lhes recados. Não era um homem facilmente impressionável, mas por vezes os Sturzo punham-lhe um estranho frio no coração. Eram como víboras, com as cabeças sempre alerta,

e no entanto simpáticos, ao ponto de o ajudarem a cuidar das flores nos viveiros.

Antes do jantar, os irmãos jogavam um pouco de basquetebol um-para-um, e Heskow ficava a ver, fascinado, como os seus corpos deslizavam à volta um do outro, como cobras. Franky era mais rápido e um lançador temível. Stace não era tão bom, mas era mais esperto. Franky poderia ter chegado à NBA, pensou Heskow. Mas aquilo não era um jogo de basquete. Numa crise a sério, teria de ser Stace. Stace seria o atirador principal.

## Capítulo 2

O grande blitz dos anos 90 do FBI contra as famílias da Máfia de Nova Iorque deixara apenas dois sobreviventes. Don Raymonde Aprile, o maior e mais temido, não foi tocado. O outro, Don Timmona Portella, que era quase seu igual em poder mas muito inferior como homem, escapou pelo que pareceu pura sorte.

O futuro era, porém, perfeitamente claro. As leis Rico de 1970, tão pouco democráticas na sua estruturação, o zelo das equipes especiais do FBI e o fim da crença na omertà entre os soldados da Máfia americana convenceram Don Raymonde Aprile de que era tempo de retirar-se graciosamente do palco.

O Don governara a sua família durante trinta anos e era agora uma lenda. Educado na Sicília, nada tinha das falsas idéias e da pomposa arrogância dos chefes da Máfia nascidos na América. Era, na realidade, uma revivescência dos velhos sicilianos do século XIII, que governavam cidades e aldeias com o seu carisma, o seu sentido da honra e o julgamento mortal e inapelável de qualquer potencial inimigo. Provara, além disso, possuir também o gênio estratégico desses antigos heróis.

Agora, com sessenta e dois anos, tinha a vida em ordem. Desembaraçara-se dos seus inimigos e cumprira os seus deveres como amigo e como pai. Podia gozar a velhice de consciência tranqüila, afastar-se-ia das desarmonias do seu mundo e assumir o papel bem mais adequado de banqueiro e pilar da sociedade.

Os três filhos estavam confortavelmente instalados em carreiras respeitáveis. O mais velho, Valerius, agora com trinta e sete anos, casado e pai de dois filhos, era coronel no Exército dos Estados Unidos e professor em West Point. A sua carreira fora determinada pela timidez que o afligia

em criança: o Don inscrevera-o como cadete naquela mesma prestigiada Academia Militar para corrigir esta falha de caráter.

O segundo, Marcantonio, com apenas trinta e cinco anos era, sem dúvida em consequência de alguma misteriosa transformação genética, diretor executivo de uma rede de televisão nacional.

Fôra um rapazinho introvertido, que vivia num mundo de faz-de-conta, e o Don sempre pensara que nunca conseguiria ser bem sucedido em qualquer empreendimento sério. E agora o seu nome aparecia com freqüência nos jornais, aureolado com a fama de ser uma espécie de visionário criativo. O que agradava ao Dom mas não o convencia. Ao fim e ao cabo, era ele o pai do rapaz. Quem poderia conhecê-lo melhor?

A filha Nicole — a quem em criança todos chamavam afetuosamente Nikki mas que, aos seis anos, exigira imperiosamente ser tratada pelo seu verdadeiro nome —, com quem o pai adorava discutir, era, aos vinte e nove anos, advogada especializada em direito empresarial, feminista e defensora “pro bono” daqueles pobres e desesperados criminosos que de outro modo não poderiam suportar as despesas de uma ajuda legal adequada. Era particularmente hábil a salvar assassinos da cadeira-elétrica, a poupar à indignidade da prisão as mulheres que, cansadas de aturar os maridos, tinham resolvido livrar-se deles da maneira mais expedita e a evitar que violadores contumazes passassem o resto da vida numa cela. Opunha-se inabalavelmente à pena de morte, acreditava na possibilidade de reabilitação de qualquer criminoso e era uma crítica severa da estrutura econômica dos Estados Unidos. Pensava que um país tão rico como a América não devia ser tão indiferente à sorte dos pobres, por grandes que fossem os seus defeitos. Apesar de tudo isto, era uma astuta e dura negociadora de direito empresarial, uma mulher notável e enérgica. Ela e o Don discordavam em tudo.

Quanto a Astorre, fazia parte da família, e era, como sobrinho titular; o mais próximo do Don. Mas parecia, pela sua intensa vitalidade e encanto, irmão dos outros. Dos três aos dezesseis anos vivera com eles — o adorado

irmão mais novo — até que, havia já onze anos, se exilara na Sicília. Ao reformar-se, o Don mandou-o regressar.

Don Aprile planeara meticulosamente a sua retirada. Distribuíra o seu império para aplacar potenciais inimigos, mas também prestara tributo a amigos leais, sabendo que a gratidão é a menos duradoura das virtudes e que as dádivas têm de ser constantemente renovadas. Dedicara um especial cuidado ao apaziguamento de Timmona Portella. Portella era perigoso devido à sua excentricidade e a um apaixonado instinto assassino que por vezes não tinha qualquer relação com a necessidade.

Como conseguira escapar ao FBI durante a ofensiva dos anos 90 era algo que ninguém sabia. Porque Portella era um Don nascido na América, um homem desprovido de sutileza, incauto e imoderado, com um temperamento explosivo. Muito alto e gordo, com um ventre proeminente, vestia como um PI . Natural de Palermo, um jovem aprendiz de assassino, todo cores garridas e sedas. O seu poder baseava-se na distribuição de drogas ilegais. Nunca casara, mas aos cinquenta e cinco anos continuava a ser um mulherengo incorrigível. Só demonstrava verdadeiro afeto para com o irmão mais novo, Bruno, que parecia sofrer de um ligeiro atraso mental mas partilhava a brutalidade do mais velho.

Don Aprile nunca confiara em Portella e raramente fazia negócios com ele. Era um indivíduo que a própria fraqueza tornava perigoso, alguém que tinha de ser neutralizado. Por isso o convidou para um encontro em sua casa.

Portella chegou acompanhado pelo irmão. Don Aprile recebeu-os com a tranqüila cortesia que usava para com todos, mas foi diretamente ao assunto.

— Meu caro Timmona, vou retirar-me de todos os meus negócios, exceto os bancos — anunciou. — A partir de agora, todas as atenções vão concentrar-se em si, de modo que terá de ter muito cuidado. Se alguma vez precisar de um conselho, não hesite em procurar-me. Porque não estarei completamente desmunido de recursos no meu afastamento.

Bruno, uma cópia em ponto pequeno do irmão, que estava deslumbrado pela reputação do Dom, sorriu satisfeito ante esta prova de respeito. Mas Timmona era muito mais esperto, e compreendeu. Soube que estava a ser avisado.

Assentiu respeitosamente com a cabeça.

— Sempre foi, de todos nós, o mais avisado — declarou. — E eu respeito o que está a fazer. Conte-me entre os seus amigos.

— Ótimo, ótimo — disse o Don. — Agora, como um presente meu para si, escute este aviso. O homem do FBI, Cilke, é muito tortuoso. Não confie nele seja de que maneira for. Está embriagado pelo êxito, e vai escolhê-lo a si como próximo alvo.

— Mas nós os dois já lhe escapamos — respondeu Timmona. Apesar de ter apanhado todos os nossos amigos. Não tenho medo dele, mas agradeço-lhe.

Tomaram uma bebida cerimonial e os irmãos Portella retiraram-se. já no carro, Bruno exclamou:

— Que grande homem!

— Sim — concordou Timmona. — Foi um grande homem.

Quanto ao Dom estava satisfeito consigo mesmo. Vira o alarme nos olhos de Timmona, e teve a certeza de que não voltaria a representar um perigo para ele.

Don Aprile solicitou um encontro particular com Kurt Cilke, o chefe da delegação do FBI em Nova Iorque. Era, para espanto do próprio Dom um homem que admirava. Mandara para a prisão a maior parte dos chefes da Máfia da Costa Leste e quase quebrara o seu poder.

Don Raymonde Aprile conseguira escapar-lhe porque conhecia a identidade do seu informador secreto, a pessoa que tornara possível aquele êxito. Mas admirava Cilke sobretudo por ser um homem que fazia sempre jogo limpo, que nunca tentara falsas incriminações ou abusos de poder, e nunca pusera o mais pequeno labéu público nos seus filhos. Por isso considerou que era de toda a justiça avisá-lo.

O encontro foi marcado para a casa de campo do Dom em Montauk. Cilke teria de ir sozinho, o que infringia as regras do Bureau. O próprio diretor do FBI dera a sua aprovação, mas insistira em que o agente usasse um aparelho de escuta especial, um implante por baixo da caixa torácica, que não deixaria quaisquer vestígios detectáveis do exterior. Tratava-se de um dispositivo desconhecido do público, cuja fabricação era estritamente controlada. Cilke compreendeu que o verdadeiro objetivo era gravar tudo o que Don Aprile dissesse.

Encontraram-se, numa dourada tarde de Outono, no vasto alpendre que rodeava a casa. Cilke nunca conseguira ali entrar com um aparelho de escuta, e um juiz proibira uma vigilância física permanente. Dessa vez, os homens do Don não o revistaram fosse de que maneira fosse, o que o surpreendeu. Obviamente, Don Raymonde Aprile não se preparava para fazer-lhe qualquer proposta ilícita.

Como sempre, Cilke ficou surpreendido, e até um pouco perturbado, pela impressão que o Don lhe causava. Apesar de saber que aquele homem ordenara centenas de assassínios, violara incontáveis leis da sociedade, não conseguia odiá-lo. E no entanto, acreditava que pessoas como ele eram a encarnação do Mal, e detestava-as por destruírem a própria tessitura da civilização.

Don Aprile vestia um fato escuro, gravata preta e camisa branca. A sua expressão era grave e todavia cheia de compreensão, as linhas suaves do rosto as de um homem amante da virtude. Como podia uma face tão humana pertencer a alguém tão implacável, perguntou Cilke a si mesmo.

O Don não lhe estendeu a mão, por uma questão de sensibilidade e para não o embaraçar. Indicou-lhe com um gesto um dos amplos cadeirões do alpendre e inclinou a cabeça num cumprimento silencioso.

— Decidi colocar-me e à minha família sob a sua proteção... quero dizer, sob a proteção da sociedade — declarou.

Cilke ficou atônito. Que diabo queria o velho dizer com aquilo?

— Durante os últimos vinte anos, considerou-se meu inimigo. Perseguiu-me. Mas eu sempre lhe fiquei grato pelo seu sentido de lealdade. Nunca tentou falsificar provas nem encorajou o perjúrio contra mim. Mandou a maior parte dos meus amigos para a prisão e tentou o mais possível fazer-me o mesmo a mim.

— Continuo a tentar — disse Cilke, sorrindo.

O Don assentiu com a cabeça.

— Larguei tudo o que pudesse parecer duvidoso. Conservo apenas alguns bancos, um negócio incontestavelmente honesto. Coloquei-me sob a proteção da sua sociedade. Em troca, cumprirei o meu dever para com essa sociedade. Poderá tornar tudo muito mais fácil deixando de perseguir-me. já não há qualquer necessidade.

Cilke encolheu os ombros.

— O Bureau decide. Ando atrás de si há tanto tempo, por que hei de parar agora? Pode ser que tenha sorte.

O rosto do Dom tornou-se mais grave, a sua expressão ainda mais cansada.

— Tenho uma coisa para lhe oferecer em troca. O seu enorme êxito nestes últimos anos influenciou a minha decisão. Mas o que se passa é que

conheço o seu principal informador, sei quem ele é. E nunca o disse a ninguém.

Cilke hesitou apenas um segundo antes de responder, impassível:

— Não tenho nenhum informador. E mais uma vez, é o Bureau. que decide, não eu. Fez-me perder o meu tempo.

— Não, não — protestou o Don. — Não procuro uma vantagem, apenas um acordo. Permita-me, em atenção à minha idade, dizer-lhe uma coisa que aprendi . Nunca exerça o poder só, porque ele está facilmente ao alcance da sua mão, e nunca se deixe embalar na certeza da vitória quando o seu intelecto lhe disser que há nem que seja uma sugestão de desastre. Deixe-me dizer-lhe que o vejo agora como um amigo, não como um inimigo, e pense no que tem a ganhar ou a perder recusando esta oferta.

— Se realmente se afastou, de que me servirá a sua amizade? — perguntou Cilke, sorrindo.

— Terá a minha boa vontade — respondeu o Don. — Isso vale sempre qualquer coisa, mesmo vindo do mais insignificante dos homens.

Mais tarde, Cilke passou a gravação para Bill Boxton, o seu ajudante, que perguntou: — Que raio de conversa é essa?

— É uma das coisas que tens de aprender — disse-lhe Cilke. — Estava a dizer-me que não está completamente indefeso, que vai manter-me debaixo de olho.

— Tretas! — exclamou Boxton. — Não se atreveriam a tocar num agente federal.

— Pois não — admitiu Cilke. — É por isso que vou continuar atrás dele, reformado ou não. No entanto, estou preocupado. Não podemos estar cem por cento seguros...

Estudioso atento da história das mais prestigiadas famílias americanas, desses barões-gatunos que construíram implacavelmente as suas fortunas violando todas as leis morais e éticas da sociedade humana, Don Aprile tornou-se, como eles, um filantropo. Como eles, tinha um império: dez bancos privados nas maiores cidades do mundo. Por isso deu generosamente para construir um hospital destinado aos pobres. Foi um mecenas. Fundou uma cátedra na Universidade de Columbia para o estudo da Renascença.

É verdade que Yale e Harvard recusaram os seus vinte milhões de dólares para um dormitório a que seria dado o nome de Cristóvão Colombo, na altura muito contestado nos círculos intelectuais. Yale oferecera-se para aceitar o dinheiro e chamar ao dormitório Sacco e Vanzetti, mas o Don não estava interessado em Sacco e Vanzetti. Desprezava os mártires.

Como provavelmente poucos estarão, sendo até possível que já não se saiba quem foram. Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, um sapateiro, o outro vendedor de peixe, imigrantes italianos e anarquistas, foram acusados de assassínio, julgados e condenados à morte num julgamento cujo rigor processual levantou na altura enormes dúvidas e dividiu a opinião pública americana. Culpados ou não, ficaram como símbolo da xenofobia de uma América anglo-saxônica e protestante.

Um homem de menor estatura ter-se-ia sentido insultado e guardado rancor, mas não Don Raymonde Aprile. Em vez disso, deu o dinheiro à Igreja Católica para que fossem rezadas missas diárias por alma de sua mulher, que fôra fazendo já vinte e cinco anos ocupar o lugar que lhe estava reservado no Paraíso.

Doou um milhão de dólares à Associação Benevolente da Polícia de Nova Iorque e outro milhão a uma sociedade de proteção aos imigrantes ilegais. Durante três anos depois de se ter retirado, espalhou as suas benesses pelo mundo. A sua bolsa estava aberta a todas as solicitações exceto uma. Recusou o pedido de Nicole de uma contribuição para a Campanha Contra a Pena de Morte — a cruzada da filha para pôr fim ao castigo máximo.

É espantoso como três anos de boas ações e generosidade quase conseguem apagar uma reputação de trinta e quatro anos de gestos implacáveis. Mas a verdade é que os grandes homens sempre compraram e continuam a comprar a boa vontade dos outros, o perdão por terem traído os amigos e exercido julgamentos impiedosos. Também o Don padecia desta fraqueza universal.

Porque Don Ramonde Aprile era um homem que tinha vivido segundo as regras estritas da sua moralidade particular. O seu código tornara-o respeitado durante mais de trinta anos e gerara o medo extraordinário que fora a base do seu poder. Uma das regras básicas desse código era uma absoluta ausência de piedade.

Isto não decorria de uma crueldade inata, de um desejo psicopático de infligir dor, mas de uma convicção profunda. A de que os homens se recusam sempre a obedecer. Até Lúcifer, o anjo, desafiara Deus e fora precipitado nos infernos.

Por isso, um homem ambicioso que lutasse pelo poder não tinha outra alternativa. Claro que havia algumas persuasões, algumas concessões aos interesses de outros homens. Era razoável. Mas se tudo falhasse, restava apenas o castigo definitivo. Nunca fazer ameaças nem aplicar outras punições que pudessem inspirar retaliação. Os inimigos deviam ser pura e simplesmente banidos da esfera terrestre, e depois esquecidos.

A traição era a maior das ofensas. A família do traidor sofreria as conseqüências, bem como o seu círculo de amigos mais chegados; todo o seu mundo seria destruído. Porque há muitos homens bravos e orgulhosos dispostos a arriscar a vida para lucrar qualquer coisa, mas mesmo esses pensariam duas vezes antes de arriscarem a dos seres amados. E assim, deste modo, Don Aprile gerara ao longo dos anos uma enorme quantidade de terror. Contava agora com a sua generosidade em bens terrenos para conquistar o amor, todavia menos necessário, dos que o rodeavam.

Diga-se no entanto, em abono da verdade, que era implacável até consigo mesmo. Detentor de um incomensurável poder, fôra impotente para impedir a morte da sua jovem esposa depois de ela lhe ter dado três filhos. Morrera de uma morte lenta e horrível, vítima de cancro, e Don Aprile velara por ela instante a instante durante seis meses. Nessa altura, convencera-se de que a mulher estava a ser castigada por todos os pecados mortais que ele cometera, e conseqüentemente decretara a sua própria penitência: não voltaria a casar. Afastaria os filhos de si, para que fossem educados no respeito das regras da sociedade e não crescessem naquele seu mundo tão cheio de ódio e de perigo. Ajuda-los-ia. a encontrar o seu próprio caminho, mas nunca os envolveria nas suas atividades. Com profunda tristeza, resolvera que nunca conheceria a verdadeira essência da paternidade.

Mandara, pois, Nicole, Valerius e Marcantonio para colégios internos. Nunca os deixara participar da sua vida pessoal. Iam a casa nas férias, e ele fazia o papel de pai atento mas distante, mas nunca se tinham tornado parte do seu mundo.

E no entanto, apesar de conhecerem a sua reputação, os filhos arriavam-no. Nunca falavam sobre o assunto uns com os outros. Era um desses segredos de família que não são segredo.

Ninguém poderia acusar o Don de ser um sentimental. Tinha muito poucos amigos pessoais, nenhum animal de estimação, e evitava as festas e reuniões sociais o mais que podia. Só uma vez, muitos anos antes, tivera um gesto de compaixão que espantara os seus colegas americanos.

Ao regressar da Sicília com o filho de Don Zeno, Astorre, encontrara a mulher a morrer de cancro e os seus próprios filhos desolados. Não querendo conservar a impressionável criança junto de si naquelas circunstâncias, com receio de que isso pudesse prejudicá-la de algum modo, resolvera confiá-la aos cuidados de um dos seus conselheiros mais chegados, um homem chamado Frank Viola, e da mulher. Fôra uma escolha infeliz. Na altura, Frank Viola alimentava ambições de suceder ao Don.

No entanto, pouco depois de a esposa de Don Aprile ter morrido, Astorre Viola, com três anos, passara a fazer parte da família pessoal do Dom. O “pai” suicidara-se dentro do porta-bagagens de um carro, uma circunstância certamente curiosa, e a mãe morrera vítima de uma hemorragia cerebral. Fora então que Don Aprile levara Astorre para sua casa e assumira o título de tio.

Quando Astorre chegara à idade de começar a fazer perguntas a respeito dos pais, Don Aprile explicara-lhe que era órfão. Mas Astorre era um rapazinho curioso e tenaz, de modo que o Dom, farto de tanta pergunta, disse-lhe que os pais eram uns camponeses muito pobres, sem meios para criá-lo, que tinham morrido, ignorados de todos, numa pequena aldeia da Sicília. Sabia que a explicação não satisfaria inteiramente o rapaz, e sentiu uma ponta de remorso por estar a enganá-lo, mas também sabia que era importante, enquanto Astorre fosse criança, esconder-lhe a verdade sobre o seu nascimento. Para seu próprio bem e para bem dos “primos”.

Don Raymonde Aprile era um homem de visão e sabia que a sua sorte podia não durar sempre — o mundo era demasiado traiçoeiro. Planeara desde o início mudar de campo, aproveitar a segurança da sociedade organizada. Não que tivesse realmente consciência deste propósito, mas os grandes homens sabem instintivamente o que o futuro vai exigir. E, naquele caso, agira verdadeiramente por compaixão. Porque Astorre Viola, com três anos, não podia causar qualquer impressão, não podia dar a mais pequena sugestão daquilo em que se tornaria quando fosse homem. Ou da importância do papel que havia de desempenhar no seio da Família.

O Don compreendera que a glória da América era a emergência de grandes famílias, e que as melhores classes sociais nasciam de homens que tinham começado por cometer grandes crimes contra a sociedade. Tinham sido homens desses que, na busca de fortuna, tinham igualmente construído a América e deixado que as suas más ações se desfizessem em pó e fossem esquecidas.

De que outra maneira poderia ter sido feito? Deixar as grandes planícies àqueles índios que não eram capazes de conceber um simples prédio de três

andares? Deixar a Califórnia aos mexicanos, que não tinham qualquer espécie de capacidade técnica nem a visão de grandes aquedutos para levar água a terras que permitiriam a milhões de pessoas gozarem uma vida próspera? A América tinha o condão de atrair milhões de pobres vindos dos quatro cantos do mundo, de incitá-los a deitar mãos ao duro e necessário trabalho de construir as vias férreas, as barragens, os arranha-céus. Ah, a Estátua da Liberdade fôra um golpe de gênio publicitário. E não fôra tudo pelo melhor? Claro que houvera tragédias, mas isso fazia parte da vida. Não seria a América a maior cornucópia que o mundo jamais conhecera? Não seria um pouco de injustiça um pequeno preço a pagar por tudo isso? Sempre os indivíduos tinham tido de sacrificar-se para permitir o progresso da civilização e da sociedade.

Há, no entanto, outra definição de um grande homem. Essencialmente, aquele que não aceita essa carga. Aquele que de uma ou de outra forma, criminosa, imoral, ou simplesmente astuciosa, cavalga a crista dessa onda de progresso humano- sem ter de se sacrificar.

Don Raymonde Aprile era um desses homens. Criara o seu próprio poder à força de inteligência e de uma total ausência de piedade. Gerara medo, tornara-se uma lenda. Mas os filhos, quando cresceram, nunca acreditaram nas histórias mais atrozes.

Havia a lenda a respeito do começo do seu reinado como chefe da Família. Don Aprile controlava uma empresa de construção civil gerida por um subordinado, Tommy Liotti, que enriquecera muito novo graças aos contratos públicos conseguidos pelo seu mentor. O homem era bem-parecido, vivo de espírito, perfeitamente encantador, e o Don sempre apreciara a sua companhia. Tinha apenas um defeito: bebia em excesso.

Tommy casara com Liza, a melhor amiga da mulher do Dom, uma bela rapariga à moda antiga, a quem Deus dera uma língua afiada e que passara a considerar seu dever, uma vez casada, moderar um pouco os prazeres do esposo. O que, inevitavelmente, levou a alguns acidentes desagradáveis. Tommy aceitava-lhe os remoques com bastante equanimidade quando

estava sóbrio, mas se tinha bebido, respondia com estaladas suficientemente fortes para fazê-la morder a língua.

Ora, dava-se a infeliz circunstância de o marido ser um homem fisicamente poderoso, devido sem dúvida ao fato de ter trabalhado forte e feio na construção civil quando era jovem. A verdade é que usava sempre camisas de manga curta para poder exibir a magnífica e impressionante musculatura dos braços.

Desgraçadamente, estes incidentes foram crescendo em gravidade ao longo de dois anos. Certa noite, Tommy partiu o nariz a Liza e fez-lhe saltar vários dentes, o que exigiu reparações cirúrgicas de alguma envergadura. Liza não se atreveu a pedir proteção à esposa de Don Aprile, pois sabia perfeitamente que um tal pedido teria como resultado mais provável deixá-la viúva e, por razões insondáveis, continuava a amar o marido.

Don Aprile não tinha a menor inclinação para imiscuir-se nas disputas domésticas dos seus subordinados. Problemas desses nunca têm solução. Se o marido tivesse morto a mulher, não se teria preocupado. Mas aquelas sovas representavam um perigo para as suas relações comerciais. Uma mulher enraivecida podia prestar certos testemunhos, dar informações prejudiciais. Sobretudo porque Tommy tinha sempre em casa grandes somas em dinheiro destinadas a esses subornos ocasionais tão necessários à concretização de contratos públicos.

Tudo isto decidiu Don Aprile a chamar Tommy à sua presença.

Com a máxima delicadeza, deixou bem claro que só interferia na vida pessoal do homem porque o que se estava a passar afetava os negócios. Aconselhou Tommy a matar a mulher de uma vez por todas ou a divorciar-se dela, mas a nunca mais a maltratar. Tommy jurou que não voltaria a acontecer. Mas o Don ficou desconfiado. Notara um certo brilho nos olhos do homem, o brilho de uma vontade livre. Para ele, o fato de as pessoas insistirem em fazer o que queriam sem terem em conta as conseqüências constituía um dos mais insondáveis mistérios da vida. Os grandes homens aliam-se aos anjos apesar do preço terrível que têm de pagar. Os homens

maus satisfazem os seus mais insignificantes prazeres aceitando em troca a condenação às chamas eternas do inferno.

Foi o que aconteceu com Tommy Liotti. Demorou quase um ano, durante o qual a indulgência do esposo pareceu só servir para tornar ainda mais afiada a língua de Liza. Apesar do aviso do Dom, apesar do amor que lhe tinha a ela e aos filhos, Tommy bateu-lhe de uma forma extremamente violenta. Liza foi parar ao hospital, com algumas costelas partidas e um pulmão perfurado.

Graças à sua riqueza e aos seus contatos políticos, Tommy comprou um dos juízes do Don com um suborno enorme. Depois, convenceu a mulher a voltar para junto dele.

Don Aprile observou tudo isto com alguma irritação e, a contragosto, resolveu chamar a si a resolução daquele assunto. Em primeiro lugar, tratou dos aspectos práticos da questão. Obteve uma cópia do testamento de Tommy e ficou a saber que, como qualquer bom chefe de família, deixava todos os seus bens terrenos à mulher e aos filhos. Liza ia ser uma viúva rica. Depois, despachou uma equipe especial com instruções específicas. Uma semana mais tarde, o juiz recebeu uma comprida caixa embrulhada em papel de prenda e fitas de cor, e dentro dela, como um par de compridas luvas de seda, os dois grossos antebraços de Tommy, um deles usando ainda no pulso o valioso Rolex que o Don lhe oferecera anos antes como testemunho da sua estima. No dia seguinte, o resto do corpo foi encontrado a flutuar no rio, perto de Verrazano Bridge.

Uma outra lenda era arrepiante devido à sua ambigüidade, como esses contos de bruxas e fantasmas para crianças. Na altura em que os três filhos do Don freqüentavam colégios internos, um empreendedor e talentoso jornalista, conhecido pela verve com que expunha as fraquezas dos ricos e famosos, descobriu-lhes o rasto e conseguiu convencê-los a uma aparentemente inofensiva troca de palavras. O plumitivo achou imensa graça à inocência dos três jovens, às suas belas roupas, ao idealismo juvenil com que falavam de tornar o mundo um lugar melhor. E comparava tudo

isto com a reputação do pai, admitindo embora que Don Aprile nunca fora condenado por qualquer crime.

A peça tornou-se famosa, circulando por redações de todo o país ainda antes de ser publicada. Era o gênero de êxito com que os escritores sonham. Toda a gente gostou imenso.

O jornalista era um amante da natureza, e todos os anos ia, com a mulher e os dois filhos, passar alguns dias numa cabana que tinha no Norte do estado de Nova Iorque, para caçar e fazer uma vida simples. Era lá que estavam num longo fim-de-semana que coincidiu com o feriado do dia de Ação de Graças. No sábado, a cabana, situada a mais de quinze quilômetros da povoação mais próxima, incendiou-se. Os primeiros socorros só chegaram passadas duas horas. Por essa altura, tudo o que restava da cabana era um monte de troncos calcinados, e dos seus ocupantes os corpos praticamente reduzidos a cinzas. O escândalo foi enorme e as autoridades lançaram uma investigação maciça, mas não foi possível encontrar qualquer prova de ação criminosa. A conclusão foi que a família sucumbira sufocada pelo fogo antes de conseguir sair.

Aconteceu então uma coisa engraçada. Poucos meses depois da tragédia, começaram a circular certos rumores e boatos. Ao FBI, à polícia e à imprensa chegaram inúmeras informações anônimas. Todas elas sugeriam que o incêndio fora um ato de vingança do infame Don Aprile. Os jornais, sedentos de uma história, exigiram que o caso fosse reaberto. Foi, mas mais uma vez não houve acusação. E no entanto, apesar da ausência de qualquer prova, também este caso se tornou uma lenda sobre a ferocidade do Don.

Só junto do grande público, porém; as autoridades estavam convencidas de que, na circunstância, nada havia a censurar a Don Aprile. Toda a gente sabia que os jornalistas estavam isentos de toda a retaliação. Seria preciso matar milhares, portanto qual era a vantagem? O Don era demasiado inteligente para correr semelhante risco. Em todo o caso, a lenda nunca morreu. Alguns agentes do FBI pensavam inclusivamente que tinha sido o próprio Don a espalhar os boatos, com o intuito de criá-la. E assim cresceu.

Don Aprile tinha, no entanto, uma outra faceta: a sua generosidade. Quem o servisse lealmente enriquecia e podia contar com um poderoso protetor em tempos de adversidade. As recompensas que o Don dispensava eram enormes, os castigos que decretava definitivos. Era esta a sua lenda.

Depois aos seus encontros com Portella e Cilke, Dom Aprile tinha Ainda alguns pequenos pormenores a resolver. Pôs em marcha os mecanismos necessários para fazer Astorre Viola regressar da Sicília, ao cabo de um exílio de onze anos. Precisava dele. Na realidade, Preparara-o para aquele preciso momento. Era o seu preferido, acima até dos próprios filhos. Já em criança, Astorre era um chefe, precoce na sua sociabilidade. Além disso, adorava o Dom, que nunca lhe vira nos olhos o medo que por vezes notava nos dos filhos. Embora Valerius e Marcantonio tivessem respectivamente vinte e dezoito anos quando Astorre tinha dez, o garoto cedo soubera marcar a sua independência em relação a eles. Inclusivamente, quando Valerius, dado aos rigores da disciplina militar, tentava castigá-lo, rebelava-se. Marcantonio, muito mais afetuoso, oferecera-lhe o seu primeiro banjo, para encorajá-lo a cantar, pois tinha uma bela voz. Astorre aceitara a oferta como a cortesia de um adulto para com outro.

O único dos primos de quem Astorre aceitava ordens era de Nicole. E ela, apesar de ser dois anos mais velha, tratava-o como se fosse um admirador, como ele começara a exigir logo em criança. Nicole pedia-lhe que lhe fizesse recados e escutava sonhadoramente as baladas italianas que ele lhe cantava. Certa vez, dera-lhe uma bofetada quando ele tentara beijá-la. Porque Astorre, ainda rapazinho, deixava-se arrebatado pela beleza feminina.

E Nicole era bela. Tinha uns grandes olhos escuros e um sorriso sensual; o seu rosto refletia todas as emoções que lhe agitavam a alma. Mas desafiava quem quer que tentasse insinuar que, como mulher, não era tão importante como qualquer homem do seu mundo. Odiava o fato de não ser fisicamente tão forte como os irmãos ou como Astorre, de ver-se obrigada a recorrer aos artifícios da beleza, e não à força, para afirmar a sua vontade. Tudo isto a tornava perfeitamente temerária, e desafiava-os a todos, incluindo o pai, mau grado a sua temível reputação.

Depois de a mulher ter morrido, quando os filhos eram ainda pequenos, Don Aprile adquirira o hábito de passar na Sicília um dos meses de verão. Adorava a vida na sua aldeia natal, perto da cidade de Montelepre, e ainda lá tinha uma propriedade, Villa Grazia, que em tempos fôra o retiro campestre de um conde.

Alguns anos mais tarde, contratara uma governanta, uma viúva siciliana chamada Caterina. Era uma mulher muito bela, com essa beleza robusta e serena das camponesas, dotada de um apurado sentido de economia doméstica, senhora de uma presença austera que lhe granjeara o respeito dos aldeãos. Acabara por tornar-se sua amante. Nada disto revelara à família ou aos amigos, apesar de ser agora um homem de quarenta anos e um rei no seu mundo.

Astorre Viola tinha apenas dez anos quando acompanhara Don Raymonde Aprile à Sicília pela primeira vez. O Don fora chamado a arbitrar um conflito entre as coscas Corleonisi e Clericuzio. Além disso, era sempre um prazer passar um mês de calma e tranqüilidade em Villa Grazia.

Com dez anos, Astorre era afável — não havia outra palavra. Estava sempre alegre, e o seu rosto moreno, redondo e bonito irradiava amor. Cantava de manhã à noite, com uma doce voz de tenor. E quando não estava a cantar, conversava animadamente. Tinha, no entanto, todas as impetuosas qualidades de um rebelde nato, e aterrorizava os outros rapazes da sua idade.

O Don levou-o consigo à Sicília porque ele era a melhor companhia para um homem de meia-idade, o que constituía um comentário eloqüente sobre qualquer deles, bem como uma reflexão sobre o modo como o Don Aprile educara os seus três filhos.

Depois de ter tratado dos seus assuntos, o Don Aprile mediou a disputa e instaurou uma paz temporária. Feito isto, ficou com tempo para reviver os dias de meninice na aldeia natal Comia limões e laranjas colhidos das árvores, e azeitonas das barricas onde as punham a salgar, e dava grandes

passeios com Astorre sob o pesado Sol siciliano, que estendia sobre as casas de pedra e as encostas rochosas um espesso manto de calor. Contava ao rapazinho velhas histórias do Robin dos Bosques da Sicília, das suas lutas contra os mouros, os Franceses, os Italianos e o próprio Papa. E também histórias a respeito de um herói local, o Grande Don Zeno.

À noite, sozinhos na grande varanda de Villa Grazia, ficavam a ver o céu da Sicília incendiar-se com os rastos luminosos de milhares de estrelas cadentes e os relâmpagos que rasgavam o negrume sobre as montanhas ali tão perto. Astorre apanhou imediatamente o dialeto siciliano, e comia azeitonas da barrica como se fossem reбуçados.

Meia dúzia de dias bastaram-lhe para impor a sua liderança a um grupo de garotos da aldeia. Foi uma grande surpresa para o Dom pois as crianças da Sicília são orgulhosas e destemidas. Muitos daqueles querubins de dez anos estavam já familiarizados com a lupara, a onipresente espingarda siciliana.

Don Aprile, Astorre e Caterina passavam as longas e quentes noites de verão a comer e beber no vasto jardim, onde os limoeiros e as laranjeiras saturavam o ar com o seu aroma pungente. Por vezes, o Don convidava velhos amigos de infância para jantar e um jogo de cartas. Astorre ajudava Caterina a servir as bebidas.

Nunca Caterina e o Don mostraram em público o mínimo sinal de afeto, mas toda a aldeia sabia, de modo que nenhum dos homens se atrevia a cortejá-la e todos a tratavam com o respeito devido à dona da casa. Nenhuma outra época da vida do Don foi tão agradável.

Três dias antes do fim da visita, o impensável aconteceu: Don Raymonde Aprile foi raptado quando passeava pelas ruas da aldeia. Na província vizinha de Cinesi, uma das mais remotas e atrasadas da Sicília, o chefe da cosca da aldeia, o mafioso local, era um bandido feroz e destemido que dava pelo nome de Fissolini. Senhor absoluto no seu pequeno mundo, não tinha verdadeiramente qualquer contato com as restantes coscas da ilha. Nada sabia do enorme poder de Dom Aprile, e nunca lhe passaria pela

cabeça que esse poder pudesse chegar ao seu recôndito e seguro domínio. Decidiu raptar o Don e pedir um resgate por ele. A única regra que tinha consciência de estar a infringir era violar o território de uma cosca vizinha, mas o americano pareceu-lhe uma presa suficientemente rica para justificar o risco.

A cosca é a unidade básica dessa entidade conhecida pelo nome de Máfia e é geralmente constituída por membros de uma mesma família. Cidadãos perfeitamente respeitadores da lei, como advogados e médicos, podem ligar-se a uma cosca para garantirem a defesa dos seus interesses. Cada cosca é uma organização em si mesma, mas pode aliar-se a outra mais forte e poderosa. É a esta rede de interligações que habitualmente se chama Máfia. Não existe, porém, um chefe ou comandante supremo.

De um modo geral, cada cosca especializa-se, dentro do seu território, num tipo de atividade criminosa. Há a cosca que controla o preço da água e impede o poder central de construir barragens que o fariam descer, destruindo deste modo o monopólio do governo. Uma outra controlará os mercados de alimentos e produtos agrícolas. As mais poderosas da Sicília, na altura, eram a Clericuzio, de Palermo, que dominava a construção civil em toda a Sicília, e a Corleonisi, de Corleone, que tinha na mão os políticos de Roma e organizava o transporte de drogas em todo o mundo. Havia depois as pequenas coscas, que podiam exigir um tributo aos jovens românticos que quisessem fazer serenatas debaixo das varandas das respectivas amadas. Todas elas controlavam o crime. Nenhuma tolerava indesejáveis e vadios capazes de assaltar um cidadão inocente que pagasse o seu tributo. Aquele que matasse alguém para roubar uma carteira ou violasse uma mulher era sumariamente punido com a morte. Também não havia tolerância para com o adultério dentro da cosca. Os faltosos, homens ou mulheres, eram executados. Era ponto assente, todos os sabiam.

A cosca de Fissolini vivia pobremente. Controlava a venda de imagens sagradas, cobrava um tributo para proteger o gado dos lavradores e dedicava-se ao rapto de homens ricos e incautos.

E foi assim que Don Aprile e o pequeno Astorre, passeando descansadamente pelas ruas da aldeia, foram enfiados em dois velhos caminhões do exército americano pelo ignorante Fissolini e o seu bando.

Os dez homens, vestidos como camponeses, estavam armados com espingardas. Arrancaram Don Aprile da rua e puxaram-no para dentro do primeiro caminhão. Sem a menor hesitação, Astorre saltou para a caixa aberta do veículo, decidido a ficar junto do Don. Os bandidos tentaram largá-lo na estrada, mas ele agarrou-se aos varais de madeira. Ao cabo de uma hora de viagem até ao sopé das montanhas que rodeavam Montelepre, trocaram os caminhões por cavalos e burros e iniciaram a escalada dos socacos rochosos em direção ao horizonte. Durante o percurso, o rapaz observou tudo com os seus grandes olhos verdes, mas não disse uma palavra.

Quase ao pôr do Sol, chegaram a uma gruta escondida no dédalo de ravinas e desfiladeiros da montanha. Jantaram cordeiro grelhado, pão caseiro e vinho. No acampamento, havia uma grande imagem da Virgem Maria, guardada num santuário de madeira escura esculpida à mão. Apesar de feroz, Fissolini era devoto. Tinha, além disso, a cortesia natural dos camponeses, e apresentou-se ao Don e ao rapaz. Tudo nele indicava sem margem para dúvidas que era o chefe do bando. De baixa estatura mas poderosamente constituído, como um gorila, usava uma espingarda a tiracolo e dois revólveres enfiados no cinturão. Tinha um rosto tão pedregoso como a própria Sicília, mas chispava-lhe nos olhos um brilho de jovialidade. Gostava da vida e das suas pequenas facetas, particularmente o fato de ter nas mãos um americano que valia o seu peso em ouro. E no entanto, não havia nele ponta de malícia.

— Excelência — disse, dirigindo-se ao Don —, não quero que se preocupe aqui com o garoto. Amanhã de manhã mando-o à cidade levar o pedido de resgate.

Astorre estava a comer animadamente. Nunca na sua vida provara uma coisa tão deliciosa como aquele cordeiro grelhado. Mas fez uma pausa para declarar num tom definitivo:

— Fico com o meu tio Raymonde.

Fissolini riu-se.

— A boa comida dá coragem. Para mostrar o meu respeito por Sua Excelência, preparei eu próprio a refeição. Usei os temperos especiais da minha mãe.

— Fico com o meu tio — repetiu Astorre, e a sua voz soou clara, carregada de desafio.

— Foi uma noite maravilhosa — disse Don Aprile a Fissolini, num tom firme mas não isento de brandura. — A comida, o ar da montanha, a tua companhia. Sei que vou gostar muito de ver o orvalho, de manhã cedo. Mas depois disso, aconselho-te a levar-me de volta à minha aldeia.

Fissolini fez-lhe uma vênua respeitosa.

— Sei que é rico — disse —, mas será assim tão poderoso? Só vou pedir cem mil dólares em dinheiro americano.

— Isso é um insulto — declarou o Don. — Vais prejudicar a minha reputação. Pede o dobro. E mais cinqüenta mil pelo rapaz. Será pago. Mas a partir daí a tua vida vai ser um inferno sem fim. — Fez uma curta pausa. — Espanta-me que tenhas sido tão imprudente.

Fissolini suspirou.

— Tem de compreender, Excelência. Sou um homem pobre. É certo que na minha província posso deitar mão a tudo o que quero, mas a Sicília é uma terra tão amaldiçoada que até os ricos são demasiado pobres para sustentarem homens como eu. Tem de compreender que representa a minha única possibilidade de fazer fortuna.

— Nesse caso devias ter-me procurado e oferecido os teus serviços — disse o Don. — Tenho sempre trabalho para um homem de talento.

— Diz isso agora porque está fraco e indefeso — replicou Fissolini. — Os fracos são sempre generosos. Mas vou seguir o seu conselho e pedir o dobro. Embora isso me cause alguns remorsos. Nenhum ser humano vale tanto dinheiro. Mas vou soltar o miúdo. Tenho um fraco por crianças... Tenho quatro filhos, que preciso de alimentar.

Don Aprile olhou para Astorre.

— Vais? — perguntou.

— Não — respondeu Astorre, baixando a cabeça. — Quero ficar consigo — Ergueu os olhos e olhou para o tio.

— Deixa-o então ficar — disse o Don ao bandido.

Fissolini abanou a cabeça.

— Vai-se embora. Tenho de pensar na minha reputação. Não se dirá que Fissolini rapta crianças. Porque ao fim e ao cabo, apesar de todo o respeito que tenho por Vossa Excelência, terei de mandá-lo de volta pedaço a pedaço se não me pagarem. Mas se pagarem, tem a palavra de honra de Pietro Fissolini, ninguém tocará nem num pêlo do seu bigode.

— O dinheiro será pago — disse o Dom calmamente. — E agora tiremos das circunstâncias o melhor que nos podem dar. Sobrinho, canta uma das tuas canções para estes senhores.

Astorre cantou para os bandidos, que ficaram encantados e o felicitaram, despenteando-lhe afetuosamente os cabelos. Foi um momento mágico para todos eles, aquele em que a doce voz da criança encheu a montanha com canções de amor.

De dentro da gruta, trouxeram mantas e sacos-de-dormir. Fissolini disse, dirigindo-se ao Don:

— Excelência, que deseja amanhã para o café? Talvez um peixe acabado de pescar. E depois spaghetti e vitela para o almoço? Estamos ao seu serviço.

— Agradeço-te — respondeu o Don. — Um pouco de queijo e fruta será o suficiente.

— Durmam bem — desejou o bandido. O ar de infelicidade do garoto suavizou-lhe o coração. Fez uma festa na cabeça de Astorre. — Amanhã dormirás na tua cama.

Astorre fechou os olhos e adormeceu instantaneamente, estendido no chão ao lado de Don Aprile.

— Não saias do pé de mim — disse o Dom colocando um braço à volta do rapaz.

Astorre dormiu tão profundamente que o Sol, vermelho como uma brasa, ia já alto no céu quando um ruído o acordou. Pôs-se de pé e viu que no espaço diante da gruta havia pelo menos cinqüenta homens armados. Don Aprile, complacente, calmo e digno estava sentado num largo rebordo de rocha, a bebericar uma caneca de café. Viu o garoto e fez-lhe sinal para que se aproximasse.

— Queres café, Astorre? — perguntou. E, apontado com um dedo o homem que estava de pé à sua frente, acrescentou: — Este meu bom amigo, Bianco, veio salvar-nos.

Astorre viu um homem enorme que, apesar de ser desmedidamente gordo, usar terno e gravata e estar aparentemente desarmado, era mil vezes mais assustador do que Fissolini. Tinha cabelos encaracolados e brancos, grandes olhos rosados e irradiava poder. Mas foi como quisesse esconder esse poder quando falou com uma voz baixa e rouca.

— Don Aprile — disse Octavio, Bianco —, peço desculpa por ter demorado tanto, obrigando-o a dormir no chão, como um camponês. Vim

logo que me deram a notícia. Sempre soube que o Fissolini era uma besta, mas nunca esperei que fizesse uma coisa destas.

Ouviu-se o som de marteladas, e alguns dos homens saíram do campo de visão de Astorre. Viu então dois rapazes, que pregavam duas traves para formar uma cruz. Depois, estendidos no solo no lado oposto da clareira em frente da gruta, avistou Fissolini e os seus dez bandidos, amarrados com arames e cordas e presos às árvores. Ali estavam, num confuso monte de braços e pernas entrelaçados, parecendo moscas em cima de um pedaço de carne.

— Don Aprile, qual deste patifes quer julgar primeiro? — perguntou Bianco.

— Fissolini — respondeu o Dom — É ele o chefe.

Bianco arrastou Fissolini até junto de Don Aprile: o bandido continuava apertadamente amarrado, como uma múmia. Bianco e um dos seus soldados pegaram nele e obrigaram-no a manter-se de pé.

— Fissolini, como pudeste ser tão estúpido? — disse então Bianco. — Não sabias que o Don estava sob a minha proteção, ou senão tê-lo-ia raptado eu próprio? Pensaste que estavas a pedir emprestado um frasco de azeite? Ou um pouco de vinagre? Alguma vez entrei na tua província? Mas tu sempre foste casmurro, e eu sabia que isso havia de meter-te em sarilhos. Bom, uma vez que tens de morrer na cruz, como Jesus, pede perdão a Don Aprile e ao rapazinho, e eu serei misericordioso e dou-te um tiro antes de te espetarmos os pregos.

— Então? — interveio o Dom dirigindo-se a Fissolini. — Explica a tua falta de respeito.

Fissolini endireitou-se, numa atitude de orgulho.

— O desrespeito não era para com a pessoa de Vossa Excelência. Não sabia que era tão importante e querido para os meus amigos. Esse cretino do Bianco bem podia manter-me informado. Excelência, cometi um erro e

devo pagar. — Interrompeu-se por um instante e então gritou a Bianco, com uma mistura de fúria e troça. — Diz a esses tipos que parem de martelar. Estão a pôr-me surdo. E não consegues fazer-me morrer de medo antes de me matares! — Fez nova pausa, voltou-se de novo para o Don e continuou: — Castigue-me, mas poupe os meus homens. Limitaram-se a obedecer-me. Têm família. Destruirá uma aldeia inteira se os matar.

São homens responsáveis — respondeu Don Aprile, sarcasticamente. — Estaria a insultá-los se os não fizesse partilhar a tua sorte.

Nesse momento Astorre, mesmo no seu espírito infantil, compreendeu que aqueles homens estavam a falar de vida e de morte. Murmurou:

— Tio, não lhe faça mal.

O Don não deu qualquer indicação de o ter ouvido.

— Continua — disse a Fissolini.

O bandido dirigiu-lhe um olhar interrogativo, simultaneamente orgulhoso e cansado.

— Não pedirei pela minha vida. Mas aqueles homens que ali estão são todos meus parentes de sangue. Se os matar, matará também as mulheres e os filhos. Três deles são meus genros. Confiaram totalmente em mim. Confiaram no meu discernimento. Se os poupar, obriga-os-ei, antes de morrer, a jurar-lhe lealdade eterna. E eles obedecer-me-ão. É alguma coisa, ter dez amigos leais. Não é como se fosse nada. Dizem-me que Vossa Excelência é um grande homem, mas não poderá ser verdadeiramente grande se não mostrar misericórdia. Não que deva fazer disso um hábito, claro, mas só desta vez. E sorriu a Astorre.

Para Don Raymonde Aprile, aquele era um momento por que já passara muitas vezes, e não tinha a mínima dúvida sobre a sua decisão. Nunca confiara no poder da gratidão, e não acreditava que fosse possível influenciar a livre vontade de qualquer homem, a não ser pela morte. Olhou

impassivelmente para Fissolini e abanou a cabeça. Bianco deu um passo em frente.

Astorre aproximou-se do tio e olhou-o nos olhos. Tinha compreendido tudo. Ergueu uma mão para proteger Fissolini.

— Ele não nos fez mal — protestou. — Só queria o nosso dinheiro.

O Don sorriu, e perguntou:

— E isso é nada?

— Não. Mas ele tinha uma boa razão. Queria o dinheiro para alimentar a família. E eu gosto dele. Por favor, tio.

O Don sorriu novamente.

— Bravo — disse.

Depois permaneceu silencioso por um longo momento, ignorando a mão de Astorre que lhe puxava o braço. E, pela primeira vez em muitos anos, sentiu o impulso de ser misericordioso.

Os homens de Bianco acenderam pequenos charutos, muito fortes, cujo fumo a brisa fresca das montanhas espalhou no ar do alvorecer. Um dos homens avançou e tirou do bolso do blusão de caça um charuto, que ofereceu ao Don. Com uma clareza infantil, Astorre compreendeu que aquilo não era apenas uma cortesia, mas um gesto de respeito. O Don aceitou o charuto e o homem acendeu-lho, protegendo a chama do fósforo com as mãos em concha.

O Don inalou lenta e deliberadamente o fumo do charuto. Depois disse:

— Não te insultarei oferecendo-te misericórdia. Mas vou fazer-te uma proposta de negócio. Reconheço que não tiveste malícia e que me tratas a

mim e ao rapaz com todo o respeito. Eis o que te proponho. Viverás. Os teus camaradas viverão. Mas, enquanto viverem, estarão às minhas ordens.

Astorre sentiu um alívio imenso, e sorriu a Fissolini. Viu-o ajoelhar-se em terra e beijar a mão do Don. Notou que os homens armados que os rodeavam puxavam furiosamente o fumo dos charutos, e até Bianco, grande como uma montanha, estremecia de prazer.

— Deus o abençoe, Vossa Excelência — murmurou Fissolini.

O Don pousou o charuto numa rocha próxima.

— Aceito a tua bênção, mas é preciso que compreendas. O Bianco veio salvar-me, e espero de ti que cumpras o mesmo dever. Pago-lhe uma certa quantia em dinheiro, como te pagarei a ti todos os anos. Mas, ao mais pequeno ato de deslealdade, tu e todo o teu mundo serão destruídos. Tu, a tua mulher, os teus filhos, os teus sobrinhos, os teus cunhados deixarão de existir.

Fissolini pôs-se de pé. Abraçou o Don e, subitamente, começou a chorar.

E foi assim que o Don e o seu sobrinho ficaram muito formalmente unidos. O Don amava o garoto por tê-lo convencido a mostrar misericórdia, e Astorre amava o tio por ter-lhe dado as vidas de Fissolini e dos seus homens. Foi um laço que durou o resto das suas vidas.

Na última noite que passou em Villa Grazia, Don Aprile bebeu café no jardim, enquanto Astorre comia azeitonas da barrica. O garoto estava invulgarmente silencioso e pensativo.

— Tens pena de deixar a Sicília? — perguntou o Don.

— Gostaria de viver aqui — respondeu Astorre, guardando no bolso os caroços das azeitonas.

— Bom, viremos os dois juntos, todos os verões — prometeu o Don

Astorre olhou para ele como se olha para um velho e sábio amigo com uma sombra de perturbação no rosto juvenil.

— A Caterina é a sua namorada? — perguntou.

Don Aprile riu-se.

— É uma boa amiga — disse.

Astorre pensou nisto por um instante.

— Os meus primos sabem a respeito dela?

— Não, os meus filhos não sabem — respondeu o Don. O interesse do garoto divertia-o, e perguntava a si mesmo o que viria a seguir.

Astorre adotou uma expressão ainda mais grave.

— Os meus primos sabem que tem amigos tão poderosos como o Bianco, que fazem tudo o que lhes disser para fazer?

— Não.

— Eu não lhes digo nada — prometeu Astorre. v Nem sequer a respeito do rapto.

Don Aprile sentiu uma onda de orgulho encher-lhe o peito. A omertà estava embebida nos genes daquela criança.

Mais tarde nessa noite, sozinho, Astorre foi até ao canto mais afastado do jardim e, com as mãos, abriu um buraco na terra. Nesse buraco, depositou os caroços de azeitona que tinha guardado no bolso. Ergueu os olhos para o azul-profundo do céu siciliano e imaginou-se um homem já velho, como o tio, sentado no jardim numa noite como aquela, a ver crescer as suas oliveiras.

A partir daí, tudo o que aconteceu estava destinado a acontecer, acreditava o Don. Ele e o garoto fizeram a sua viagem anual à Sicília até que Astorre completou dezesseis anos. No espírito de Don Aprile começava a formar-se uma imagem, um vago esboço do destino do rapaz.

Foi Nicole quem criou a crise que atirou Astorre para esse destino. Com dezoito anos, mais dois do que o suposto primo, apaixonou-se por ele e, com o seu temperamento tempestuoso, não tentou sequer ocultar o fato. Assoberbou completamente o suscetível adolescente. Tornaram-se íntimos com toda a fúria escaldante da juventude.

O Don não podia consentir naquilo, mas era um general que ajustava as suas táticas ao terreno. Nunca deixou transparecer que sabia o que se passava.

Certa noite, chamou Astorre ao seu gabinete e disse-lhe que ia mandá-lo para Inglaterra, para estudar e aprender o ofício de banqueiro com um tal Sr. Pryor, de Londres. Não adiantou qualquer outra razão, sabendo que o rapaz perceberia que estavam a mandá-lo embora para pôr fim àquele romance. Mas não contara com a filha, que ficara a escutar atrás da porta. Nicole entrou de rompante no escritório, e a cólera que a dominava tornava-a ainda mais bela.

— Não vai mandá-lo embora! — gritou ao pai — Fugimos os dois juntos!

O Don sorriu-lhe e disse, apaziguadoramente: — Precisam os dois de acabar os estudos.

Nicole voltou-se para Astorre, que corava de atrapalhão.

— Astorre, tu não vais, pois não? — perguntou.

Astorre não respondeu, e Nicole desfez-se em lágrimas.

Seria difícil a qualquer pai não se deixar comover por semelhante cena, mas o Don estava divertido. A filha era magnífica, verdadeiramente mafiosa na velha acepção, um prêmio digno de um rei. Apesar disso, durante as semanas que se seguiram recusou-se a falar com o pai, e trancou-se no quarto. Mas o Don sabia que os corações destroçados nunca ficam destroçados para sempre, e não se preocupou.

Divertia-o ainda mais ver Astorre apanhado na armadilha em que caem todos os adolescentes. É certo que amava Nicole. É certo que a paixão e a devoção dela o faziam sentir-se a pessoa mais importante à face da Terra. Qualquer jovem se deixaria seduzir por uma tal atenção. Mas o Don sabia com igual certeza que, no fundo, o que ele queria era uma desculpa que o libertasse de quaisquer peias que lhe entrassem o caminho em direção às glórias da vida. Sorriu. Aquele jovem tinha todos os instintos certos. Era tempo de iniciar a sua verdadeira aprendizagem.

Três anos depois de ter-se retirado, Don Raymonde Aprile sentia a segurança e a satisfação do homem que durante toda a sua vida fez as escolhas certas. Sentia-se inclusivamente tão seguro que começou a desenvolver uma relação mais íntima com os filhos, gozando por fim as alegrias da paternidade... pelo menos em certa medida.

Valerius, que passara a maior parte da sua vida em postos militares no estrangeiro, nunca fôra muito chegado ao pai Agora que estava colocado em West Point, encontravam-se com mais frequência e começaram a falar mais abertamente. Mas era difícil.

Com Marcantonio, era diferente. O Don e o seu segundo filho tinham uma espécie de relação especial. Marcantonio falava do seu trabalho na televisão, da excitação de todo o processo, do seu dever para com o público, do seu desejo de tornar o mundo um lugar melhor. Para o Don as vidas de pessoas assim eram como contos de fadas. Sentia-se fascinado por elas.

Por vezes, durante os jantares de família, Marcantonio e o pai discutiam amigavelmente, para entretenimento dos outros. Certa noite, o Don disse ao filho:

— Nunca na minha vida conheci pessoas tão boas ou tão más como as personagens das vossas histórias.

— É o que as pessoas querem, e nós temos de lho dar.

Noutra ocasião, durante uma reunião familiar, Valerius tentara explicar as razões que justificavam a Guerra do Golfo, a qual, além de defender importantes interesses econômicos e os direitos humanos, fôra um autentico maná para a rede de televisão de Marcantonio. Mas o Don limitara-se a encolher os ombros. Todos aqueles conflitos eram refinamentos de poder que não lhe interessavam.

— Diz-me — pedira a Valerius —, como é que as nações ganham realmente uma guerra? Qual é o fator decisivo?

Valerius pensara por um instante.

— Por um lado, há os exércitos, os generais brilhantes. Há as grandes batalhas. Umas que se ganham, outras que se perdem. Quando trabalhei nos serviços de informações, e analisamos todos os fatores, chegamos a uma conclusão. O país que produz mais aço ganha a guerra, é tão simples como isso.

O Don assentira com a cabeça, finalmente satisfeito.

O seu relacionamento mais caloroso e intenso era, porém, com Nicole. Orgulhava-se dos êxitos dela, da sua beleza física, da sua natureza apaixonada, da sua inteligência. E ela, é certo, apesar de jovem, com apenas trinta e dois anos, era já uma advogada poderosa, com bons contatos políticos, que não receava fosse quem fosse que representasse os poderes estabelecidos.

Neste ponto, o Don ajudava-a secretamente; o gabinete de advogados a que estava ligada devia-lhe muito. Mas os irmãos sentiam-se pouco à vontade com ela por duas razões: em primeiro lugar, continuava solteira;

depois, fazia demasiado trabalho pro bono. Por muito que a admirasse, como admirava, o Don nunca conseguiria levá-la a sério no mundo real. Era, ao fim e ao cabo, uma mulher. E uma mulher com gostos estranhos em matéria de homens.

Durante os jantares familiares, pai e filha discutiam constantemente, como dois grandes gatos empenhados numa brincadeira perigosa, por vezes fazendo sangue. Havia entre os dois um ponto de discórdia sério, a única coisa capaz de afetar a inalterável afabilidade do Don. Nicole acreditava na sacralidade da vida humana, considerava o castigo capital uma abominação. Fora ela quem organizara e agora liderava a Campanha Contra a Pena de Morte.

— Porquê? — perguntava o Don.

E Nicole enfurecia-se uma vez mais. Porque acreditava que a pena de morte acabaria por destruir a Humanidade. Acreditava que se matar fosse permitido em certas circunstâncias, então poderia ser igualmente justificado por outro conjunto de circunstâncias, outro conjunto de crenças. No fim, não serviria a evolução nem a civilização. E acreditar nisto punha-a em conflito constante com o irmão Valerius. Ao fim e ao cabo, não era essa a missão do exército? Nicole não queria saber de razões. Matar era matar, e acabaria por fazer a Humanidade voltar ao canibalismo, ou coisa pior. Sempre que tinha oportunidade, batia-se nos tribunais de uma ponta a outra do país para salvar assassinos condenados. O Dom apesar de considerar tudo isto uma perfeita tolice, propôs um brinde durante um jantar de família, depois de ela ter defendido vitoriosamente, e gratuitamente, um caso famoso. Obtivera a comutação da pena de morte pronunciada contra um dos mais notórios criminosos da década, um homem que matara o seu melhor amigo e em seguida sodomizara a viúva. Durante a fuga, abatera dois empregados de uma bomba de gasolina para os roubar. Não satisfeito, violara e assassinara uma garota de dez anos. A sua carreira chegara ao fim quando tentara matar dois polícias dentro de um carro-patrolha. Nicole ganhara o caso alegando insanidade, com a garantia de que o homem passaria o resto da sua vida numa instituição para doentes mentais perigosos, sem possibilidade de libertação.

O jantar de família seguinte foi para comemorar a vitória de Nicole num outro caso. Dessa vez, a visada era ela própria. Num julgamento recente, defendera um controverso ponto legal, com considerável risco para si mesma. Citada perante a Ordem por violação da ética, fora absolvida. Por isso estava exultante.

Don Aprile, particularmente bem-disposto, mostrou um interesse invulgar pelo caso. Felicitou a filha pela absolvição, mas estava um pouco confuso, ou fingiu estar, pelas circunstâncias. Nicole teve de explicar-lhe.

Defendera um homem de trinta anos que violara, sodomizara. e assassinara uma menina de doze, e em seguida escondera o corpo para que não pudesse ser encontrado pela polícia. As provas circunstanciais contra ele eram fortes, mas, sem um corpo, os jurados e o juiz hesitariam em pronunciar uma sentença de morte. Os pais da vítima viviam na angústia do desejo frustrado de encontrar os despojos da filha.

O assassino confidenciara a Nicole, sua advogada, onde enterrara o corpo, e autorizara-a a negociar um acordo: confessaria tudo a troco de uma sentença de prisão perpétua em vez de uma condenação à morte. No entanto, quando Nicole iniciara as negociações com o ministério público, vira-se confrontada com uma ameaça de acusação judicial se não revelasse imediatamente o paradeiro do cadáver. Firme na sua convicção da necessidade de proteger a confidencialidade entre advogado e cliente, recusara fazê-lo. E um juiz dera-lhe razão. O delegado do ministério público, depois de consultar os pais da vítima, aceitara finalmente o acordo.

O assassino dissera-lhes que desmembrara o corpo e o metera numa caixa cheia de gelo que depois enterrara num pântano próximo, em Nova Jérsey.

Mas então a Ordem acusara-a de ter-se envolvido numa negociação que violava a ética. Era dessa acusação que acabava de ser absolvida.

O Don fez um brinde a todos os seus filhos, e então perguntou a Nicole:

— E tu, portaste-te com honra em todo este assunto?

— O que estava em causa era uma questão de princípio. Não se pode deixar que o governo quebre a confidencialidade das relações cliente-advogado numa dada circunstância, por mais grave que seja, pois caso contrário deixará de ser sacrossanta.

— E não tiveste pena da mãe e do pai da menina assassinada? — insistiu o Don.

— Claro que tive — replicou Nicole, irritada. — Mas não podia permitir que isso afetasse um princípio básico da lei. Custou-me muito, evidentemente, a quem não custaria? Mas infelizmente, se queremos estabelecer precedentes para futuras leis, há que fazer sacrifícios.

— Mas mesmo assim a Ordem dos Advogados levou-te a julgamento.

— Para salvar a face. Foi uma jogada política. As pessoas comuns, que não conhecem as complexidades do sistema legal, recusam-se a aceitar estes princípios da lei, e houve muitos protestos. O meu julgamento serviu para esclarecer a questão. Era preciso que um juiz muito proeminente viesse a público explicar que eu tinha o direito, nos termos da Constituição, de recusar-me a revelar a informação.

— Bravo! — exclamou o Dom jovialmente. — A lei é sempre cheia de surpresas. Mas só para os advogados, claro.

Nicole sabia que ele estava a troçar.

— Sem um corpo de leis, não pode existir civilização — retorquiu secamente.

— É verdade — disse o Dom como que para aplacar a filha. — Mas a mim parece-me injusto que um homem que cometeu um crime tão terrível escape com vida.

— Pode ser — admitiu Nicole. - Mas o nosso sistema legal baseia-se neste tipo de acordos. É verdade que muitos criminosos recebem sentenças inferiores àquelas que mereciam. Mas, de certo modo, é uma coisa boa. O perdão cura. E, a longo prazo, aqueles que cometeram crimes contra a nossa sociedade serão mais facilmente reabilitados.

Foi, pois, com bem-humorado sarcasmo que o Don propôs o seu brinde.

— Mas diz-me, Nicole — pediu, voltando à carga —, alguma vez acreditaste que o homem era inocente por razões de insanidade? Ao fim e ao cabo, ele usou do seu livre arbítrio.

Valérius pousou na irmã um olhar frio, especulativo. Era um homem alto, de quarenta anos, com um bigode espesso e curto e cabelos que começavam já a ficar grisalhos. Como oficial de Informações, também ele tomara decisões que ignoravam a moralidade humana. Estava interessado em ouvir o que ela tinha a dizer.

Marcantonio compreendia a irmã, sabia que aspirava a uma vida normal em parte por vergonha da vida do pai. Preocupava-o sobretudo a possibilidade de ela dizer qualquer coisa precipitada, qualquer coisa que o pai nunca pudesse perdoar-lhe.

Quanto a Astorre, estava extasiado por Nicole, pelos seus olhos coruscantes, pela incrível energia com que respondia às ferroadas do pai. Recordou-se de quando faziam amor, havia já tantos anos, e sentia o afeto que ela obviamente ainda sentia por ele. Mas agora tinha-se transformado, já não era o mesmo que fôra no tempo em que eram amantes. Ambos o sabiam. Perguntou a si mesmo se os irmãos dela tinham conhecimento daquele antigo caso. E também ele receava que a discussão rompesse os laços que uniam aquela família, a família que amava, que era o seu único refúgio. Esperava que Nicole não fosse demasiado longe. Mas não partilhava minimamente os pontos de vista dela. Os anos que passara na Sicília tinham-lhe ensinado que estava enganada. Principalmente, espantava-o que as duas pessoas que mais amava no mundo pudessem ser

tão diferentes uma da outra. E ocorreu-lhe que, mesmo que ela tivesse razão, nunca poderia pôr-se do seu lado contra o Dom.

Nicole enfrentou destemidamente o olhar do pai.

— Não acredito que tivesse livre-arbítrio — disse. — Foi forçado pelas circunstâncias da vida... pelas suas percepções distorcidas, pela sua herança genética, a sua bioquímica, a ignorância da medicina... Era um louco. Claro que acreditei.

O Don meditou nisto por alguns instantes.

— Diz-me, se ele te tivesse confessado que todas as suas desculpas eram falsas, terias mesmo assim tentado salvar-lhe a vida?

— Sim — admitiu Nicole. — A vida de cada indivíduo é sagrada. O Estado não tem o direito de tirá-la.

O Don sorriu-lhe, trocista.

— Isso é o teu sangue italiano a falar. Sabias que a Itália moderna nunca teve a pena de morte? Tantas vidas humanas salvas!

O sarcasmo fez estremecer os filhos e Astorre, mas Nicole não se deixou impressionar.

— Quando o Estado, a coberto da justiça, comete um assassinio premeditado, pratica um ato de barbárie — replicou, veementemente. — Penso que o pai, sobretudo o pai, deveria concordar. — Era um desafio, uma referência clara à fama do Don. Nicole riu-se e continuou, mais cordatamente: — Temos uma alternativa. O criminoso é encarcerado numa instituição ou numa prisão, por toda a vida, sem possibilidade de redução de pena ou de liberdade condicional.

O Don olhou-a friamente.

— Uma coisa de cada vez — disse. — É verdade que concordo com o direito do Estado de tirar uma vida humana. Quanto à tua prisão perpétua sem possibilidade de redução de pena ou liberdade condicional, é uma anedota. Passados vinte anos descobrem-se provas supostamente novas, ou assume-se que o criminoso está reabilitado e é agora uma pessoa diferente, e lá se derrama o leite da compaixão humana. Mas ninguém se preocupa com os mortos. O homem sai em liberdade. E isso não é realmente importante...

Nicole franziu o sobrolho.

— Pai, nunca afirmei que a vítima não é importante. Mas tirar uma vida não lhe devolverá a que lhe foi roubada. E quanto mais tempo aceitarmos que se mate, seja em que circunstâncias for, mais tempo se continuará a matar.

O Don não respondeu imediatamente. Bebeu um gole de vinho e olhou à sua volta, para os dois filhos e para Astorre.

— Deixa-me falar-te da realidade — disse então, voltando-se para a filha, e a sua voz soou com uma intensidade que raramente assumia. — Dizes que a vida humana é sagrada? Com base em que provas? Em que altura da História? As guerras que matam milhões são aceitas por todos os governos e religiões. As chacinas de milhares de inimigos em disputas políticas, por interesses económicos, são coisas de todos os tempos. Quantas vezes o dinheiro foi posto acima da santidade da vida humana? E tu própria aceitas que se tire uma vida humana quando livras os teus clientes do castigo que merecem.

Os olhos negros de Nicole chisparam.

— Nunca o aceitei! Nunca o desculpei! Acho que é um ato bárbaro. O que me recuso é a contribuir para que haja mais mortes!

O Don falou então mais calmamente, mas com mais seriedade:

— Acima de tudo, a vítima, a pessoa amada, jaz debaixo de terra. É banida para sempre deste mundo. Nunca mais veremos o seu rosto, nunca mais ouviremos a sua voz, nunca mais tocaremos a sua pele. Está na escuridão, perdida para nós e para o mundo. Ninguém falou enquanto o Don bebia um novo gole de vinho.

— Agora, minha Nicole, escuta-me. O teu cliente, o teu assassino, é condenado a prisão perpétua. Ficarás atrás de grades ou num hospício pelo resto da sua vida. É o que dizes. Mas todas as manhãs verá nascer o Sol, provará o sabor da comida quente, ouvirá música, o sangue correr-lhe-á nas veias e interessa-lo-á pelas coisas do mundo. Aqueles que o amam poderão continuar a abraçá-lo. Segundo sei, poderá até estudar, aprender carpintaria, fabricar uma mesa. Em suma, vive. E isso é injusto.

Nicole era resoluta. Não cedeu.

— Pai, para domar um animal, não o deixamos comer carne crua. Não o deixamos prová-la, pois caso contrário quererá mais. Quanto mais se mata, mais fácil se torna matar. Não consegue compreender isto?

Como ele não respondesse, continuou:

— E quem pode decidir o que é justo ou injusto? Onde é que traçamos a linha que separa uma coisa da outra?

Aquilo que pretendia ser um desafio soou como uma súplica de compreensão para tantos anos de dúvida a respeito dele.

Todos esperavam uma explosão de cólera ante tamanha insolência mas subitamente o Don estava de bom humor.

— Tenho tido os meus momentos de fraqueza — declarou —, mas nunca deixo um filho julgar os pais. Os filhos são inúteis e só vivem por nossa condescendência. Além disso, considero-me acima de qualquer censura como pai. Criei três filhos que são pilares da sociedade, talentosos,

realizados e bem sucedidos. E não totalmente indefesos face ao destino. Terá algum de vocês censuras a fazer-me?

Neste ponto, Nicole esvaziou-se de toda a sua ira.

— Não — disse. — Como pai, ninguém o pode censurar. Mas esqueceu-se de uma coisa. Só os oprimidos são enforcados. Os ricos arranjam sempre maneira de escapar ao castigo.

O Don olhou para ela com uma expressão muito séria.

— Por que razão, nesse caso, não lutas por modificar a lei de modo que os ricos sejam enforcados tal como os pobres? Seria mais inteligente.

— Se assim fosse restariam muito poucos de nós — murmurou Astorre, sorrindo jovialmente. E este comentário desfez a tensão.

— A maior virtude da Humanidade é a misericórdia — disse Nicole. Uma sociedade verdadeiramente iluminada não executa um ser humano, e abstém-se de punir além daquilo que a justiça e o bom senso permitem.

Foi só então que o Don perdeu o seu habitual bom humor.

— Onde foste tu buscar essas idéias? — perguntou. - São comodistas e cobardes... mais, são blasfemas. Quem é mais impiedoso do que Deus? — Ele não perdoa, não proíbe o castigo. Há um paraíso e há um inferno porque Ele o decretou. Não baniu a dor e o desgosto do Seu mundo. É Seu dever supremo mostrar apenas a misericórdia necessária. Quem és tu para conceder uma tão maravilhosa graça? É pura arrogância. Pensas que com tanta santidade poderás criar um mundo melhor? Lembra-te, tudo o que os santos podem fazer é murmurar orações ao ouvido de Deus, e mesmo assim só depois de terem conquistado esse direito à custa do seu próprio martírio. Não. É nosso dever perseguir o nosso próximo. Ou os grandes pecados que ele poderia ser capaz de cometer. Fazendo o contrário, estaríamos a entregar o nosso mundo ao diabo.

Nicole engasgou-se de fúria, Valerius e Marcantonio sorriram. Astorre inclinou a cabeça, como se estivesse a rezar.

Finalmente, Nicole recuperou o suficiente para dizer.

— Pai, como moralista, é um desastre. E não é com certeza exemplo que se siga.

Seguiu-se um longo silêncio, enquanto cada um revia as recordações do seu estranho relacionamento com o Don. Nicole nunca acreditara verdadeiramente nas histórias que ouvira a respeito do pai, e no entanto sempre recebera que fossem verdadeiras. Marcantonio lembrou-se de certa vez um colega da televisão lhe ter perguntado, maliciosamente: “Como é que o teu pai vos trata, a ti e aos outros filhos?” E ele, depois de ter ponderado cuidadosamente a pergunta, sabendo que o homem se referia à reputação do pai, respondera muito sério: “O meu pai é muito cordial para todos nós.”

Valerius pensava em como o pai se parecia com certos generais sob cujas ordens tinha servido. Homens que faziam o trabalho que era preciso fazer sem quaisquer escrúpulos morais, sem quaisquer dúvidas quanto ao que era o seu dever. Setas que voavam para o alvo com velocidade e pontaria mortíferas.

Para Astorre era diferente. O Don sempre lhe demonstrara afeto e confiança. Mas era ele o único àquela mesa que sabia que a reputação de Don Aprile era justificada. O seu espírito recuou até três anos atrás, quando regressara do exílio. Nessa altura, o Don dera-lhe certas instruções.

— Um homem da minha idade — dissera-lhe — pode morrer por ter entalado um dedo numa porta, ou de um ponto negro nas costas, ou de uma paragem cardíaca. É estranho como as pessoas não se apercebem da sua própria mortalidade a cada segundo que passa. Bom, não importa. Até nem precisa de ter inimigos. Em todo o caso, convém planear. Nomeei-te principal herdeiro dos meus bancos. Controla-los-ás e partilharás os lucros com os meus filhos. Pela seguinte razão: há grupos interessados em

comprar-mos, um deles encabeçado pelo cônsul-geral do Peru. O Governo Federal continua a investigar-me ao abrigo das leis Rico, para poder confiscá-los. Desejo-lhes sorte. Não encontrarão seja o que for. As minhas instruções são estas: nunca vendas os bancos. Hão de tornar-se mais lucrativos e poderosos com o passar dos anos. A seu tempo, o passado será esquecido.

“Se acontecer algo inesperado, chama o Sr. Pryor para te ajudar. Conhece-lo bem. É extremamente competente, e também ele lucra com os bancos. Deve-me lealdade. Além disso, vou apresentar-te a Benito Craxxi, de Chicago. É um homem infinitamente habilidoso, e também recebe dinheiro dos bancos. Podes confiar nele. Entretanto, vou dar-te um negócio de macarroni só para gerires e permitir-te uma boa vida. A troco de tudo isto, encarrego-te da segurança e da prosperidade dos meus filhos. Vivemos num mundo duro, e eu criei-os como inocentes.

Três anos volvidos, Astorre meditava nestas palavras. O tempo passara, e parecia agora que os seus serviços não seriam necessários. O mundo do Don era indestrutível.

Nicole, porém, ainda não esgotara os seus argumentos.

— E a virtude da misericórdia? — perguntou ao pai — Sabe, aquilo que os Cristãos pregam?

— A misericórdia é um vício, uma pretensão a poderes que não temos — respondeu o Don instantaneamente. — Aqueles que concedem misericórdia praticam uma ofensa imperdoável para com a vítima. E não é esse o nosso dever neste mundo.

— Não aceitaria então misericórdia? — inquiriu Nicole.

— Nunca. Não a procuro nem a desejo. Se tiver de ser, aceitarei o castigo por todos os meus pecados.

Foi durante este jantar que o coronel Valerius Aprile convidou a família para assistir ao crisma do seu filho de doze anos, em Nova Iorque, daí a dois meses. A mulher insistira numa grande festa na velha igreja familiar. O Dom consistente com a sua nova maneira de ser, aceitou o convite.

Foi assim que, numa fria tarde de Dezembro, sob um céu cor de limão, a família Aprile se dirigiu à igreja de Saint Patrick, na Quinta Avenida, onde a luz brilhante do Sol recortava os contornos dessa grande catedral contra um pano de fundo das ruas circundantes. Don Aprile, Valerius e a esposa, Marcantonio, ansioso por uma desculpa para se escapar, e Nicole, encantadora no seu vestido negro, viram o cardeal em pessoa, de mitra vermelha na cabeça, beber vinho, dar a comunhão e aplicar na face dos fiéis a cerimonial palmada admonitória.

Era um doce e misterioso prazer ver aqueles rapazes à beira da puberdade, aquelas raparigas que amadureciam para a nubilidade, avançarem pelas coxias da catedral, envoltos nas suas capas brancas com a faixa de seda vermelha à cintura, sob o olhar benevolente dos anjos e santos de pedra. A confirmarem que serviriam a Deus pelo resto das suas vidas. Nicole tinha lágrimas nos olhos, embora não acreditasse numa palavra do que o cardeal dizia. Riu-se consigo mesma.

Nos degraus do pórtico, as crianças despojaram-se das capas e mostraram as belas roupas que elas escondiam. As raparigas, diáfanos vestidos de renda branca; os rapazes, ternos escuros, camisas brancas e o tradicional laço vermelho ao pescoço, para afastar o Demônio.

Don Aprile saiu da igreja, ladeado por Astorre e Marcantonio. As crianças reuniram-se num círculo. Valerius e a esposa seguravam orgulhosamente a capa branca do filho enquanto um fotógrafo lhes tirava a fotografia. Don Aprile começou a descer a escadaria sozinho. Encheu os pulmões de ar. Estava um dia magnífico; sentia-se vivo e alerta. E quando o seu recém-crisinado neto se aproximou para abraçá-lo, afagou-lhe afetuosamente a cabeça e meteu-lhe na mão uma grande moeda de ouro — a oferta tradicional que se faz às crianças no dia do crisma. Então, com mão generosa, meteu a mão no bolso do casaco e tirou um punhado de moedas

de ouro menores, para distribuir pelos outros rapazes e raparigas. Gostou de ouvir os seus gritos de alegria, gostou de estar ali na cidade, onde os altos edifícios cinzentos lhe pareciam acolhedores como árvores. Estava completamente sozinho, com Astorre alguns passos mais atrás. Olhou para o fundo da escadaria e deteve-se por um instante quando um grande carro preto parou junto do passeio, como que para recebê-lo.

Em Brightwaters, na manhã desse domingo, Heskow levantou-se cedo e saiu para ir comprar pão e os jornais. Tinha escondido o carro roubado na garagem, um grande Sedan preto carregado com as armas e as máscaras e as caixas de munições. Verificou os pneus, o combustível e o óleo, as luzes dos travões. Perfeito. Entrou em casa para acordar Franky e Stace, mas, evidentemente, estavam já ambos a pé, e Stace tinha o café pronto.

Tomaram café em silêncio e leram os jornais de domingo. Franky verificou os resultados dos jogos de basquete universitário.

Às dez horas, Stace perguntou a Heskow: — O carro está pronto?

E Heskow respondeu:

— Tudo pronto.

Meteram-se no carro e arrancaram. Franky sentado à frente, ao lado de Heskow, Stace no banco de trás. A viagem até à cidade demoraria uma hora, o que lhes deixava outra hora extra para entreter. O importante era chegar a tempo.

No carro, Franky verificou as armas. Stace experimentou uma das máscaras, pequenas conchas brancas presas por fitas elásticas laterais de modo a poderem usá-las penduradas ao pescoço até terem de colocá-las, no último momento.

Fizeram o percurso até à cidade a ouvir ópera no rádio do carro. Heskow era um excelente condutor, calmo, regular, sem acelerações ou travagens súbitas. Deixava sempre bastante espaço entre o seu próprio carro e o que

seguia à frente. Stace fez um pequeno resmungo de aprovação, que aliviou um pouco a pressão; estavam tensos, mas não nervosos. Sabiam que tinham de ser perfeitos Não podiam falhar.

Heskow progrediu lentamente através da cidade. Parecia estar a apanhar todos os sinais vermelhos. Por fim, virou para a Quinta Avenida e parou a meio quarteirão das grandes portas da catedral. Os sinos da igreja começaram a tocar, e o som como que retinha nas estruturas de vidro e aço dos arranha-céus. Heskow ligou novamente o motor. Ficaram os três a ver as crianças que saíam da catedral como um bando de pombos. Aquilo preocupou-os.

— Franky, o tiro à cabeça — murmurou Stace.

Nesse instante o Don apareceu, adiantou-se aos dois homens que o acompanhavam e começou a descer a escadaria sozinho. Parecia estar a olhar diretamente para eles.

— Máscaras — disse Heskow. Acelerou ligeiramente, e Franky pousou a mão direita no fecho da porta — Segurava a Uzi com a esquerda, pronto para saltar para o passeio.

O carro avançou e deteve-se no momento em que o Don chegava ao último degrau. Stace saltou do banco traseiro para a rua, com o carro entre ele e o seu alvo. Com um movimento rápido, apoiou a arma no teto, segurando-a com as duas mãos. Só disparou duas vezes.

A primeira bala atingiu o Don no meio da testa. A segunda rasgou-lhe a garganta. O sangue jorrou para o passeio, salpicando a luz amarelada do Sol com pingos cor-de-rosa.

No mesmo instante, no passeio, Franky disparou uma longa rajada da Uzi por cima da multidão.

Uma fração de segundo depois, os dois homens estavam no carro e Heskow acelerava avenida abaixo. Minutos mais tarde, metiam pelo túnel e

rumavam ao pequeno aeroporto, onde um jato particular os aguardava.

Quando soaram os primeiros tiros, Valerius empurrou a mulher e o filho para o chão e cobriu-os com o próprio corpo. Na realidade, nada viu do que se passou. E Nicole, que olhava para o pai com o espanto estampado no rosto, também não. Marcantonio via sem compreender. A realidade era tão diferente da ficção das suas séries de televisão. A bala que atingira o Don na testa abriu-lhe a cabeça como se fosse uma melancia madura, deixando ver a massa de miolos e de sangue no interior. O tiro na garganta arrancara um grande pedaço de carne, como se o Don tivesse sido golpeado com uma faca de magarefe. E havia uma enorme quantidade de sangue no passeio à sua volta. Mais sangue do que se imaginaria existir num corpo humano. Marcantonio viu os dois homens com as máscaras brancas em forma de concha a cobrirem-lhes o rosto; viu também as armas que empunhavam, mas pareciam irreais. Não saberia dar qualquer indicação a respeito das roupas ou da cor dos cabelos. Ficou paralisado pelo choque. Nem sequer teria sabido dizer se eram brancos ou negros, se estavam nus ou vestidos. Tanto podiam ter três metros de altura como um.

Astorre, porém, ficara alerta mal vira o Sedan parar. Viu Stace disparar a arma e pensou que tinha usado a mão esquerda para apertar o gatilho. Viu Franky disparar a Uzi e era indiscutivelmente canhoto. Apanhou um relance do condutor, um homem de cabeça redonda, obviamente pesado. Os dois atiradores moviam-se com a agilidade de atletas treinados. Quando se atirou ao chão, estendeu os braços para arrastar o Don consigo, mas chegou uma fração de segundo demasiado tarde. E agora estava coberto com o sangue do Dom

Então viu as crianças fugirem num turbilhão de pânico, com uma grande mancha vermelha no centro. Estavam a gritar. Viu o Don espalhado nos degraus, como se a morte lhe tivesse desconjuntado o próprio esqueleto. E sentiu um medo enorme do que tudo aquilo ia fazer à sua vida e às vidas daqueles que amava.

Nicole aproximou-se do corpo estendido. Os joelhos dobraram-se-lhe sem que desse por isso, e ajoelhou junto dele. Silenciosamente, estendeu a

mão e tocou na garganta dilacerada do pai. E então chorou como se fosse chorar para sempre.

# Capítulo 3

O assassinio de Don Raymonde Aprile foi um acontecimento que deixou atônito o seu antigo mundo. Quem se teria atrevido a matar um tal homem, e com que objetivo? Doara todo o seu império, já nada tinha que lhe pudessem tirar. Morto, não mais poderia distribuir as suas generosas dádivas nem usar a sua influência para ajudar algum desgraçado a contas com a lei ou com a sorte.

Tratar-se-ia de uma vingança há muito adiada? Haveria algures um ganho escondido que acabaria por surgir à luz? Podia ter sido uma mulher, claro, mas o Don enviudara havia quase trinta anos, e nunca durante todo esse tempo lhe tinham conhecido amantes; que se soubesse, não fôra particularmente admirador da beleza feminina. Os filhos estavam acima de qualquer suspeita. Além disso, o golpe fora obra de profissionais, e nenhum deles tinha os contatos necessários.

Por isso aquela morte era não só misteriosa, mas quase sacrílega. Um homem que inspirara tanto medo, que escapara impune às perseguições da lei e às ambições dos chacais que o rodeavam enquanto governava, durante mais de trinta anos, um império criminoso, morto daquela maneira. E a ironia de tudo aquilo. Quando finalmente encontrava o caminho da retidão e se colocava sob a proteção da sociedade, vivera apenas mais três curtos anos.

Ainda mais estranho foi a pouca celeuma que o caso provocou. Os meios de comunicação depressa largaram a história, a Polícia nada adiantava e o FBI declarou que se tratava de uma questão meramente local. Era como se toda a fama e todo o poder de Don Aprile se tivessem esfumado em apenas três anos de afastamento.

O submundo não mostrou interesse. Não houve mortes retaliatórias, todos os amigos e ex-fiéis vassallos do Don pareciam tê-lo esquecido. Até os filhos deram a impressão de ter atirado toda aquela história para trás das costas e aceitado a morte do pai.

Ninguém pareceu preocupar-se... exceto Kurt Cilke.

Kurt Cilke, agente do FBI encarregado da secção de Nova Iorque, resolveu envolver-se no caso, embora se tratasse de um homicídio estritamente local e da competência exclusiva da policia.

Decidiu entrevistar a família Aprile.

Um mês volvido sobre o funeral do Don, apresentou-se, acompanhado pelo seu ajudante Bill Boxtton, para uma conversa com Marcantonio Aprile. Iam ter de tratá-lo com muito cuidado. O homem era diretor de programas de uma das maiores redes de televisão nacionais e gozava de uma influência considerável em Washington. Um delicado telefonema marcara a entrevista através da secretária.

Marcantonio recebeu-os no luxuoso e vasto gabinete que ocupava no quartel-general da estação em Nova Iorque. Foi simpaticíssimo, ofereceu-lhes café, que ambos recusaram. Era um homem alto e bem-parecido, elegantemente vestido com um terno escuro e uma extraordinária gravata vermelha e rosa assinada por um designer cujos principais clientes eram os mais conhecidos pivots e entertainers da TV.

— Estamos a colaborar na investigação do assassínio do seu pai — explicou Cilke. — Tem conhecimento de alguém que pudesse querer-lhe mal?

— Não faço a mais pequena idéia — respondeu Marcantonio, com um sorriso. — O meu pai mantinha-nos a todos à distância, até os netos. Crescemos completamente alheados do seu círculo de relações profissionais — acrescentou, fazendo com a mão um pequeno gesto apologético.

Cilke não gostou daquele gesto.

— Quanto a si, qual foi o motivo? — perguntou.

— Os senhores conhecem o passado do meu pai — respondeu Marcantonio, num tom mais sério. — Nunca quis que os filhos se envolvessem nas suas atividades. Mandou-nos para colégios internos, e depois para universidades, para conquistarmos o nosso próprio lugar no mundo. Nunca foi jantar a nossas casas. Esteve presente quando nos formamos, e foi tudo. E evidentemente, quando compreendemos porquê, ficamos-lhe gratos.

— Subiu muito depressa na sua carreira — observou Cilke. — Talvez ele o tenha ajudado um pouco?

Pela primeira vez, Marcantonio foi menos do que afável.

— Nunca! Não é invulgar na minha profissão um jovem subir rapidamente. O meu pai mandou-me para as melhores escolas e dava-me uma mesada muito generosa. Usei esse dinheiro da melhor maneira, e fiz as escolhas certas.

— E o seu pai estava satisfeito com isso? — perguntou Cilke. Observava atentamente o seu interlocutor, procurando ler-lhe as mais pequenas expressões.

— Creio que nunca compreendeu verdadeiramente o que eu fazia, mas sim, estava satisfeito — respondeu Marcantonio, secamente.

— Sabe — continuou Cilke —, andei atrás do seu pai durante vinte anos, e nunca consegui apanhá-lo. Era um homem muito esperto.

— Bem nós também não — disse Marcantonio. — Nem o meu irmão, nem a minha irmã, nem eu.

— E não têm sentimentos de vingança siciliana? — perguntou Cilke com uma pequena gargalhada, como se aquilo fosse uma brincadeira. Não tentariam qualquer coisa nessa linha?

— Certamente que não. O nosso pai ensinou-nos a não pensar desse modo. Mas, por mim, espero que apanhem o assassino.

— E o testamento? — continuou Cilke. — Era um homem muito rico.

— Quanto a isso, vai ter de perguntar à minha irmã Nicole — respondeu Marcontonio. — É ela a testamenteira.

— Mas conhece o seu conteúdo?

— Com certeza — disse Marcontonio, e a sua voz soou fria e dura como o aço.

— E não consegue lembrar-se de ninguém que quisesse fazer-lhe mal? — perguntou Boxtton, intervindo pela primeira vez na conversa.

— Não. Se tivesse um nome, é evidente que lhes diria.

— OK. — disse Cilke. - Vou deixar-lhe o meu cartão. Para o caso de lhe ocorrer alguma coisa.

Antes de falar com os dois outros filhos do Don, Cilke decidiu ter uma conversa com o chefe do Departamento de Investigação Criminal da cidade. Como não queria deixar qualquer rasto oficial, convidou Paul Di Benedetto para almoçar num dos mais caros restaurantes italianos do East Side. Di Benedetto adorava os pequenos luxos da boa vida, desde que não tivesse de pagá-los do seu próprio bolso.

Os dois homens eram velhos conhecidos, e Cilke sempre apreciara a companhia de Paul. Agora, estava a vê-lo beliscar desdenhosamente um pouco de cada prato.

— E então? — disse Di Benedetto. — Não é todos os dias que os “fedes” abrem os cordões à bolsa desta maneira. O que é que há?

— Foi uma refeição excelente, não foi? — comentou Cilke, como se não tivesse ouvido a pergunta. misturado com gasosa.

Di Benedetto encolheu pesadamente os ombros, como o rolar de uma vaga. Depois sorriu, com um toque de malícia. Para um homem de aspecto tão duro, tinha um sorriso encantador. Transformava-lhe completamente o rosto, fazendo-o parecer uma adorável personagem de Walt Disney.

— Ouve, Kurt — disse —, este lugar é uma treta. Os donos são extraterrestres. Conseguem que a comida pareça italiana, até conseguem que cheire a comida italiana, mas a verdade é que sabe a açorda de Marte. Estes tipos são alienígenas, digo-te eu.

Cilke riu-se.

— Talvez. Mas o vinho é ótimo.

— A mim sabe-me tudo a remédio, a menos que seja tinto barato.

— És difícil de contentar — observou Cilke.

— Não, sou até muito fácil de contentar. E é aí que está o problema. Cilke suspirou. — Duzentos dólares de dinheiro do governo deitados à rua.

— Oh, não, apreciei o gesto — declarou Di Benedetto. — Então, o que é que há?

Cilke pediu café para os dois antes de responder.

— Estou a investigar a morte de Don Aprile. Um dos teus casos, Paul. Andamos-lhe no encalço durante anos, e nada. O homem retira-se, passa a viver honestamente. Não tinha nada que alguém pudesse querer. Para quê matá-lo? Ainda por cima, uma coisa tão perigosa.

— Muito profissional — comentou Di Benedetto. — Um belo trabalho.

— E então? — pressionou Cilke.

— Não faz ponta de sentido. Limpaste a maior parte dos chefões da Máfia. Um trabalho brilhante, diga-se de passagem. Os meus parabéns. Talvez até tenhas obrigado o Don a retirar-se. Mas a verdade é que, com tudo isto, os macacos que restaram não tinham qualquer razão para liquidá-lo.

— E os bancos de que ele era dono? — inquiriu Cilke.

Di Benedetto agitou a mão que segurava o charuto.

— Isso é do teu departamento. Nós só lidamos com a ralé.

— E a família? — insistiu Cilke. — Drogas, mulheres, qualquer coisa?

— Nada de nada. Todos eles cidadãos íntegros, com belas carreiras profissionais. Foi assim que o Don planeou as coisas. Queria que fossem absolutamente inatacáveis. — Fez uma pausa, e quando voltou a falar a sua voz soou mortalmente séria. — Não foi uma vingança. O velho tinha resolvido todos os seus assuntos com toda a gente. Não foi por acaso. Tem de haver uma razão. Alguém ganha. É disso que andamos à procura.

— E o testamento?

— A leitura é amanhã. Perguntei à filha. Disse-me que esperasse.

— E tu ficaste-te? — estranhou Cilke.

— Claro. É uma advogada da alta, conhece uma porção de gente, e a família a que está ligada é uma força política. Por que raio havia de armarme em duro com ela? Ouvi e calei.

— Talvez eu consiga fazer melhor.

— Aposto que sim.

Kurt Cilke conhecia a comandante-adjunta do Dick, Aspinella Washington, passava de dez anos. Era uma afro-americana com mais de um metro oitenta de altura, cabelos muito curtos e feições finamente cinzeladas, e aterrorizava tanto os policias que chefiava como os criminosos que prendia. Por uma questão de princípio, comportava-se sempre o mais ofensivamente que podia, e a verdade é que não gostava muito de Cilke nem do FBI.

Recebeu Cilke no seu gabinete, disparando logo de entrada:

— Então, Kurt, estás aqui para enriquecer mais um dos meus irmãos negros?

— Não, Aspinella — respondeu ele, com uma gargalhada. — Venho em busca de informação.

— Palavra? De borla? Depois de teres custado à cidade cinco milhões de dólares?

Vestia um casaco safári e calças castanhas. A arma no coldre axilar era claramente visível. O diamante do anel que usava na mão direita parecia capaz de cortar tecido facial como uma navalha de barba. Nunca perdoara a CIA e ao FBI terem provado um caso de brutalidade policial que mandara dois dos seus detetives para a prisão e com base no qual a vítima, alegando violação dos seus direitos civis, ganhara um mega-processo. O queixoso, que ficara rico, fôra um chulo e traficante de droga que a própria Aspinella espancara violentamente. Apesar de ter sido nomeada comandante-adjunta num descarado piscar de olho aos votos dos negros, mostrava-se invariavelmente mais dura para com os criminosos de cor do que para com os brancos.

— Para de espancar inocentes — atirou-lhe Cilke —, e eu paro de te chatear.

— Nunca tramei ninguém que não fosse culpado — replicou ela, sorrindo.

— Estou a investigar o assassínio de Don Aprile — anunciou Cilke, mudando bruscamente de assunto.

— E que tens tu a ver com isso? É um assunto local. Ou andas a ver se consegues transformar essa merda noutro caso de direitos civis?

— Bom, talvez esteja relacionado com divisas ou drogas.

— Como é que podes saber uma coisa dessas?

— Temos os nossos informadores.

Subitamente, Aspinella lançou-se num dos seus acessos de fúria.

— Tu, meu sacana do FBI, vens para aqui pedir informações e não me dás nada em troca? Nem para os polícias honestos vocês são decentes! Andam por aí, com ares superiores, a prender os filhos da puta que roubam o governo. Nunca se metem no trabalho sujo. Nem sequer fazem porra de idéia do que isso seja. Desaparece daqui para fora!

Cilke ficou satisfeito com as duas conversas. Havia ali um padrão evidente. Tanto Di Benedetto como Aspinella iam fechar-se em copas no respeitante ao assassínio de Don Aprile. Nenhum deles cooperaria com o FBI. Limitar-se-iam a fingir que investigavam. Em resumo, tinham ambos sido subornados.

Havia um motivo para esta sua convicção. Sabia que o tráfico de droga só podia sobreviver desde que a polícia fosse comprada, e sabia, embora nunca pudesse prová-lo em tribunal, que Di Benedetto e Aspinella estavam a soldo dos barões da droga.

Antes de falar com a filha do Don, decidiu tentar a sorte com o filho mais velho, Valerius Aprile. Dirigiu-se, pois, acompanhado por Boxtton, à Academia de West Point, onde Valerius, coronel do Exército dos Estados Unidos, ensinava tática militar — ou lá o que fosse, pensou Cilke.

Valerius recebeu-os num amplo gabinete sobranceiro à parada, onde um pelotão de cadetes fazia exercícios de ordem unida. Não se mostrou afável como o irmão, mas também não se poderia dizer que fosse indelicado. Cilke perguntou-lhe se conhecia ao pai alguns inimigos.

— Não — respondeu. — Passei a maior parte dos últimos vinte anos fora do país. Estive presente nas festas de família, sempre que pude. A única preocupação do meu pai era que eu chegasse a general. Queria ver-me usar a estrela. Até brigadeiro já teria bastado para fazê-lo feliz.

— Era então um patriota? — perguntou Cilke, com uma ponta de ironia.

— Amava o seu país — respondeu Valerius, secamente.

— Foi ele que conseguiu inscrevê-lo como cadete? — pressionou

— Julgo que sim. Mas nunca teria conseguido fazer-me general. Suponho que a influência dele no Pentágono não chegava a tanto. Ou então sou eu que não tenho pura e simplesmente as qualidades necessárias. Seja como for, estou satisfeito. Encontrei o meu lugar.

— Tem então a certeza de que não pode dar-nos qualquer pista sobre possíveis inimigos do seu pai — insistiu Cilke.

— Não tinha nenhuns. O meu pai teria sido um excelente general. Quando se retirou, deixou todos os seus assuntos em ordem. Quando usou o poder, fê-lo com força decisiva. Dispunha dos homens e dos meios.

— Não parece muito afetado por alguém ter assassinado o seu pai. Não alimenta desejos de vingança?

— Não mais do que por um camarada caído no campo de batalha. Estou interessado, evidentemente. Ninguém gosta de ver o pai assassinado.

— Sabe alguma coisa a respeito do testamento?

— Quanto a isso, terá de falar com a minha irmã.

Perto do fim dessa mesma tarde, Cilke e Boxtton estavam no gabinete de Nicole Aprile, onde a recepção que encontraram foi completamente diferente. Para ali chegarem, tinham tido de passar por três secretárias e uma guarda-costas pessoal, como Cilke percebeu imediatamente, embora se tivesse apresentado como adjunta-executiva, uma mulher com todo o ar de ser capaz de arrumá-lo a ele e a Boxtton numa questão de segundos. Pela maneira como se movia, via-se que tinha a força de um homem. Adivinhavam-se-lhe os músculos por baixo da roupa — um casaco de linho sobre uma camisola de malha, tão justa que lhe esmagava os seios, e calças pretas.

O acolhimento de Nicole não foi caloroso, embora estivesse extremamente atraente no seu conjunto de haute couture violeta-escuro. Usava umas enormes argolas de ouro nas orelhas e os cabelos, negros e brilhantes, caídos sobre os ombros. A dureza das feições finamente desenhadas e duras era desmentida por uns grandes olhos, doces e castanhos.

— Meus senhores, posso dispensar-lhes vinte minutos — anunciou

Vestia uma blusa com folhos por baixo do casaco violeta e os punhos rendados quase lhe cobriam as mãos quando estendeu a direita para receber a identificação de Cilke. Estudou-a atentamente e comentou:

— Agente especial encarregado? Não será demais para uma investigação de rotina?

Falou num tom que Cilke conhecia bem, um tom que detestava. Era o tom ligeiramente admonitório que os procuradores federais usavam para lidar com o braço investigativo que chefiavam.

— O seu pai era um homem muito importante — respondeu.

— Sim, até ter-se retirado e colocado sob a proteção da lei — observou Nicole, amargamente.

— O que torna a sua morte ainda mais misteriosa — disse Cilke. — Tínhamos a esperança de que pudesse dar-nos uma idéia de alguém que tivesse razões para lhe guardar rancor.

— Não acho que tenha sido assim tão misteriosa — redargüiu Nicole. Conhecem a vida dele muito melhor do que eu. Tinha inimigos de sobra. Incluindo o senhor.

— Nem mesmo os nossos piores críticos se lembraram alguma vez de acusar o FBI de ter cometido um assassinio nas escadas de uma catedral — disse Cilke, secamente. — E eu não era inimigo dele. Era um representante da lei. Depois de retirar-se, o seu pai deixou de ter inimigos. Comprou-os todos. — Fez uma curta pausa. — Acho curioso o fato de nem a senhora nem os seus irmãos parecerem interessados em saber quem foi o homem que assassinou o vosso pai.

— Porque não somos hipócritas — retorquiu Nicole. — O meu pai não era precisamente um santo. Jogou o jogo e pagou o preço. — Interrompeu-se por um instante. — E engana-se a respeito de eu não estar interessada. Na realidade, vou pedir o processo do FBI sobre o meu pai, ao abrigo da Lei de Liberdade de Informação. Espero que não levante problemas, pois nesse caso seríamos inimigos.

— Está no seu direito — disse Cilke. — Mas talvez possa ajudar-me dizendo-me quais são as provisões do testamento do seu pai.

— Ainda não abri o testamento.

— Mas é a executora, segundo me disseram. Deve saber o que diz.

— Vamos registrá-lo amanhã. O conteúdo será tornado público.

— Há alguma coisa que possa dizer-me agora e que possa ajudar-me?  
— insistiu Cilke.

— Apenas que não tenciono reformar-me antes de tempo.

— Nesse caso, por que não me diz nada hoje?

— Porque não sou obrigada — respondeu Nicole, friamente.

— Conheci bastante bem o seu pai — disse Cilke. — ele ter-se-ia mostrado mais razoável.

Pela primeira vez, Nicole olhou para ele com respeito.

— Isso é verdade — admitiu. — Ok. O meu pai distribuiu uma porção de dinheiro antes de morrer. Deixou-nos apenas os bancos. Eu e os meus irmãos ficamos com quarenta e nove por cento; os outros cinqüenta e um por cento vão para o nosso primo, Astorre Viola.

— O que é que pode dizer-me a respeito dele? — pediu Cilke.

— O Astorre é mais novo do que eu. Nunca esteve envolvido nos negócios do meu pai e todos nós o adoramos por ser um tonto encantador. Claro que agora passei a gostar um bocadinho menos dele.

Cilke passou em revista a sua própria memória. Não se lembrava de qualquer processo sobre Astorre Viola. E no entanto, tinha de haver um.

— Pode dar-me o telefone e a morada dele?

— Com certeza — aquiesceu Nicole. — Mas vai perder o seu tempo, pode crer.

— Tenho de esclarecer todos os pormenores — explicou Cilke, apologeticamente.

— E por que está o FBI interessado? Trata-se de um crime puramente local.

A voz dele soou fria quando respondeu:

— Os bancos que o seu pai controlava são bancos internacionais. Pode haver complicações relacionadas com divisas.

— A sério? — exclamou Nicole. — Nesse caso, o melhor é pedir já o tal processo. Ao fim e ao cabo, uma parte desses bancos é agora minha.

E lançou-lhe um olhar de desafio.

Cilke soube então que ia ter de mantê-la debaixo de olho.

No dia seguinte, Cilke e Boxtton foram de carro até Westchester Courity Para uma conversa com Astorre Viola. A propriedade incluía um bosque, uma grande casa e três barracões. Num prado vedado por uma cerca de troncos baixa e fechado por uma cancela de ferro forjado pastavam seis cavalos. Havia quatro automóveis e uma caminhonete estacionados no pátio diante da casa. Cilke memorizou as matriculas de dois deles.

Uma mulher com cerca de setenta anos abriu-lhes a porta e conduziu-os a uma luxuosa sala de estar cheia de equipamento de gravação. Quatro jovens liam pautas musicais pousadas em estantes e um quinto sentava-se ao piano — um conjunto profissional de jazz, com saxofone, baixo, guitarra e percussão.

De pé diante de um microfone e de frente para eles, Astorre cantava com voz rouca. Até Cilke sabia que aquele era o tipo de música que nunca teria

público.

Astorre interrompeu a canção e disse, dirigindo-se aos visitantes:

— Importam-se de esperar cinco minutos até acabarmos de gravar? Depois os meus amigos embrulham a tralha e ficamos com todo o tempo que quiserem.

— Com certeza - respondeu Cilke.

— Traz-lhes café — ordenou Astorre à velha criada. Cilke gostou do gesto. Não se limitara a oferecer-lhes café por cortesia, mandara que lhes fosse servido.

Tiveram, no entanto, de esperar mais do que cinco minutos. Astorre estava a gravar uma canção popular italiana — enquanto dedilhava um banjo — e cantava num rude dialeto que Cilke não entendia. Era agradável ouvi-lo, um pouco como ouvir a nossa própria voz no chuveiro.

— Não foi assim tão mau... Ou foi? — perguntou Astorre com uma gargalhada quando ficaram finalmente sozinhos, enquanto limpava o rosto a uma toalha.

Cilke deu por si a gostar imediatamente dele. Com cerca de trinta anos, irradiava uma espécie de vitalidade juvenil e não parecia levar-se a si mesmo muito a sério. Era alto e bem constituído, com a graciosidade atlética de um pugilista. Tinha essa beleza morena e as feições irregulares mas bem talhadas que se vêem por vezes nos retratos do século XV. Não parecia vaidoso, mas usava ao pescoço uma gargantilha de ouro com cinco centímetros de largura do qual estava suspenso um medalhão gravado com a imagem da Virgem Maria.

— Foi ótimo — disse Cilke. — Está a gravar um disco para distribuição?

Astorre sorriu. Um sorriso franco, aberto.

— Quem me dera. Não, não sou suficientemente bom para isso. Mas adoro estas canções e ofereço-as aos meus amigos, como presentes.

Cilke decidiu ir ao assunto.

— Trata-se de simples rotina — declarou. — Sabe de alguém que pudesse querer fazer mal ao seu tio?

— Absolutamente ninguém — respondeu Astorre, com um ar muito sério.

Cilke estava farto de ouvir aquela resposta. Toda a gente tinha inimigos, especialmente Don Raymonde Aprile.

— Herda o controle dos bancos — disse. Eram assim tão chegados?

— Para ser franco, não percebo muito bem porque — respondeu Astorre. — É verdade que em miúdo era um dos seus preferidos. Montou-me o meu negócio, e depois esqueceu-se mais ou menos de mim.

— Que espécie de negócio? — quis saber Cilke.

— Importo de Itália todas as melhores marcas de macaroni.

Cilke atirou-lhe um olhar cético.

— Macaroni?

Astorre sorriu; estava habituado àquela reação. Não era na verdade um negócio particularmente fascinante.

— Sabe como o Lee Iacocca nunca diz automóveis, diz sempre carro? Pois bem, no meu negócio nunca dizemos pasta ou spaghetti, dizemos sempre macaroni.

— E agora vai ser banqueiro? - espantou-se Cilke.

— Vou experimentar — declarou Astorre.

Já no carro, Cilke perguntou a Boxtton:

— O que é que achas?

Gostava imenso de Bill Boxtton. O homem acreditava no Bureau, com ele — que era justo, que era incorruptível, que era de longe muito superior a qualquer outra força policial em matéria de eficiência. Aquelas entrevistas eram feitas em parte a pensar nele, para dar-lhe traquejo.

— A mim pareceram-me todos muito honestos — respondeu Boxtton. — Mas não parecem sempre?

Sim, pareciam sempre, pensou Cilke. Então, um pormenor curioso saltou-lhe à memória. O medalhão suspenso da gargantilha de ouro de Astorre não balouçara, não deslizara, não saíra do seu lugar uma única vez.

A última entrevista era para Cilke a mais importante. Foi com Timmona Portella, o chefe reinante da Máfia nova-iorquina, o único, além Don, que escapara à prisão depois das investigações do FBI.

Portella geria os seus extensos negócios a partir do vasto apartamento de cobertura de um dos prédios que possuía no West Side. O resto do edifício era ocupado por empresas subsidiárias que controlava. Ali, a segurança era tão apertada como em Fort Knox, e o próprio Portella deslocava-se de helicóptero — o telhado dispunha de uma placa de aterragem entre o seu quartel-general e a mansão que tinha em Nova Jersey. A verdade é que raramente pisava as ruas de Nova Iorque.

Recebeu Cilke e Boxtton no seu gabinete, mobilado com sofás excessivamente grandes, onde os visitantes quase se afundavam, e protegido por paredes de vidro à prova de bala que ofereciam uma vista magnífica da cidade. Era um homem enorme, muito elegante no seu fato escuro e camisa ofuscantemente branca.

Cilke apertou-lhe a gorda mão e admirou a gravata de tons escuros que lhe pendia do pescoço grosso como o de um touro.

— Kurt, que posso fazer por si? — perguntou Portella numa voz de tenor que ecoou pela sala. Ignorou completamente Bill Boxtton.

— Estou a investigar o caso Aprile — respondeu Cilke. — Pensei que talvez tivesse qualquer informação que pudesse ajudar-me.

— Uma tragédia, aquela morte — declarou Portella. — Toda a gente adorava o Raymonde Aprile. Não tenho a menor idéia de quem possa ter feito semelhante coisa. Nos últimos anos da sua vida, Don Aprile foi um homem tão bom! Tornou-se um santo, um verdadeiro santo. Distribuiu dinheiro como um Rockefeller. Quando Deus o levou, a alma dele estava pura.

— Não foi Deus que o levou — disse Cilke secamente. — Foi um golpe extremamente profissional. Tem de haver um motivo. — Portella semicerrou os olhos, mas não disse palavra, de modo que Cilke continuou —: Você foi colega dele durante muitos anos. Deve saber qualquer coisa. Que me diz desse tal sobrinho que herda os bancos?

— Eu e Don Aprile fizemos alguns negócios juntos há já muitos anos — respondeu Portella. — Quando se retirou, podia com toda a facilidade ter-me mandado matar. O fato de eu estar vivo prova que não éramos inimigos. Quanto ao sobrinho, tudo o que sei é que é um artista. Canta em casamentos, em festinhas, por vezes até em pequenos clubes noturnos. Um desses jovens de que os velhos como eu gostam. E vende bom macaroni italiano. Todos os meus restaurantes o usam. — Fez uma pausa e suspirou. — É sempre um mistério quando um grande homem é morto.

— Sabe que a sua ajuda será apreciada — disse Cilke.

— Claro. O FBI joga sempre limpo. Sei que a minha ajuda será apreciada.

Dirigiu a Cilke e a Boxtton um caloroso sorriso que lhe pôs à mostra os dentes quadrados, quase perfeitos.

No caminho de regresso aos escritórios do Bureati, Boxtton disse a Cilke:

— Estive a ler a ficha deste tipo. É um dos grandalhões da pornografia e das drogas, além de assassino. Como é que nunca conseguimos apanhá-lo?

Kurt Cilke mandou colocar sob vigilância eletrônica as residências de Nicole Aprile e Astorre Viola. Um juiz federal acomodaticio assinou a ordem necessária. Não que suspeitasse verdadeiramente deles. Só queria ter a certeza. Nicole era uma arruaceira nata e Astorre parecia demasiado bom para ser verdade. Vigiar Valerius estava fora de questão, uma vez que a sua casa ficava na interior do perímetro de West Point.

Ficou a saber que os cavalos que vira no prado eram a paixão de Astorre. Que todas as manhãs limpava e escovava pessoalmente o garanhão que ia montar. O que não era assim tão mau, não fosse o estranho hábito que tinha de usar nos seus passeios o traje à inglesa completo, com casaco encarnado e tudo, incluindo o ridículo barretinho preto.

Achou estranho que Astorre parecesse um alvo tão fácil que três vadios de Central Park tivessem tentado assaltá-lo. Conseguira escapar, segundo parecia... mas o relatório da polícia era pouco claro quanto ao que acontecera aos assaltantes.

E um destes dias apanhamo-lo.

Duas semanas mais tarde, Cilke e Boxtton puderam ouvir o resultado das escutas feitas em casa de Astorre Viola. As vozes eram de Nicole, Marcantonio, Valerius e do próprio Astorre. Nas gravações, como que se humanizavam, pensou Cilke; tinham tirado as máscaras.

— Por que foi que o mataram? — perguntou Nicole, com a voz quebrada pelo desgosto, sem o mais pequeno vestígio da frieza que

ostentara face a Cilke.

— Tem de haver uma razão — respondeu Valerius, sobriamente. A voz tornava-se-lhe meiga quando falava com a família. — Nunca tive quaisquer contatos com os negócios do velho, por isso não estou preocupado comigo. Mas, e tu?

Marcantonio falou desdenhosamente; era óbvio que não gostava do irmão:

— Val, o velho meteu-te em West Point porque eras um caguinças. Queria endurecer-te. Depois ajudou-te no teu trabalho para os Serviços Secretos, no estrangeiro. Não penses que estás fora disto. Adorava a idéia de ver-te chegar a general. General Aprile... O som da coisa agradava-lhe. Sabe-se lá que cordelinhos terá puxado. — A voz dele soava muito mais enérgica, mais apaixonada, na gravação do que pessoalmente.

Seguiu-se uma longa pausa, e então novamente Marcantonio:

— É claro que foi ele que me lançou. Financiou a minha produtora. As grandes agências facilitaram-me a contratação das suas estrelas. A verdade é que nós nunca estivemos presentes na vida dele, mas ele esteve sempre nas nossas. Nicole, o velho poupou-te dez anos de pagamento de quotas quando te deu aquele lugar na firma de advogados. E tu, Astorre, quem julgas que conseguiu colocar o teu macaroni em todos os supermercados?

Subitamente, Nicole estava furiosa.

— O Papa pode ter-me aberto a porta, mas a única responsável pelo sucesso que tenho tido sou eu própria. Tive de lutar taco-a-taco, com os tubarões da firma por tudo o que consegui. Era eu quem trabalhava oitenta horas por semana a ler as tais cláusulas em letra miudinha. — Fez uma pausa, e a sua voz voltou a soar carregada de frieza. Devia ter-se voltado para Astorre. — E quero saber por que foi que o Papá te pôs à frente dos bancos. Que diabo tens tu a ver seja com o que for?

O tom de Astorre foi desesperadamente apologeticamente.

— Nicole, não faço a mais pequena idéia. Não lhe pedi nada. Tenho o meu negócio, e do que eu gosto é de cantar e andar a cavalo. Além disso há um lado bom para ti. Eu é que tenho o trabalho todo, e os lucros são divididos igualmente por nós os quatro.

— Mas tu tens o controle, e és apenas um primo — protestou Nicole. E acrescentou, sarcasticamente —: O velho devia com certeza gostar muito de te ouvir cantar.

— Vais tentar gerir os bancos sozinho? - interveio Valerius.

A voz de Astorre encheu-se de fingido horror.

— Oh, não, não! A Nicole vai dar-me uma lista de nomes. Um administrador-geral encarregar-se-á disso.

— Continuo a não perceber por que foi que o papá não me escolheu a mim — voltou Nicole à carga, com lágrimas de frustração na voz. — Porquê?

— Porque não queria que nenhum dos filhos tivesse poder sobre os outros — disse Marcantonio.

— Talvez fosse para mantê-los a todos afastados do perigo — sugeriu Astorre, apaziguadamente.

— E esse tipo do FBI que teve a lata de vir ter conosco como se fosse o nosso melhor amigo? — comentou Nicole. — Perseguiu o papá durante anos. E agora pensa que vamos contar-lhe de mão beijada todos os segredos da família. Que cretino.

Cilke sentiu um rubor subir-lhe às faces. Não merecia aquilo.

— Está a fazer o seu trabalho — contrapôs Valerius. E não é um trabalho fácil. Deve ser um homem muito inteligente. Mandou para a prisão

muitos dos amigos do velho. E por longo tempo.

— Traidores, informadores — retorquiou Nicole, desdenhosamente. E essas leis Rico, que aplicam de uma maneira tão seletiva. Se as levassem a sério, mandavam metade dos nossos líderes políticos para a prisão, e a maior parte dos Quinhentos da Fortune.

— Nicole, pelo amor de Deus, tu trabalhas em direito empresarial atirou-lhe Marcantonio. — Deixa-te de tretas.

— Onde será que os agentes do FBI arranjam aqueles ternos tão giros? — perguntou Astorre, pensativamente. — Haverá um “alfaiate, especial do FBI”?

— O segredo está na maneira como os usam — explicou Marcantonio. — Mas na TV nunca conseguimos um boneco exatamente como esse tal Cilke. Perfeitamente sincero, perfeitamente honesto, respeitável em todos os aspectos. E no entanto, ninguém confia nele.

— Marc, deixa lá essas tuas historietas da televisão — interrompeu-o Valerius. — Temos aqui uma situação hostil. E há aspectos significativos em termos de informação. O porquê e o quem. Por que foi que mataram o pai? E quem poderá ter sido? Todos dizem que não tinha inimigos nem nada que alguém quisesse.

— Registrei um pedido para ver o processo do papá no Bureau — anunciou Nicole. — Talvez nos dê alguma pista.

— Para quê? — perguntou Marcantonio. — Não podemos fazer nada. O pai havia de querer que esquecêssemos o assunto. O caso é com as autoridades.

— Estás-te então nas tintas para quem matou o papá? — atirou-lhe Nicole, desdenhosa. — E tu, Astorre, pensas o mesmo?

Astorre respondeu num tom de voz suave, persuasivo:

— Que podemos nós fazer? Amava o teu pai. Estou-lhe grato por ter sido tão generoso para comigo no seu testamento. Mas esperemos para ver o que acontece. Por mim, gosto desse Cilke. Se houver alguma coisa a descobrir, ele descobre-a. Todos nós temos boas vidas, para que estragá-las? — Fez uma pausa e acrescentou —: Ouçam, tenho uma reunião com um dos meus fornecedores, de modo que preciso de sair. Mas vocês podem ficar aqui a discutir o assunto.

Seguiu-se um longo silêncio na gravação. Cilke não conseguia impedir-se de sentir boa vontade para com Astorre e ressentimento contra os outros. Mas estava satisfeito. Não eram pessoas perigosas; não iam causar-lhe problemas.

— Adoro o Astorre — disse então a voz de Nicole. — Estava mais próximo do nosso pai do que qualquer de nós. Mas é tão extravagante. Marc, achas que vai a algum lado com aquelas canções?

Marcantonio riu-se:

— Vemos milhares de tipos como ele na nossa atividade. É como uma dessas estrelas de futebol dos pequenos liceus. É giro, mas não é verdadeiramente bom. De qualquer maneira, tem um bom negócio de que gosta, por isso não vejo qual é o problema.

— Controla bancos que valem bilhões de dólares... todos os nossos bens... e só pensa em cantar e andar a cavalo — resmungou Nicole.

— A fatiota é esplêndida, mas monta execravelmente — observou Valerius, com rude humor.

— Por que terá o papá feito uma coisa destas? — murmurou Nicole.

— A verdade é que se saiu muito bem com o tal negócio do macarrão — contemporizou Valerius.

— Temos de protegê-lo — declarou Nicole. É demasiado boa pessoa para gerir bancos e demasiado confiante para lidar com esse Cilke.

No fim da gravação, Cilke voltou-se para Boxtton.

— O que é que achas? — perguntou.

— Oh, tal como o Astorre, acho que és um tipo porreiro — respondeu Boxtton.

Cilke riu-se.

— Não é nada disso. O que quero dizer é se estas pessoas poderão ser consideradas suspeitas do crime.

— Não — disse Boxtton — Para começar, são filhos dele, e em segundo lugar, não têm os conhecimentos.

— Mas são espertos — observou Cilke. — Fizeram a pergunta crucial: porquê.

— Talvez, mas não somos nós que temos de responder-lhe. É um caso local, não nos diz respeito. Ou tens alguma ligação?

— Bancos internacionais — disse Cilke. — Mas tens razão, não faz sentido gastar mais dinheiro do Bureau. Manda cancelar as escutas.

Kurt Cilke gostava de cães porque eram incapazes de conspirar, Não sabiam esconder a sua hostilidade, não eram manhosos. Não passavam noites acordados a inventar maneiras de roubar e assassinar outros cães. A traição estava fora do seu alcance. Tinha dois pastores alemães para ajudar a guardar a casa, e todas as noites os levava a passear pelos bosques próximos, em perfeita harmonia e confiança.

Quando nessa noite chegou a casa, ia satisfeito. Não havia perigo naquela situação, pelo menos da parte dos filhos do Dom. Não haveria

vendetas sangrentas.

Cilke vivia em Nova Jersey com uma mulher que amava e uma filha de dez anos que adorava. A casa estava protegida por um apertado sistema de segurança, além dos dois cães. O governo pagava. A mulher recusara-se a aprender a usar uma arma, e ele contava com o anonimato. Os vizinhos, e até a filha, julgavam-no advogado (o que era aliás verdade). Quando estava em casa, conservava sempre a arma, as munições e o cartão do FBI fechados à chave numa gaveta.

Nunca levava o carro até à estação onde apanhava o comboio para a cidade. Não fosse algum miúdo partir-lhe um vidro para roubar o rádio. Quando regressava a Nova Jersey, ligava à mulher pelo telemóvel e ela ia buscá-lo. Uma viagem de cinco minutos.

Nessa noite, Georgette recebeu-o com um carinhoso beijo nos lábios. Vanessa, tão irrimediavelmente viva, saltou-lhe para os braços. Os dois cães agitavam-se à sua volta, mas comedidamente. Havia espaço de sobra para todos no grande Buick.

Era desta parte da sua vida que Cilke verdadeiramente gostava. Com a família, sentia-se seguro, em paz. A mulher amava-o, bem o sabia, admirava-lhe o carácter, o fato de fazer o seu trabalho sem malícia nem trapanças, com um sentido de justiça para com o próximo, por muito depravado que esse próximo fosse. Ele apreciava-lhe a inteligência, e confiava nela o suficiente para falar-lhe do que fazia. Embora não pudesse, evidentemente, contar-lhe tudo. Georgette tinha a sua própria vida profissional bem preenchida: escrevia sobre mulheres famosas da História, ensinava filosofia na universidade local, batia-se pelas suas causas sociais.

Cilke ficou a vê-la preparar o jantar. A beleza dela sempre o encantara. Viu Vanessa pôr a mesa, imitando a mãe, tentando inclusivamente andar com a mesma graça de bailarina. Georgette nunca quisera qualquer espécie de empregada doméstica, e educara a filha para ser auto-suficiente.

Com seis anos, já Vanessa fazia a sua própria cama, arrumava o seu próprio quarto e ajudava a mãe a cozinhar. Pela milionésima vez, Cilke perguntou a si mesmo por que seria que a mulher o amava, e agradeceu aos céus a bênção daquele amor.

Mais tarde, depois de terem deitado a filha (Cilke verificou a campanha que ela poderia tocar se precisasse deles), foram para o quarto. Como sempre, Cilke sentiu um estremecimento de fervor quase religioso quando a mulher se despiu. Então os grandes olhos cinzentos dela, tão inteligentes, enevoaram-se de amor. Muito depois, quando adormeceram, ela pegou-lhe na mão para guiá-los a ambos nos seus sonhos.

Cilke conhecera-a durante uma investigação sobre organizações universitárias radicais suspeitas de pequenos atos de terrorismo. Georgette era uma ativista política que ensinava História numa universidade de Nova Jersey. A investigação provara que era apenas uma liberal, sem qualquer relação com grupos radicais. E Cilke assim escrevera no seu relatório.

No entanto, quando a interrogara, ficara surpreendido pela sua total ausência de preconceito ou animosidade contra ele como agente do FBI. Na realidade, mostrara-se interessada no que fazia, no que pensava a respeito do seu trabalho; e ele, surpreendentemente, dissera-lhe a verdade: que era um dos guardiões de uma sociedade que não podia existir sem regras. Acrescentara, meio a brincar, que era o escudo que defendia as pessoas como ela daqueles que a devorariam para servir os seus próprios fins.

O namoro fôra curto. Casaram rapidamente, no fundo um pouco para impedir que o senso comum de qualquer deles interferisse com aquele amor, pois reconheciam que eram sob muitos aspectos o oposto um do outro. Ele não partilhava uma única das convicções dela; no que respeitava ao mundo em que vivia, ela era uma inocente. Ela não partilhava minimamente a reverência dele para com o Bureau. Mas ouvia-lhe os queixumes, a pena que lhe causava a difamação do santo do FBI, J. Edgar Hoover. “Descrevem-no como um homossexual encapotado e um reacionário preconceituoso, quando na realidade foi um homem dedicado que simplesmente nunca chegou a desenvolver uma consciência liberal.”

— Os escritores comparam o FBI à Gestapo e ao KGB — dissera-lhe ele certa vez —, mas nós nunca recorreremos à tortura, e nunca incriminamos falsamente fosse quem fosse... ao contrário do Departamento de Polícia de Nova Iorque, por exemplo. Nunca plantamos provas falsas. Se não fossemos nós, os miúdos das universidades perderiam todas as suas liberdades. A direita destruí-los-ia. Politicamente, são completamente imbecis.

Georgette sorria ante tanta paixão, e sentira-se tocada por ela.

— Não esperes que eu mude — dissera-lhe, sorrindo. — Se o que dizes é verdade, então não há conflito entre nós.

— Não quero que mudes — respondera Cilke. — E se o FBI afetar o nosso relacionamento, procurarei outro trabalho.

Nem precisara de dizer-lhe o sacrifício que isso teria representado para ele.

Quantas pessoas podem dizer que são perfeitamente felizes, que têm um ser humano em quem confiam sem reservas? Ele encontrava um conforto enorme no seu papel de guardião, da fidelidade que guardava ao corpo e ao espírito dela. E ela sentia a vigilância com que, cada segundo de cada dia, ele velava pela sua segurança e pela sua sobrevivência.

Cilke sentia-lhe dolorosamente a falta sempre que era obrigado a ausentar-se para cursos de treino. Nunca fôra tentado por outras mulheres porque nunca quisera conspirar contra ela. Ansiava pelo momento de voltar a casa, ao sorriso confiante de Georgette, ao seu corpo oferecido num gesto de boas-vindas, quando ela o esperava na cama, nua e vulnerável, perdoando-o pelo trabalho que fazia, uma bênção na sua vida.

Esta felicidade era, no entanto, ensombrada pelos segredos que ele tinha de guardar, pelas graves complicações do seu trabalho, pelo seu conhecimento de que o mundo estava infectado pelo pus de homens e

mulheres cheios de maldade, pelas nódoas de humanidade que alastravam ao seu próprio cérebro. Sem ela, não valeria pura e simplesmente a pena viver.

Certa vez, muito ao princípio, ainda trêmulo de medo da felicidade, fizera a única coisa de que verdadeiramente se envergonhava. Montara aparelhos de escuta em sua própria casa para registrar todas as palavras que a mulher dizia. À noite, no segredo da cave, ouvia as gravações. Perscrutara-lhe todas as inflexões, e ela passara o teste; nunca fora maliciosa, nem mesquinha, nem traiçoeira. Fizera isto durante mais de um ano.

O fato de ela o amar apesar das suas imperfeições, da sua astúcia predatória, da sua necessidade de perseguir e caçar outros seres humanos, parecia-lhe um milagre. Mas vivia no pavor constante de que ela descobrisse a sua verdadeira natureza, e o desprezasse. Por isso se tornara tão meticuloso no seu trabalho, adquirindo assim uma inatacável reputação de honestidade.

Georgette nunca duvidara dele por um instante que fosse. Provara-o certa noite, quando foram convidados para jantar em casa do diretor, juntamente com cerca de vinte outras pessoas, um evento semi oficial e um sinal de distinção.

A dada altura durante o serão, o diretor arranjava as coisas de maneira a ter um momento a sós com Cilke e a mulher. E dissera a Georgette:

— Sei que está envolvida numa série de causas liberais. Respeito o seu direito de o fazer, claro. Mas talvez não tenha compreendido exatamente até que ponto as suas atividades podem prejudicar a carreira do Kurt no Bureau.

Georgette sorria e respondera, num tom grave:

— Tenho perfeita consciência disso, e sei que o erro e o prejuízo seriam do Bureau. Claro que, se as minhas posições viessem a revelar-se

demasiado problemáticas, o meu marido demitir-se-ia.

O diretor voltara-se para Cilke, com uma expressão de surpresa no rosto.

— É verdade? - perguntara. - Demitia-se?

Sem um instante de hesitação, Cilke respondera.

— Sim, é verdade. Entrego os papéis amanhã de manhã, se o desejar.

— Oh, não! — exclamara o diretor, com uma gargalhada. — Não nos aparecem todos os dias homens do seu nível. — E então, lançando a Georgette um olhar friamente aristocrático, acrescentou —: A extrema devoção à esposa é talvez o último refúgio de um homem honesto.

Riram-se todos do pedantismo, para mostrarem a sua boa-fé.

## Capítulo 4

Durante os cinco meses que se seguiram à morte do Dom, Astorre andou atarefado a conferenciar com alguns dos antigos amigos do tio, a tomar medidas para proteger os primos de qualquer mal e a investigar as circunstâncias do crime. Acima de tudo, tinha de descobrir uma razão para um ato tão ousado e ultrajante. Quem teria dado a ordem para matar o grande Don Aprile? Sabia que ia ter de ser muito, muito cuidadoso.

Foi em Chicago que se encontrou pela primeira vez com Benito Craxxi.

Craxxi afastara-se de todas as operações ilegais dez anos antes do Don. Como ex-grande consigliere da Comissão Nacional da Máfia, tinha um conhecimento profundo da estrutura de todas as Famílias dos Estados Unidos. Fora o primeiro a detectar a degenerescência do seu poder e a prever o seu declínio. Por isso se retirara prudentemente e passara a jogar na Bolsa, descobrindo, com deliciada surpresa, que ali podia continuar a roubar grandes quantidades de dinheiro sem o mínimo risco de qualquer espécie de sanção legal. O seu nome fazia parte da lista que o Don dera a Astorre das pessoas que deveria consultar em caso de necessidade.

Aos setenta anos, Craxxi vivia com dois guarda-costas, um motorista e uma jovem italiana que lhe fazia as vezes de cozinheira, governanta e, dizia-se, parceira sexual. Gozava de uma saúde perfeita, pois sempre fizera uma vida regrada; comia com moderação e só bebia de longe em longe.

No café da manhã comia frutas e um pouco de queijo; ao almoço, uma omeleta e sopa de legumes, sobretudo feijões e chicória; ao jantar, uma simples costeleta ou lombo de cordeiro e uma grande salada de cebola, tomate e alface. Fumava apenas um charuto por dia, logo a seguir ao jantar, com o café e o anisette. Gastava o seu dinheiro magnânima e sensatamente. Era também muito cauteloso com as pessoas a quem dava conselhos.

Porque aquele que dá um mau conselho passa a ser odiado como um inimigo.

Para com Astorre, porém, foi generoso, pois Benito Craxxi era um dos muitos homens que devia a Don Raymonde Aprile grandes favores. Fôra o Don que o protegera quando resolvera retirar-se, uma atitude sempre perigosa na linha de negócios a que se dedicavam.

Craxxi marcou o encontro para o café. Havia taças de fruta — brilhantes pêras amarelas, maçãs-reinetas, morangos quase do tamanho de limões, uvas brancas e cerejas vermelhas muito escuras. Sobre uma tábua, uma grande fatia de queijo parecia uma lasca de rocha cor de ouro. A governanta serviu-lhes café e anisette e desapareceu.

— Com que então, meu rapaz — disse Craxxi —, és tu o guardião que Don Aprile escolheu.

— Sou — respondeu Astorre.

— Sei que ele te treinou para esta tarefa — continuou Craxxi — o meu velho amigo era um homem de visão. Conversamos muitas vezes a esse respeito. Sei que tens as qualificações para o trabalho. O que quero saber é, tens também a vontade?

Astorre sorriu. A sua expressão era inteiramente franca.

— O Don salvou-me a vida e deu-me tudo o que tenho — disse. — Sou o que ele me fez. E jurei que protegeria a família. Se a Nicole não passar a sócia da firma de advogados, se a rede de televisão do Marcantonio falir, se acontecer alguma coisa ao Valerius, continuarão a ter os bancos. Tive uma vida feliz. Lamento as circunstâncias que me obrigam a aceitar esta tarefa. Mas dei a minha palavra ao Dom e cumpri-la-ei. Se o não fizesse, em que poderia acreditar pelo resto da minha vida?

Momentos da infância passaram-lhe fugazmente pela memória, momentos de grande alegria, pelos quais estava grato. Cenas dele próprio

quando criança na Sicília, com o tio, passeando pelas montanhas, ouvindo as histórias que o Don contava. Sonhou então com uma época diferente, em que homens poderosos faziam justiça, sabiam valorizar a lealdade pelo seu justo preço e realizavam grandes feitos. E, nesse momento, teve uma saudade enorme do Don e da Sicília.

— Ótimo — disse Craxxi, interrompendo-lhe o devaneio e chamando-o de volta ao presente. — Estavas no local. Descreve-me tudo o que viste.

Astorre assim fez.

— E tens a certeza de que ambos os atiradores eram canhotos? — perguntou Craxxi.

— Um com toda a certeza, o outro provavelmente.

Craxxi assentiu devagar com a cabeça e pareceu perder-se nos seus pensamentos. Ao cabo do que pareceu um longo tempo, olhou diretamente para Astorre e disse:

— Julgo saber quem foram os atiradores. mas não nos precipitemos. É mais importante descobrir quem os contratou, e porquê. Vais ter de ser muito cuidadoso. Ora bem, pensei muito neste assunto. O suspeito mais provável é o Timmona Portella. Mas por que razão e para agradar a quem? É verdade que sempre foi um cretino imprudente, mas matar Don Aprile era forçosamente um empreendimento muito perigoso. Até o Timmona tinha medo dele, retirado ou não.

— Quanto aos assassinos, são dois irmãos que vivem em Los Angeles, e são os melhores especialistas dos Estados Unidos. Nunca falam. Poucas pessoas sabem sequer que são gêmeos. E são ambos canhotos. Têm coragem, e são lutadores natos. O perigo há de ter-lhes agradado, e o pagamento foi com certeza enorme. Além disso, hão de ter tido algumas garantias... de que as autoridades não investigariam o caso com muito empenho. Acho muito estranho não ter havido qualquer espécie de

vigilância oficial da polícia ou do FBI durante o crisma na catedral. Ao fim e ao cabo, Don Aprile continuava a ser um alvo do FBI, apesar de retirado.

— Ora bem, tens de compreender que tudo o que te disse é apenas teoria. Terás de investigar e confirmar. E então, se eu tiver certo, deverás atacar com todo o seu poder.

— Mais uma coisa — pediu Astorre. — Os filhos do Don estão em perigo?

Craxxi encolheu os ombros. Estava a descascar cuidadosamente uma pêra.

— Não sei — disse. — Mas não sejas demasiado orgulhoso para pedir-lhes ajuda. Tu mesmo, meu rapaz, estás sem a mínima dúvida em perigo. Manda vir o teu Sr. Pryor de Londres, para gerir os bancos. um homem extremamente competente em todos os aspectos.

— E o Bianco da Sicília? — perguntou Astorre.

— Deixa-o onde está. Quando tiveres adiantado mais alguma coisa, voltaremos a falar.

Craxxi deitou-lhe um pouco de anisette no café. Astorre suspirou.

— Parece-me tão estranho — disse. — Nunca sonhei que teria de agir em nome do Dom, o grande Don Aprile.

— Ah, pois — respondeu Craxxi. — A vida é dura e cruel para com os jovens.

Durante vinte anos, Valerius vivera no mundo dos serviços secretos matares, não num mundo de ficção, como o irmão. Deu a impressão de ter previsto tudo o que Astorre lhe disse e reagiu sem a mínima surpresa.

— Preciso da tua ajuda — anunciou Astorre. — É possível que tenhas de quebrar algumas das tuas estritas regras de conduta.

— Mostras finalmente a tua verdadeira cor — observou Valerius, secamente. — Perguntava a mim mesmo quanto tempo ia demorar.

— Não sei o que queres dizer com isso — afirmou Astorre, um tudo nada desconcertado. — Estou convencido de que a morte do teu pai foi uma conspiração que envolveu a polícia e o FBI. Podes pensar que estou a fantasiar, mas foi o que me disseram.

— Não é impossível — admitiu Valerius. — Mas no trabalho que faço aqui não tenho acesso a documentos secretos.

— Mas hás de ter amigos — insistiu Astorre. — Nos serviços de informações. Podes fazer-lhes certas perguntas.

— Não preciso de fazer perguntas — declarou Valerius, sorrindo. — Esses tipos palram como gralhas. Essa história de “necessidade de saber” é uma treta. Tens alguma idéia daquilo que queres?

— Qualquer informação a respeito dos assassinos do teu pai

Valerius recostou-se no cadeirão e inalou o fumo do charuto, o seu único vício.

— Não me venhas com histórias, Astorre. Deixa-me dizer-te uma coisa. Fiz uma análise dos fatos. Pode ter sido um ato de retaliação ou de vingança entre gangster. E pensei um bocado nisso de teres sido tu a ficar com o controle dos bancos. O velho sempre teve um plano. Em minha opinião, foi o seguinte. O Don fez de ti o ponta de lança da família. O que se segue daí? Que foste treinado, que eras uma toupeira, um agente adormecido destinado a só ser ativado num dado momento crucial. Há um buraco de onze anos na tua vida, e a tua cobertura é demasiado boa para ser verdadeira... Cantor amador e cavaleiro desportivo? E essa gargantilha de ouro que nunca tiras é

muito suspeita. — Fez uma pausa, inspirou fundo e perguntou Que tal a minha análise?

— Bastante boa - admitiu Astorre. - Espero que a guardes para ti.

— Claro — disse Valerius. — Mas nesse caso segue-se que és um homem perigoso. E portanto que, chegada a altura tomarás uma medida extrema. Um conselho: a tua cobertura é fraca, não tarda a estalar. Quanto à minha ajuda, tenho uma boa vida e oponho-me a tudo o que penso que tu és. Por isso a minha resposta, de momento, é não. Não vou ajudar-te. Se alguma coisa mudar, entro em contato contigo.

Uma mulher conduziu Astorre até ao gabinete de Nicole, que o recebeu com um beijo e um abraço. Continuava a ser amiga dele; o romance de adolescência que tinham vivido não deixara cicatrizes amargas.

Nicole voltou-se para a guarda-costas.

— Importas-te de deixar-nos sozinhos, Helene? pediu. — Com ele estou segura.

Helene lançou a Astorre um longo olhar. A intenção era impressioná-lo, e conseguiu-o. Como Cilke, Astorre apercebeu-se da sua extrema confiança — o tipo de confiança do jogador que tem um ás na manga, ou de uma pessoa que traz consigo uma arma escondida. Tentou descobrir onde poderia estar. As calças justas e o casaco moldavam-lhe o físico impressionante — não havia ali qualquer arma. Notou então a racha na perna das calças. Usava um coldre de tornozelo, o que não era na verdade muito inteligente. Sorriu-lhe, recorrendo a todo o seu charme. Ela devolveu-lhe um olhar vazio de expressão.

— Quem foi que a recrutou? — perguntou Astorre.

— O meu pai — respondeu Nicole. — Tem funcionado às mil maravilhas. Nem imaginas como sabe lidar com assaltantes e conquistadores de pacotilha.

— Aposto que sim — admitiu Astorre. — Conseguiste que o FBI te entregasse o processo do velho?

— Sim. É a mais horrível lista de acusações que alguma vez li. Simplesmente inacreditável, e eles não conseguiram provar uma que fosse.

Astorre sabia que o Don havia de querer que ele negasse a verdade.

— Emprestas-me o dossiê por um par de dias? — pediu.

Nicole presenteou-o com o seu olhar inexpressivo de advogada.

— Não me parece que devas vê-lo já. Quero escrever uma análise, sublinhar as partes mais importantes, e depois empresto-o. Na realidade, não há lá nada que te possa ajudar. Talvez o melhor seja nem tu nem os meus irmãos o verem.

Astorre olhou pensativamente para ela, e então sorriu.

— É assim tão mau?

— Deixa-me estudá-lo — disse Nicole. — Esses tipos do FBI são uns merdosos.

— Como quiseres, por mim tudo bem. Mas não te esqueças de que isto é um caso perigoso. Tem cuidado contigo.

— Terei — prometeu Nicole. — E tenho a Helene — acrescentou.

— E eu estou aqui, se precisares de mim.

Pousou a mão no braço de Nicole, para tranquilizá-la, e por um momento ela olhou-o com um desejo tão evidente que ele se sentiu pouco à vontade.

Nicole sorriu.

— Telefono. Mas eu estou OK., descansa.

Na realidade, estava a pensar no encontro que nessa noite ia ter com um diplomata incrivelmente charmoso e atraente.

No seu sofisticado gabinete praticamente forrado a ecrãs de televisão, Marcantonio Aprile conversava com o diretor de uma das mais poderosas agências de publicidade de Nova Iorque. Richard Harrison era um homem alto, de ar aristocrático, impecavelmente vestido, com a aparência de um ex-modelo mas a energia explosiva de um pára-quedista.

Tinha nas mãos uma pequena caixa com cassetes de vídeo. Seguro de si, sem se dar ao trabalho de pedir autorização, aproximou-se de um televisor e inseriu uma das cassetes.

— Vê-me bem isto — disse. — Não é um dos meus clientes, mas acho espantoso.

A fita mostrava o anúncio de uma rede de pizzarias americana, e a figura principal era Mikhail Gorbatchev, o ex-presidente da União Soviética. Gorbatchev vendia com sóbria dignidade, sem dizer uma palavra, limitando-se a dar pizza aos netos, enquanto a turba expressava a sua admiração.

Marcantonio sorriu.

— Uma vitória para o mundo livre — ironizou. — E depois?

— O antigo líder da União Soviética a fazer de palhaço num anúncio de televisão para uma pizzaria americana. Não é espantoso? E ouvi dizer que só lhe pagaram meio milhão.

— OK. — disse Marcantonio. — Mas porquê.

— Por que é que alguém faz uma coisa tão humilhante? — respondeu Harrison. — Porque precisa desesperadamente do dinheiro.

E subitamente, Marcantonio pensou no pai. O velho só sentiria desprezo por alguém que governara uma grande potência e não soubera sequer garantir a segurança financeira da sua própria família. Don Aprile considera-lo-ia o mais louco dos homens.

— Uma bela lição sobre História e sobre psicologia humana — declarou. — Mas mais uma vez, e depois?

Harrison bateu com a mão na caixa de vídeos.

— Tenho mais, e antevejo alguma resistência. Estes são um pouco mais melindrosos. Nós os dois fazemos negócio há já muito tempo. Quero ter a certeza de que irás passar estes anúncios na tua rede. As outras farão forçosamente o mesmo.

— Não consigo imaginar porquê — mentiu Marcantonio.

HarriSon inseriu uma nova fita no vídeo-gravador e explicou: —Adquirimos os direitos para usar celebridades defuntas nos nossos anúncios. É um desperdício enorme permitir que os mortos famosos deixem de ter uma função na nossa sociedade. Queremos mudar isso e devolver-lhes a sua antiga glória.

A fita começou a passar. Houve uma série de imagens mostrando a madre Teresa a cuidar dos pobres e doentes de Calcutá, a cobrir com o seu hábito de freira os rostos dos moribundos. Uma outra imagem dela a receber o Prêmio Nobel, com o brilho interior a iluminar-lhe as rudes feições, tocante na sua humildade. Depois, uma foto dela a distribuir sopa de um grande painel pelos pobres das ruas. Tudo isto a preto e branco.

Subitamente, a tela enche-se de cor. Um homem elegantemente vestido aproxima-se de uma panela com uma malga na mão e diz a uma bela jovem: “Posso comer uma sopa? Ouvi dizer que é maravilhosa.” A bela jovem

dirige-lhe um sorriso radiante e despeja uma concha de sopa na malga. Ele bebe-a, com um ar extasiado.

O plano seguinte é de um supermercado. Em grande plano, uma prateleira cheia de latas de sopa com o rótulo Calcutá. Uma voz off proclama: “Sopa Calcutá dá vida aos pobres e aos ricos. Vinte variedades ao alcance de todas as bolsas. Receitas originais da Madre Teresa.”

— Acho que está feito com muito bom gosto — disse Harrison.

Marcantonio limitou-se a arquear as sobrancelhas.

Harrison introduziu nova fita. Uma imagem deslumbrante da princesa Diana no seu vestido de noiva encheu a tela, seguida por fotografias dela em Buckingham Palace, e depois a dançar com o príncipe Carlos, rodeados pelo seu séquito real, tudo passado num ritmo frenético.

A voz off declara: “Todas as princesas merecem o seu príncipe. Mas esta tinha um segredo.” Uma jovem modelo mostra um elegante frasco de cristal, com o rótulo claramente visível. A voz off prossegue: “Com um toque de Princess também você pode conquistar o seu príncipe. E nunca terá de preocupar-se com o odor vaginal.”

Marcantonio premiu um botão da consola que tinha em cima da secretária e a tela ficou negra.

— Espera, ainda há mais - pediu Harrison.

Marcantonio abanou a cabeça.

— Richard, és espantosamente inventivo... e espantosamente insensível. Esses anúncios nunca passarão na minha rede.

— Mas uma parte dos lucros vai para obras de caridade... E são todos de bom gosto — protestou Harrison. — Tinha esperança que desses o exemplo. Ao fim e ao cabo, somos bons amigos.

— Claro que somos — concordou Marcantonio. — Mas a resposta continua a ser não.

Harrison abanou a cabeça e, lentamente, voltou a guardar os vídeos na caixa.

— A propósito — perguntou Marcantonio, sorrindo —, como é que resultou o spot do Gorbachev.

Harrison encolheu os ombros.

— Uma miséria. O desgraçado nem para vender pizzas serve.

Marcantonio despachou outros assuntos e preparou-se para os seus deveres noturnos. Nessa noite, estaria presente na distribuição dos Emmys. A rede tinha três mesas reservadas para os diretores e principais estrelas, e várias nomeações. A sua companheira seria Matilda Johnson, uma jornalista muito conhecida.

Contíguo ao gabinete havia um quarto e cama com casa de banho e um armário cheio de roupa. Dormia ali muitas vezes, quando precisava de trabalhar até tarde.

Durante a cerimônia, foi referido por alguns vencedores como tendo sido importante para os respectivos êxitos. Era sempre agradável. Mas enquanto batia palmas e distribuía beijos, pensou em todas as festas de entrega de prêmios e jantares a que tivera de assistir durante aquele ano: os Oscars, os People's Choice Awards, os tributos e homenagens a artistas, produtores e realizadores em fim de carreira. Sentia-se como um professor a distribuir prêmios por trabalhos de casa a miúdos da escola primária que iam depois a correr mostrá-los às mães. E então sentiu uma fugaz ponta de vergonha pelo seu cinismo: todas aquelas pessoas mereciam as honras que lhes eram prestadas, precisavam da aprovação dos seus pares tanto como do dinheiro.

Terminada a cerimônia, divertiu-se a ver os atores principiantes tentarem impressionar pessoas importantes como ele próprio, que tinham poder, e a editora de uma grande revista a ser cortejada por um enxame de escritores free-lance. Notou a indiferença no rosto dela, a sua fria e cautelosa cordialidade, como uma Penélope à espera de um pretendente mais adequado.

Depois havia os pivots, os pesos-pesados, homens e mulheres inteligentes, carismáticos e talentosos que enfrentavam o delicado dilema de seduzir as estrelas que queriam entrevistar e ao mesmo tempo desencorajar aquelas que não eram ainda suficientemente importantes.

Os grandes nomes da pequena tela irradiavam esperança e desejo. Eram já suficientemente famosos para darem o salto da TV para o cinema e nunca mais voltarem — ou pelo menos assim pensavam.

Finalmente, Marcantonio ficou exausto; o estar continuamente a sorrir com entusiasmo, o tom reconfortante que era preciso usar para com os que tinham perdido, a nota de exuberância para com os vencedores, tudo isso lhe esgotara as forças. Matilda murmurou-lhe ao ouvido:

— Vais até minha casa, um pouco mais tarde?

— Estou cansado — disse Marcantonio. — Foi um dia duro, uma noite dura.

— Não faz mal — respondeu ela, compreensiva. Ambos tinham horários muito apertados. — Vou estar por cá a semana toda.

Eram bons amigos porque não tinham de servir-se um do outro. Matilda era uma mulher cheia de segurança. Não precisava de patronos nem de mentores. E Marcantonio nunca participava nas negociações com os novos talentos. Esse trabalho competia ao diretor de Relações Comerciais. O tipo de vida que ambos faziam nunca poderia resultar em casamento. Matilda viajava constantemente. Ele trabalhava quinze horas por dia. Mas eram amigos que por vezes passavam a noite juntos. Faziam amor, trocavam

mexericos profissionais e apareciam juntos em alguns eventos sociais. Estava perfeitamente claro para ambos que aquilo que tinham era uma relação secundária. Das poucas vezes que Matilda se apaixonara por outros homens, tinham interrompido os seus encontros. Marcantonio nunca se apaixonava, de modo que isso não constituía problema para ele.

Naquela noite, sentia-se moderadamente farto do mundo em que vivia. Ficou quase encantado ao encontrar Astorre à espera no vestíbulo do prédio de apartamentos onde residia.

— Eh, ainda bem que apareceste! — exclamou. — Onde é que tens andado?

— Ocupado — respondeu Astorre. — Posso subir para uma bebida?

— Claro. Mas porquê esse ar de capa e espada? Por que não telefonaste? Podias ter ficado aqui horas à espera. Eu era para ter ido a uma festa.

— Não há problema. — Astorre sorriu. Tivera o primo sob vigilância durante toda a noite. No apartamento, Marcantonio preparou bebidas para ambos. Astorre parecia um pouco embaraçado.

— Podes lançar projetos na tua rede, não é verdade? — perguntou. É o que estou constantemente a fazer.

— Tenho um para ti — continuou Astorre. — Tem a ver com a morte do teu pai.

— Não — disse Marcantonio. Era o seu famoso não, conhecido em toda a indústria televisiva, que eliminava a possibilidade de quaisquer novas discussões. Astorre, porém, não pareceu intimidado.

— Não me digas “não” nesse tom — replicou Astorre — Não estou a vender-te coisa nenhuma. Isto diz respeito à segurança do teu irmão e da tua irmã. E à tua. E à minha — acrescentou, com um grande sorriso.

— Conta-me — aquiesceu Marcantonio. Estava a ver o primo a uma luz nova e surpreendente. Seria possível que aquele descuidado tivesse qualquer coisa lá dentro, ao fim e ao cabo?

— Quero que faças um documentário sobre o FBI. Mais concretamente, sobre o modo como o Kurt Cilke destruiu a maior parte das Famílias da Máfia. Seria garantido em termos de audiência, certo?

Marcantonio assentiu.

— Com que objetivo? — perguntou.

— Não posso arranjar dados sobre o Cilke — explicou Astorre. — Seria demasiado perigoso tentar. Mas se estiveres a fazer um comentário, nenhuma agência do governo se atreverá a levantar problemas. Podes descobrir onde vive, qual é a sua história, como funciona e que posição ocupa na estrutura de poder do FBI. Preciso de todas essas informações.

— Nem o FBI nem o Cilke cooperariam — disse Marcantonio. — O que tornaria difícil fazer a história. — Fez uma pausa. — Não é como nos velhos tempos, quando o Hoover era diretor. Estes novos tipos não gostam de abrir o jogo.

— Podes fazê-lo — insistiu Astorre — Preciso que o faças. Tens um exército de produtores e de jornalistas de investigação. Preciso de saber tudo a respeito dele. Tudo. Porque penso que talvez faça parte de uma conspiração contra o teu pai e a nossa família.

— É uma teoria um bocado louca — observou Marcantonio.

— Pois é — admitiu Astorre. — Até talvez nem seja verdade. Mas eu sei que não foi um simples ajuste de contas. E que esse Cilke conduz as suas investigações de uma maneira curiosa. Quase como se estivesse a disfarçar as pistas, em vez de segui-las.

— Digamos que te ajudo a obter essa informação. O que podes tu fazer com ela?

Astorre abriu as mãos e sorriu.

— O que posso eu fazer com ela, Marc? Só quero saber. Talvez consiga chegar a um acordo que ponha a família ao abrigo de ataques. E basta-me ver a documentação. Não farei quaisquer cópias, não ficarás comprometido seja de que maneira for.

Marcantonio ficou a olhar para ele. O seu espírito estava a tentar ajustar-se ao rosto simpático e agradável do primo. Disse, pensativamente.

— Astorre, sinto curiosidade a teu respeito. O velho confiou-te o controle. Porquê? És um importador de macaroni. Sempre te vi como um excêntrico encantador que monta a cavalo de casaco encarnado e tem um pequeno grupo de música pop. Mas o velho nunca teria confiado no homem que tu pareces ser.

— Deixei de cantar — respondeu Astorre, sorrindo. — Também já pouco monto a cavalo. O Don sempre teve bom olho. Confiava em mim. E tu devias fazer o mesmo. — Interrompeu-se por um curto instante e acrescentou, com absoluta sinceridade —: Escolheu-me para que os filhos não tivessem de meter-se em sarilhos. Escolheu-me e ensinou-me. Amava-me, mas eu era dispensável. Tão simples como isso.

— Tens capacidade para ripostar? — perguntou Marcantonio.

— Oh, sim! — respondeu Astorre, reclinando-se para trás e sorrindo ao primo. Foi um sorriso deliberadamente sinistro, como o que um ator de TV poderia fazer para mostrar que era mau, mas feito com uma graça tão trocista que Marcantonio foi obrigado a rir.

— É tudo o que tenho de fazer? — perguntou. — Não me envolverei em mais nada?

— Não estás qualificado para te envolveres em mais nada — respondeu Astorre.

— Posso pensar na coisa durante um par de dias?

— Não. Se recusares, serei eu sozinho contra eles.

Marcantonio assentiu com a cabeça, indicando que compreendia.

— Gosto de ti, Astorre, mas não posso fazê-lo. É demasiado arriscado.

A reunião com Kurt Cilke no gabinete de Nicole acabou por ser uma surpresa para Astorre. Cilke levou Bill Boxtton consigo e insistiu em que Nicole estivesse presente. Foi, além disso, muito direto.

— Disseram-me que o Timmona. Portella está a tentar estabelecer um fundo de mil milhões de dólares nos vossos bancos. É verdade?

— Essa informação é confidencial — replicou Nicole. — Por que haveríamos de revelá-la?

— Sei que lhes fez a mesma oferta que tinha feito ao seu pai. E que o seu pai recusou.

— E o que é que isso interessa ao FBI? — perguntou Nicole, no seu mais puro tom “vá-se lixar”.

Cilke recusou deixar-se irritar.

— Pensamos que anda a lavar dinheiro da droga — respondeu, dirigindo-se a Astorre. — Queremos que coopere com ele, a fim de podermos vigiar a operação. Queremos que coloque alguns dos nossos contabilistas federais nos seus bancos. — Abriu a pasta que levava consigo. — Tenho aqui uns papéis para o senhor assinar, para proteção de ambos.

Nicole arrancou-lhe os papéis da mão e leu rapidamente as duas páginas.

— Não assinés — disse, voltando-se para Astorre. — Os clientes do banco têm direito à sua privacidade. Se querem investigar o Portella, eles que arranjem um mandato.

Astorre pegou nos papéis e leu-os. Sorriu a Cilke.

— Confio em si — disse. Assinou os papéis e devolveu-lhos.

— Qual é a contrapartida? — quis saber Nicole. — O que é que ganhamos se cooperarmos?

— Ganham terem cumprido o vosso dever de cidadãos — respondeu Cilke. — Uma carta de recomendação do presidente e o fim de uma auditoria aos vossos bancos que poderia causar um monte de sarilhos se não estiverem absolutamente limpos.

— Que tal alguma informação sobre o assassinio do meu tio? — pediu Astorre.

— Com certeza — respondeu Cilke. — Pergunte.

— Por que razão não havia qualquer espécie de vigilância policial durante a cerimônia na catedral?

— Era uma decisão que competia ao chefe do Departamento de Investigação, Paul Di Benedetto — explicou Cilke. — E também à sua adjunta. Uma mulher chamada Aspinella Washington.

— E por que razão não estavam presentes quaisquer observadores do FBI?

— Receio que essa decisão tenha sido minha — disse Cilke. —, Não senti que houvesse necessidade.

Astorre abanou a cabeça.

— Não me parece que possa alinhar com a vossa proposta. Preciso de umas semanas para pensar.

— Já assinou os papéis — fez notar Cilke. — A partir de agora, a informação é classificada. Poderá ser acusado de crime federal se revelar a alguém a nossa conversa.

— Por que havia de revelar? — espantou-se Astorre — Só não quero fazer negócios bancários com o FBI e com o Timmona Portella.

— Pense nisso — aconselhou Cilke.

Quando os dois homens do FBI saíram, Nicole voltou-se furiosa para o primo.

— Como te atreveste a vetar a minha decisão e assinar aqueles papéis? Foi pura estupidez!

Astorre lançou-lhe um olhar gelado. Foi a primeira vez que ela viu um vestígio de ira nos olhos do primo.

— Ele sente-se seguro com aquele pedaço de papel que eu assinei respondeu Astorre. — E é exatamente assim que eu quero que se sinta.

# Capítulo 5

Marriano Rubio era um homem que distribuía os seus ovos, todos eles do mais puro ouro, por uma dúzia de cestos. Desempenhava o cargo de cônsul-geral do Peru, embora passasse a maior parte do seu tempo em Nova Iorque. Além disso, representava grandes interesses comerciais de vários países da América do Sul, e também da China comunista. E era também amigo pessoal de Inzio Tulippa, o chefe do maior cartel de droga colombiano.

Rubio era tão feliz na sua vida pessoal como nos negócios. Com quarenta e cinco anos, solteiro, gozava a fama, e o proveito, de ser um mulherengo do tipo respeitável. Nunca tinha mais de uma amante de cada vez, e a todas mantinha num adequado e generoso conforto quando as substituía por uma beldade mais jovem. Era um homem atraente, um conversador interessante, um excelente dançarino. Tinha uma cave de vinhos verdadeiramente magnífica e um autêntico chef de três estrelas.

No entanto, como tantos homens a quem a sorte sorri, Rubio gostava de desafiá-la. Excitava-o participar em jogos perigosos com gente perigosa. Precisava do risco para temperar o prato exótico que era a sua vida. Estava envolvido na transferência ilegal de tecnologia para a China; estabelecera uma linha de comunicação com os mais altos níveis dos barões da droga; aliciava dentistas americanos para emigrarem para a América do Sul. Tinha até negócios com Timmona Portella, um homem tão excêntricamente perigoso como Inzio Tullipa.

0Como todos os jogadores de alto vôo, Rubio orgulhava-se de ter sempre um ás na manga. Estava a salvo de qualquer ameaça legal graças à sua imunidade diplomática, mas sabia que havia outros perigos, e nessas áreas mostrava-se cauteloso.

Ganhava rios de dinheiro, e gastava como um príncipe. Dava-lhe uma sensação tão grande de poder ter a possibilidade de comprar tudo o que quisesse, incluindo o amor das mulheres!

Gostava de manter numa vida de luxo antigas amantes, que continuavam a ser boas amigas. Era um patrão generoso e valorizava inteligentemente a fidelidade das pessoas que dependiam dele.

Naquela noite, no apartamento que ocupava em Nova Iorque, e que fazia felizmente parte das instalações do consulado peruano, Rubio preparava-se para o seu jantar com Nicole Aprile. O encontro seria, como habitualmente com ele, em parte de negócios, em parte de prazer. Conhecera Nicole em Washington, durante um jantar oferecido por uma das grandes empresas que eram suas clientes. Ao primeiro olhar, sentira-se intrigado pela sua beleza um pouco irregular, pelo seu rosto duro e determinado, os seus olhos inteligentes, a sua boca cheia, o seu corpo pequeno e voluptuoso, mas também pelo fato de ser filha do grande chefe da Máfia Don Raymonde Aprile.

Rubio encantara-a, mas não ao ponto de arrebatá-la, e orgulhava-se dela por isso. Admirava a inteligência romântica numa mulher. Teria de conquistar-lhe o respeito com ações, não com palavras. Começara imediatamente a tratar disso, convidando-a a representar um dos seus clientes num caso particularmente “chorudo”. Sabia que ela fazia um grande volume de trabalho pro bono para abolir a pena de morte e que defendera inclusivamente alguns criminosos notórios, conseguindo adiar as execuções. Para ele, era a mulher moderna ideal — bonita, com uma carreira profissional notável, e ainda por cima cheia de compreensão. Excetuando a possibilidade de qualquer disfunção sexual, daria uma companheira extremamente agradável por um ou dois anos.

Tudo isto fôra antes da morte de Don Raymonde Aprile.

Agora, o principal objetivo do seu interesse era saber se Nicole e os irmãos poriam os seus bancos à disposição de Portella e Tulippa. Caso contrário, não faria qualquer sentido matar Astorre Viola.

Inzio Tulippa estava farto de esperar. Mais de nove meses depois da morte de Raymonde Aprile, continuava a não haver acordo com os herdeiros dos bancos. Fôra gasta uma quantidade enorme de dinheiro. Entregara milhões de dólares a Timmona Portella para subornar o FBI e a polícia de Nova Iorque, e para garantir os serviços dos irmãos Sturzo, e mesmo assim o assunto não avançava.

Tulippa não era a personificação habitual do grande traficante de droga. Vinha de uma família famosa e rica e chegara inclusivamente a jogar pólo pela equipe da Argentina, seu país natal. De momento, vivia na Costa Rica e tinha um passaporte diplomático colombiano que lhe garantia imunidade legal em qualquer país estrangeiro. Ocupava-se das relações com os cartéis da droga na Colômbia, com os produtores na Turquia, com as refinarias em Itália. Tratava dos aspectos logísticos, como os transporte e os indispensáveis subornos de funcionários a todos os níveis. Organizava os envios de enormes carregamentos para os Estados Unidos. Era também o homem que atraía cientistas nucleares americanos para a América do Sul e fornecia o dinheiro necessário às suas pesquisas. Em todas estas atividades, revelava-se um executivo cuidadoso, competente. E com todas elas amassara uma colossal fortuna.

Era, porém, um revolucionário. Defendia tenazmente a venda de drogas. As drogas eram a salvação do espírito humano, o refúgio daqueles que a pobreza e a doença mental levavam ao desespero. Eram o socorro dos sedentos de amor, das almas perdidas neste mundo espiritualmente tão árido como um deserto. Ao fim e ao cabo, se uma pessoa deixava de acreditar em Deus, na sociedade, no seu próprio valor, que lhe restava fazer? Matar-se? As drogas mantinham as pessoas vivas num mundo de sonhos e de esperança. Só era preciso um pouco de moderação. Ao fim e ao cabo, poder-se-ia dizer que as drogas matavam tanta gente como o álcool e os cigarros, a pobreza e o desespero? Não! No terreno da superioridade moral, Tulippa sentia-se seguro.

Inzio Tulippa tinha uma alcunha em todo o mundo. Era conhecido como o Vacinador. Industriais e investidores estrangeiros com gigantescos

interesses na América do Sul — quer se tratasse de poços de petróleo, fábricas de automóveis ou plantações — tinham necessariamente de enviar para lá executivos de topo. Muitos deles eram americanos. O grande problema para esses grupos econômicos era o rapto dos seus representantes em solo estrangeiro, pelos quais chegavam a pagar resgates de milhões de dólares.

Inzio Tulippa dirigia uma firma que segurava os ditos executivos contra o risco de rapto, e todos os anos visitava os Estados Unidos para negociar contratos com os referidos grupos econômicos. Fazia-o não só pelo dinheiro, mas também porque precisava de alguns dos recursos industriais e científicos que possuíam. Em suma, realizava um serviço de vacinação. O que era importante para ele.

Tinha, no entanto, uma excentricidade bem mais perigosa. Via a perseguição internacional movida à indústria ilegal de drogas como uma Guerra Santa contra ele próprio, e estava decidido a defender o seu império. Por isso alimentava ambições ridículas. Queria ter capacidade nuclear como meio de pressão caso alguma vez o desastre se abatesse sobre a sua cabeça. Não que pensasse usá-la a não ser como último recurso, mas constituiria sem dúvida um poderoso trunfo negocial. Um desejo que teria parecido risível a toda a gente exceto ao agente especial encarregado da seção do FBI em Nova Iorque, Kurt Cilke.

A certa altura da sua carreira, Kurt Cilke fôra mandado para uma escola anti-terrorista do FBI. O fato de ter sido escolhido para aquele curso de seis meses constituía uma prova do alto apreço em que o diretor o tinha. Durante esse tempo, tivera acesso (total ou não, não sabia) aos mais secretos memorandos e avaliações de cenários sobre o possível uso de armas nucleares por terroristas baseados em pequenos países. Os dossiês listavam os países “nucleares”. Do conhecimento público, havia a Rússia, a França e a Inglaterra, talvez a Índia e o Paquistão. Assumia-se que Israel possuía armamento nuclear. Kurt lera, fascinado, a descrição de cenários que pormenorizavam como os israelitas usariam essas armas se o bloco árabe estivesse à beira de esmagá-los.

Para os Estados Unidos, o problema tinha duas soluções possíveis. A primeira era, se Israel corresse de fato esse perigo, alinhar a seu lado antes que se visse na necessidade de chegar a tal extremo. A segunda, se no momento crucial Israel não pudesse ser salvo, aniquilar a sua capacidade nuclear.

A França e a Inglaterra não eram vistas como problemas; nunca arriscariam uma guerra nuclear. A Índia não tinha ambições, e o Paquistão podia ser instantaneamente eliminado. A China não se atreveria: não dispunha, nem disporia a curto prazo, da capacidade industrial necessária.

O perigo mais imediato vinha de pequenos países como o Iraque, o Irã e a Líbia, que tinham líderes instáveis. Pelo menos, era o que os cenários afirmavam. Nestes casos, a solução encarada era quase unânime. Esses países seriam totalmente aniquilados por um ataque nuclear.

O maior perigo a curto prazo era, porém, a possibilidade de uma organização terrorista financiada e apoiada por uma potência estrangeira introduzir uma arma nuclear nos Estados Unidos e fazê-la deflagrar numa grande cidade. Provavelmente Washington D. C., ou Nova Iorque. Uma situação impossível de evitar. A solução proposta era a criação de grupos-tarefa especializados em contra-espionagem e, como passo seguinte, medidas punitivas absolutamente radicais contra esses terroristas e quem os apoiasse. O que exigiria leis especiais que cortassem os direitos dos cidadãos americanos. Os cenários admitiam a impossibilidade de fazer aprovar essas leis até que alguém conseguisse finalmente mandar pelos ares uma boa parte de uma metrópole americana. Nessa altura, as leis passariam sem a menor dificuldade. Mas até então, como um dos cenários comentava lugubrememente, “era uma loteria”.

Poucos cenários previam o uso criminoso de engenhos nucleares. A possibilidade era quase totalmente afastada com base na assunção de que a capacidade técnica, a angariação de materiais e a quantidade de pessoas envolvidas dariam inevitavelmente origem ao aparecimento de informadores. Uma solução proposta era o Supremo Tribunal autorizar a aplicação da pena capital sem julgamento a qualquer grupo criminoso que

engendrassse semelhante plano. Mas era uma fantasia, pensou Cilke. Mera especulação. O país teria de esperar até que alguma coisa acontecesse.

Agora, passados anos, Cilke apercebeu-se de que estava a acontecer. Inzio Tulippa queria ter a sua bombazinha nuclear. Estava a levar cientistas americanos para a América do Sul, a construir-lhes laboratórios, a dar-lhes dinheiro para as suas pesquisas. E era Tulippa quem queria ganhar acesso aos bancos de Don Aprile a fim de estabelecer um tesouro de guerra de mil milhões de dólares destinados à compra de equipamento e material. Fôra a conclusão a que chegara graças à sua própria investigação. Que devia fazer agora?

Ia em breve discutir o assunto com o diretor quando da sua próxima visita ao quartel-general do FBI em Washington. Mas duvidava que pudessem resolver o problema. E um homem como Inzio Tulippa nunca desistiria.

Inzio Tulippa chegou aos Estados Unidos para um encontro com Timmona Portella e para tentar fazer avançar a compra dos bancos de Don Aprile. No mesmo dia, o chefe da cosca Corleonesi da Sicília, Michael Graziella, aterrou em Nova Iorque para organizar com Tulippa e Portella a distribuição de drogas ilegais por todo o mundo. As chegadas de ambos foram muito diferentes.

Tulippa fez-se transportar no seu jato particular, no qual viajaram igualmente cinquenta acompanhantes e guarda-costas. Todos usavam uma espécie de uniforme: ternos brancos, camisas azuis, gravatas cor-de-rosa e Panamás amarelos na cabeça. Passariam perfeitamente por uma banda de rumba sul-americana. Todos eram portadores de passaportes porto-riquenhos; o de Tulippa, evidentemente, conferia-lhe imunidade diplomática.

Instalaram-se num pequeno hotel particular de que era proprietário em nome do governo do seu país, o cônsul do Peru. E Tulippa não estava interessado em passar despercebido como qualquer obscuro traficante de droga — Era, ao fim e ao cabo, o Vacinador, e os representantes das

maiores empresas americanas rivalizavam em esforços para tornar a sua estada o mais agradável possível.

Assistiu às estreias da Broadway, a um espectáculo de bailado no Lincoln Center, esteve na Metropolitan Opera e em vários concertos dados por famosos artistas sul-americanos. Apareceu inclusivamente em entrevistas na televisão, na sua qualidade de presidente da Confederação Sul-Americana de Trabalhadores Agrícolas, e aproveitou a ocasião para defender o uso de drogas ilegais. Uma dessas entrevistas — com Charlie Rose, da PBS — ficou famosa.

Tulippa afirmou que a luta dos Estados Unidos contra o uso de cocaína, heroína e marijuana em todo o mundo era uma vergonhosa forma de Colonialismo. Os agricultores da América do Sul dependiam das plantações de droga para se manterem vivos. Quem poderia censurar um homem que até nos seus sonhos era pobre por comprar algumas horas de alívio consumindo drogas? Era um julgamento desumano. E então o tabaco? E o álcool? Os seus efeitos eram infinitamente mais perniciosos.

Neste ponto, cinquenta espectadores presentes no estúdio, com os panamás amarelos pousados nos joelhos, irromperam em aplausos. Quando Charle Rose fez um comentário sobre os malefícios das drogas, Tulippa foi particularmente sincero. A sua organização estava a gastar milhões de dólares em investigação científica destinada a modificar as drogas de modo que deixassem de ser nocivas; em suma, passariam a ser vendidas nas farmácias. Os programas seriam geridos por médicos de renome, e não pelos paus-mandados da American Medical Association, que eram todos irracionalmente anti-narcóticos e viviam no pavor da DU. Não, os narcóticos podiam ser a próxima grande bênção da humanidade.

Os cinquenta panamás amarelos voaram pelos ares.

Michael Grazziella, chefe da cosca Corleonesi, entrou no país sem dar nas vistas, acompanhado apenas por dois guarda-costas. Era um homem pequeno e magro, com a cicatriz de uma navalhada a atravessar-lhe a boca. Caminhava apoiado numa bengala, reminiscência de uma bala que lhe

esfacelara o joelho quando ainda não passava de um picciotto de Palermo. Tinha fama de ser diabolicamente astuto, e dizia-se que fora ele quem planeara o assassinio dos dois mais importantes magistrados anti-Máfia da Sicília.

Instalou-se como convidado em casa de Timmona Portella. Não estava preocupado com a sua própria segurança, uma vez que todo o negócio de Portella, na área das drogas, dependia inteiramente dele.

O objetivo do encontro era delinear uma estratégia que lhes permitisse tomar posse dos bancos Aprile, uma medida de importância crucial para a lavagem dos bilhões de dólares gerados pelo tráfico da droga e também para estabelecer uma base de poder no mundo financeiro de Nova Iorque. Para Inzio Tulippa, seria igualmente uma fonte imprescindível de financiamento para o seu arsenal nuclear. Além disso, tornaria mais fácil e seguro o seu papel de Vacinador.

Reuniram-se no consulado peruano, que, além de perfeitamente protegido contra possíveis escutas, garantia a segurança adicional da imunidade diplomática. O cônsul-geral, Marriano Rubio, foi um anfitrião generoso. Uma vez que recebia uma percentagem das receitas de todos eles e encabeçava os seus interesses legítimos nos Estados Unidos, mostrou-se cheio de boa vontade

Sentados à volta da pequena mesa oval, compunham uma cena interessante.

Grazziella parecia um cangalheiro, com o seu terno preto brilhante, camisa branca e gravata preta — Estava ainda de luto pela mãe, falecida seis meses antes. Falava numa voz baixa, dolorida, com um sotaque muito forte, mas todos o entendiam perfeitamente. Quem o visse diria que era impossível um homem tão tímido e bem-educado ter sido responsável pela morte de mais de cem agentes da polícia sicilianos.

Timmona Portella, o único dos quatro cuja língua materna era o inglês, falava aos berros, como se todos os outros fossem surdos. Até a sua

indumentária era gritante: um terno cinzento com uma camisa amarela e uma extravagante gravata de seda azul. O casaco, perfeitamente cortado, ter-lhe-ia disfarçado a barriga enorme se não estivesse desabotoado, deixando ver uns suspensórios azuis.

Inzio Tulippa era o sul-americano típico, com uma ampla camisa de seda branca, que usava por fora das calças, e um lenço vermelho ao pescoço. Segurava respeitosamente o panamá amarelo com uma mão. Falava O “s” com ligeiro sotaque e a sua voz parecia o gorjeio de um rouxinol. Mas naquele dia tinha uma expressão carregada na dura face de índio; era um homem desagradado com o mundo.

Marriano Rubio era, dos presentes, o único que parecia satisfeito consigo mesmo. A sua afabilidade encantou-os a todos. Tinha uma voz educada, muito british, e vestia ao estilo chamado “en pantoufle”: pijama de seda verde e um roupão da mesma cor, mas num tom mais escuro. Calçava chinelos de quarto castanhos debruados a pele branca. Ao fim e ao cabo, estava em casa e podia dar-se ao luxo de aparecer à-vontade.

Tulippa abriu a discussão, dirigindo-se diretamente a Portella com gélida delicadeza: — Timmona, meu amigo. Paguei muitíssimo dinheiro para afastar o Don do nosso caminho, e continuamos a não ter os bancos. Isto depois de esperarmos quase um ano.

— Meu caro Inzio — interveio o cônsul-geral, no seu tom calmante e apaziguador. — Tentei comprar os bancos. O nosso amigo Portella tentou comprar os bancos. Mas deparou-se-nos um obstáculo que não tínhamos previsto. O tal Astorre Viola, o sobrinho do Don. É ele que detém o controle, e recusa-se a vender.

— E então? — perguntou Inzio. — Por que é que ainda está vivo?

Portella lançou uma retumbante gargalhada.

— Porque não é assim tão fácil matá-lo. Pus quatro homens a vigiar-lhe a casa, e desapareceram todos. Agora não sei onde diabo se meteu, e tem

um enxame de guarda-costas a rodeá-lo sempre que se desloca.

— Ninguém é assim tão difícil de matar — replicou Tulippa, e a sua voz melodiosa pronunciou as palavras como se fossem os versos de uma canção popular.

Grazziella falou pela primeira vez.

— Conhecemos esse Astorre na Sicília, há uns anos. É um homem com muita sorte, mas também altamente qualificado. Tentamos matá-lo, e pensávamos ter sido bem sucedidos. Se tentarmos outra vez, temos de ter a certeza de não falhar. É um indivíduo extremamente perigoso.

— Estás sempre a dizer que tens um homem do FBI a teu soldo — disse Tulippa, dirigindo-se a Portella. — Serve-te dele, pelo amor de Deus.

— Não é assim tão fácil — retorquiu Portella. — O FBI não é como o Departamento de Polícia de Nova Iorque. Nunca aceitariam encarregar-se de uma eliminação pura e simples.

— OK. — disse Tulippa. — Nesse caso apanhamos um dos filhos do Don e usamo-lo para negociar com o tal Astorre. Marriano, conheces a filha. — Piscou um olho. — Podes tratar tu disso.

Rubio não pareceu apreciar a proposta. Inalou com força o fumo da cigarrilha que acendera depois do café e respondeu secamente, sem sombra de delicadeza:

— Não. — Fez uma pausa. — Gosto da pequena. Recuso-me a fazê-la passar por uma situação dessas. E oponho-me a que qualquer de vocês o tente.

Ao ouvirem isto, os outros arquearam as sobrancelhas. O cônsul-geral era inferior a qualquer deles em poder real. Rubio notou-lhes a reação e sorriu, voltando à sua afabilidade habitual.

— Sei que tenho esta fraqueza. Apaixono-me. Mas ouçam o que vos digo. Conheço bem o terreno que piso. Sei que o rapto é a tua especialidade, Inzio, mas na América não resulta. Especialmente tratando-se de uma mulher. Agora, se deitares a mão a um dos irmãos e chegares a um acordo rápido com o Astorre, talvez tenhas uma possibilidade.

— O Valerius não — interveio Portella. — Pertence aos Serviços Secretos do Exército e tem amigos na CIA. Não queremos meter-nos nesse gênero de trapalhada.

— Nesse caso, vai ter de ser o Marcantonio — declarou Rubio. Posso encarregar-me da negociação com o Astorre.

— Ofereçam mais dinheiro pelos bancos — propôs Grazziella, num tom suave. — Evitem a violência. Acreditem em mim, já passei por tudo isso. Usei armas em vez de dinheiro, e custou-me sempre mais caro.

Ficaram todos a olhar para ele, espantados. Grazziella gozava de uma temível reputação de violência.

— Michael — disse Rubio —, estás a falar de bilhões de dólares. E mesmo assim o Astorre não venderá.

Grazziella encolheu os ombros.

— Se temos de agir, seja. Mas tenham cuidado. Se conseguirem trazê-lo para terreno descoberto durante as negociações, poderemos livrar-nos dele.

Tulippa dirigiu a todos um grande sorriso.

— Era o que queria ouvir. E tu, Marriano — acrescentou —, vê se deixas de te apaixonar. É um vício muito perigoso.

Marriano Rubio conseguiu finalmente convencer Nicole e os irmãos a sentarem-se com o seu grupo e discutir a venda dos bancos. Astorre Viola,

evidentemente, teria também de estar presente, embora Nicole não pudesse garanti-lo.

Antes do encontro, Astorre explicou exatamente aos primos o que deviam dizer e fazer. Todos compreenderam a estratégia: o cartel tinha de ficar convencido de que ele, e só ele, se lhe opunha.

A reunião decorreu na sala de conferências do consulado. Não havia criados, mas fôra preparado um bufete e o próprio Rubio serviu-lhes vinho. Devido aos complicados horários de cada um, o encontro tinha sido marcado para as dez da noite.

Rubio fez as apresentações e conduziu a reunião. Entregou uma pasta a Nicole.

— Está aqui a proposta pormenorizada. Mas, para resumir, oferecemos cinqüenta por cento acima do preço de mercado. Apesar de ficarmos com o controle absoluto, a família Aprile receberá dez por cento dos nossos lucros durante os próximos vinte anos. Podem ficar todos ricos e gozar a vida sem as pressões terríveis que um negócio destes implica.

Esperaram enquanto Nicole passava rapidamente os olhos pelos papéis. Finalmente, ela ergueu os olhos e perguntou:

— Muito impressionante. Mas, digam-me, porquê uma oferta tão generosa?

Rubio sorriu-lhe calorosamente.

— Sinergia — disse. — Hoje em dia, todos os negócios têm a ver com sinergia; como os computadores e a aviação, os livros e a edição, a música e as drogas, o desporto e a TV. Tudo sinergias. Com os bancos Aprile, teremos uma sinergia na finança internacional, controlaremos a construção de cidades, a eleição de governos. Este grupo é global e precisamos dos vossos bancos. Por isso a nossa oferta é generosa.

— E os senhores, são sócios em partes iguais? — inquiriu Nicole, dirigindo-se aos outros membros do grupo.

Tulippa estava muito impressionado pela beleza morena e pela energia daquela jovem. Por isso fez uso de todo o seu charme ao responder:

— Somos legalmente iguais nesta compra, mas deixe-me assegurar-lhe que eu, pessoalmente, considero uma honra estar associado ao nome Aprile. Ninguém admirava mais o seu pai.

Valerius, com uma expressão fechada, falou friamente, dirigindo-se a Tulippa:

— Não me interprete mal, quero vender. Mas prefiro uma venda definitiva, sem a percentagem. Em termos pessoais, quero ficar completamente fora deste assunto.

— Mas está disposto a vender? — perguntou Tulippa.

— Certamente — respondeu Valerius. — Quero lavar as mãos de tudo isto.

Portella começou a falar, mas Rubio interrompeu-o:

— Marcantonio, o que acha da oferta? Agrada-lhe?

— Estou com o Val — respondeu Marcantonio, num tom de resignação. — Façamos o negócio definitivo, sem as percentagens. Depois podemos todos dizer adeus e boa sorte.

— Ótimo, podemos fazer o negócio desse modo.

— Mas nesse caso — interveio Nicole, fria como gelo —, teria evidentemente de haver um aumento do preço. Estão preparados para isso?

— Nenhum problema — garantiu Tulippa. E dirigiu-lhe um sorriso deslumbrante.

Só Grazziella parecia preocupado.

— E o nosso querido amigo Astorre Viola? — perguntou no seu tom delicado. — Está de acordo?

Astorre teve um risinho embaraçado.

— Sabem uma coisa? Acabei por me afeiçoar a este negócio. E Don Aprile obrigou-me a prometer que nunca venderia. Detesto ter de ir contra a minha família, mas sou forçado a dizer não. E como detenho o controlo das ações votantes...

— Mas os filhos do Don são parte interessada — interveio o cônsul-geral. — Podem levar o caso a tribunal.

Astorre riu-se.

— Nunca faríamos semelhante coisa — afirmou Nicole, secamente.

Valerius sorriu azedamente e Marcantonio pareceu achar a idéia hilariante.

— Para o diabo com isto — resmungou Portella, e começou a levantar-se para sair.

— Seja paciente — pediu Astorre, num tom conciliatório. — Pode ser que eu me farte de ser banqueiro. Podemos voltar a encontrar-nos dentro de uns poucos meses.

— Com certeza — disse Rubio. — Mas é possível que não possamos manter o pacote financeiro durante tanto tempo. O preço é bem capaz de descer.

Não houve apertos de mãos quando se separaram.

Depois de os Aprile terem saído com Astorre, Michael Graziella disse aos seus colegas:

— Está a empatar. Nunca venderá.

Tulippa suspirou:

— Um homem tão simpático. Podíamos ter sido amigos. Talvez devesse convidá-lo para a minha plantação na Costa Rica. Havia de divertir-se como nunca se divertiu em toda a sua vida.

Os outros riram-se. Portella disse, rudemente:

— Esse tipo não vai em luas-de-mel contigo, Inzio. Vou ter de tratar dele aqui mesmo.

— Com mais êxito do que da última vez, espero — comentou Tulippa.

— Subestimei-o — admitiu Portella. — Como é que havia de saber? Um tipo que canta em casamentos? O serviço com o Don foi perfeito. Aí não houve razões de queixa.

— Um trabalho magnífico, Timmona — interveio o cônsul-geral, com uma calorosa expressão de apreço no belo rosto. — Temos toda a confiança em ti, mas este novo serviço tem de ser feito com a máxima rapidez possível.

À saída da reunião, os irmãos Aprile e Astorre optaram por um jantar tardio no restaurante Partinico, que tinha salas privadas e era propriedade de um velho amigo do Don.

— Portaram-se todos muito bem — disse-lhes Astorre. — Convenceram-nos de que estão contra mim.

— Mas nós estamos contra ti — replicou Val.

— Por que é que temos de fazer este jogo? — perguntou Nicole. — Não me agrada nada.

— Aqueles homens podem estar envolvidos na morte do teu pai respondeu Astorre. — Não quero que pensem que podem obter alguma vantagem matando um de vocês.

— E estás convencido de que serás capaz de lidar com seja o que for que eles te atirem para cima? — inquiriu Marcantonio.

— Não, não! — protestou Astorre. — Mas posso desaparecer da circulação sem arruinar a minha vida. Que diabo, vou para os montes Dakota. e eles nunca mais me encontram. — O seu sorriso era tão amplo e convincente que teria enganado qualquer pessoa que não os filhos de Don Aprile — Ora bem - continuou —, avisem-me se eles os contatarem diretamente.

— Tive uma porção de telefonemas do detetive Di Benedetto — informou Valerius.

Astorre ficou surpreendido.

— Por que diabo te telefonou ele?

Valerius sorriu.

— Quando estava na área da informação, recebíamos muito aquilo a que chamávamos telefonemas “o que é que vocês sabem”. Alguém queria dar informações ou ajudar num caso qualquer. Mas o que na realidade pretendia era saber em que ponto estava a nossa própria investigação. Esse tal Di Benedetto telefona-me por uma questão de cortesia, para me manter a par do caso. Entretanto, tenta sacar informações a teu respeito, Astorre. Está muito interessado em ti.

— Isso é muito lisonjeiro — respondeu Astorre, com um sorriso. Deve ter-me ouvido cantar em qualquer lugar.

— Nem penses — interveio Marcantonio, secamente. — Também telefonou pra mim. Diz que tem uma idéia para uma série policial. Há sempre espaço para mais uma série policial na TV, de modo que o encorajei a ir em frente. Mas o material que me mandou é pura trampa. O que o tipo quer é saber o que andamos a fazer.

— Ótimo — disse Astorre.

— Astorre, queres que eles se concentrem em ti e não em nós? — perguntou Nicole. — Isso não será demasiado perigoso? Aquele sujeito, o Grazziella, faz-me arrepios.

— Oh, conheço-o bem — afirmou Astorre — É um homem muito razoável. E o teu cônsul-geral é um verdadeiro diplomata; julgo-o perfeitamente capaz de controlar o Tulippa. O único com que tenho de preocupar-me, de momento, é o Portella. O homem é suficientemente estúpido para arranjar sarilhos sérios.

Dissera tudo isto como se estivesse a falar de uma simples questão de negócios.

— Mas quanto tempo é que isto vai durar? — perguntou Nicole.

—Dêem-me mais uns meses — pediu Astorre. — Prometo que até lá estaremos todos de acordo.

Valerius lançou-lhe um olhar de desdém.

— Astorre, sempre foste um otimista. Se fosses um oficial de informações sob o meu comando, transferia-te para a infantaria só para te sacudir.

Não foi um jantar feliz. Nicole não tirava os olhos de Astorre, como se estivesse a tentar adivinhar algum segredo. Valerius não tinha obviamente a mínima confiança no primo e Marcantonio mostrava-se reservado. Por fim, Astorre ergueu o seu copo de vinho e declarou, jovialmente:

— Vocês são um grupo sombrio que se farta, mas eu não me importo. Vou divertir-me à grande. Ao vosso pai.

— Ao grande Don Aprile — brindou Nicole, irônica.

Astorre sorriu-lhe e disse: — Sim, ao grande Don.

Astorre montava a cavalo sempre ao fim da tarde. Descontraía-o, abria o apetite para o jantar. Se acaso andava a cortejar uma mulher, fazia os seus passeios com ela. Se a mulher não sabia montar, dava-lhe lições. E se ela não gostava de cavalos, nunca mais a procurava.

Mandara abrir na sua propriedade um trilho especial que atravessava o bosque. Gostava de ouvir o chilrear das aves, o restolhar dos pequenos animais, de avistar, de longe em longe, um veado. Mas, acima de tudo, gostava de vestir-se para montar. O casaco vermelho, as botas castanhas, o pingalim de couro que nunca usava, o chapéu de caça de camurça preta. Sorria a si mesmo no espelho, imaginando-se um lorde inglês no seu solar.

Dirigiu-se às cavaliças, onde mantinha seis cavalos, e ficou contente ao verificar que o tratador, Aldo Monza, já preparara um dos garanhões. Montou e seguiu a trote curto para o trilho da floresta. Pouco depois, galopava sob o dossel de folhas vermelhas e douradas que opunham uma cortina rendada à luz do Sol poente. Só alguns finos raios de luz chegavam ao chão. Os cascos do cavalo levantavam as folhas, espalhando no ar o seu cheiro a húmus. Viu o fragrante monte de estrume e fez a montada saltar-lhe por cima. Depois, meteu por uma bifurcação no trilho, que lhe daria um caminho diferente para regressar a casa. Os feixes de luz dourada desapareceram.

Puxou as rédeas. Nesse instante, surgiram dois homens à sua frente. Vestiam as roupas largas dos trabalhadores agrícolas. Mas usavam máscaras e tinham nas mãos objetos que refletiam um brilho metálico. Astorre esporeou o cavalo e deitou-se para a frente, colando a cabeça ao pescoço do animal. A floresta encheu-se com os clarões e o estrondo dos disparos. Os dois homens estavam muito perto, e Astorre sentiu as balas atingirem-no no flanco e nas costas. O cavalo assustou-se e partiu à desfilada, enquanto Astorre concentrava todos os seus esforços em manter-se no selim. Galopou pelo trilho, e então apareceram dois outros homens. Não tinham máscaras nem estavam armados. Astorre perdeu a consciência e deslizou do cavalo para os braços deles.

Uma hora mais tarde, Kurt Cilke recebeu o relatório da equipe de vigilância que salvara Astorre Viola. O que realmente o surpreendeu foi o fato de, por baixo da sua extravagante indumentária, ele usar um colete à prova de bala que lhe cobria o tronco até às coxas. E não se tratava de um vulgar Kevlar, mas de uma peça especialmente feita por medida. Por que raio haveria um tipo como Astorre de usar uma proteção daquelas? Um importador de macaron, um cantor de baladas, um cavaleiro excêntrico. O impacto dos projéteis atordoara-o, claro, mas as balas não tinham atravessado o colete. Já tivera alta do hospital.

Cilke começou a redigir um memorando a pedir uma investigação à vida de Astorre desde a infância. O homem podia ser a chave de todo aquele enigma. Mas de uma coisa tinha a certeza: sabia quem tentara assassinar Astorre Viola.

Astorre encontrou-se com os primos em casa de Valerius. Falou-lhes do ataque de que fôra vítima.

— Pedi a vossa ajuda — disse. — Vocês recusaram e eu compreendi. Mas agora penso que devem reconsiderar. Há aqui uma ameaça para todos vós. Penso que podíamos resolver o assunto vendendo os bancos. Seria o tipo de situação em que se ganha sempre. Toda a gente consegue aquilo que quer. Ou podemos ir para uma situação de ganhar-ou-perder. Conservamos os bancos e enfrentamos e destruimos os nossos inimigos, sejam eles quem

forem. Claro que há também a situação em que se perde sempre... e é nessa que temos de ter o cuidado de não cair... em que enfrentamos os nossos inimigos mas no fim o governo trama-nos da mesma maneira.

— Uma escolha fácil — declarou Valerius. — Vendemos os bancos.

— Não somos sicilianos — disse Marcantonio. — Não queremos deitar tudo a perder por causa de uma vingança.

— Se vendermos os bancos, atiramos pela janela fora o nosso futuro — interveio Nicole, calmamente. — Marcantonio, um dia há de querer ter a própria rede de televisão. E tu, Val, se souberes usar bem o teu dinheiro, podes chegar a embaixador ou a secretário da Defesa. Quanto a ti, Astorre, podes vir a cantar com os Rolling Stones. — Sorriu-lhe. Oh, talvez esteja a exagerar um pouco. — E então, mudando de tom Deixemo-nos de brincadeiras. Será que matar o nosso pai nada significa para nós? Ainda os recompensamos por o terem assassinado? Penso que devíamos ajudar o Astorre o mais que pudermos.

— Compreendes o que estás a dizer? — perguntou Valerius.

— Sim — respondeu Nicole, simplesmente.

— O vosso pai ensinou-me que não podemos deixar os outros imporem-nos a sua vontade, ou a vida não merece ser vivida — disse Astorre, com uma voz carregada de persuasão. — Val, a guerra é isso mesmo, não é?

— A guerra é uma situação em que todos perdem — interrompeu-o Nicole, secamente.

Valerius irritou-se.

— Digam os liberais o que disserem, a guerra é uma situação de ganhar-ou-perder. E quem ganha fica muito melhor. Perder é um horror impensável.

— O vosso pai tinha um passado — continuou Astorre. — Chegou o momento em que todos nós temos de enfrentá-lo. Por isso torno a pedir a vossa ajuda. Lembrem-se, recebi ordens do vosso pai, e a minha missão é proteger a família, o que significa não vender os bancos.

— Terei informações para ti dentro de um mês — disse Valerius.

Marc? — perguntou Astorre.

— Vou começar imediatamente a trabalhar no programa. Digamos dois, três meses — respondeu Marcantonio.

Astorre voltou-se para a prima.

— Nicole, já acabaste de analisar o processo do FBI sobre o teu pai?

— Ainda não. — Parecia perturbada. — Não seria melhor pedir a ajuda do Cilke em toda esta trapalhada?

Astorre sorriu.

— O Cilke é um dos meus suspeitos — disse. — Quando dispuser de toda a informação, decidiremos o que fazer.

Um mês mais tarde, Valerius conseguira diversas informações, tão inesperadas como úteis. Através dos seus contatos na CIA, ficara a saber a verdade sobre Inzio Tulippa. Tinha contatos na Sicília, na Turquia, na Índia, no Paquistão, na Colômbia e noutros países da América Latina. Estava inclusivamente relacionado com os Corleonesi da Sicília, sendo mais do que seu igual.

Segundo Valerius, era Tulippa quem financiava diversos laboratórios de investigação nuclear situados na América do Sul. O mesmo Tulippa que procurava desesperadamente estabelecer uma gigantesca base financeira nos Estados Unidos para comprar equipamento e material. Que, nos seus sonhos de grandeza, queria possuir uma terrível arma de defesa contra as

autoridades se as coisas chegassem ao pior. De onde se seguia que Timmona Portella não passava de um testa-de-ferro de Inzio Tulippa. Astorre ficou satisfeito com as notícias. Era mais um jogador no jogo, mais uma frente em que teria de bater-se.

— O que o Tulippa planeia é possível? — perguntou.

— Pelo menos, ele pensa que sim — respondeu Valerius. — E tem a proteção dos governos dos países onde montou os laboratórios.

— Obrigado, Val — disse Astorre, dando uma amistosa palmada no ombro do primo.

— Pois sim — resmungou Valerius. — Mas não contes com mais ajuda da minha parte.

A equipe de jornalistas da estação precisou de seis semanas para traçar um perfil completo de Kurt Cilke. Marcantonio entregou ao primo o gordo dossiê. Astorre conservou-o em seu poder durante vinte e quatro horas, e depois devolveu-o.

Só Nicole o preocupava. Recebera dela uma cópia do processo do FBI sobre Don Aprile, mas toda uma seção tinha sido completamente obliterada. Quando a interrogara a este respeito, ela respondera:

— Foi assim que mo entregaram.

Astorre estudara cuidadosamente o documento. A parte obliterada parecia referir-se à época em que ele tinha apenas dois anos

— Não faz mal — dissera. — Foi há demasiado tempo para ser importante.

Astorre preparou-se para agir. Tinha agora informações suficientes para começar a sua guerra.

Nicole deixara-se fascinar por Marriano Rubio e pelas suas atenções. Nunca recuperara verdadeiramente da traição de Astorre quando eram ambos adolescentes e ele optara por obedecer ao tio. Embora tivesse tido um ou outro caso pouco importante com indivíduos poderosos, sabia que os homens conspirariam sempre contra as mulheres.

Rubio parecia, porém, ser a exceção. Nunca se zangava quando os problemas profissionais dela interferiam com os seus planos para estarem juntos. Compreendia que, para ela, a carreira estivesse em primeiro lugar. E nunca se permitia essa ridícula e insultuosa emoção de tantos homens que pensam que o ciúme é uma prova da sinceridade do seu amor.

O fato de ser generoso nas suas ofertas ajudava, claro, mas ainda mais importante era ela achar interessante ouvi-lo falar a respeito de literatura ou teatro. A sua maior virtude, no entanto, era ser um amante apaixonado, muito competente na cama, além de não lhe ocupar demasiado do seu tempo.

Certa noite, Rubio levou Nicole a jantar ao Le Cirque, com alguns dos seus amigos: um romancista sul-americano mundialmente famoso que a encantou com a sua ironia corrosiva e as suas histórias de fantasmas, um conhecido cantor de ópera que a cada prato entoava uma ária de delicioso prazer e comia como se tivesse sido condenado à cadeira elétrica, e um colaborador do *The New York Times*, o oráculo indisputado em matéria de assuntos internacionais, que se orgulhava imensamente de ser tão detestado pelos liberais como pelos conservadores.

Depois do jantar, Rubio levou-a para o seu luxuoso apartamento no consulado peruano, onde se amaram apaixonadamente, ternamente, enquanto ele lhe sussurrava ao ouvido palavras de êxtase. Depois pegou-lhe ao colo, nua, e dançou com ela pelo quarto, recitando poesia em espanhol. Nicole achou maravilhoso. Especialmente quando, os dois aninhados, ele lhe serviu champanhe e lhe disse “Amo-te” num tom de perfeita sinceridade. Todo o seu rosto brilhava de verdade. Que imprudentes eram os homens. Nicole sentiu uma calma satisfação íntima ao pensar que o tinha traído. O Pai ter-se-ia orgulhado dela. Agira como uma verdadeira mafiosa.

Como chefe da delegação do FBI em Nova Iorque, Kurt Cilke tinha casos muito mais importantes do que o assassinio de Don Raymonde Aprile. Um deles era a investigação de seis grandes empresas que conspiravam para exportar ilegalmente maquinaria proibida, incluindo tecnologia informática, para a China comunista. Outro, a conspiração das principais tabaqueiras para cometerem perjúrio perante uma comissão de inquérito do Congresso. Um terceiro relacionava-se com a emigração de um número invulgar de cientistas de nível médio para países da América do Sul como o Brasil, o Peru e a Colômbia. O diretor queria ser informado sobre todos estes dossiês.

No vôo para Washington, Boxtou comentou:

— Temos os tipos das tabaqueiras no papo; temos os envios para a China resolvidos: documentos internos e informadores dispostos a cantar para salvar o cu. A única coisa que não temos é a história dos tais cientistas. Mas acho que depois disto passas a diretor-adjunto. Não podem negar o teu palmarés.

— Isso é com o diretor — respondeu Cilke. Sabia muito bem o que os cientistas estavam a fazer na América do Sul, mas não emendou o colega e amigo.

Quando chegaram ao Edifício Hoover, Boxtou não foi admitido na reunião.

Tinham passado onze meses desde o assassinio de Don Raymonde. Cilke preparara cuidadosamente todas as suas notas. O caso Aprile não avançara, mas levava boas notícias sobre outros ainda mais importantes. E dessa vez havia uma possibilidade muito real de lhe oferecerem um dos postos-chaves no Bureau. Ganhara esse direito à custa de bom trabalho, e tinha a antiguidade mais do que necessária.

O diretor era um homem alto, elegante, cujos antepassados tinham chegado à América a bordo do Mayflower. Dono de uma imensa fortuna

peçoal, entrara para a política por espírito cívico. E estabelecera regras muito estritas no início do seu mandato. “Nada de bandalheiras”, dissera, com o seu bem humorado sotaque do Norte. “Tudo segundo as regras. Não quero tralfulhices com a Declaração de Direitos. Um agente do FBI é sempre delicado, sempre justo. É sempre correto na sua vida privada.” O menor — bater na mulher, bebedeiras, relacionar-se demasiado intimamente com a polícia local, usar certos “meios de persuasão” durante os interrogatórios — e um tipo levava um pontapé no traseiro nem que o tio fosse senador. Tinham sido aquelas as regras durante os últimos dez anos. Além disso, atrair um interesse excessivo da parte dos meios de comunicação, nem que fosse para dizer bem, era meio caminho andado para ir vigiar igus no Alasca.

O diretor convidou Cilke a sentar-se na extremamente desconfortável cadeira colocada do outro lado da sua maciça secretária de carvalho.

— Agente Cilke — disse —, chamei-o aqui por diversas razões. Primeira: mandei incluir no seu dossiê um louvor especial pelo seu trabalho contra a Máfia de Nova Iorque. Graças a si, partimo-lhes a espinha. Felicito-o. — Inclinou-se por cima da secretária para apertar a mão a Cilke. — Não tornamos o caso público porque é política do Bureau aceitar os louros pelos êxitos individuais dos seus agentes. Além disso, poderia pô-lo a si em perigo.

— Só da parte de algum louco — observou Cilke. — As organizações criminosas sabem perfeitamente que não podem tocar num agente.

— Está a sugerir que o Bureau. leva a cabo vinganças pessoais — disse o diretor.

— De modo nenhum — respondeu Cilke. — Apenas que num caso desses nos empenháramos mais a fundo.

O diretor deixou aquela passar. Havia limites. O caminho que a virtude tinha de trilhar era sempre muito estreito.

— Não é justo mantê-lo em suspenso — disse. — Decidi não fazer de si um dos meus adjuntos aqui em Washington. Pelo menos para já. Por três razões. Primeira: é um operacional com qualidades invulgares, e há ainda muito trabalho a fazer no campo. A Máfia, à falta de melhor palavra, continua a funcionar. Segunda: oficialmente, tem um informador cujo nome recusa divulgar inclusivamente aos escalões superiores do Bureau. Extra-oficialmente, já no-lo disse. Portanto, extra-oficialmente, tudo bem. Terceira: a sua relação com um certo detetive-chefe de Nova Iorque é demasiado pessoal.

O diretor e Cilke tinham outros assuntos na agenda.

— E como vai a nossa operação Omertà? Temos de estar cem por cento seguros de que dispomos de cobertura legal para tudo o que fizermos.

— Com certeza — respondeu Cilke, com um ar perfeitamente sério. O diretor estava farto de saber que ia ser preciso cortar algumas curvas. — Encontramos alguns obstáculos. Raymonde Aprile recusou-se a colaborar connosco. Mas, claro, esse problema deixou de existir.

— A morte do Sr. Aprile foi extremamente conveniente — comentou o diretor, sardonicamente. — Não o insultarei perguntando-lhe se teve algum conhecimento prévio do fato. O seu amigo Portella, talvez?

— Não sabemos. Os italianos nunca procuram as autoridades. Temos de esperar que os cadáveres comecem a aparecer. Ora bem, abordei o Astorre Viola, como combinamos. Assinou os documentos de confidencialidade, mas recusou-se a cooperar. Não quer negociar com o Portella e não quer vender os bancos.

— Então que fazemos agora? — perguntou o diretor. — Sabe como isto é importante. Se conseguirmos processar o banqueiro ao abrigo das leis Rico, poderemos confiscar os bancos para o governo. Esses dez bilhões de dólares iriam direitos para a luta contra o crime. Seria um golpe magistral da parte do Bureau. E podemos pôr fim à sua associação com o Portella. Deixou de ter qualquer utilidade para nós. Kurt, a situação é extremamente

delicada. Só eu e os meus adjuntos sabemos da sua cooperação com esse patife, que recebe dinheiro dele, que ele o julga um dos seus associados. A sua vida pode estar em perigo.

— Nunca se atreveria a atacar um agente federal. É louco, mas não assim tão louco.

— Bom, o Portella tem de ir abaixo nesta operação. Quais são os seus planos?

— Este tal Astorre Viola não é o inocente que todos dizem — respondeu Cilke. — Mandei investigar-lhe o passado. Entretanto, vou pedir aos filhos de Don Aprile que o desautorizem. Mas estou preocupado. Será que podemos aplicar as leis Rico com dez anos de retroatividade por qualquer coisa que eles façam agora?

— Esse problema é com o Ministério Público — declarou o diretor. — A nós compete-nos meter o pé na porta. Depois, é pôr mil advogados a espionar o passado. Temos boas possibilidades de encontrar qualquer coisa que os tribunais aceitem.

— A respeito da minha conta secreta nas ilhas Caymans, onde o Portella deposita o dinheiro — disse Cilke. — Penso que seria melhor levantar algum, para ele pensar que estou a gastá-lo.

— Eu trato disso — concordou o diretor. — Digo-lhe uma coisa, o seu Timmona é um mãos-largas.

— Está verdadeiramente convencido de que me comprou — respondeu Cilke, sorrindo.

— Tenha cuidado — aconselhou o diretor. — Não lhe dê pé para fazer de si um verdadeiro associado, o cúmplice de um crime.

— Compreendo — respondeu Cilke, e pensou que era bem mais fácil de dizer do que fazer.

— E não corra riscos desnecessários — continuou o diretor. — Lembre-se, os homens da droga da América do Sul e da Sicília estão ligados ao Portella, e essa gente não brinca.

— Devo mantê-lo informado todos os dias oralmente ou por escrito? — perguntou Cilke.

— Nem uma coisa nem outra — retorquiu o diretor. — Tenho confiança absoluta na sua integridade. E, além disso, não quero ter de mentir a uma qualquer comissão de inquérito do Congresso. Para tornar-se um dos meus adjuntos, vai ter de resolver estes assuntos — disse, e ficou à espera, expectante.

Cilke nunca se atrevia sequer a pensar os seus verdadeiros pensamentos na presença do diretor, como se o homem pudesse ler-lhe a mente. Apesar disso, sentiu um lampejo de rebelião. Quem porra julgava o diretor que era? A merda da União Americana de Liberdades Civis? Com os seus memorandos a destacar que a Máfia não era italiana, que os muçulmanos não eram terroristas, que os negros não eram a classe criminosa. Quem porra pensava ele que cometia os crimes nas ruas?

No entanto, limitou-se a dizer calmamente:

— Senhor, se quiser a minha demissão, já tenho tempo de serviço suficiente para uma reforma antecipada.

— Não — disse o diretor. — Responda à minha pergunta. É capaz de pôr fim a esses relacionamentos?

— Dei ao Bureau. os nomes de todos os meus informadores — afirmou Cilke. — Quanto a cortar curvas, é uma questão de interpretação. Quanto a ter amigos na polícia local, ando a fazer relações públicas por conta do Bureau.

— Os seus resultados falam por si. Vamos experimentar mais um ano. Continuemos. — Fez uma longa pausa e suspirou. Depois perguntou, quase impacientemente. — Em sua opinião, temos o suficiente para acusar de perjúrio os administradores das tabaqueiras?

— Sem qualquer problema — respondeu Cilke, e perguntou a si mesmo por que diabo se teria o diretor dado ao trabalho de perguntar. Tinha em seu poder o processo completo.

— Mas pode tratar-se de convicções pessoais — insistiu o diretor. — Nas sondagens que mostram que metade do povo americano concorda com eles.

— Não é relevante para o caso — afirmou Cilke. — As pessoas que responderam às sondagens não cometeram perjúrio em testemunhos perante o Congresso. Temos gravações e documentos internos que provam sem margem para dúvidas que os administradores das tabaqueiras mentiram conscientemente. Conspiraram.

— Tem razão — admitiu o diretor, com um suspiro. — Mas o promotor chegou a um acordo. Não haverá acusações criminais, nem penas de prisão. Pagarão multas de centenas de bilhões de dólares. Portanto, encerre essa investigação. Saiu das nossas mãos.

— Ótimo — disse Cilke. — Tenho muitos outros casos em que ocupar o pessoal.

— Fico contente. Vou, aliás, torná-lo ainda mais feliz. Essa história de transferência de tecnologia ilegal para a China... Uma acusação extremamente grave.

— Não há alternativa. As empresas em causa violaram deliberadamente uma lei federal com o intuito de obter lucros e puseram em causa a segurança dos Estados Unidos. Há conspiração.

— Temo-los na mão — concordou o diretor —, mas bem sabe que “conspiração” passou a servir para tudo e para nada. Toda a gente conspira. É outro caso que pode encerrar e poupar pessoal.

— Está a dizer-me que também chegaram a um acordo neste caso? — exclamou Cilke, incrédulo.

O diretor recostou-se na cadeira e franziu o sobrolho face à insolência implícita na pergunta. Mas resolveu deixar passar.

— Cilke, você é o melhor operacional do Bureau. Mas não tem ponta de sentido político. Ouça o que vou dizer-lhe, e nunca o esqueça: não se pode mandar cinco bilionários para a prisão. Pelo menos numa democracia.

— E fica assim?

— As sanções financeiras serão pesadíssimas — disse o diretor. — Agora, duas outras coisas, uma delas muito confidencial. Vamos trocar um prisioneiro federal por um dos nossos informadores que foi feito refém na Colômbia, um trunfo muito importante na nossa luta contra a droga. É um caso que conhece. — Referia-se a um caso passado quatro anos antes, em que um traficante de droga se apossara de cinco reféns, uma mulher e quatro crianças. Matara-os, e matara também um agente do FBI. Fôra condenado a prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional. — Lembro-me de que exigiu veementemente a pena de morte — continuou o diretor. — Agora vamos soltá-lo, e sei perfeitamente que isso o choca. Lembre-se, toda esta história é secreta, mas os jornais vão inevitavelmente desenterrá-la e o escândalo será enorme. Não quero o mais pequeno comentário seu nem da sua delegação. Estamos entendidos?

— Não podemos consentir que seja quem for mate os nossos agentes e se fique a rir — respondeu Cilke, em voz surda.

— Essa atitude é inaceitável da parte de um funcionário federal.

Cilke tentou disfarçar a sua fúria. — Então todos os nossos agentes estarão em perigo — disse. É assim que a coisa funciona nas ruas. O agente foi morto quando tentava salvar os reféns. Foi uma execução a sangue-frio. Libertar o assassino é um insulto à vida desse homem.

— Não pode haver uma mentalidade de vendetta no Bureau, Kurt. — O diretor queria mostrar-se conciliatório. — Caso contrário, não seremos melhores do que eles. Vejamos, o que é que tem a respeito desses dentistas que emigraram?

Nesse momento, Cilke compreendeu que não podia continuar a confiar no diretor.

— Nada de novo — mentiu. Decidira que, a partir daquele instante, deixaria de fazer parte dos compromissos políticos do Bureau. Doravante, jogaria sozinho.

— Bom, agora que tem gente suficiente disponível, dedique-se a isso. E depois de caçar o Timmona Portella, gostaria de trazê-lo para aqui como um dos meus adjuntos.

— Obrigado — disse Cilke —, mas decidi que, depois de arrumar esta questão do Portella, vou pedir a reforma.

O diretor soltou um profundo suspiro.

— Reconsidere. Sei que todas estes acordos o perturbam profundamente. Mas lembre-se disto: o Bureau não é apenas responsável por proteger a sociedade contra aqueles que infringem a lei; temos também de tomar medidas que, a longo prazo, beneficiam a sociedade no seu todo.

— Lembro-me disso desde os meus tempos de escola — respondeu Cilke. — Os fins justificam os meios.

O diretor encolheu os ombros.

— Por vezes. Seja como for, reconsidere a sua decisão de reformar-se. Vou incluir uma carta de louvor no seu processo. Quer fique ou vá, receberá uma medalha do presidente dos Estados Unidos.

— Obrigado, senhor — disse Cilke. O diretor apertou-lhe a mão e acompanhou-o até à porta. Mas tinha ainda mais uma pergunta a fazer. — Como é que estamos no caso Aprile? Já lá vão meses e parece que nada foi feito.

— O caso pertence à polícia de Nova Iorque — respondeu Cilke. — Mas é evidente que fiz as minhas investigações. Até ao momento, nenhum motivo. Nenhuma pista. Não acredito que haja grandes possibilidades de vir a ser resolvido.

Nessa noite, Cilke jantou com Bill Boxtton.

— Boas notícias — disse-lhe. — Os casos das tabaqueiras e da China estão encerrados. O Procurador não está interessado em sanções criminais, e sim financeiras. O que nos liberta uma porção de agentes.

— Não me digas! — espantou-se Boxtton. — Sempre pensei que o diretor era honesto. Um tipo às direitas. Achas que se vai demitir?

— Há tipos às direitas e tipos às direitas com pequenas curvas nas pontas — respondeu Cilke.

— Mais alguma coisa?

— Quando apanhar o Portella, vou para diretor-adjunto. Garantido. Só que nessa altura hei de estar reformado.

— Pois — comentou Boxtton. — Não te esqueças de me recomendar para o lugar.

Cilke riu-se

— Não tens hipóteses. O diretor sabe que costumas usar palavrões.

— Ora merda! — exclamou Boxtton, com fingido desapontamento. Ou será foda-se?

Na noite seguinte, Cilke fez a pé o percurso da estação até casa. Georgette fôra com a filha passar uma semana a casa da mãe, na Florida, e ele detestava apanhar táxis. Ficou surpreendido ao não ouvir os cães ladrar quando se aproximou da porta. Chamou-os, mas nada aconteceu. Deviam andar pela vizinhança, ou pelos bosques próximos.

Sentia a falta da família, sobretudo à hora das refeições. Tinha comido demasiados jantares sozinho ou com outros agentes em demasiadas cidades da América, sempre alerta para qualquer espécie de perigo. Preparou uma refeição simples, como a mulher o ensinara a fazer: legumes, uma salada e um pequeno bife. Nada de café, mas um brande em balão. Depois, subiu as escadas para tomar um banho, telefonar a Georgette e ler um pouco antes de dormir. Adorava livros, e ficava sempre irritado quando os agentes do FBI eram descritos como cretinos iletrados nos romances policiais. O que é que aqueles tipos sabiam?

Sentiu o cheiro do sangue mal abriu a porta do quarto e o seu cérebro mergulhou num turbilhão caótico; todos os medos que lhe tinham povoado

os pesadelos assaltaram-no ao mesmo tempo.

Os dois pastores alemães estavam estendidos em cima da cama. A pelagem castanha e branca manchada de vermelho, as pernas amarradas, os focinhos amordaçados com gaze. Tinham-lhes arrancado os corações, que lhes pendiam dos flancos.

Com um esforço enorme, recompôs-se. Telefonou à mulher, para se certificar de que estava bem. Não lhe disse o que se passara. Depois ligou para o agente de serviço na delegação do FBI e chamou uma equipe de medicina legal e um grupo de limpeza. Teriam de desembaraçar-se de toda a roupa da cama, do colchão e dos tapetes. Não notificou as autoridades locais.

Seis horas mais tarde, depois de as equipes do FBI terem partido, escreveu um relatório para o diretor. Serviu a si mesmo um razoável copo de brande e tentou analisar a situação.

Por um instante, considerou a hipótese de mentir a Georgette, inventando uma história qualquer a respeito de os cães terem fugido. Mas teria de explicar o desaparecimento dos tapetes e dos lençóis. E, além disso, não seria justo para ela. Georgette ia ter de fazer uma escolha. Mais do que tudo, nunca lhe perdoaria se ele lhe mentisse. Ia ter de contar-lhe a verdade.

No dia seguinte, Cilke voou para Washington, onde conferenciou com o diretor, e depois para a Flórida, onde a mulher e a filha estavam de férias.

Aí, depois de terem almoçado juntos, levou Georgette a dar um passeio pela praia. Enquanto contemplavam o azul intenso do mar, contou-lhe o que acontecera aos cães, e explicou-lhe que era um velho costume da Máfia siciliana, destinado a intimidar.

— Segundo os jornais, acabaste com a Máfia neste país — disse Georgette, pensativamente.

— Mais ou menos — respondeu Cilke. — Ainda restam umas poucas organizações de traficantes de drogas, e eu quase de certeza sei quem fez isto.

— Os nossos pobres cães — murmurou Georgette. — Como podem as pessoas ser tão cruéis? Falaste com o diretor?

Cilke sentiu-se irracionalmente irritado por ela estar preocupada com os cães.

— O diretor deu-me três hipóteses à escolha — explicou. — Primeira: demitir-me do Bureau e ir viver em outro lugar. Recusei esta opção. Segunda: mandar a minha família para outro local sob a proteção do FBI até este caso estar encerrado. A terceira foi continuar lá em casa como se nada tivesse acontecido. Teríamos uma equipe de proteção vinte e quatro horas por dia. Uma agente viveria em casa contigo, e tu e a Vanessa seriam acompanhadas por dois guarda-costas aonde quer que fossem. Haverá postos de vigilância à volta da casa equipados com o material mais moderno. O que é que te parece? Dentro de seis meses estará tudo acabado.

— Achas que é um bluff? — perguntou Georgette.

— Acho. Não se atreveriam a atacar um agente federal ou a sua família. Seria suicídio.

Georgette ficou a olhar para as calmas águas azuis da baía. A mão dela apertou a dele com mais força.

— Fico — disse. — Teria demasiadas saudades tuas e sei que nunca abandonarás este caso. Como podes ter a certeza de que estará resolvido em seis meses?

— Tenho a certeza.

Georgette abanou a cabeça.

— Não gosto de te ver tão seguro. Por favor, não faças nada de horrível. E quero uma promessa. Quando resolveres este caso, saís do Bureau. Pratica advocacia, ou ensina. Não posso viver desta maneira o resto da minha vida.

Disse isto com uma expressão mortalmente séria.

A frase que ficou na cabeça de Cilke foi que teria demasiadas saudades dele. Como tantas vezes fazia, perguntou a si mesmo como era possível uma mulher como ela amar um homem como ele. Mas sempre soubera que um dia ela lhe faria aquele pedido. Suspirou e disse:

— Prometo.

Continuaram o seu passeio, e depois sentaram-se num pequeno jardim ao abrigo do sol. A brisa fresca que soprava da baía agitou os cabelos de Georgette, fazendo-a parecer muito jovem e feliz. Cilke soube que nunca poderia faltar à promessa que lhe fizera. E estava até orgulhoso da esperteza com que ela lha arrancara no momento exato, quando arriscava a vida para continuar ao lado dele. Ao fim e ao cabo, quem queria ser arriado por uma mulher estúpida? Ao mesmo tempo, o agente Cilke sabia que a mulher ficaria horrorizada, humilhada, se soubesse o que ele estava a pensar. A astúcia dela fora provavelmente inocente. Quem era ele para julgar? Ela nunca o julgara, nunca suspeitara da sua astúcia que, essa sim, nada tinha de inocente.

# Capítulo 6

Franky e Stace Sturzo eram proprietários de uma grande loja de artigos desportivos em L. A. e de uma casa em Santa Mônica que ficava uns escassos cinco minutos de Malibu Beach. Ambos tinham sido casados mas os casamentos não tinham resultado e agora viviam juntos.

Nunca disseram a qualquer dos seus amigos que eram gêmeos e nem sequer era óbvio o fato de serem irmãos, talvez exceto por ostentarem a mesma segurança descontraída e a mesma extraordinária agilidade atlética. Franky era mais simpático e temperamental. Stace era mais reservado, um tudo nada mais frio, mas ambos se faziam notar pela sua afabilidade.

Freqüentavam um dos inúmeros ginásios de luxo que existiam em Los Angeles, um ginásio cheio de máquinas computadorizadas e grandes visores de TV nas paredes para que os praticantes pudessem observar-se enquanto faziam os seus exercícios. Tinha um court de basquete, piscina e inclusivamente um ringue de boxe. Os monitores eram todos eles rapazes e raparigas com corpos perfeitos e belos como semi-deuses. Os dois irmãos usavam o ginásio para fazer exercício e também para travar conhecimento com as mulheres que lá iam treinar. Era um excelente terreno de caça para homens como eles, constantemente rodeados de aspirantes a atrizes cuja principal preocupação era manter o corpo em forma e de esposas ociosas e negligenciadas de tipos da alta roda do cinema.

Acima de tudo, porém, Franky e Stace gostavam de jogar basquete. Costumavam aparecer por ali bons jogadores — por vezes até um dos reservas dos L. A. Lakers. Franky e Stace tinham jogado contra ele e sentido que não se tinham portado mal de todo. O que lhes trouxera doces recordações dos tempos em que eram as estrelas da equipe do liceu. Mas não alimentavam ilusões e sabiam que num jogo a sério as coisas não teriam sido tão fáceis. Enquanto eles davam o máximo, o tipo dos Lakers estivera apenas a divertir-se.

No restaurante do ginásio, confraternizavam com as jovens monitoras e outros associados, e até, ocasionalmente, com uma ou outra celebridade. Era sempre muito agradável, mas era apenas uma pequena parte das suas vidas. Franky treinava a equipe de basquete da escola primária local, um trabalho que levava muito a sério. Estava sempre na esperança de descobrir uma super-estrela em potência e irradiava uma autoridade risonha mas firme que fazia que os miúdos o adorassem. Tinha uma tática de treino favorita: “Muito bem”, costumava dizer, “estão a perder por vinte pontos, e essa é a última parte. Vão para a frente e marcam os primeiros dez pontos. Agora, têm os tipos onde os querem... podem ganhar. É só uma questão de coragem e de confiança. É sempre possível ganhar. Estão a perder por dez, depois por cinco, depois empatam. E têm-nos na mão!”

Claro que nunca resultava. Os miúdos não eram suficientemente desenvolvidos fisicamente nem suficientemente duros psiquicamente. Eram apenas miúdos. Mas Franky sabia que os que tinham verdadeiro talento nunca esqueceriam a lição e que isso havia de ajudá-los mais tarde.

Stace concentrava-se na gestão da loja e era ele quem decidia que serviços aceitavam. O critério era sempre o mesmo: risco mínimo e preço máximo. Stace acreditava piamente nas estatísticas e tinha, além disso, uma certa tendência para ser agourento. A grande vantagem dos dois irmãos era que raramente discordavam fosse no que fosse. Tinham os mesmos gostos e praticamente as mesmas capacidades físicas. De vez em quando trocavam uns golpes no ringue de boxe ou jogavam um-para-um no campo de basquete.

Com quarenta e três anos, gostavam da vida que faziam, mas falavam com frequência de voltar a casar e criar família. Franky tinha uma amante em São Francisco e Stace uma namorada em Vegas, uma corista. Nenhuma delas revelava a mínima inclinação para o casamento e os irmãos sentiam que aquilo era apenas uma maneira de entreter o tempo, enquanto esperavam que aparecesse alguém.

Simpáticos como eram, faziam amigos com grande facilidade e tinham uma vida social intensa. No entanto, passaram o ano que se seguiu ao assassinio do Don com alguma apreensão. Não era possível matar sem algum perigo um homem como Don Raymonde Aprile.

Em Novembro, Stace telefonou a Heskow para falar dos segundos quinhentos mil dólares do preço combinado. O telefonema foi curto e aparentemente ambíguo.

— Viva — disse Stace. — Passamos por ai mais ou menos dentro de um mês. Tudo OK?

Heskow pareceu satisfeito por ouvi-lo.

— Tudo perfeito — respondeu. — Tudo pronto. Podes ser mais específico quanto à data? Não quero que apareçam quando eu estiver fora por qualquer motivo.

Stace riu-se e disse, despreocupadamente:

— Nós encontramos-te. OK? Mais ou menos um mês. — E desligou

A recolha do dinheiro num negócio daquele tipo envolvia sempre um elemento de risco. Por ezes, as pessoas detestavam ter de pagar por um trabalho que já fora feito. Acontecia em todos os ramos de atividade. E depois havia os que tinham a mania das grandezas e pensavam que eram tão bons como os profissionais. No caso de Heskow, o risco era mínimo — sempre fora um intermediário de absoluta confiança. Mas aquela história do Don era especial, e o valor em causa também. Por isso não queriam que conhecesse adiantadamente os seus planos.

No último ano, os dois irmãos tinham começado a praticar ténis, mas era o único desporto que os derrotava. Atleticamente dotados como eram, recusavam-se a aceitar esta derrota, apesar de lhes ter sido explicado que o ténis era um desporto em que se tinha de começar muito cedo, que na realidade dependia de certas mecânicas, como aprender uma linguagem. Por

isso decidiram passar três semanas num rancho-clube de ténis em Scottsdale, no Arizona, para um curso de iniciação. Seguiriam de lá para Nova Iorque, para o encontro com Heskow. Claro que enquanto estivessem em Scottsdale iriam passar algumas noites a Las Vegas, que ficava a menos de uma hora de avião.

O clube era superlucioso. Franky e Stace ficaram instalados num bangalô com dois quartos, ar-condicionado, uma sala de jantar decorada com motivos índios, uma sala de estar com alpendre e uma pequena cozinha. Tinham uma vista soberba para as montanhas. Havia um bar, um grande frigorífico e um televisor gigantesco.

As três semanas começaram, porém, da pior maneira. Um dos instrutores embirrou com Franky. Franky era de longe o melhor do grupo de principiantes, e orgulhava-se em especial do seu serviço, completamente inortodoxo e selvagem, mas que, fosse pelo que fosse, parecia irritar particularmente o tal instrutor, um homem chamado Leslie.

Certa manhã, Franky disparou a bola para o campo do adversário, que não conseguiu chegar sequer perto dela, e voltou-se muito orgulhoso para Leslie.

— Foi um ás, não foi?

— Não — respondeu Leslie, friamente. — Foi falta. O seu pé pisou a linha de serviço. Tente outra vez, com um serviço correto. Aquele que arrisca vai bater mais vezes fora do que dentro.

Franky fez novo serviço, rápido e certo.

— Ás, certo?

— Falta — respondeu Leslie, lentamente. — E esse seu serviço não presta. Limite-se a colocar a bola do outro lado. É um jogador bastante bom, para principiante. Jogue para o ponto.

Franky ficou irritado, mas controlou-se.

— Ponha-me a jogar contra alguém que não seja um principiante disse.  
— A ver como me safo. Que tal você? — acrescentou.

Leslie lançou-lhe um olhar de desdém.

— Não jogo com principiantes — declarou. Fez sinal a uma jovem com cerca de trinta anos que ia a passar. — Rosie, faz uma partida de um set aqui com o Sr. Sturzo — pediu.

A jovem acabava de entrar no court. Vestia calções brancos que lhe realçavam as pernas elegantes e bronzeadas e uma blusa cor-de-rosa com o logotipo do clube no peito. Tinha um rosto bonito e malicioso e usava os cabelos presos num rabo-de-cavalo.

— Tem de dar-me alguma vantagem — disse Franky, desarmantemente.  
— Parece demasiado boa. É instrutora?

— Não — respondeu Rosie. — Estou cá para ter umas lições de serviço. O Leslie é o campeão dos treinadores nessa área.

— Dá-lhe uma vantagem — interveio Leslie. — Ele está muito abaixo do teu nível.

— Que tal dois jogos em cada set de quatro? — sugeriu Franky imediatamente. A partir daí, regatearia para baixo.

Rosie dirigiu-lhe um sorriso rápido, contagiante.

— Não — disse. — Isso não lhe serviria de nada. O que deve pedir é dois pontos em cada jogo. Assim tem uma hipótese. E se ficarmos empatados, eu terei de ganhar por quatro pontos em vez de dois.

Franky apertou-lhe a mão.

— Vamos a isso — concordou.

Estavam muito perto um do outro, e ele sentia o cheiro doce do corpo dela.

— Quer que eu perca o jogo? — murmurou Rosie.

Franky estava excitado.

— Nem pensar. Não consegue bater-me com uma vantagem dessas.

Começaram a jogar. Leslie assistiu, mas não assinalou quaisquer faltas. Franky ganhou os dois primeiros jogos, mas a partir daí Rosie esmagou-o. O seu jogo era perfeito e não tinha a menor dificuldade com o serviço dele. Estava sempre no sítio para onde Franky atirava a bola, e embora ele tenha chegado várias vezes ao empate, acabou por batê-lo facilmente por 6-2.

— É muito bom para principiante — disse Rosie. — Mas só começou a jogar depois dos vinte, não foi.

— Pois foi. — Franky começava a odiar a palavra principiante.

— É preciso aprender as batidas e a servir quando ainda se é criança — continuou ela.

— Palavra? — brincou Frank — Mas ainda hei de vencê-la antes de nos irmos embora.

Rosie sorriu. Tinha uma boca grande, generosa, para uma cara tão pequena.

— Pois — respondeu. — Se estiver no seu melhor dia e eu no meu pior.

Franky riu-se.

Nesse momento, Stace aproximou-se deles e apresentou-se.

— Por que não janta conosco esta noite? — disse. — O Franky não a convida porque você lhe ganhou, mas estará presente.

— Ah, isso não é verdade — respondeu Rosie. — Ia agora mesmo convidar-me. Às oito está bem?

— Ótimo — disse Stace. E bateu em Franky com a raqueta.

— Lá estarei — prometeu Franky.

Jantaram no restaurante do clube, uma sala enorme com paredes de vidro através das quais se avistavam as montanhas e o deserto. Rosie revelou-se um autêntico achado, como mais tarde Franky disse a Stace. Namoriscou com os dois, falou de todos os desportos, e com conhecimento de causa, passado e presente: os grandes jogos, os grandes jogadores, os grandes momentos. Ainda por cima, sabia ouvir, pô-los a falar. Franky contou-lhe inclusivamente que treinava os miúdos e que lhes fornecia da sua loja os melhores equipamentos, e Rosie exclamou calorosamente: “Oh, isso é ótimo, isso é ótimo.” Disseram-lhe então que tinham sido estrelas do basquete nos tempos de liceu.

Rosie tinha bom apetite, uma coisa que eles apreciavam numa mulher. Comia lentamente e com requinte, e tinha um jeito de baixar a cabeça e pô-la um pouco de lado, quase com uma timidez trocista, quando falava de si mesma. Estava a tirar uma licenciatura em Psicologia na Universidade de Nova Iorque. Vinha de uma família relativamente abastada e já viajara pela Europa. jogara tênis no liceu. Mas disse tudo isto com um ar de auto-depreciação que os encantou, e estava constantemente a tocar-lhes nas mãos, como que para manter o contato enquanto falava.

— Ainda não sei o que vou fazer quando me licenciar — disse. — Com toda a minha sabedoria livresca, nunca consegui perceber as pessoas na vida — Como vocês os dois. Contam-me a vossa história, são dois malandros encantadores, mas continuo a não saber o que os fez funcionar.

— Não te preocupes com isso — respondeu Stace. — E só o que está à vista.

— A mim não me perguntes — acrescentou Franky — Neste momento, toda a minha vida se concentra em como ganhar-te ao ténis.

Depois do jantar, os dois irmãos acompanharam-na pelo caminho de barro vermelho até ao bungalow dela. Rosie despediu-se deles com um beijo na cara e deixou-os sozinhos sob o céu do deserto. A última imagem que lhes ficou foi do bonito rosto dela a brilhar à luz da Lua.

— Acho-a excepcional — declarou Stace.

— Melhor do que isso — disse Franky.

Durante as duas semanas que Rosie ainda permaneceu no clube, tornaram-se inseparáveis. Ao fim da tarde, depois do ténis, jogavam golfe. — Ela era boa, mas não tão boa como os dois irmãos, que eram capazes de tacadas realmente longas e tinham nervos de aço no green final. Um sujeito de meia-idade que também estava no clube começou a ir jogar com eles e insistia em fazer par com Rosie e jogar a dez dólares o buraco, e, apesar de ser bom, perdia sempre. Certa noite, tentou juntar-se-lhes para o jantar. Rosie despachou-o, para delícia dos gêmeos. “Ando a tentar que um destes dois me peça em casamento”, disse, à laia de explicação.

Foi Stace que levou Rosie para a cama no fim da primeira semana. Franky fôra a Las Vegas, para jogar um pouco e também para deixar o terreno livre ao irmão. Quando voltou à meia-noite, Stace não estava no quarto. Na manhã seguinte, na hora do café, perguntou-lhe:

— Então, que tal?

— Excepcional — respondeu Stace.

— Importas-te que tente a sorte?

Aquilo era invulgar. Nunca tinham partilhado uma mulher. Tratava-se de uma área em que os gostos de ambos divergiam. Stace pensou no assunto. Rosie dava-se perfeitamente com ambos. Mas não poderiam continuar juntos se um andasse com ela e o outro não. A menos que Franky trouxesse outra rapariga para o grupo — o que estragaria tudo.

— Tudo bem — disse Stace.

Por isso, na noite seguinte, Stace foi a Las Vegas e Franky tentou a sua sorte com Rosie. Ela não levantou qualquer problema e foi deliciosa na cama — nada de complicações, apenas divertimento do mais puro e simples. Aparentemente, a situação não lhe causava o mínimo embaraço.

No dia seguinte, porém, quando tomaram café, Franky e Stace não sabiam exatamente como comportar-se. Foram um tudo nada demasiado formais e delicados. Solenes. A harmonia perfeita que reinara entre os três tinha desaparecido. Rosie comeu os ovos com bacon e torradas, recostou-se na cadeira e perguntou, divertida:

— Será que vou ter problemas com vocês? — Pensei que éramos amigos.

— É que estamos os dois doidos por ti — respondeu Stace, com inusitada sinceridade —, e não sabemos muito bem como lidar com esta situação.

— Eu lido com a situação — respondeu Rosie, rindo. — Gosto dos dois. Estamos a divertir-nos. Não vamos casar, e quando sairmos daqui provavelmente nunca mais nos tornamos a ver. Eu volto para Nova Iorque, e vocês voltam para Los Angeles. Vamos lá a não estragar tudo, a menos que um de vocês seja do tipo ciumento. Se for esse o caso, podemos deixar o sexo de lado.

Subitamente, os gêmeos estavam de novo à-vontade com ela.

— Espera por essa — disse Stace.

— Não somos ciumentos, e eu vou ganhar-te ao tênis pelo menos uma vez antes de nos irmos embora.

— Vai sonhando — disse Rosie, mas estendeu as mãos e agarrou as deles

— Vamos resolver isto hoje — propôs Franky.

Rosie inclinou ligeiramente a cabeça, no seu jeito tímido.

— Dou-te três pontos de vantagem por jogo — disse. — E se perderes, não me vens com mais dessas tretas machistas.

— Aposto cem dólares na Rosie — declarou Stace.

Franky dirigiu-lhes um sorriso de lobo. Não havia hipótese de perder com uma vantagem daquelas.

— Aposta quinhentos — disse, dirigindo-se a Stace.

— E se eu ganhar — acrescentou Rosie, com um sorriso maroto, o Stace passa a noite comigo.

No court nada poderia ter salvo Franky — nem o seu serviço explosivo, nem as suas respostas acrobáticas, nem os três pontos de vantagem. Rosie tinha um top spin que nunca usara e cilindrou-o por 6-0. Quando o jogo acabou, beijou-o carinhosamente na face e murmurou-lhe ao ouvido: “Amanhã compenso-te”. Como prometido, foi para a cama com Stace depois de os três terem jantado juntos. E assim aconteceu, alternadamente, durante o resto da semana.

Os gêmeos acompanharam Rosie ao aeroporto quando ela se foi embora.

— Não esqueçam, se alguma vez forem a Nova Iorque, telefonem-me — pediu Rosie. Stace e Franky já a tinham convidado para ficar com eles

sempre que fosse a L. A. Foi então que ela os surpreendeu. Entregou a cada um uma pequena caixa embrulhada em papel de prenda. — Presentes — disse, e sorriu alegremente. Os gêmeos abriram as caixas e cada um deles encontrou um anel navajo com uma pedra azul. — Para se lembrarem de mim.

Mais tarde, quando andavam a fazer compras na cidade, viram aqueles anéis à venda por trezentos dólares cada.

— Podia ter-nos comprado uma gravata ou um desses cintos de cowboy por cinqüenta dólares — disse Franky. Estavam os dois extremamente satisfeitos.

Tinham ainda mais uma semana para passar no clube, mas pouco desse tempo foi dedicado ao ténis. jogavam golfe, e ao fim da tarde iam a Las Vegas. Mas estabeleceram a regra de nunca lá passarem a noite. Era assim que se perdia em grande — deixar-se apanhar de madrugada, quando as energias estavam em baixo e a capacidade de raciocínio diminuída.

Ao jantar, conversavam a respeito de Rosie. Nunca um deles teve uma palavra menos respeitosa, embora no fundo dos seus corações a prezassem um pouco menos por ter ido para a cama com ambos.

— Gostava mesmo de fazer amor — disse Franky, certa vez. — Nunca ficava chata ou melancólica, no fim.

— Pois não — respondeu Stace. — Era excepcional Acho que encontramos a miúda perfeita.

— É. Mas a verdade é que acabam sempre por mudar — observou Franky.

— Telefonamos-lhe quando chegarmos a Nova Iorque? — perguntou Stace.

— Eu telefono — respondeu Franky.

Uma semana depois de terem deixado Scottsdale, registaram-se no Sherry-Netherland, em Manhattan. Na manhã seguinte, alugaram um carro e dirigiram-se a casa de John Heskow, em Long Island. Quando pararam diante da porta, viram-no a varrer a fina camada de neve que cobria o pequeno campo de basquete. Heskow ergueu a mão num gesto de saudação e indicou-lhes que guardassem o carro na garagem anexa à casa. O seu próprio carro estava estacionado cá fora. Stace apeou-se antes de Franky fazer a manobra, aparentemente para cumprimentar Heskow, mas na realidade para mantê-lo debaixo de olho caso acontecesse alguma coisa. Heskow abriu a porta e deixou-os entrar. — Está tudo pronto — disse.

Conduziu-os ao quarto onde tinham ficado e abriu o enorme baú. Lá dentro havia maços de notas com quinze centímetros de espessura, presos por elásticos, além de um saco de couro enrolado, quase tão grande como uma mala de viagem. Stace atirou os maços de notas para cima da cama. Depois, dos dois irmãos verificaram-nos um a um, para se certificarem de que todas as notas eram de cem e não havia falsificações. Só contaram as de um maço, que multiplicaram por cem. Finalmente, arrumaram o dinheiro dentro do saco de couro. Quando acabaram, olharam para Heskow, que estava a sorrir.

— Bebam um café antes de ir — disse. — Ou façam xixi, ou qualquer coisa.

— Obrigado — respondeu Stace. — Alguma coisa que devemos saber? Houve algum problema?

— Absolutamente nada. Tudo perfeito. Mas não dêem muito nas vistas com essa massa.

— É para a nossa velhice — disse Stace, e os dois irmãos riram-se.

— E os amigos dele? — perguntou Stace.

— Os mortos não têm amigos — respondeu Heskow.

— E os filhos? — insistiu Franky. — Não fizeram barulho?

— Foram criados de uma maneira diferente — explicou Heskow. — Não são Sicilianos. Todos eles têm carreiras profissionais muito bem sucedidas. Acreditam na lei. E têm muita sorte em não serem considerados suspeitos.

Os gêmeos riram-se e Heskow sorriu. Era uma boa piada.

— Estou espantado — comentou Stace. v Um homem tão importante, e tão pouco barulho.

— Bom, já lá vai um ano, e nem pio — disse Heskow.

Os irmãos acabaram de beber o café e despediram-se do dono da casa

— Portem-se bem — recomendou Heskow. — Pode ser que volte a telefonar-lhes.

— Faz isso — respondeu Franky.

De regresso à cidade, os dois irmãos guardaram o dinheiro num cofre conjunto. Nem sequer tiraram uma parte para qualquer eventual despesa. Quando chegaram ao hotel, telefonaram a Rosie.

Ela ficou surpreendida e deliciada por voltar a saber deles tão cedo. Tinha uma nota de entusiasmo na voz quando os convidou a irem imediatamente ao seu apartamento. Queria mostrar-lhes Nova Iorque. Seriam seus convidados. No final dessa tarde, quando Franky e Stace lhe bateram

à porta, recebeu-os calorosamente. tomaram os três uma bebida antes de saírem para jantar e ir ao teatro.

Rosie levou-os ao Le Cirque, que era, em sua opinião, o melhor restaurante de Nova Iorque. A comida era ótima, e apesar de não estar na

ementa, a pedido de Franky prepararam-lhe um prato de spaghetti que foi o melhor que alguma vez provara. Os gêmeos estavam espantadíssimos por um restaurante caro como aquele servir a comida de que eles tanto gostavam. Notaram igualmente que o maitre tratava Rosie de uma maneira muito especial, e isso impressionou-os. Divertiram-se imenso, como sempre, com Rosie a pedir-lhes que lhe contassem as suas histórias. Estava particularmente bonita naquela noite. Era a primeira vez que a viam vestida formalmente.

Depois do café, deram a Rosie o seu presente. Tinham-no comprado nessa tarde, na Tiffany's, e mandado embalar numa caixa de veludo castanho. Custara-lhes cinco mil dólares, um simples colar de ouro com um medalhão de platina branca incrustada de diamantes.

— De mim e do Stace — disse Franky. — Pagamos a meias.

Rosie ficou atônita. Os olhos dela brilharam de lágrimas. Enfiou o colar por cima da cabeça, de modo que o medalhão lhe repousasse entre os seios. Depois inclinou-se para a frente e beijou os dois. Foi um simples beijo nos lábios, que soube a mel.

Os irmãos tinham certa vez dito a Rosie que nunca tinham assistido a um musical da Broadway, por isso na noite seguinte ela levou-os a ver *Les Misérables*. Prometeu-lhes que iam gostar, E gostaram, mas com algumas reservas. Mais tarde, no apartamento dela, Franky disse:

— Não acredito que ele não tenha morto o policia, o tal Javert, quando teve a possibilidade.

— É um musical — explicou Stace. — Os musicais não fazem sentido, nem sequer no cinema. Não é esse o objetivo.

Rosie, porém, não estava de acordo.

— Mostra que Jean Valjean se tinha tornado um homem verdadeiramente bom — disse. — É a respeito da redenção. Um homem

que peca e rouba e mais tarde se reconcilia com a sociedade.

Até Stace se irritou com esta.

— Espera lá um minuto — protestou. — O tipo começou como ladrão. Uma vez ladrão, sempre ladrão. Certo, Franky?

Rosie pegou fogo.

- O que é que vocês sabem a respeito de um homem como Jean Valjean? — insurgiu-se, e os dois irmãos largaram a rir. Rosie sorriu-lhes novamente bem-disposta. Qual dos dois fica comigo esta noite? — perguntou.

Como eles tardassem a responder, acrescentou:

— Não alinhio em ménages à trois. Vão ter de decidir.

— Com qual queres ficar? — perguntou Franky.

— Não comeses com isso — avisou Rosie. — Ou então temos uma bela relação, como nos filmes. Nada de cama. E eu detesto isso — disse, sorrindo para atenuar a dureza das suas palavras. — Gosto muito dos dois.

— Esta noite fico em casa — disse Franky.

Queria que ela soubesse que não tinha qualquer poder sobre ele.

Rosie despediu-se dele com um beijo e acompanhou-o até à porta.

— Amanhã vou ser muito especial — sussurrou-lhe ao ouvido.

Tinham seis dias para passar juntos. Durante o dia, Rosie trabalhava na sua tese, mas à noite estava disponível.

Certa noite, os gêmeos levaram-na ao Garden, para ver um encontro entre os Knicks e os Lakers, e ficaram encantados ao descobrir que ela apreciava todas as sutilezas do jogo. Mais tarde, enquanto saboreavam uma ceia ligeira, Rosie disse-lhes que no dia seguinte, antevéspera de Natal, teria de ausentar-se durante uma semana. Os gêmeos sempre tinham assumido que ela passaria o Natal com a família. Mas agora, pela primeira vez desde que a conheciam, acharam-na um pouco deprimida.

— Não, vou passar o Natal sozinha, numa casa que a minha família tem no campo. Quero fugir a toda essa palhaçada do Natal, estudar um pouco e pensar na minha vida.

— Cancela isso e passa o Natal conosco — propôs Franky. — Alteramos o nosso vôo de regresso a L. A.

— Não posso — disse Rosie. — Preciso de estudar, e lá é o melhor lugar.

— Sozinha? — perguntou Stace.

Rosie inclinou a cabeça.

— Sou mesmo uma parva — murmurou.

— Por que é que não te fazemos companhia um par de dias? — sugeriu Franky. — Vamos embora logo a seguir ao Natal.

— Pois é — corroborou Stace. — Bem precisamos de um pouco de paz e tranqüilidade.

O rosto de Rosie como que se iluminou.

— Palavra? — perguntou, muito feliz. — É tão bom. Podíamos ir esquiar. Há uma estância a menos de meia hora de distância. E eu faço-lhes um jantar de Natal. — interrompeu-se por um instante e acrescentou, muito

pouco convincentemente —: Mas prometam que se vão embora logo a seguir ao Natal. Preciso mesmo de trabalhar.

— Temos de voltar a L. A. — disse Stace. — Temos um negócio para gerir.

— Céus, adoro estes tipos! — exclamou Rosie.

— Eu e o Franky estivemos a falar — continuou Stace, como se nada fosse. — Nunca estivemos na Europa, e pensamos que, quando acabasses as aulas, no Verão, podíamos ir todos juntos. Serás a nossa guia. Tudo do melhor. Só um par de semanas. Seria divertido, se fosses conosco.

— Pois é — acrescentou Franky —, não podemos ir sozinhos.

Riram-se os três.

— É uma idéia maravilhosa — disse Rosie. — Hei de mostrar-lhes Londres, e Paris, e Roma. E vão adorar absolutamente Veneza. Talvez até nunca mais queiram voltar. Mas diabo, rapazes, o verão vem ainda muito longe. Conheço-os bem, por essa altura hão de andar atrás de outras mulheres.

— Queremos-te a ti — respondeu Franky, quase furiosamente.

— Estarei pronta quando telefonarem — prometeu Rosie.

Na manhã de 23 de Dezembro, Rosie estacionou o carro diante do hotel para ir buscar os gêmeos. Guiava um Cadillac enorme, em cuja mala cabiam as suas grandes malas de viagem e uns quantos presentes embrulhados em papéis coloridos, e ainda restava espaço para a bagagem deles, mais modesta.

Stace sentou-se no banco traseiro e deixou Franky ir à frente com Rosie. O rádio estava a tocar e nenhum deles falou durante cerca de uma hora. Era uma das coisas de que mais gostavam em Rosie.

Enquanto esperavam que ela os fosse buscar, tinham tido uma conversa ao pequeno-almoço. Stace sentira que Franky estava pouco à-vontade com ele, o que era muito raro entre os gêmeos.

— Deita lá isso cá para fora — dissera Stace.

— Não quero que me interpretes mal — começara Franky, defensivamente. — Não sou ciumento, nem nada disso. Mas seria possível deixares a Rosie para mim enquanto lá estivermos?

— Claro. Digo-lhe que apanhei um esquentamento em Las Vegas, ou coisa assim.

Franky sorria.

— Não é preciso ir tão longe. Só gostava de tentar tê-la para mim. Caso contrário, afasto-me e podes ficar tu com ela.

— Não sejas parvo — replicara Stace. — Vais estragar tudo. Olha, não a forçamos, não a aldrabamos. Isto é o que ela quer fazer, e eu acho que é porreiro para nós.

— Gostava de tentar sozinho — insistira Franky. — Só durante algum tempo.

— Tudo bem — aquiescera Stace. — Sou o irmão mais velho, tenho de zelar por ti. — Era a piada preferida dos dois, e na verdade Stace parecia alguns anos mais velho do que Franky, em vez de apenas dez minutos — Mas sabes perfeitamente que ela vai topar-te em dois segundos. A Rosie é esperta. Vai saber que estás apaixonado por ela.

Franky olhara para o irmão, com um ar de enorme estupefação.

— Estou apaixonado por ela? — exclamara. — Então é isso? Porra! Jesus Cristo!

E riram-se ambos.

Tinham deixado a cidade para trás e atravessavam os campos de Westchester County. Franky quebrou o silêncio.

— Nunca vi tanta neve em toda a minha vida — disse. — Por que raio há de alguém querer viver aqui?

— Porque é barato — explicou Rosie.

— Ainda falta muito? — perguntou Stace.

— Cerca de hora e meia. Precisam de parar?

— Não — disse Franky —, continuemos.

— A menos que tu precisas de parar — sugeriu Stace.

Rosie abanou a cabeça. Tinha no rosto uma expressão determinada, as mãos firmemente pousadas no volante, observando atentamente a neve que caía.

Cerca de uma hora mais tarde passaram por uma pequena povoação e Rosie disse: — São só mais quinze minutos.

O carro começou a subir uma ladeira bastante íngreme e no alto da pequena colina havia uma casa, cinzenta como um elefante, rodeada por campos cobertos de neve, uma neve perfeitamente pura e sem marcas, sem pegadas ou rastos de pneus.

Rosie parou diante do alpendre dianteiro e apearam-se todos. Ela carregou-os com malas e caixas de presentes.

— Vão entrando — disse. — A porta está aberta. Aqui ninguém as fecha.

Franky e Stace subiram os degraus do alpendre e empurraram a porta

Estavam numa vasta sala decorada com cabeças de animais nas paredes, e havia um grande lume aceso numa lareira do tamanho de uma cave.

Subitamente, ouviram lá fora o rugido do motor do Cadillac, e nesse momento entraram seis homens pelas duas portas da sala. Empunhavam armas e o chefe, um indivíduo enorme com um grande bigode, ordenou com uma voz marcada por um ligeiro sotaque:

— Não se mexam. Não larguem as malas.

Stace compreendeu imediatamente, mas Franky estava preocupado com Rosie. Demorou cerca de trinta segundos a juntar os elementos: o rugido do motor e o fato de ela não estar ali. Então, com a pior sensação que alguma vez tivera em toda a sua vida, compreendeu. Rosie fôra a isca.

## Capítulo 7

Na antevéspera de Natal, Astorre foi à festa que Nicole dava no seu apartamento e para a qual convidara alguns colegas de profissão e membros dos seus grupos de direitos civis, incluindo o que estimava acima de todos, a Campanha Contra a Pena de Morte.

Astorre gostava de festas. Adorava conversar com pessoas que talvez nunca mais voltasse a ver e que eram tão diferentes dele. Por vezes, conhecia mulheres interessantes com as quais mantinha breves ligações. E estava sempre na esperança de apaixonar-se; tinha saudades da sensação. Nessa noite, Nicole recordou-lhe o seu romance de adolescentes, não de uma forma coquete ou insinuante, mas com bom humor.

— Destroçaste-me o coração quando obedeceste ao meu pai e foste para a Sicília — disse.

— Aposto que sim — respondeu ele. v O que não te impediu de namorar com outros rapazes.

Fosse pelo que fosse, Nicole mostrou-se particularmente amigável durante a festa. Deu-lhe a mão, como uma colegial apaixonada, beijou-o nos lábios e agarrou-se a ele como se soubesse que estava prestes a escapar-se-lhe mais uma vez.

Isto confundiu-o, porque sentiu renascer em si toda a antiga ternura mas compreendia que recomeçar com Nicole seria um erro tremendo naquela altura da sua vida. Não seria justo para qualquer dos dois, não com as decisões que tinha de tomar. Finalmente, ela levou-o até junto de um grupo de pessoas e apresentou-o.

Havia um conjunto musical, e Nicole pediu-lhe que cantasse, um pedido que ele estava sempre disposto a satisfazer. Cantaram juntos uma antiga

balada de amor italiana.

Enquanto cantavam, ela agarrou-se-lhe ao braço e olhou-o nos olhos como se lhe procurasse alguma coisa na alma. Depois, com um último beijo deixou-o.

Mais tarde, fez-lhe uma surpresa. Levou-o até junto de uma das convidadas, uma mulher cheia de uma beleza tranqüila, com uns grandes olhos cinzentos e inteligentes.

— Astorre — disse —, apresento-te Georgette Cilke, presidente da Campanha Contra a Pena de Morte. Trabalhamos muitas vezes juntas.

Georgette apertou-lhe a mão e elogiou-lhe a voz.

— Faz-me lembrar o jovem Sinatra — disse.

Astorre ficou deliciado.

— Obrigado. É o meu herói. Sei de cor todas as canções dele.

— O meu marido é também um grande fã — continuou Georgette. Gosto da música dele, mas não da maneira como trata as pessoas.

Astorre suspirou, sabendo que ia entrar numa discussão que não podia ganhar, mas que teria de travar de qualquer modo, como soldado fiel à causa.

— Sim, mas temos de saber distinguir o artista do homem.

Georgette achou graça à elegância da defesa.

— Teremos? — perguntou, com um brilho divertido nos olhos. — Penso que nunca devemos pactuar com esse tipo de insensibilidade e comportamento grosseiro, para não falar da violência.

Astorre percebeu que ela não ia desistir facilmente, por isso limitou-se a cantar alguns compassos de uma das mais famosas canções de amor de Sinatra. Olhou-a nos olhos enquanto cantava, e viu que começava a sorrir.

— OK, OK. Admito que a música é boa, mas nem mesmo assim estou disposta a deixá-lo safar-se com tanta facilidade — disse ela, e tocou-lhe levemente no ombro antes de afastar-se.

Astorre passou o resto da festa a observá-la. Era uma mulher que nada fazia para realçar a sua beleza, mas que tinha uma graça natural e uma doçura que eliminavam completamente a parte de ameaça que a beleza inevitavelmente contém. E Astorre, como todos os presentes, enamorou-se um pouco dela. Georgette, no entanto, parecia genuinamente inconsciente do efeito que causava nas pessoas. Não havia nela um grama que fosse de coqueteria.

Astorre já tinha, claro, lido as notas de Marcantonio sobre Cilke, um implacável perseguidor das fraquezas humanas, friamente eficiente no seu trabalho. E também sabia que a mulher o amava verdadeiramente. O que era um mistério.

A meio da festa, Nicole aproximou-se dele e sussurrou-lhe que Aldo Monza o esperava no vestíbulo.

— Lamento, Nicole — disse ele. — Tenho de ir.

— OK. — respondeu Nicole. — Estava na esperança que ficasses a conhecer um pouco melhor a Georgette. É pura e simplesmente a mulher mais inteligente que alguma vez conheci.

— Bem, é muito bonita — reconheceu Astorre, e pensou para si mesmo como continuava a ser um tolo em matéria de mulheres. já estava a construir fantasias com base num único encontro.

No vestíbulo, encontrou Aldo Monza desconfortavelmente sentado numa das frágeis mas belas cadeiras antigas de Nicole. Monza pôs-se de pé

e disse, num murmúrio:

— Temos os gêmeos. Estão às suas ordens.

Astorre sentiu um aperto no coração. Agora, ia começar. Ia ser novamente testado.

— Quanto tempo levaremos a chegar lá? — perguntou.

— Pelo menos três horas. Temos um nevão.

Astorre consultou o relógio. Eram dez e meia.

— É melhor irmos — disse.

.Quando saíram do edifício, o ar estava branco de neve, e os carros estacionados já enterrados quase até meia altura. Monza tinha um grande Buick à espera.

Conduziu ele, com Astorre ao lado. Estava muito frio, e Monza ligou o aquecimento. Gradualmente, o carro foi-se transformando num forno que cheirava a tabaco e a vinho.

— Durma — disse Monza. — Temos uma longa viagem pela frente e uma noite de trabalho.

Astorre deixou o corpo descontraír-se e o espírito deslizar para o reino dos sonhos. A neve quase escondia a estrada. Recordou o calor ardente da Sicília e os onze anos durante os quais o Dom o preparara para a sua tarefa. Sabia agora quão inescapável era a sua sorte.

Astorre Viola tinha dezesseis anos quando Don Aprile o mandou estudar para Londres. Não ficou surpreso. O Don enviara todos os seus filhos para colégios particulares e praticamente deixara-os crescer nas universidades; não só por acreditar nas vantagens de uma boa educação, mas também para mantê-los afastados dos seus negócios e do seu modo de vida.

Em Londres, Astorre ficou em casa de um próspero casal que emigrara muitos anos antes da Sicília e parecia ter encontrado uma vida confortável em Inglaterra. Eram ambos de meia-idade, sem filhos, e tinham mudado o nome de Priola para Pryor. Todo o seu aspecto era extremamente britânico

Com as suas feições branqueadas pelo clima inglês, e os seu modos e gestos muito serenos, nada sicilianos. O Sr. Pryor ia para o trabalho de chapéu de coco e levando no braço um guarda-chuva meticulosamente enrolado; a Sra. Pryor usava os vestidos às flores e os ridículos chapéus das matronas inglesas.

Na intimidade do lar, porém, revertiam às origens. O Sr. Pryor usava calças largas aos quadrados e camisas pretas sem colarinho, enquanto a Sra. Pryor mudava para vestidos pretos compridos e soltos e cozinhava ao velho estilo italiano. Ele chamava-lhe Marizza, ela chamava-lhe Zu.

O Sr. Pryor trabalhava como diretor executivo na filial de um grande banco de Palermo. Tratava Astorre como um sobrinho preferido, mas mantinha as suas distâncias. A Sra. Pryor enchia-o de comida e de carinho, como se ele fosse um neto.

O Sr. Pryor deu-lhe um carro e uma generosa mesada. Entretanto, inscrevera-o numa pequena e obscura universidade dos arredores de Londres especializada em gestão bancária, mas que também tinha uma boa reputação na área das artes. Astorre cumpria o curriculum exigido, mas o seu verdadeiro interesse estava nas aulas de representação e canto. Preencheu o horário com disciplinas opcionais de Música e História. Foi durante a sua estada em Londres que se apaixonou pelo aparato da caça à raposa — não a morte nem a caçada propriamente dita, só o aparato: os casacos vermelhos, os cães castanhos, os cavalos negros.

Num dos cursos de representação, conheceu uma rapariga da sua idade, Rosie Connor. Era extremamente bonita, como esse ar de inocência que arrasa completamente os jovens e é irresistivelmente provocador para os homens mais velhos. Era, além disso, muito talentosa, e desempenhava

sempre os principais papéis nas várias peças montadas pela turma. Astorre, em contrapartida, via-se invariavelmente relegado para os papéis secundários. Era muito bem-parecido, e tudo isso, mas havia qualquer coisa na sua personalidade que o impedia de partilhar-se com um público. Rosie não tinha esse problema. Era como se convidasse todos e cada um dos membros do público a seduzi-la.

Também tinham lições de canto, e Rosie admirava a voz de Astorre. Tornou-se no entanto evidente que o professor não partilhava este entusiasmo; na realidade, aconselhou-o a abandonar o curso. Além de a sua voz não ser mais do que simplesmente agradável, não tinha, e isso é que era verdadeiramente grave, a mínima compreensão musical.

Ao cabo de apenas duas semanas, Astorre e Rosie tornaram-se amantes. A iniciativa partira mais dela do que dele, embora por essa altura estivesse loucamente apaixonado — tão loucamente apaixonado como se pode estar quando se tem dezesseis anos. Quase esqueceu completamente Nicole. Rosie parecia mais divertida do que apaixonada. Mas era tão vibrantemente viva, adorava-o quando estava com ele e era sempre generosa de todas as maneiras. Uma semana depois de se terem tornado amantes, comprou-lhe um presente caríssimo: um casaco de montar vermelho, um chapéu de caça preto e um pinguim de couro. Ofereceu-lhe tudo aquilo como uma espécie de brincadeira.

Como todos os jovens apaixonados fazem, contaram um ao outro a história das suas vidas. Rosie disse-lhe que os pais tinham um enorme rancho no Dakota do Sul e que passara a infância numa horrósa cidadezinha das Planícies. Conseguira finalmente escapar dizendo que queria ir estudar teatro para Inglaterra. Em todo o caso, a sua meninice não fora uma perda total. Aprendera a montar, a caçar, a esquiar, e no liceu fora uma estrela tanto no grupo de teatro como na equipe de ténis.

Astorre abriu-lhe o coração. Disse-lhe como ansiava ser cantor, como adorava o estilo de vida inglês, com as suas velhas estruturas medievais, o seu fausto real, os seus jogos de pólo e as suas caçadas à raposa. Mas nunca

lhe falou do tio, Don Raymonde Aprile, nem das suas visitas à Sicília, quando criança.

Ela obrigou-o a vestir a indumentária de caça, e depois despiu-o.

— És tão bonito — disse. — Talvez tenhas sido um lorde inglês, numa outra vida.

Era esta a única parte dela que o deixava pouco à-vontade. Rosie acreditava piamente na reencarnação. Mas então faziam amor, e ele esquecia tudo o mais. Parecia-lhe que nunca tinha sido tão feliz, exceto na Sicília.

No final desse ano, porém, o Sr. Pryor chamou-o ao seu gabinete e tinha algumas más notícias. Usava umas calças largas e uma camisola de malha de camponês, e cobria a cabeça com um boné de pala axadrezado cuja sombra lhe escondia os olhos.

— Tens aproveitado a tua estada conosco — disse a Astorre. — A minha mulher adora ouvir-te cantar, mas agora, infelizmente, temos de despedir-nos. Don Raymonde enviou ordens. Irás para a Sicília viver com o seu bom amigo Bianco. Há certas coisas que precisas de aprender. Quer que cresças como um siciliano. Sabes o que isso significa.

Astorre ficou chocado pelas notícias, mas nem por um instante lhe passou pela cabeça a possibilidade de desobedecer. E embora ansiasse rever a Sicília, não suportava a idéia de não voltar a ver Rosie.

— Se vier a Londres uma vez por mês, posso ficar em sua casa? — perguntou.

— Sentir-me-ia insultado se não ficasses — respondeu o Sr. Pryor. — Mas por que razão?

Astorre explicou-lhe a respeito de Rosie, falou-lhe do seu amor por ela. — Ah! — exclamou o Sr. Pryor, com um suspiro de prazer. - Que felicidade

a tua, seres separado da mulher que amas. Um verdadeiro êxtase. E essa pobre rapariga, como vai sofrer. Mas não te preocupes. Deixa-me o nome e a morada, para que eu possa velar por ela.

Astorre e Rosie despediram-se num mar de lágrimas. Ele prometeu ir a Londres todos os meses para estar com ela. Ela jurou que nunca mais olharia para outro homem. Foi uma separação deliciosa. Astorre preocupar-se-ia por causa dela. A sua beleza, a sua alegria, o seu sorriso convidavam inevitavelmente à sedução. Todas as qualidades que o faziam amá-la eram precisamente o perigo. Vira-o vezes sem conta, como acontece a todos os amantes, convencido de que todos os homens do mundo deviam desejar a mulher que amava, de que também eles deviam sentir-se atraídos pela sua beleza. pela sua graça, pela sua vivacidade.

No dia seguinte, Astorre estava a bordo de um avião a caminho de Palermo. Bianco foi buscá-lo ao aeroporto, mas um Bianco radicalmente modificado. O gigantesco indivíduo usava agora um terno de seda feito por medida e um chapéu branco de aba larga. Vestia de acordo com a sua posição, pois a sua cosca controlava a maior parte da indústria de construção civil numa Palermo ainda devastada pela guerra. Tinha de pagar a todos os funcionários municipais da cidade, e aos dos ministérios de Roma, e de defender o seu território contra as coscas rivais, como a poderosa Corleonesi.

Octavius Bianco abraçou Astorre, recordou o rapto, tantos anos antes, e comunicou-lhe as instruções de Don Raymonde. Iria ser treinado como seu guarda-costas e seu discípulo na arte dos negócios. Isto demoraria pelo menos cinco anos, mas, ao fim desse tempo, Astorre seria um verdadeiro siciliano, e portanto digno da confiança do tio. Para já, tinha uma grande vantagem inicial: graças às suas visitas quando criança, falava o dialeto siciliano como um nativo.

Bianco vivia numa enorme Villa nos arredores de Palermo, com um enxame de criados e um exército de guardas. Graças à sua riqueza e poder, estava intimamente ligado à alta sociedade local.

Durante o dia, Astorre treinava tiro e o manejo de explosivos, e aprendia a usar a corda. À noite, Bianco levava-o a casa de amigos ou aos bares. Por vezes, iam a bailes da sociedade, onde Bianco era o ai-jesus das viúvas ricas e Astorre cantava doces canções de amor para as respectivas filhas.

O que mais espantava Astorre era o descarado suborno das mais altas entidades de Roma.

Certo domingo, o ministro da reconstrução apareceu para visitar Bianco, e com a maior das calmas, sem o menor reбуço, aceitou uma mala cheia de notas, agradecendo efusivamente. Explicou, quase como que a pedir desculpa, que metade daquele dinheiro tinha de ir para o primeiro-ministro em pessoa. Mais tarde, quando se encontravam sozinhos, Astorre perguntou a Bianco se aquilo era possível.

Bianco encolheu os ombros.

— Metade não, mas espero que pelo menos uma parte. É uma honra dar a Sua Excelência algum dinheiro para os seus gastos pessoais.

Durante o ano que se seguiu, Astorre visitou Rosie em Londres, ficando apenas um dia e uma noite de cada vez. Eram para eles noites de verdadeira delícia.

Foi também nesse ano que teve o seu batismo de fogo. Combinou-se uma trégua entre Bianco e a cosca Corleonesi. O chefe dos Corleonesi era um homem chamado Tosci Limona. Pequeno, constantemente sacudido por terríveis ataques de tosse, Limona tinha um perfil estranhamente adunco e olhos profundamente encovados nas órbitas. Até Bianco admitia ter medo dele.

O encontro entre os dois chefes iria decorrer em terreno neutro e na presença de um dos mais altos magistrados da Sicília.

Este juiz, conhecido como o Leão de Palermo orgulhava-se de ser absolutamente corrupto. Reduzia as sentenças dos membros da Máfia condenados por assassinio e opunha-se por todos os meios ao avanço das

investigações. Não fazia segredo da sua amizade com a cosca Corleonesi e com a de Bianco. Tinha uma enorme propriedade e quinze quilômetros de Palermo e era para lá que o encontro estava marcado, com o objetivo de garantir que não haveria violência.

Os dois chefes foram autorizados a levar quatro guarda-costas cada. Além disso, pagaram a meias os honorários do Leão por ter arranjado e ir presidir ao encontro, além, naturalmente, de alugar a sua própria casa.

Com a grande juba de cabelos brancos que quase lhe escondia o rosto, O Leão era a imagem perfeita da mais respeitável jurisprudência.

Astorre chefiava o grupo de guarda-costas de Bianco, e ficou impressionado pelas demonstrações de amizade entre os dois chefes de cosca. Limona e Bianco abraçaram-se, beijaram-se nas faces e trocaram calorosos apertos de mão. Riram-se e conversaram intimamente um com o outro durante o luxuoso jantar com que o Leão os presenteou.

Por isso foi enorme a sua surpresa quando, terminado o repasto, ele e Bianco ficaram a sós, e Bianco lhe disse:

— Temos de ter muito cuidado. Esse filho-da-puta do Limona quer matar-nos a todos.

E tinha razão.

Uma semana mais tarde, um inspetor da polícia a soldo de Bianco foi morto a tiro quando saía da casa da amante. Passadas duas semanas, um dos pilares da sociedade de Palermo, um sócio de Bianco no negócio da construção civil, foi abatido por um grupo de mascarados que lhe invadiram a casa e o crivaram de balas.

Bianco respondeu aumentando o número de guarda-costas e mandando examinar com o mais metuculoso cuidado qualquer veículo em que tivesse de deslocar-se. Os Corleonesi eram famosos pela sua perícia com explosivos. Por isso Bianco nunca se afastava muito da Villa.

Chegou, porém, o dia em que teve de ir a Palermo pagar a dois altos funcionários municipais, e resolveu então jantar no seu restaurante preferido. Escolheu um Mercedes e o seu melhor motorista-guarda-costas. Astorre tomou lugar no banco traseiro, a seu lado. Eram precedidos por um carro e seguidos por outro, ambos com dois homens armados, além dos condutores.

Percorriam uma larga, avenida quando, subitamente, dois homens numa moto surgiram de uma rua transversal. O “pendura” empunhava uma Kalashnikov e começou a disparar contra o Mercedes. Mas nessa altura já Astorre tinha empurrado Bianco para o chão e respondia ao fogo enquanto os dois atacantes passavam por eles a toda a velocidade. A moto meteu por outra rua transversal e desapareceu.

Três semanas mais tarde, a coberto da noite, cinco homens foram capturados, levados para a Villa de Bianco, amarrados e encerrados na cave.

— São Corleonesi — disse Bianco a Astorre. — Vem comigo à cave.

Os homens estavam amarrados ao velho estilo camponês de Bianco, com os membros entrelaçados. Vários guardas vigiavam-nos. Bianco pegou na espingarda de um dos guardas e, sem dizer uma palavra, matou todos os cinco com um tiro na cabeça.

— Larguem-nos nas ruas de Palermo — ordenou. Voltou-se então para Astorre e disse. — Depois de teres decidido matar um homem, nunca fales com ele. Torna a situação embaraçosa para ambos.

— Eram os motociclistas? — perguntou Astorre.

— Não — respondeu Bianco. — Mas servem.

E serviram. A partir desse momento, reinou a paz entre a cosca de Palermo e a de Corleone.

Havia quase dois meses que Astorre não ia a Londres ver Rosie. Certa Manhã, muito cedo, recebeu um telefonema dela. Tinha-lhe dado o número, para ser usado em caso de emergência — Astorre — disse ela, com uma voz muito calma —, podes vir imediatamente? Estou metida num terrível sarilho.

— Diz-me o que se passa — pediu Astorre.

— Não posso, pelo telefone — respondeu Rosie. — Mas se realmente me amas, virás.

Quando Astorre pediu a Bianco autorização para ausentar-se, este disse-lhe: — Traz dinheiro.

E entregou-lhe um enorme maço de libras inglesas.

Quando Astorre chegou ao apartamento, ela deixou-o entrar e fechou rapidamente a porta.

Estava mortalmente pálida, embrulhada num felpudo roupão que ele nunca lhe tinha visto. Rosie beijou-o e disse, com uma voz muito triste: — Vais zangar-te comigo.

Nesse momento, Astorre pensou que ela estava grávida, e declarou imediatamente: — Querida, nunca poderei zangar-me contigo.

Ela abraçou-o com muita força.

— Foste-te embora há mais de um ano, sabes? Tentei ser fiel. Mas tanto tempo...

Subitamente, o espírito de Astorre ficou claro, gelidamente claro. Havia ali traição, mais uma vez. Mas havia também mais qualquer coisa. Por que lhe pedira ela para vir tão depressa?

—K, — disse. — Porque é que estou aqui?

— Tens de ajudar-me — disse Rosie, e levou-o até ao quarto.

Havia qualquer coisa em cima da cama. Astorre puxou o lençol e viu um homem de meia-idade, deitado de costas, completamente nu, mas apesar disso com um aspecto digno. O que se devia em parte à pequena barbicha prateada, ou talvez às feições finamente cinzeladas. O corpo era seco e esguio, com uma densa mata de pêlos no peito; o mais estranho de tudo eram os óculos de aros de ouro por cima dos olhos abertos. Apesar de a cabeça ser um pouco demasiado grande para o corpo, era um homem bem-parecido. Estava o mais morto que se pode estar, embora não houvesse ferimentos visíveis. Tinha os óculos descaídos para um lado, e Astorre estendeu a mão para lhos endireitar.

— Estávamos a fazer amor e ele teve um espasmo horrível — murmurou Rosie. — Acho que foi um ataque de coração.

— Quando foi que isto aconteceu? — perguntou Astorre. Estava num ligeiro estado de choque.

— À noite passada — disse Rosie.

— Por que não chamaste uma ambulância? A culpa não foi tua.

— É casado, e talvez a culpa tenha sido minha. Usamos nitrato de amilo. Ele tinha dificuldade em acabar — explicou Rosie, sem a mais pequena sombra de embaraço.

Astorre estava verdadeiramente espantado com o autodomínio dela. Olhando para o corpo, teve a estranha sensação de que devia vestir o homem e tirar-lhe os óculos. Era demasiado velho para estar nu — pelo menos cinqüenta anos — e aquilo não lhe parecia bem.

— O que foi que viste neste tipo? — perguntou a Rosie, sem malícia mas com a incredulidade dos muito jovens.

— Era meu professor de História — respondeu ela. — Muito simpático, muito gentil. Foi um daqueles impulsos do momento. Era só a segunda vez. Sentia-me tão só. — Interrompeu-se por um instante e então, olhando-o diretamente nos olhos, acrescentou —: Tens de ajudar-me.

— Alguém sabia que andavas com ele?

— Não.

— Continuo a pensar que devíamos chamar a polícia.

— Não — respondeu Rosie. — Se tens medo, trato eu disto sozinha.

— Veste-te — disse-lhe Astorre, com uma expressão dura. E puxou o lençol para cobrir o corpo.

Uma hora mais tarde, estavam em casa do Sr. Pryor; foi ele próprio quem lhes abriu a porta. Sem uma palavra, levou-os para o escritório e ouviu a história que tinham para contar. Foi muito simpático para Rosie, dando-lhe palmadinhas na mão para a confortar, o que a levou a desfazer-se em lágrimas. O Sr. Pryor pegou no chapéu e pigarreou, emocionado, antes de dizer, dirigindo-se a Rosie:

— Dê-me a chave do seu apartamento. Fique aqui esta noite. Amanhã poderá regressar a casa e estará tudo em ordem. O seu amigo terá desaparecido. Depois continuará em Londres mais uma semana antes de regressar à América.

Acompanhou-os até ao antigo quarto de Astorre, como que assumindo que nada acontecera que lhes estragasse o romance, e saiu para tratar do assunto.

Astorre sempre recordaria aquela noite. Ficou deitado na cama ao lado de Rosie, confortando-a, limpando-lhe as lágrimas.

— Era só a segunda vez — murmurava ela. — Não significava nada, e nós éramos tão amigos. Tinha saudades tuas. Admirava a inteligência dele, e então uma noite aconteceu. Ele não era capaz de acabar e, detesto dizer isto, nem sequer era capaz de manter uma ereção. Por isso pediu para usar o nitrato.

Parecia tão vulnerável, tão magoada, tão desfeita pela sua tragédia que Astorre fazia tudo o que podia para consolá-la. Uma coisa, porém estava a intrigá-lo. Rosie ficara em casa sozinha com um cadáver durante vinte e quatro horas até ele chegar. Era um mistério. E onde havia um mistério, podia haver outros. Continuou, no entanto, a limpar-lhe as lágrimas e a beijar-lhe as faces, para consolá-la.

— Alguma vez voltarás a querer ver-me? — perguntou ela, enterrando o rosto no ombro dele e fazendo-o sentir a macieza do seu corpo.

— Claro que vou — respondeu Astorre. Mas, no segredo do seu coração, não tinha tanto a certeza.

Na manhã seguinte, o Sr. Pryor reapareceu e disse a Rosie que podia regressar a casa. Rosie deu-lhe um grande abraço de gratidão, que ele aceitou calorosamente. Tinha um carro à espera dela. Depois de Rosie ter partido, o Sr. Pryor, muito correto de coco e chapéu-de-chuva, levou Astorre ao aeroporto.

— Não te preocupes com ela — disse. — Nós tratamos de tudo.

— Diga-me qualquer coisa - pediu Astorre.

— Fica descansado. Ela é uma rapariga maravilhosa, uma verdadeira mafiosa. Deves perdoar-lhe esta pequena falta.

## Capítulo 8

Durante os anos que passou na Sicília, Astorre foi treinado para se tornar um Homem Qualificado. Chefiou inclusivamente um grupo de seis homens da cosca de Bianco numa incursão a Corleone para executar o seu primeiro “bombardeiro”, um homem que fizera ir pelos ares um general do Exército italiano e dois dos mais capazes juizes anti-Máfia da Sicília. Uma ação audaciosa, que firmou a sua reputação entre os escalões superiores da cosca de Palermo liderada por Bianco.

Além disso, fazia uma vida social ativa, freqüentando os cafés e os clubes noturnos da cidade — sobretudo para conhecer mulheres bonitas. Palermo estava cheia de jovens picciotti — os soldados da Máfia, todos muito ciosos da sua virilidade, todos muito decididos a fazer boa figura com os seus ternos cortados por medida, as suas unhas arrançadas e os cabelos penteados para trás e colados ao crânio como uma pele, à custa de brilhantina. Todos desejosos de deixarem a sua marca — de serem temidos ou amados. Os mais jovens não passavam de adolescentes, ostentando finos bigodes meticulosamente cuidados e lábios vermelhos como coral. Nunca cediam um milímetro a qualquer outro homem, e Astorre evitava-os. Totalmente imprevisíveis, matavam até os de mais alta condição no seu mundo, garantindo deste modo a sua própria eliminação quase imediata. Porque matar um companheiro da Máfia era, como seduzir-lhe a mulher, um crime punível com a morte. Para lhes satisfazer o orgulho, Astorre mostrava sempre a estes picciotti uma amável deferência. E gozava de uma certa popularidade entre eles. O fato de se ter semi-apaixonado por uma dançarina de clube noturno chamada Buji ajudou bastante, evitando-lhe más vontades em questões de coração.

Astorre foi durante vários anos o braço direito de Bianco contra a cosca Corleonesi. Periodicamente, recebia instruções de Don Aprile, que deixara de fazer as suas visitas anuais à Sicília.

O grande ponto de discórdia entre a cosca Corleonesi e a de Bianco era uma questão de estratégia a longo prazo. Os Corleonesi tinham optado por um reinado de terror contra as autoridades. Assassinaavam magistrados e mandavam pelos ares os generais enviados para eliminar a Máfia na Sicília. Bianco estava convencido de que esta atitude acabaria por vir a revelar-se prejudicial a longo prazo, embora pudesse trazer algumas vantagens no imediato. Estas objeções levaram, porém, a que algum dos seus próprios amigos fossem assassinados. Bianco retaliou, e a carnificina foi tal que ambos os lados voltaram a procurar uma trégua.

Durante os seus anos na Sicília, Astorre fez um único amigo íntimo. Nello Sparra era cinco anos mais velho do que ele e tocava com um conjunto num clube de Palermo onde as “hospedeiras” eram muito bonitas e algumas trabalhavam como prostitutas de alto nível.

Nello nunca tinha falta de dinheiro — aparentemente, dispunha de várias fontes de rendimento. Vestia elegantemente, ao estilo mafioso de Palermo. Estava sempre bem-disposto e pronto para uma aventura, e as raparigas do clube adoravam-no porque ele lhes dava pequenos presentes quando faziam anos e nas Festas. E também por suspeitarem que era um dos proprietários secretos do clube, um excelente lugar para se trabalhar graças à rigorosa proteção da cosca de Palermo, que controlava todos os locais de diversão da província. Por isso era com grande prazer que acompanhavam Nello e Astorre a festas particulares ou nas suas excursões ao campo.

Buji era uma morena alta, invulgarmente bonita e voluptuosa, que trabalhava no clube de Nello Sparra. Era famosa pelo seu temperamento explosivo e pela independência com que aceitava ou rejeitava amantes. Nunca encorajava um picciotti. Os homens que a cortejavam tinham de ter dinheiro e poder. Tinha fama de ser mercenária de uma forma franca e aberta que era considerada Mafiosa. Exigia presentes caros, mas a sua beleza e ardor tornavam os homens mais ricos de Palermo desejosos de lhe satisfazerem as necessidades.

Ao longo dos anos, Astorre e Buji criaram uma relação perigosamente próxima do verdadeiro amor. Buji preferia-o a todos os outros, embora não

hesitasse em deixá-lo para ir passar um fim-de-semana particularmente lucrativo com um qualquer rico comerciante de Palermo. Da primeira vez que o fez, ele tentou recriminá-la, mas ela esmagou-o com uma dose maciça de senso comum.

— Tenho vinte e um anos — disse. — A minha beleza é o meu capital. Quando tiver trinta, posso ser uma dona de casa financeiramente independente com um monte de filhos e uma pequena loja. Claro que passamos uns bons momentos, mas tu hás-de regressar à América, para onde eu não tenho a mínima intenção de ir... e para onde tu não tens a menor intenção de me levar. Limitemo-nos a divertir-nos como dois seres humanos livres. Seja como for, hás de ter o melhor de mim antes que eu me farte de ti. Portanto, deixa-te de disparates. Tenho de cuidar da minha própria vida. — E acrescentou, ironicamente. — Além disso, dedicas-te a um ramo de atividade demasiado perigoso para que eu possa contar contigo.

Nello tinha uma enorme Villa fora de Palermo, junto à costa. Com dez quartos, acomodava facilmente as festas dos dois amigos. No exterior, havia uma piscina com a forma da Sicília e dois courts de ténis de terra que raramente eram usados.

Aos fins-de-semana, a casa era invadida pelos inúmeros familiares de Nello, que vinham da província visitá-lo. As crianças menores que não sabiam nadar eram “fechadas” nos courts com os seus brinquedos, velhas raquetas e montes de bolas de ténis, que jogavam ao pontapé como se fossem de futebol, até ficarem tão sujas de terra que pareciam pequenas avezinhas amarelas.

Astorre foi incluído nesta vida familiar e aceito como um sobrinho muito querido. Nello tornou-se como um irmão para ele. À noite, chegava a convidá-lo para o pequeno estrado onde a banda tocava e cantavam os dois baladas de amor sicilianas que enterneciam as empregadas e que o público aplaudia entusiasticamente.

O Leão de Palermo, esse juiz tão eminentemente corruptível, voltou a oferecer a sua casa e os seus préstimos para novo encontro entre Bianco e

Limona. Mais uma vez, foram ambos autorizados a levar quatro guardacostas. Bianco estava inclusivamente disposto a abrir mão de uma pequena parte do seu império de construção civil em Palermo para assegurar a paz.

Astorre não quis correr riscos. Ele e os três guardas compareceram à reunião fortemente armados.

Limona e o seu séquito esperavam em casa do magistrado quando Bianco, Astorre e os guardas chegaram. Fôra preparado um luxuoso jantar. Nenhum dos guardas se sentou à mesa da refeição. Só o juiz — com a sua “juba” branca presa por uma fita cor-de-rosa —, Bianco e Limona.

Este comeu muito pouco, mas mostrou-se extremamente amável e receptivo às expressões de afeto de Bianco. Prometeu que não haveria mais assassinios de funcionários do governo, especialmente dos que estavam a soldo de Bianco.

Terminado o jantar, quando se preparavam para passar à sala de fumo Para acertar os últimos pormenores, o Leão pediu que o desculpassem por alguns instantes. Estaria de volta dentro de cinco minutos, disse, com o sorriso embaraçado de quem dava a entender que tinha de responder a um apelo da natureza.

Limona abriu uma nova garrafa de vinho e encheu o copo de Bianco. Astorre aproximou-se da janela e olhou para o espaçoso pátio fronteiro à casa. Só ali estava estacionado um carro e, nesse instante, a alva cabeça do Leão de Palermo surgiu à vista. O magistrado entrou no carro, que se afastou velozmente.

Astorre não teve a mais pequena hesitação. O seu cérebro reuniu instantaneamente as peças daquele quebra-cabeças. Já empunhara a arma ainda antes de acabar de pensar. Limona e Bianco tinham os braços entrelaçados, bebendo cada um pelo seu copo. Astorre deu dois passos em frente, levantou a arma e disparou. A bala atravessou o copo antes de entrar na boca de Limona, e lascas de vidro espalharam-se como diamantes sobre o tampo da mesa. No mesmo instante, Astorre voltou a arma para os

guarda-costas de Limona e continuou a disparar. Os seus próprios homens imitaram-no uma fração de segundo mais tarde. Os corpos tombaram no chão.

Bianco olhou para ele, estupefato.

— O Leão foi-se embora — disse Astorre, e Bianco compreendeu imediatamente que se tratara de uma armadilha.

— Tem muito cuidado — aconselhou, apontando para o corpo ensangüentado de Limona. — Os amigos dele vão andar atrás de ti.

É possível a um homem teimoso ser leal, mas já não lhe é tão fácil manter-se afastado de sarilhos. Foi o que aconteceu a Pietro Fissolini. Depois do excepcional gesto de misericórdia de Don Raymonde Aprile para com ele, Fissolini nunca traiu o Dom mas traiu a própria família. Seduziu a mulher do seu sobrinho Aldo Monza. Isto muito tempo depois da sua promessa ao Dom quando tinha já sessenta anos.

Foi um gesto de perfeita loucura. Ao seduzir a mulher do sobrinho, Fissolini destruiu a sua liderança da cosca. Porque na estrutura compartimentada da Máfia, para manter o poder, um homem tem de pôr a família acima de tudo. E depois, havia um pormenor que tornava a situação dez vezes mais explosiva: a esposa seduzida era sobrinha de Bianco, e Bianco nunca toleraria que o marido exercesse sobre ela o seu direito de vingança. Aldo tinha inevitavelmente de matar Fissolini, o seu tio preferido e chefe da cosca. Duas províncias iam envolver-se numa guerra sangrenta, haveria centenas de mortos. Astorre mandou recado ao Dom pedindo instruções.

A resposta que recebeu foi: “Salvaste-o uma vez; vais ter de decidir novamente.”

Aldo Monza era um dos membros mais apreciados da Cosca e da família. Era também um dos homens a quem o Don poupava a vida, tantos anos antes. Por isso, quando Astorre o chamou à casa do Dom compareceu

prontamente. Astorre excluiu Bianco da reunião, dando-lhe a garantia de que protegeria a sobrinha.

Monza era alto para um siciliano, quase um metro e oitenta. Tinha uma constituição magnífica, um corpo moldado pelo duro trabalho dos campos desde a infância. Mas tinha uns olhos cavernosos e a cara tão descarnada, com uma pele tão esticada, que a sua cabeça parecia uma caveira. Esta característica fazia-o parecer particularmente feio e perigoso. E, de certa maneira, trágico. Monza era o mais inteligente e o mais instruído dos membros da cosca de Fissolini. Estudara Veterinária em Palermo, e para onde quer que fosse levava a sua maleta de instrumentos. Tinha uma simpatia natural pelos animais, e os seus préstimos eram constantemente solicitados. O que o não impedia de ser tão intransigentemente fiel ao código de honra siciliano como qualquer camponês. A seguir a Fissolini, era o homem mais poderoso da cosca.

Astorre tomara a sua decisão.

— Não estou aqui para pedir pela vida do Fissolini. Sei que a cosca aprovou a tua vingança. Compreendo o teu desgosto. Mas estou aqui para pedir pela vida da mãe dos teus filhos.

Monza olhou para ele. — Traiu-me a mim e aos meus filhos. Não posso deixá-la viver.

Escuta-me — pediu Astorre. — Ninguém tentará vingar o Fissolini. Mas a mulher é sobrinha do Bianco. E ele há de querer vingá-la. A cosca dele é mais forte do que a tua. Vai ser uma guerra sangrenta. Pensa nos teus filhos.

Monza fez um gesto de desdém com a mão.

— Quem sabe até se são meus? Ela é uma puta. — Fez uma pausa. — E terá uma morte de puta.

O fulgor da morte iluminou-lhe o rosto. Estava para lá da raiva. Estava disposto a destruir o mundo.

Astorre tentou imaginar a vida daquele homem na sua aldeia natal, a honra perdida, a sua dignidade destruída pelo próprio tio e pela mulher.

— Ouve-me com muita atenção — disse. — Há muitos anos, Don Aprile poupou-te a vida. Agora pede-te este favor. Vinga-te do Fissolini, como todos sabemos que deves. Mas poupa a tua mulher, e o Bianco mandá-la-á e aos filhos para junto de uns parentes que tem no Brasil. Quanto a ti, pessoalmente, faço-te esta oferta com a aprovação do Dom: — Vem comigo como meu ajudante pessoal, como meu amigo. Viverás uma vida rica e interessante. E serás poupado à vergonha de viver na tua aldeia. Além disso, estarás a salvo da vingança dos amigos do Fissolini.

Astorre ficou satisfeito ao ver que Monza não fazia qualquer gesto de surpresa ou ira. Durante cinco minutos ficou imóvel, pensando intensamente. Então perguntou:

— Continuará a pagar à cosca da minha família? O meu irmão será o chefe.

— Certamente — respondeu Astorre. — São valiosos para nós.

— Então, depois de matar o Fissolini, irei consigo. Nem o senhor nem o Bianco interferirão eja de que maneira for. A minha mulher não vai para o Brasil antes de ver o cadáver do meu tio.

— De acordo — disse Astorre. E, ao recordar o rosto rude e jovial de Fissolini, sentiu uma ponta de pena. — Quando será?

— Domingo — respondeu Monza. — Na segunda-feira estarei consigo. E que Deus faça arder a Sicília e a minha mulher em mil infernos, para todo o sempre.

— Regressarei contigo à tua aldeia — anunciou Astorre. — A tua mulher ficará sob a minha proteção. Receio que te deixes arrastar.

Monza encolheu os ombros. — Não posso consentir que a minha sorte seja decidida por aquilo que uma mulher mete dentro da vagina.

A cosca Fissolini reuniu muito cedo na manhã de domingo. Os sobrinhos e cunhados tinham de decidir se deviam ou não matar o irmão mais novo de Fissolini, para evitar a sua vingança. Com toda a certeza o irmão soubera da sedução e, não a denunciando, pactuara com ela. Astorre não participou na discussão. Limitou-se a deixar claro que a mulher e os filhos não seriam tocados. Mas a ferocidade daqueles homens por causa de um crime que não lhe parecia assim tão grave gelou-lhe o sangue. Apercebeu-se então de até que ponto o Don fora misericordioso para com ele.

Compreendeu que não se tratava apenas de uma questão sexual. Quando uma mulher trai o marido com um amante, deixa entrar um possível inimigo na estrutura política da cosca. Pode revelar segredos que minam as defesas; confere ao amante poder sobre a Família do marido. É uma espia numa guerra. O amor não é desculpa para tão grande traição.

A cosca reuniu-se, pois, no domingo de manhã, ao pequeno-almoço em casa de Aldo Monza, e depois as mulheres saíram para ir à missa com as crianças. Três homens da cosca levaram o irmão de Fissolini para os campos... e para a morte. Os outros ficaram a ouvir Fissolini discursar. Só Aldo Monza não riu das suas piadas. Astorre, como convidado de honra, estava sentado ao lado do chefe.

— Aldo — disse Fissolini ao sobrinho, com um sorriso trocista — estás a ficar tão azedo como a tua cara.

Monza olhou-o diretamente nos olhos.

— Não posso estar tão contente como tu, tio — respondeu. — Ao fim e ao cabo, não partilho a tua mulher, pois não?

Nesse instante, três homens da cosca agarraram Fissolini e amarraram-no à cadeira. Monza foi à cozinha e voltou com a sua maleta de

instrumentos. —Tio — disse.. — Vou ensinar aquilo que esqueceste.

Astorre desviou a cabeça.

Sob a luz ofuscante do Sol daquela manhã de domingo, pela estrada de terra que levava à famosa igreja da Sagrada Virgem Maria, um grande cavalo branco avançava lentamente a passo. Montado nesse cavalo ia Fissolini. Estava amarrado à sela com arames, e tinha as costas apoiadas num tosco crucifixo de madeira. Parecia quase vivo. Mas sobre a sua cabeça, como uma coroa de espinhos, havia um ninho de gravetos cheio de erva verde, e dentro desse ninho, em cima da erva, estavam o seu pênis e os seus testículos, dos quais escorriam finos fios de sangue que lhe deslizavam pela testa e pela cara.

Aldo Monza e a sua bela esposa esperavam de pé nos degraus da igreja. Ela começou a benzer-se, mas ele agarrou-lhe o braço e manteve-lhe a cabeça levantada, obrigando-a a ver. Depois empurrou-a para a estrada, para que seguisse o cadáver.

Astorre aproximou-se e enfiou-a no carro, para levá-la para Palermo. Monza deu um passo na direção dele e da mulher, com uma máscara de ódio na face. Astorre olhou-o calmamente nos olhos e levantou um dedo, num gesto de aviso. Monza deixou-os ir.

Seis meses depois da morte de Limona, Nello convidou Astorre para um fim-de-semana na sua vilã Jogariam tênis e nadariam no mar. Deliciar-se-iam com os magníficos peixes que ali se pescavam e teriam a companhia de duas das raparigas mais bonitas do clube, Buji e Stella. E dessa vez teriam a casa só para eles. A família inteira ia a um casamento, algures no campo. Estava um belo tempo siciliano, com esse sol velado tão especial que impede que o calor se torne insuportável e transforma o céu numa espécie de dossel refulgente suspenso sobre a ilha. Astorre e Nello jogaram tênis com as raparigas, que nunca tinham visto uma raqueta em toda a sua vida mas batiam as bolas com excitado entusiasmo e as faziam voar por cima da vedação. Finalmente, Nello sugeriu um passeio pela praia e um mergulho no mar. Os quatro guarda-costas divertiam-se à sombra do alpendre, onde

os criados da casa lhes serviam comida e bebida. O que os não fazia descurar a vigilância, até porque gostavam de ver os corpos esbeltos das duas mulheres nos seus maiôs, especulando a respeito de qual das duas seria melhor na cama, e concordando todos que devia ser Buji, cuja vivacidade e alegria pareciam dar testemunho de um elevado potencial de excitação. Por isso se prepararam para o passeio na praia de bom humor, chegando inclusivamente a arregaçar as pernas das calças.

Astorre, porém, fez-lhes sinal para que ficassem.

— Manter-nos-emos à vista — disse-lhes. — Saboreiem as vossas bebidas.

Desceram os quatro até à praia e começaram a caminhar à beira d'água, Nello e Astorre à frente, as duas raparigas atrás. Quando se afastaram cinqüenta metros, Stella e Buji começaram a despir os maiôs. Buji baixou as alças para expor os seios, segurando-os com as mãos em concha e voltando-os para o Sol.

Saltaram todos para a água, que estava agradavelmente fresca. Nello, que era um excelente nadador, mergulhou e voltou à superfície entre as pernas de Stella, de modo que quando se pôs de pé, ficou com ela encavalitada nos ombros.

— Anda lá! — gritou a Astorre.

E Astorre avançou até onde a profundidade era suficiente para poder nadar, com Buji a agarrá-lo pelas costas. Empurrou-a para baixo, mergulhando com ela, mas, em vez de assustar-se, Buji puxou-lhes os calções, quase o despindo.

Submerso, Astorre sentiu uma vibração nos ouvidos. Simultaneamente, viu os seios brancos de Buji suspensos na água verde por cima dele e a cara risonha dela muito perto da sua. Então, quando a vibração se tornou um rugido, subiu à superfície, com Buji ainda agarrada às suas ancas nuas.

A primeira coisa que viu foi a lancha rápida a voar na sua direção, o rugido do motor a rasgar o ar e a água. Nello e Stella estavam na praia. Como teriam lá chegado tão depressa? Muito ao longe, viu os quatro guarda-costas, com as pernas das calças arregaçadas, a correrem em direção à praia. Empurrou Buji para debaixo de água, afastando-a de si, e tentou avançar a pé para terra. Mas era demasiado tarde. A lancha estava muito perto, e viu o homem com a espingarda, a apontar cuidadosamente. O barulho dos tiros foi abafado pelo rugido do motor.

A primeira bala fê-lo rodopiar, ficando de frente para o atirador. O seu corpo pareceu saltar fora de água e depois desapareceu abaixo da superfície. Ouviu o barco afastar-se, e então sentiu Buji a puxá-lo, a arrastá-lo, a tentar carregá-lo para a areia.

Quando os guarda-costas chegaram, encontraram Astorre estendido de cara para baixo, com uma bala na garganta. De joelhos a seu lado, Buji soluçava.

Astorre demorou quatro meses a recuperar dos ferimentos. Bianco escondera-o num pequeno hospital particular de Palermo, onde podia estar sob vigilância armada e receber o melhor tratamento. Ia visitá-lo todos os dias, e Buji aparecia sempre que tinha folga no clube.

Foi perto do fim da sua estada no hospital que Buji lhe levou uma gargantilha de ouro com cinco centímetros de largura da qual pendia uma medalha com a imagem da Virgem Maria. Pôs-lha à volta do pescoço, como um colar, e posicionou a medalha sobre a cicatriz da ferida. Fora tratada com um material adesivo que a fez colar à pele. O disco tinha o tamanho de um dólar de prata, mas cobria a ferida e parecia um enfeite, sem no entanto ter fosse o que fosse de efeminado.

— Serve — disse Buji, carinhosamente. — Não suportava olhar para essa cicatriz. — E beijou-o ao de leve.

— Tens de lavar o adesivo uma vez por dia — aconselhou Bianco.

— Ainda alguém me corta a garganta por causa do ouro — protestou Astorre, aborrecido. — Será tudo isto realmente necessário?

— Sim — respondeu Bianco. — Um homem de respeito não pode ostentar uma ferida infligida por um inimigo. Além disso, a Buji tem razão. Essa cicatriz tem um aspecto horrível.

A única coisa que Astorre registou foi que Bianco lhe chamara um homem de respeito. Octavius Bianco, o mafioso perfeito, dera-lhe essa honra. Ficou surpreendido e lisonjeado.

Depois de Buji partir — para um fim-de-semana com o comerciante de vinhos mais rico de Palermo —, Bianco segurou um espelho para que Astorre pudesse ver-se. A fita de ouro era magnificamente trabalhada. A Virgem, pensou Astorre; estava por todo o lado, na Sicília; em oratórios à beira das estradas, nos carros e nas casas, nos brinquedos das crianças.

— Por que é que os Sicilianos veneram a Virgem e não Jesus? — perguntou a Bianco.

Bianco encolheu os ombros.

— Jesus, ao fim e ao cabo, era apenas um homem, de modo que não se pode confiar inteiramente nele. Seja como for, esquece tudo isso. Antes de regressares à América, vais passar um ano em Londres com o sr. Pryor, para aprenderes o negócio bancário. Ordens do teu tio. E há outra coisa. O Nello tem de morrer.

Astorre tinha pensado muito em todo aquele caso e sabia que Nello era culpado. Mas, porquê? Tinham sido amigos durante tanto tempo, e fora uma amizade genuína. Mas então houvera aquilo da morte de Limona.

Nello devia estar ligado de alguma maneira à costa Corleonesi, e fôra obrigado a fazer o que fizera. E havia o fato de Nello nunca ter ido visitá-lo

ao hospital. Na realidade, desaparecera de Palermo. Deixara de tocar no clube. Mesmo assim, Astorre ainda tinha a esperança de estar enganado.

— Tem a certeza de que foi o Nello? — perguntou. — Era o meu melhor amigo.

— Quem querias tu que eles usassem? — respondeu Bianco. — O teu pior inimigo? O teu amigo, evidentemente. Seja como for, terás de ser tu a castigá-lo pessoalmente, como homem de respeito. Por isso vê lá se te pões bom.

Na próxima visita de Bianco, Astorre disse-lhe:

— Não temos provas contra o Nello. Deixa as coisas como estão e faz as pazes com os Corleonesi. Que toda a gente pense que morri.

Bianco começou por discutir acaloradamente, mas acabou por aceitar a sensatez da sugestão de Astorre e achou-o um homem muito astuto. Podia fazer as pazes com os Corleonesi, e as contas ficariam saldadas. Quanto a Nello, era apenas um peão que nem valia a pena matar.

Até outro dia.

Os preparativos demoraram uma semana. Astorre regressaria aos Estados Unidos depois de passar por Londres, onde seria instruído pelo sr. Pryor. Bianco disse-lhe que Aldo Monza seguiria diretamente para a América. Ficaria com Don Aprile e esperaria por ele em Nova Iorque.

Astorre passou um ano em Londres com o sr. Pryor. Foi uma experiência fascinante, e enriquecedora.

No seu escritório, enquanto bebiam vinho com limão, o sr. Pryor explicou-lhe que havia projetos extraordinários para ele. Que a sua estada na Sicília fizera parte de um plano do Don que visava prepará-lo para desempenhar um certo e importante papel.

Astorre perguntou-lhe por Rosie. Nunca a esquecerá — a sua graça, a sua alegria de viver, a sua generosidade em tudo o que fazia, incluindo o amor. Tinha saudades dela.

O sr. Pryor arqueou as sobrancelhas.

— A jovem mafiosa — disse. — Sabia que não te esquecerias dela.

— Sabe onde está?

— Claro. Em Nova Iorque.

— Tenho pensado nela — disse Astorre, hesitantemente. — Ao fim e ao cabo, eu estive ausente muito tempo, e ela era tão nova. O que aconteceu foi muito natural. Gostava de voltar a vê-la.

— Com certeza — respondeu o sr. Pryor. — Por que não? Depois do jantar, dou-te toda a informação de que necessitas.

Foi assim que, mais tarde nessa noite, no gabinete do sr. Pryor, Astorre ficou a saber toda a história de Rosie. O sr. Pryor passou gravações de telefonemas que revelavam os encontros dela com homens no seu apartamento. Aquelas gravações deixavam bem claro que tinha relações sexuais com eles, e que eles lhe ofereciam prendas caras e dinheiro. Foi um choque para Astorre ouvir a voz dela a usar tonalidades que julgava reservadas só para si — o riso cristalino, as respostas prontas e espirituosas, as fiaves de afeto. Era extremamente encantadora, nunca ordinária ou vulgar. Conseguia parecer uma liceal a combinar a ida ao baile de fim de curso. A sua inocência era uma obra de gênio.

O sr. Pryor tinha a pala do boné puxada para os olhos, mas estava a vigiá-lo.

— É muito boa, não é? — perguntou Astorre. — Uma artista nata.

— Estas gravações foram feitas quando eu ainda andava com ela?

O sr. Pryor fez um gesto vago com a mão.

— Era meu dever proteger-te. Sim.

— E nunca me dissesse nada?

— Estavas loucamente apaixonado. Para quê estragar-te o prazer? Ela não era gananciosa, tratava-te bem. Também eu já fui jovem e, acredita no que te digo, no amor a verdade não tem a mais pequena importância. Além disso, e apesar de tudo, é uma rapariga maravilhosa.

— Uma pega de luxo — disse Astorre, quase com amargura.

— Não exatamente — respondeu o sr. Pryor. — Tinha de fazer pela vida. Fugiu de casa com catorze anos, mas era altamente inteligente e queria estudar. Também queria ter uma boa vida. Tudo perfeitamente natural. Sabia fazer os homens felizes, o que é um talento raro. É no mínimo justo que eles pagassem por isso.

Astorre riu-se.

— Vejo que é um siciliano muito progressista. Mas, e aquilo de ter passado vinte e quatro horas em casa com um cadáver?

O sr. Pryor lançou uma gargalhada de puro gozo.

— Essa é a melhor parte dela. Puro mafioso. Tem um coração quente, mas uma cabeça fria. Que combinação. Magnífica. Em todo o caso, tem muito cuidado com ela. As pessoas assim são sempre perigosas.

— E o nitrato de amilo? — perguntou Astorre.

— Nesse ponto, está inocente. O caso com o professor já vinha de antes de vocês se conhecerem, e foi ele que insistiu em usar a droga. Não, o que

aqui temos é uma rapariga que pensa apenas na sua própria felicidade, com exclusão de tudo o mais. Não tem quaisquer inibições sociais. O meu conselho é que te mantinhas em contato. Pode ser que venha a ter uso para os seus talentos.

— Concordo — disse Astorre. Surpreendia-o o fato de não estar zangado com Rosie, e de o encanto dela ser quanto bastava para que tudo lhe fosse perdoado. Deixaria as coisas como estavam, prometeu ao sr. Pryor.

— Ótimo. Mais um ano aqui, e voltarás para junto de Don Aprile.

— E o que vai acontecer ao Bianco?

O sr. Pryor abanou a cabeça e suspirou.

— O Bianco terá de ceder. A cosca Corleonesi é demasiado forte. Não te perseguirão. O Don tratou de estabelecer a paz. A verdade é que o êxito tornou o Bianco demasiado civilizado.

Astorre manteve-se a par da vida de Rosie. Em parte por uma questão de prudência, em parte em nome da recordação do grande amor da sua vida. Soube que ela tinha voltado aos estudos e estava a fazer uma licenciatura em Filosofia na Universidade de Nova Iorque, que vivia num apartamento próximo da faculdade e que finalmente se tornara mais profissional com homens mais velhos e mais ricos.

Era muito esperta. Mantinha três ligações ao mesmo tempo e distribuía as suas recompensas entre prendas caras, dinheiro, jóias e férias nas estâncias freqüentadas pelos ricos — onde fazia novos contatos. Ninguém poderia chamar-lhe uma prostituta profissional, uma vez que nunca pedia fosse o que fosse, mas nunca recusava uma prenda.

Claro que muitos daqueles homens se apaixonavam por ela. Mas Rosie recusava todas as propostas de casamento. Insistia em que eram amigos que se amavam, que o casamento não lhes quadrava a eles, ou a ela. A maior parte dos homens aceitava esta decisão com um alívio agradecido. Não era

uma caça-fortunas, nunca pedia dinheiro e nunca mostrava o menor indício de ganância. Tudo o que queria era viver uma vida de luxo, livre de problemas. Mas o instinto dizia-lhe que pusesse alguma coisa de lado, para o futuro. Por isso tinha cinco contas bancárias diferentes e dois cofres de depósito.

Foi poucos meses depois da morte do Don que Astorre decidiu tornar a procurar Rosie. Tinha a certeza de que era exclusivamente para que ela o ajudasse nos seus planos. Disse a si mesmo que lhe conhecia os truques e que não voltaria a deixar-se deslumbrar. Ela devia-lhe um favor, e ele conhecia o seu segredo fatal.

Sabia também que, num certo sentido, ela era amoral. Que se punha a si mesma e ao seu prazer num domínio exaltado, quase uma crença religiosa. Acreditava com todo o coração que tinha o direito de ser feliz, e que isto tinha precedência sobre tudo o mais.

Mais do que qualquer outra coisa, porém, queria vê-la outra vez. Como acontecia com tantos homens, a passagem do tempo minorara a traição e engrandecera os encantos. Os pecados dela pareciam-lhe cada vez mais o resultado de uma inconsciência juvenil, e não uma prova de que não o amava. Lembrou-se dos seios dela, de como se cobriam de manchas rosadas quando faziam amor; do modo como baixava timidamente a cabeça; da sua alegria contagiosa; do seu delicado bom humor. Do modo como caminhava tão sem esforço, das suas pernas finas e elegantes, do calor incrível da sua boca e dos seus lábios. A despeito de tudo isto, Astorre convenceu-se a si mesmo de que aquela visita tinha estritamente a ver com negócios.

Rosie preparava-se para entrar no prédio onde morava quando ele parou à sua frente, sorriu e disse olá. Deixou cair os livros que levava debaixo do braço direito, corou intensamente de prazer, os olhos brilharam-lhe. Deitou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o nos lábios.

— Eu sabia que havia de voltar a ver-te — disse. — Sabia que havias de perdoar-me.

Então, puxou-o para dentro do edifício e quase o arrastou por um lance de escadas até ao apartamento.

Serviu bebidas, vinho para ela, brande para ele. Sentaram-se os dois no sofá. A sala estava luxuosamente mobilada, e Astorre sabia de onde tinha vindo o dinheiro.

— Por que demoraste tanto tempo? — perguntou Rosie, e enquanto falava tirava os anéis dos dedos, os brincos das orelhas, puxando pelos lobos. Fez deslizar pela mão as três pulseiras de ouro e diamantes que usava no braço esquerdo.

— Estive ocupado — respondeu Astorre. — E levei muito tempo a encontrar-te.

Rosie dirigiu-lhe um olhar cheio de ternura.

— Continuas a cantar? Continuas a montar com aquela ridícula fatiota vermelha? — Voltou a beijá-lo, e Astorre sentiu um calor no cérebro, uma resposta incontrolável.

— Não — disse. — Rosie, não podemos voltar atrás.

Ela fê-lo levantar-se. — Foi a época mais feliz da minha vida — murmurou.

E então estavam no quarto, e segundos depois estavam ambos nus. Rosie tirou num frasco de perfume da mesa de cabeceira e aspergiu-se primeiro a si mesma, depois a ele.

— Não há tempo para um banho — disse, rindo.

No instante seguinte estavam os dois na cama, e ele viu as manchas rosadas espalharem-se-lhe lentamente pelos seios.

Para Astorre, foi uma experiência extra-corporal. Apreciou o sexo, mas não conseguiu apreciar Rosie. No seu espírito, via-a a vigiar o cadáver do professor de História durante uma noite e um dia. Se estivesse vivo, poderia ter sido ajudado a viver? Que fizera Rosie sozinha com a morte e o professor?

Estendida de costas, Rosie estendeu as mãos para lhe tocar no peito. Baixou a cabeça e murmurou suavemente: — A velha magia negra já não resulta.

Estava a brincar com o medalhão de ouro que ele usava ao pescoço, viu a feia cicatriz cor de púrpura e beijou-a.

— Foi muito bom - afirmou Astorre.

Rosie sentou-se na cama, inclinando o tronco nu para cima dele.

— Não consegues perdoar-me pelo professor, por tê-lo deixado morrer e ficado junto dele, não é isso?

Astorre não respondeu. Nunca lhe diria o que agora sabia a respeito dela. Que ela nunca mudara.

Rosie levantou-se e começou a vestir-se. Ele fez o mesmo.

— És uma pessoa muito terrível — disse ela. — O sobrinho adotado de Don Aprile. E o teu amigo de Londres que ajudou a resolver o meu problema. Fez um trabalho muito profissional para um banqueiro inglês, mas não quando se sabe que tinha imigrado de Itália. Não foi muito difícil somar dois e dois.

Estavam na sala, e ela serviu-lhe outra bebida. Olhou-o intensamente nos olhos.

— Sei o que tu és. E não me importo, palavra que não. Na realidade, somos almas gêmeas. Não é perfeito?

Astorre riu-se.

— A última coisa que quero encontrar é uma alma gémea — disse. — Mas vim ver-te para te falar de negócios.

Rosie adotou imediatamente uma expressão impassível. Todo o encanto tinha desaparecido do seu rosto. Começou a enfiar os anéis nos dedos.

— O meu preço para uma rapidinha são quinhentos dólares — declarou. — Aceito cheques.

Sorriu-lhe maliciosamente. Estava a brincar. Astorre sabia que ela só aceitava presentes nas Festas e nos aniversários, e que esses presentes eram sempre muito mais substanciais. O apartamento onde se encontravam, por exemplo, fora uma prenda de anos de um admirador.

— Não, a sério — disse. — E então falou-lhe dos irmãos Sturzo e do que queria que ela fizesse. E rematou : — Dou-te já vinte mil dólares para as despesas, e mais cem mil quando estiver feito.

Rosie olhou para ele, pensativamente.

— O que é que acontece depois? — perguntou.

— Não tens de preocupar-te com isso.

— Estou a ver. E se eu disser que não?

Astorre encolheu os ombros. Não queria pensar nisso. — Nada — disse.

— Não me denunciias às autoridades inglesas.

— Nunca faria uma coisa dessas — protestou Astorre, e Rosie não podia duvidar da sinceridade na voz dele.

— OK. — disse ela, com um suspiro. E então os olhos brilharam-lhe. Sorriu-lhe. — Outra aventura! — exclamou.

Agora, atravessando de noite os campos de Westchester, Astorre foi acordado pela pressão da mão de Aldo Monza na sua perna.

— Mais meia hora. Tem de preparar-se para os irmãos Sturzo. Olhou pela janela do carro. A neve continuava a cair. A toda a volta, os campos estavam totalmente desertos, com exceção de algumas árvores nuas cujos ramos se estendiam como varinhas de condão. O manto de neve luminescente fazia as pedras parecerem estrelas refulgentes. Nesse momento, sentiu uma fria desolação invadir-lhe o peito. Depois daquela noite, o seu mundo ia mudar, ele ia mudar, e, de certa maneira, a sua verdadeira vida ia começar.

Chegaram à casa às três da madrugada, no meio de uma paisagem fantasmagoricamente branca, povoada por grandes montes de neve.

Lá dentro, os irmãos Sturzo estavam algemados, com grilhetas nos pés e os troncos cingidos por coletes especiais que lhes tolhiam os braços. Jaziam no chão de um dos quartos, vigiados por dois homens armados.

Astorre olhou-os com simpatia.

— É um elogio — disse-lhes. — Sabemos como são perigosos.

Os dois irmãos eram completamente diferentes nas suas atitudes. Stace parecia calmo, resignado, mas Franky olhava-os com uma expressão de ódio que transformava o seu rosto habitualmente amável no de uma górgona.

Astorre sentou-se na cama.

— Suponho que já perceberam — disse.

— Rosie foi a isca — respondeu Stace, tranqüilamente. — Foi muito boa, certo, Franky?

— Excepcional — respondeu Franky. Estava a fazer um esforço enorme para que a voz não lhe saísse histericamente alta,

— Foi porque gostou verdadeiramente de vocês — afirmou Astorre. — Era louca especialmente por ti, Franky. Foi duro para ela. Muito duro.

— Então por que o fez? — cuspiu desdenhosamente Franky.

— Porque eu lhe dei muito dinheiro. Mesmo muito dinheiro. — Tu sabes como é, Franky.

— Não, não sei.

— Calculo que há de ter custado uma grande porção de massa convencer um par de tipos como vocês a aceitarem um contrato sobre Don Aprile — disse Astorre, coloquialmente. — Um milhão? Dois milhões?

— Está enganado — afirmou Stace. — Não tivemos nada a ver com isso. Não somos assim tão estúpidos.

— Sei que foram vocês os atiradores — retorquiui Astorre. — Têm reputação de ser homens de tomates. Fiz uma investigaçãozinha a vosso respeito. Ora bem, o que quero de vocês é o nome do intermediário.

— Está enganado — repetiu Stace. — Não pode atirar-nos com isso para cima. E, ao fim e ao cabo, quem raio é você?

— Sou o sobrinho do Don. O super-varredor dele. Passei quase seis meses a investigá-los aos dois. No dia do assassinio, não estavam em L. A. Estiveram ausentes mais de uma semana. Tu, Franky, faltaste a dois treinos dos miúdos. E tu, Stace, não apareceste na loja uma única vez. Nem sequer telefonaram. Digam-me então onde estiveram.

— Eu estive em Vegas, a jogar — respondeu Franky. — E podíamos conversar melhor se mandasse tirar algumas destas merdas. Não somos a porra do Houdini.

Astorre dirigiu-lhe um sorriso de compreensão.



— Daqui a pouco - disse. — E tu, Stace?

— Estive com a minha namorada em Tahoe. Como diabo quer que me lembre?

— Talvez tenha mais sorte falando separadamente com cada um de vocês — disse Astorre.

Deixou-os e desceu à cozinha, onde Monza fizera café. Disse-lhe que pusesse os dois irmãos em quartos separados e mantivesse constantemente dois guardas com cada um deles. Monza dispunha de uma equipe de seis homens.

— Tem a certeza de ter apanhado os tipos certos? — perguntou Monza.

— Penso que sim. Senão, pouca sorte a deles. Detesto pedir-te isto, Aldo, mas talvez tenhas de ajudá-los a falar.

— Bem, nem todos falam — disse Monza. — Custa a crer, mas há pessoas muito teimosas. E esses dois parecem-me bastante duros.

— Odeio ter de descer tão baixo — murmurou Astorre.

Esperou uma hora antes de subir até ao quarto para onde Franky fora levado. Apesar da escuridão lá fora viu, à luz refletida do candeeiro, os flocos de neve a caírem num lento rodopio. Franky estava no chão, tão manietado como antes.

— É tão simples como isso — disse-lhe Astorre. — Dá-me o nome do intermediário, e talvez saias daqui com vida.

Franky olhou para ele com ódio.

— Nunca te direi porra de coisa nenhuma, seu pedaço de merda. Apanhaste os tipos errados. E eu hei de lembrar-me da tua cara, e hei de lembrar-me da Rosie.

— Essa foi a pior resposta que podias dar — observou Astorre, calmamente.

— Também andavas a comê-la? — perguntou Franky. — És o chulo dela?

Astorre compreendeu. Franky nunca perdoaria a traição de Rosie. Que frívola resposta a uma situação tão séria.

— Acho que estás a ser estúpido — disse. — E vocês os dois têm fama de ser espertos.

— Estou cagando para o que tu achas. Não podes fazer nada se não tiveres provas!

— Palavra? Nesse caso estou a perder tempo contigo — respondeu Astorre. — Vou falar com o Stace.

Voltou à cozinha para beber mais café antes de interrogar Stace. Ponderou o fato de Franky ser capaz de mostrar-se tão confiante e falar tão audaciosamente na situação em que estava. Bom, teria de sair-se melhor com Stace. Encontrou-o desconfortavelmente atirado para cima da cama.

— Tirem-lhe o colete — ordenou aos guardas. — Mas verifiquem as algemas e as grilhetas.

— Já percebi — disse-lhe Stace, calmamente. — Sabes que temos dinheiro. Posso arranjar as coisas de maneira que fiques com ele e pôr fim a este disparate.

— Acabo de ter uma conversa com o Franky — respondeu Astorre. — Estou muito desapontado com ele. Tu e o teu irmão são supostos ser dois tipos muito espertos. Agora vens falar-me de dinheiro, quando sabes perfeitamente que isto tem a ver com o assassinio do Don.

— Não fomos nós — afirmou Stace.

— Sei que não estavas em São Francisco — disse Astorre, calmamente —, e sei que o Franky não estava em Vegas. Vocês são os dois únicos freelancers com tomates suficientes para aceitar aquele serviço. E os atiradores eram canhotos, como tu e o Franky. Portanto, tudo o que agora quero saber é quem foi o vosso intermediário.

— Por que é que havia de dizer-te? — atirou-lhe Stace. — Vocês não usam máscaras, expuseram a Rosie, o que quer dizer que não vão deixar-nos sair daqui com vida. Prometas tu o que prometeres.

Astorre suspirou.

— Não vou enganar-te. É mais ou menos isso. Mas há uma coisa que podem negociar. Sem dor ou à bruta. Tenho comigo um Homem Qualificado. Vou pô-lo a trabalhar no Franky.

Ao dizer isto, Astorre sentiu um mal-estar no estômago. Lembrou-se de como Aldo Monza trabalhara Fissolini.

— Perdes o teu tempo — afirmou Stace. — O Franky não fala.

— Talvez não — admitiu Astorre. — Mas vão cortá-lo pedacinho a pedacinho, e cada pedacinho vai ser-te trazido para que o vejas. Imagino que nessa altura falas tu. Mas por que é que havemos de ir por esse caminho? E, Stace, por que é que queres proteger esse teu intermediário? Ele tinha a obrigação de cobrir-te, e não te cobriu.

Stace não respondeu. Então perguntou: — Poupas o Franky?

— Sabes bem que não posso.

— Como é que podes ter a certeza de que não te minto?

— Por que diabo havias de mentir? O que é que ganhavas com isso? Stace, podes evitar que o Franky passe por uma coisa verdadeiramente horrível. Tenta ver as coisas claramente.

— Nós fomos apenas os atiradores, a fazer um serviço — disse Stace. É o tipo acima que tu queres. Por que é que não podes deixar-nos ir?

Astorre encheu-se de paciência.

— Stace, tu e o teu irmão aceitaram o trabalho de matar um grande homem. Muito dinheiro. Grande empurrão para o ego. Ora vamos, vocês gostaram. Fizeram a vossa jogada e perderam, e agora têm de pagar, ou o mundo inteiro deixa de fazer sentido. Tem de ser. A única coisa que lhes resta escolher é a maneira. Sem dor, ou à bruta. Dentro de uma hora podes estar a olhar para uma parte muito importante do Frankie em cima daquela mesa. Acredita que não quero fazê-lo, palavra que não.

— Como é que sei que isso não é só conversa?

— Pensa, Stace. Pensa como vos enganei com a Rosie. Muito tempo e muita paciência. Pensa. Trouxe-vos para esta casa e tenho oito homens armados. Muita despesa e muito trabalho. E ainda por cima na antevéspera de Natal. Sou um tipo muito sério, Stace, acho que consegues ver isso. Prometo-te que, se falares, o Franky nem dará por nada.

Astorre desceu uma vez mais à cozinha. Monza estava à espera. — Então? — perguntou.

— Não sei — respondeu Astorre. — Mas amanhã tenho de estar na festa de Natal da Nicole, portanto temos de resolver isto esta noite.

— Não demora mais de uma hora — disse Monza. — Nessa altura, ou falou ou está morto.

Astorre descansou um pouco junto à lareira antes de voltar a subir para falar com Stace. O homem parecia exausto e resignado. Tinha pensado

muito. Sabia que Franky nunca falaria — Franky pensava que ainda havia esperança. Stace acreditava que Astorre tinha posto todas as cartas na mesa. E agora compreendia os medos de todos os homens que matara, as suas últimas, desesperadas e inúteis esperanças de qualquer coisa que os salvasse. Contra todas as probabilidades. E não queria que Franky morresse daquela maneira, pedaço a pedaço. Estudou o rosto de Astorre. Era duro, implacável, apesar da sua juventude. Tinha a gravidade de um juiz.

A neve que continuava a cair cobria os vidros da janela como uma pele branca. No outro quarto, Franky divagava a respeito de estar com Rosie na Europa, com a neve a cobrir os boulevards de Paris, a cair nos canais de Veneza. A neve era mágica. Roma era mágica.

Estendido na cama, Stace pensava em Franky. Tinham feito a sua jogada e perdido. E era o fim da história. Mas ainda podia ajudar Franky a pensar que estavam a perder só por vinte pontos.

— Tudo bem — disse. — Mas que o Franky não saiba o que se está a passar. OK?

— Prometo — disse Astorre. — Mas saberei se me mentires.

— Mentir para quê? O intermediário é um tipo chamado Heskow. Vive numa terra chamada Brightwaters, logo a seguir a Babylon. É divorciado, vive sozinho e tem um filho de dezesseis que é um excelente jogador de basquete. O Heskow contratou-nos para alguns serviços ao longo dos anos. Conhecemo-nos desde miúdos. O preço foi um milhão de dólares, mas mesmo assim eu e o Franky hesitamos. Era uma coisa demasiado grande. Aceitamos porque ele nos disse que não tínhamos de preocupar-nos com o FBI e não tínhamos de preocupar-nos com a polícia. Que estava tudo combinado. Também nos disse que o Don já não tinha poder nem contatos. Mas nisso estava obviamente enganado. Tu estás aqui. Era demasiada massa para recusar.

— Isso é muita informação para dar a um tipo que tu achas que é só conversa — observou Astorre.

— Quero convencer-te de que estou a dizer a verdade. Já entendi. Acabou-se a história. Só não quero que o Franky saiba.

— Não te preocupes — respondeu Astorre. — Acredito em ti.

Saiu do quarto e foi à cozinha dar a Monza as suas instruções. Queria as cartas de condução, os cartões de crédito e tudo o mais que pudesse identificar os dois homens. Manteve a palavra que dera a Stace: Franky seria morto com um tiro na nuca, sem aviso. Também Stace seria executado de forma indolor.

Feito isto, preparou-se para regressar a Nova Iorque. A neve transformara-se em chuva, e a chuva estava a lavar os campos.

Era muito raro Monza desobedecer a uma ordem, mas como executor sentia que tinha o direito de proteger-se a si mesmo e aos seus homens. Não haveria tiros. Usaria a corda.

Primeiro, levou quatro guardas para o ajudarem a estrangular Stace. O homem nem sequer tentou resistir. Mas com Franky foi diferente. Durante vinte minutos, tentou fugir à corda. Durante vinte terríveis minutos, Franky Sturzo soube que estava a ser assassinado.

Depois, os dois corpos foram embrulhados em mantas e levados para a floresta por detrás da casa. Uma abertura numa moita extremamente densa serviu de esconderijo. Só seriam encontrados na primavera, se fossem. Por essa altura já teriam sido destruídos pela natureza e, esperava Monza, a causa da morte seria impossível de determinar.

Não fôra, porém, só por esta razão prática que Monza desobedecera ao chefe. Porque, como Don Aprile, estava profundamente convencido de que a misericórdia só podia vir de Deus. Desprezava a idéia de qualquer espécie de compaixão para com homens que se alugavam como assassinos de outros homens. Era presunção um homem perdoar a outro homem. Isso

competia a Deus. Ter a pretensão de perdoar era, da parte dos homens, um orgulho ridículo e uma falta de respeito. Nunca desejaria para si mesmo tal misericórdia.

## Capítulo 9

Kurt Cilke acreditava na lei, nas regras que o homem inventara para viver em paz. Sempre tentara evitar esses compromissos que minam uma sociedade justa, sempre combatera sem piedade os inimigos do Estado. Ao fim de vinte anos de luta, perdera uma grande parte dessa fé.

Só a mulher correspondia plenamente às suas expectativas. Os políticos eram mentirosos, os ricos implacáveis na sua ânsia de poder, os pobres cheios de maldade. E depois, havia os vigaristas natos, os trapaceiros, os brutos e os assassinos. Os encarregados de fazer respeitar a lei eram apenas um pouco melhores, mas Cilke acreditava com todo o seu coração que o Bureau estava acima de tudo e de todos.

Durante o último ano, tinha tido um sonho recorrente. Era um garoto de doze anos e tinha de fazer, na escola, um exame que ia durar o dia inteiro. Quando saía de casa, a mãe chorava desconsoladamente, e no seu sonho ele sabia porquê. Se não passasse no exame, nunca mais voltaria a vê-la.

No seu sonho, compreendia que o assassinio se tornara uma praga de tal modo alastrada que tinham sido instituídas, com a ajuda da comunidade psiquiátrica, leis para desenvolver um conjunto de testes psicológicos capazes de predizer que rapazinhos de doze anos cresceriam para se transformarem em assassinos. Os que não passavam no exame pura e simplesmente desapareciam. Porque a ciência médica provara que os assassinos matavam pelo prazer de matar. Os crimes políticos, a rebelião, o terrorismo, o ciúme, eram apenas desculpas de fachada. Por isso se tornara necessário eliminar os assassinos genéticos o mais cedo possível.

O sonho saltava para o seu regresso a casa depois do exame, e a mãe abraçava-o e beijava-o. Os tios e primos tinham preparado uma grande festa. E então estava sozinho no seu quarto, a tremer de medo. Porque sabia

que houvera um engano. Nunca devia ter passado no exame, e agora, quando crescesse, ia tornar-se um assassino.

Já tivera aquele sonho duas vezes, mas nunca falara nisso a Georgette porque sabia o que ele significava, ou pensava que sabia.

A sua relação com Timmona durava agora havia seis anos. Começara quando Portella matara um dos seus próprios homens, num acesso de fúria cega. Cilke vira imediatamente as possibilidades. Conseguira que Portella se tornasse um informador sobre a Máfia a troco de não ser acusado de assassinio. O diretor aprovara o plano, e o resto era história. Com a ajuda de Portella, Cilke esmagara a Máfia de Nova Iorque, mas tivera de fechar os olhos às atividades de Timmona, incluindo a sua supervisão do tráfico de drogas.

Agora, novamente com a aprovação do diretor, Cilke preparava-se para abatê-lo. Portella tentara usar os bancos Aprile para branquear o dinheiro da droga, mas o Don recusara-se a colaborar. Numa fatídica reunião, Portella perguntara-lhe: “O FBI vai estar a vigiar Don Aprile quando ele assistir ao crisma do neto?” Cilke compreendera imediatamente, mas hesitara antes de responder. Então dissera, lentamente: “Posso garantir que não. Mas, e a polícia?” “Essa parte está tratada”, dissera Portella.

E Cilke soubera que ia ser cúmplice de um assassinio. Mas não era verdade que o Don o merecia? Fora um criminoso implacável durante a maior parte da sua vida. Retirara-se com uma fortuna imensa, sem que a lei tivesse conseguido tocar-lhe. E tudo o que havia a ganhar? Portella ia lançar-se de cabeça na armadilha ao adquirir os bancos Aprile. E, claro, havia sempre Inzio em segundo plano, com os seus sonhos de um arsenal nuclear. Cilke sabia que, com um pouco de sorte, podia resolver todo aquele caso de uma só vez, e o governo ficaria com os dez bilhões de dólares dos bancos Aprile, pois não tinha a menor dúvida de que os herdeiros do Don venderiam, chegariam a um acordo com os emissários secretos de Portella. E dez ou onze bilhões de dólares constituiriam uma arma poderosa contra o crime.

Claro que Georgette o desprezaria. Por isso era preciso que nunca soubesse. Ao fim e ao cabo, vivia num mundo completamente diferente do dele. Agora, porém, tinha de voltar a encontrar-se com Portella. Havia a questão dos pastores alemães mortos e de quem estava por detrás daquilo. Começaria por Portella.

Timmona Portella era uma raridade entre os italianos bem sucedidos: com cinquenta e tal anos, continuava solteiro. O que não significava que fizesse uma vida de celibato monacal. Nem de longe. Todas as sextas-feiras, passava a maior parte da noite com uma bela rapariga de um dos “serviços de acompanhantes” dirigidos pelos seus subordinados. Os requisitos eram que a rapariga fosse jovem, não estivesse há muito tempo naquela vida, fosse bonita e com feições delicadas. Que fosse alegre e divertida, não uma espertalhona chata. E que não fosse dada a especialidades exóticas. Em questões de sexo, Timmona era estritamente conservador. Tinha as suas pequenas manias, todas perfeitamente inocentes. Uma delas era que as raparigas tivessem simples nomes anglo-saxônicos, como Jane, ou Susan; ainda aceitava qualquer coisa como Tiffany, ou mesmo Merle, mas nada mais étnico do que isso. Raramente ficava com a mesma mulher duas vezes.

Estes encontros ocorriam sempre num hotel do East Side relativamente pequeno que era propriedade de uma das suas empresas e onde dispunha de todo um andar, consistindo de duas suítes interligadas. Uma delas tinha uma cozinha completamente equipada, pois Timmona era um chef amador muito dotado, curiosamente especializado na cozinha do Norte de Itália, apesar de os pais terem nascido na Sicília. E adorava cozinhar.

Nessa noite, a rapariga foi levada até à suíte pelo gerente do serviço de acompanhantes, que se demorou apenas o tempo suficiente para tomar uma bebida e depois desapareceu. Portella preparou então um jantar para dois, enquanto conversavam e travavam conhecimento. Ela chamava-se Janet. Portella cozinhava com rápida eficiência. Nessa noite, fez a sua especialidade: vitela à milanesa, spaghetti com molho e queijo Gruyère, pequenas beringelas assadas servidas à parte e uma salada de verdes com tomate. A sobremesa era um sortido de bolos de uma famosa pastelaria francesa da vizinhança.

Serviu Janet com uma cortesia que contrastava com o seu aspecto; era um homem grande e peludo, com uma cabeça enorme e uma pele áspera, mas comia sempre de camisa, casaco e gravata. Durante o jantar, interessou-se pela vida de Janet com uma solicitude inesperada num indivíduo tão brutal. Deliciou-se com o relato dos seus infortúnios, de como fora traída pelo pai, pelos irmãos, pelos amantes e pelos homens poderosos que a tinham empurrado para uma vida de pecado através de pressões econômicas e gravidezes indesejadas, tudo num esforço de salvar a família da mais extrema miséria. Ficou espantado pela variedade de comportamentos desonrosos de que eram capazes outros homens e maravilhado pela bondade com que ele próprio tratava as mulheres. Porque era extremamente generoso para com elas, e não apenas dando-lhes enormes quantias em dinheiro.

Terminada a refeição, levou o vinho para a sala de estar e mostrou a Janet seis caixas de jóias: um relógio de ouro, um anel de rubis, brincos de diamantes, um colar de jade, uma pulseira de ouro e um colar de pérolas. Disse-lhe que podia escolher uma, como prenda. Qualquer delas valia alguns milhares de dólares — as raparigas mandavam geralmente avaliá-las.

Anos antes, uma das suas equipas assaltara a caminhonete de uma joalharia, e ele resolvera guardar o produto do roubo em vez de vendê-lo a receptadores, de modo que nada daquilo lhe custara um centavo.

Enquanto Janet ponderava o que queria, e finalmente se decidia pelo relógio, ele preparou-lhe um banho, verificando cuidadosamente a temperatura da água e oferecendo-lhe os perfumes e os sais de que mais gostava.

Só então, depois de ela ter relaxado, se retiraram ambos para o quarto, onde fizeram decorosamente amor, como qualquer decente casal americano feliz no seu matrimônio.

Quando se sentia particularmente amoroso, Portella podia reter a rapariga até as quatro ou cinco da madrugada, mas nunca dormia enquanto

ela ainda estivesse na suíte. Nessa noite, mandou Janet embora bastante cedo.

Fazia tudo aquilo por uma questão de saúde. Sabia que tinha um temperamento tempestuoso e que isso podia causar-lhe problemas. Aqueles encontros semanais acalmavam-no. As mulheres em geral tinham nele um efeito tranqüilizante. Provava a eficácia desta estratégia visitando o seu médico todos os sábados e tendo invariavelmente a satisfação de ouvi-lo dizer que a sua pressão arterial voltara aos valores normais. Quando falara disto ao médico, o homem limitara-se a dizer: “Muito interessante.” Portella ficara profundamente decepcionado com ele.

O esquema tinha uma outra vantagem. Os guarda-costas ficavam isolados na primeira suíte. Mas esta comunicava com a segunda, que por sua vez dava para um outro corredor, e era para aí que Portella combinava aqueles encontros que desejava ocultar até aos seus colaboradores mais chegados. Porque era muito perigoso para um chefe da Máfia reunir-se em segredo com um agente especial do FBI. Poderiam julgá-lo um informador, e o Bureau poderia suspeitar que Cilke aceitava subornos.

Era Portella que indicava os números de telefone a pôr sob escuta, que apontava os elementos fracos que poderiam ceder sob pressão, que fornecia pistas para certos assassínios, e explicava como funcionavam certos negócios. E era Portella que se encarregava de certos trabalhos sujos que o FBI não podia legalmente fazer.

Ao longo dos anos, tinham desenvolvido um código para combinarem os seus encontros. Cilke tinha a chave da suíte que dava para o outro corredor, de modo que podia entrar sem ser detectado pelos guarda-costas de Portella e aguardar. Portella desembaraçava-se da rapariga, e então conversavam. Naquela noite, Portella estava à espera de Cilke.

Cilke sentia-se sempre um pouco nervoso durante aqueles encontros. Sabia que nem mesmo Portella se atreveria a atacar um agente do FBI, mas o homem tinha um temperamento que raiava a loucura. Ia armado,

evidentemente, mas, para proteger a identidade do seu informador, não podia levar guarda-costas.

Portella tinha um copo de vinho na mão, e as primeiras palavras que disse foram “Que raio de merda se passa agora?”, mas sorria amistosamente e deu a Cilke um meio abraço. Tinha vestido, por cima do pijama branco, um elegante roupão chinês que lhe disfarçava o ventre enorme.

Cilke recusou uma bebida, sentou-se no sofá e disse calmamente:

— Há umas semanas, cheguei a casa do trabalho e encontrei os meus dois cães com os corações arrancados. Pensei que talvez tivesse alguma pista. E ficou a espiar atentamente a reação de Portella.

A surpresa dele pareceu genuína. Saltou do sofá onde estava sentado como se tivesse sido empurrado por uma mola, com uma expressão de fúria no rosto. Cilke não se deixou impressionar; a sua experiência dizia-lhe que os culpados eram capazes de portar-se como o mais puro dos inocentes.

— Se está a tentar avisar-me de qualquer coisa, por que não mo diz diretamente? — acrescentou

Ao ouvir isto, Portella protestou, quase com lágrimas nos olhos:

— Kurt, vem aqui armado; senti a sua arma. Eu não estou armado. Podia matar-me e dizer que resisti à prisão. Confio em si. Depositei mais de um milhão de dólares na sua conta das ilhas Cayman. Somos sócios. Que razões teria eu para recorrer a esse velho truque siciliano? Alguém está a tentar dividir-nos. Tem de ver isso.

— Quem? - perguntou Cilke.

Portella ficou pensativo.

— Só consigo lembrar-me desse garoto, o Astorre. Está cheio de ilusões de grandeza porque conseguiu escapar-me uma vez. — Veja o que consegue

descobrir, que eu entretanto ponho-lhe a cabeça a prêmio. Finalmente, Cilke ficou convencido.

— OK. — disse. — Mas acho que devemos ser muito cuidadosos. Não subestime esse tipo.

— Não se preocupe — declarou Portella. — Eh, já jantou? Tenho vitela com spaghetti, uma salada e um bom vinho.

— Acredito — respondeu Cilke, rindo. — Mas não tenho tempo para jantar.

A verdade era que não queria partilhar uma refeição com um homem que em breve ia mandar para a prisão.

Astorre tinha agora informação suficiente para traçar o seu plano de batalha. Estava convencido de que o FBI estivera envolvido na morte do Don. E de que Cilke fora o encarregado da operação. Sabia quem fôra o intermediário. Sabia que o contrato fora ordenado por Timonna Portella.

Mas restavam ainda alguns mistérios. Marriano Rubio propusera, através de Nicole, comprar os bancos, juntamente com um grupo de investidores estrangeiros. Cilke fizera-lhe uma proposta para conduzir Portella a uma situação criminosa. Eram variações perturbadoras e perigosas. Decidiu ir a Chicago falar com Craxxi, e levar o sr. Pryor consigo.

Astorre pedira ao sr. Pryor que fosse para a América gerir os bancos Aprile. O sr. Pryor aceitara a oferta, e era extraordinária a rapidez com que se transformara de gentleman inglês num executivo americano. Usava um chapéu melão em vez do chapéu de coco, pusera de lado o guarda-chuva e passara a transportar na mão um jornal dobrado, e chegara com a mulher e dois sobrinhos.

A mulher, por sua vez, trocara o estilo matrona inglesa por roupas mais elegantes, muito na moda. Os dois sobrinhos eram sicilianos que falavam

perfeitamente inglês e tinham licenciaturas em contabilidade. Eram ambos caçadores inveterados que conservavam todo o seu equipamento de caça no porta-bagagens de uma limusine que um deles guiava pessoalmente. Na realidade, funcionavam como guarda-costas do sr. Pryor.

Os Pryor instalaram-se numa urbanização do Upper West Side, protegida por patrulhas de segurança de uma agência privada. Nicole, que inicialmente se opusera à nomeação, não tardou a deixar-se seduzir pelo sr. Pryor, sobretudo quando ele lhe disse que eram primos afastados. O sr. Pryor tinha, não havia a mínima dúvida, um certo encanto paternal para as mulheres. Até Rosie o adorara. E também não havia a mínima dúvida de que sabia dirigir um banco — até Nicole ficou impressionada pelo seu conhecimento da atividade bancária internacional. Só negociando em divisas, conseguira aumentar a margem de lucro. E Astorre sabia que fora um dos íntimos de Don Aprile. Na realidade, fora o sr. Pryor que convencera o Don a comprar os bancos, com ligações, de que ele próprio se encarregaria, em Inglaterra e Itália. Descrevera deste modo a sua relação com o Dom.

— Disse ao teu tio que os bancos são o caminho para conseguir mais riqueza com menos risco do que os negócios que ele tinha. Essas histórias de antigamente estão ultrapassadas; os governos são demasiado fortes e andam muito em cima da nossa gente. Era tempo de sair. Os bancos são a melhor maneira de ganhar dinheiro, para quem tenha a experiência, a mão-de-obra e os contatos políticos. Sem me gabar, posso afirmar que tenho a boa vontade dos políticos italianos. Comprei-a com dinheiro. Toda a gente enriquece, e ninguém se magoa ou vai parar à prisão. Aqui onde me vês, podia ser um professor universitário a ensinar às pessoas como ficarem ricas sem infringirem a lei ou recorrerem à violência. Basta conseguir que as leis convenientes sejam aprovadas. Ao fim e ao cabo, a instrução é a chave para uma civilização superior.

O sr. Pryor estava a brincar, mas também não deixava de falar a sério. Astorre sentiu uma profunda relação com ele e deu-lhe toda a sua confiança. Don Craxxi e o sr. Pryor eram os homens com quem podia

realmente contar. Não apenas por uma questão de amizade: ambos ganhavam fortunas à custa dos bancos do Dom

Quando chegaram à casa de Craxxi, em Chicago, Astorre ficou surpreendido ao ver os dois homens abraçarem-se efusivamente. Era evidente que se conheciam.

Craxxi ofereceu-lhes uma refeição de fruta e queijo e conversou com o sr. Pryor enquanto comiam. Astorre escutou-os com intensa curiosidade; adorava ouvir os velhos contarem histórias. Craxxi e o sr. Pryor eram unânimes em afirmar que as antigas maneiras de fazer negócio estavam recheadas de perigos.

— Toda a gente tinha hipertensão, toda a gente tinha ataques de coração — disse Craxxi. — Era um modo de vida terrível. E os novos elementos não tem o sentido da honra. Ainda bem que estão a ser varridos.

— Ah! — exclamou o sr. Pryor. — Mas todos temos de começar por qualquer lado. Olha para nós agora.

Tudo isto fez Astorre hesitar em trazer à baila o assunto que o levara até ali. Que diabo pensariam aqueles dois velhotes que estavam a fazer agora? O sr. Pryor riu-se ao notar a expressão dele.

— Não te preocupes — disse —, não somos nenhuns santos. E esta situação ameaça os nossos interesses. Diz-nos o que precisas. Estamos prontos para agir.

— Preciso do vosso conselho, nada operacional — respondeu Astorre. — Essa parte é comigo.

— Se é apenas uma questão de vingança — interveio Craxxi —, aconselho-te a voltar às tuas cantigas. Mas eu reconheço, como espero que tu reconheças também, que o que está em causa é a proteção da tua família.

— Ambas as coisas — disse Astorre. — Qualquer das razões seria suficiente. Mas o meu tio treinou-me precisamente para esta situação. Não posso faltar-lhe.

— Ótimo — concordou o sr. Pryor. — Mas reconhece este fato: o que estás a fazer está na tua natureza. Tem cuidado com os riscos que corres. Não te deixes entusiasmar.

— Como é que podemos ajudar-te? perguntou Craxxi, tranqüilamente.

— Tinha razão a respeito dos irmãos Sturzo — começou Astorre. — Confessaram o golpe e disseram-me que o intermediário tinha sido um tal John Heskow, um homem de quem nunca ouvi falar. Agora tenho de encontrá-lo.

— E os irmãos Sturzo — quis saber Craxxi.

— Já não fazem parte do quadro.

Os dois homens mais velhos ficaram silenciosos. Pouco depois, Craxxi disse:

— Conheço o Heskow. É intermediário há vinte anos. Diz-se que tratou de alguns assassinios políticos, mas eu não acredito nesses rumores. Ora bem, as táticas que usaste com os irmãos Sturzo, fossem elas quais fossem, não vão resultar com o Heskow. O homem é um excelente negociador, e compreenderá que vai ter de regatear para continuar vivo. Saberá que tu precisas de informação que só ele te pode dar.

— Tem um filho que adora — disse Astorre. — Joga basquete, e o pai daria a vida por ele.

— Isso é uma simples carta, que ele baterá com os trunfos de que dispõe — explicou o sr. Pryor. — Por exemplo, retendo informação crucial e revelando-te outra que não é crucial. É preciso que compreendas o Heskow. Tem negociado com a morte toda a sua vida. Arranja outra abordagem.

— Há uma porção de coisas que preciso de saber antes de ir em frente — respondeu Astorre. — Quem esteve por detrás do assassinio e, sobretudo, porquê? Vou dizer-lhes o que penso. Tem de ser os bancos. Alguém precisa dos bancos.

— O Heskow é capaz de saber alguma coisa a esse respeito — admitiu Craxxi.

— Acho muito estranho não haver qualquer vigilância da polícia ou do FBI junto da catedral, naquele dia — continuou Astorre. — E os irmãos Sturzo disseram-me que lhes tinham sido dadas garantias de que não haveria. Poderei crer que a polícia e o FBI tinham conhecimento prévio do que ia acontecer? Será isso possível?

— É — respondeu Craxxi. — Nesse caso vais ter de ser extra-cuidadoso. Especialmente com o Heskow.

— Astorre — interveio o sr. Pryor, friamente —, o teu objetivo primário é salvar os bancos e proteger os filhos de Don Aprile. A vingança é um objetivo menor que pode ser abandonado.

— Não sei — respondeu Astorre, sem se comprometer. — Preciso de pensar nisso. — Dirigiu-lhes um largo sorriso. — Veremos o que acontece.

Nenhum dos dois acreditou nele por um instante que fosse. Ao longo das suas vidas, tinham conhecido muitos jovens como Astorre. Viam-nos como revivescências dos grandes chefes da Máfia de outros tempos, homens como eles próprios não tinham podido ser por lhes faltar um certo carisma e uma certa vontade que só os grandes possuíam: os homens de respeito que dominavam províncias inteiras, desafiavam as regras do Estado e saíam vencedores. Reconheciam em Astorre essa vontade, esse dom, essa obstinação de que ele próprio não tinha consciência. Até as suas loucuras, as suas cantigas, os seus cavalos, eram fraquezas que não lhe afetavam o destino. Simples alegrias da juventude que revelavam o seu bom coração.

Astorre falou-lhes da oferta de compra sobre os bancos feita por Marriano Rubio e Inzio Tuilippa. De Cilke ter tentado servir-se dele para apanhar Timmona Portella. Os dois homens escutaram-no atentamente.

— Da próxima vez, manda-os ter comigo — pediu o sr. Pryor. — Segundo as minhas informações, Rubio é o diretor financeiro do tráfico mundial de droga.

— Não venderei — declarou Astorre. — O Don deu-me instruções estritas.

— Claro que não — concordou Craxxi. — São o futuro e podem ser a tua proteção. — fez uma curta pausa, e então continuou : — Deixa-me contar-te uma pequena história. Antes de retirar-me, tinha um sócio, um homem muito honesto, um pilar da sociedade. Certa vez, convidou-me para almoçar no edifício da sua empresa, numa sala de jantar privada. Depois, levou-me a ver as salas enormes onde, num milhar de cubículos, um milhar de jovens, rapazes e raparigas, trabalhavam com computadores.

— Disse-me: “Essa sala dá-me um bilhão de dólares por ano. Há quase trezentos milhões de pessoas neste país, e nós dedicamo-nos a fazê-las comprar os nossos produtos. Planeamos sorteios especiais, prêmios e bônus, fazemos promessas extravagantes, tudo legalmente definido, para levá-las a gastar o seu dinheiro nas nossas empresas. E sabes o que é que é crucial? Precisamos de bancos que dêem a esses trezentos milhões de pessoas crédito para gastarem o dinheiro que não têm.” O importante são os bancos. Tens de ter bancos do teu lado.

— É verdade — corroborou o sr. Pryor. — E ambas as partes lucram. Embora as taxas de juro sejam altas, essas dívidas incitam as pessoas, fazem-nas produzir mais.

Astorre riu-se.

— Fico contente por saber que conservar os bancos é tão boa idéia. Seja como for, não importa. O Don disse-me para não vender. Para mim basta.

Terem-no matado é que importa.

— Não podes fazer seja o que for contra esse tal Cilke — disse-lhe Craxxi, firmemente. — O governo é demasiado forte para que se possa atacá-lo dessa maneira. Mas admito que o homem representa um perigo. Tens de ser esperto.

— O teu próximo passo é o Heskow — disse o sr. Pryor. — É crucial. Mas, mais uma vez, vais ter de ser muito cuidadoso. Lembra-te, podes pedir ajuda a Don Craxxi, e eu próprio tenho alguns recursos. Não estamos totalmente afastados. E temos interesses nos bancos... sem falar na nossa amizade por Don Aprile, Deus tenha a sua alma.

— OK. — respondeu Astorre. — Depois de falar com o Heskow, voltamos a encontrar-nos.

Astorre tinha plena consciência de quanto a sua situação era perigosa. Sabia que os seus êxitos eram pequenos, apesar de ter castigado os assassinos. Os irmãos Sturzo não passavam de um fio tirado à meada do mistério do assassinio de Don Aprile. Mas confiava na infalível paranóia que lhe fora inculcada durante os seus anos de treino nas intermináveis traições da vida siciliana. Tinha agora de ser particularmente cuidadoso. Heskow parecia um alvo fácil, mas também podia estar armadilhado.

Havia algo que o surpreendia. Julgara-se feliz na sua vida de pequeno homem de negócios e cançonetista amador, mas agora experimentava uma euforia que nunca antes conhecera. A sensação de estar de volta ao mundo a que pertencia. E de que tinha uma missão. Proteger os filhos de Don Aprile, vingar a morte do homem que amara. Tinha simplesmente de quebrar a vontade do inimigo.

Aldo Monza chamara dez bons homens da sua aldeia natal na Sicília. Seguindo instruções suas, assegurara definitivamente a subsistência das respectivas famílias, fosse o que fosse que lhes acontecesse a eles.

“Não contes com a gratidão das pessoas pelas coisas que lhes fizeste no passado”, dissera-lhe certa vez o Don. “Deves torná-las gratas pelas coisas que lhes farás no futuro.” Os bancos eram o futuro da família Aprile, de Astorre e do seu crescente exército de homens. Era um futuro pelo qual valia a pena lutar, custasse o que custasse.

Don Craxxi fornecera-lhe outros seis homens de absoluta confiança. E Astorre transformara a sua casa numa fortaleza, com estes homens e os mais modernos equipamentos de detecção. Preparou, além disso, um esconderijo para onde poderia desaparecer se as autoridades resolvessem deitar-lhe a mão, por qualquer motivo.

Nunca se fazia acompanhar por guarda-costas. Em vez disso, contava com a sua própria rapidez de reação e usava os guardas como batedores nos itinerários que ia seguir.

Deixaria o caso Heskow no gelo durante algum tempo. Estranhava a reputação de honradez de que Cilke gozava, uma reputação que até o próprio Don confirmara.

“Há homens honrados que passam uma vida inteira a prepararem-se para um supremo ato de traição”, dissera-lhe o sr. Pryor. Mas apesar de tudo isto, Astorre sentia-se confiante. Tudo o que tinha de fazer era manter-se vivo enquanto as peças do quebra-cabeças se encaixavam umas nas outras.

O verdadeiro teste viria de homens como Heskow, Portella, Tulippa e Cilke. Teria, uma vez mais, de manchar pessoalmente as mãos de sangue.

Astorre demorou um mês a decidir exatamente como lidar com John Heskow. O homem representava um desafio complicado. Matá-lo seria extremamente fácil, extrair-lhe informações extremamente difícil. Usar o filho como alavanca era perigoso — forçá-lo-ia a conspirar enquanto fingia cooperar. Resolveu não lhe dizer que os irmãos Sturzzo tinham confessado que fôra ele o condutor. Não queria assustá-lo demasiado.

Entretanto, foi reunindo a indispensável informação sobre os hábitos diários de Heskow. Parecia tratar-se de um homem moderado, cuja principal paixão era cultivar flores e vendê-las a grossistas e até numa pequena banca à beira da estrada, em Hamptons. O seu único vício era assistir aos jogos do filho, pelo que acompanhava religiosamente todo o calendário da equipe de basquete de Villanova.

Numa certa noite de sábado, em Janeiro, Heskow preparava-se para ir assistir ao jogo Villanova-Temple no Madison Square Garden, em Nova Iorque. Antes de sair de casa, ligou o seu sofisticado sistema de alarme. Era sempre meticuloso nos pequenos pormenores da vida quotidiana, estava sempre seguro de ter tomado as medidas necessárias para fazer face a qualquer possível acidente. Era essa confiança que Astorre queria destruir logo no início da sua entrevista.

John Heskow foi de carro até à cidade e jantou sozinho num restaurante chinês perto do Garden. Optava sempre por comida chinesa quando jantava fora, porque era a única que não conseguia cozinhar melhor em casa. Gostava das tampas prateadas que cobriam cada prato, como se escondessem alguma deliciosa surpresa. Gostava dos chineses. Não se metiam na vida dos outros, não se punham a tagarelar nem se mostravam obsequiosamente familiares. E nunca, nunca, detectara um engano na conta, que verificava sempre com o maior cuidado, pois encomendava geralmente vários pratos.

Nessa noite, resolveu fazer uma extravagância. Gostava particularmente de pato à Pequim com camarões e molho de lagosta cantonês. Provou o arroz branco frito e, evidentemente, os crepes, e as costeletas com molho de especiarias. Terminou com gelado de chá verde, algo de que era preciso uma pessoa aprender a gostar, mas que distinguiu os verdadeiros apreciadores da cozinha chinesa.

Quando chegou ao Garden, não havia mais do que meia casa, apesar de a Temple ter uma equipe de primeira categoria. Ocupou o seu lugar, oferecido pelo filho, nas primeiras filas e na zona central. O que o fez sentir-se orgulhoso de Jocko.

O jogo não foi particularmente excitante. Temple esmagou Villanova, mas Jocko foi o melhor marcador. No fim, Heskow procurou-o no balneário. O filho recebeu-o com um abraço.

— Olá, pá, ainda bem que vieste. Queres ir cear conosco?

Heskow ficou tremendamente satisfeito. O filho era um verdadeiro cavalheiro. Claro que os rapazes não queriam um velhote como ele a chagá-los naquela noite. O que queriam era beber uns copos, divertirem-se um pedaço e talvez ir para a cama com uma miúda.

— Obrigado — disse. — Já jantei, e ainda tenho pela frente uma longa viagem até casa. Jogaste muito bem. Estou orgulhoso de ti. Despediu-se do filho com um beijo e perguntou a si mesmo por que diabo teria tido tanta sorte. Bom, o filho tinha uma boa mãe, embora fosse uma desgraça como esposa...

Não demorou mais de uma hora até Brightwaters. As estradas estavam praticamente desertas. Estava cansado quando chegou, mas antes de entrar ainda foi verificar os viveiros, para se certificar de que a temperatura e a umidade estavam OK.

À luz da lua que se filtrava através do telhado de vidro da estufa, as flores tinham uma beleza selvagem, quase onírica. Os vermelhos pareciam negros, os brancos um halo vaporoso e fantasmagórico. Adorava vê-las, especialmente antes de ir para a cama.

Percorreu o caminho de saibro até à casa e abriu a porta. Mal entrou, premiu rapidamente os botões do painel que impediria o alarme de disparar e dirigiu-se à sala.

O coração deu-lhe um salto no peito. Estavam dois homens à sua espera; reconheceu Astorre. Sabia o suficiente a respeito da morte para reconhecê-la ao primeiro olhar. Aqueles dois homens eram os mensageiros.

Reagiu, porém, com o mecanismo de defesa perfeito.

— Como foi que entraram aqui e que diabo querem? — perguntou.

— Não se assuste — disse Astorre. Apresentou-se, acrescentando que era sobrinho do falecido Don Aprile.

Heskow fez um esforço para acalmar-se. Já se vira noutras situações difíceis e, depois da primeira explosão de adrenalina, safara-se sempre bem. Sentou-se no cadeirão, pousando a mão direita no braço de madeira, e começou a deslocá-la milímetro a milímetro para a arma que lá estava escondida. — E então, o que é que querem?

Astorre tinha, um sorriso divertido no rosto, o que irritou Heskow, que tencionara esperar pelo momento certo. Abriu com um gesto rápido o braço do cadeirão e procurou a arma. O buraco estava vazio.

Neste instante, três carros pararam diante da porta e, através da janela, a luz dos faróis varreu o interior da sala. Dois outros homens entraram na casa.

— Não o subestimei, John — disse Astorre, prazenteiramente. - Revistamos a casa. Encontramos a arma dentro da cafeteira, outra presa com fita debaixo da sua cama, outra na falsa caixa de correio e outra na casa de banho, atrás do lavatório. Escapou-nos alguma?

Heskow não respondeu. O coração pusera-se outra vez a saltar-lhe no peito. Sentia-o na garganta.

— Que diabo está a cultivar naqueles viveiros? — perguntou Astorre, rindo. — Diamantes, haxixe, coca, ou o quê? Pensei que nunca mais entrava. A propósito, é um montão de armas para alguém que cultiva azáleas, não é?

— Vá gozar com o seu pai — respondeu Heskow, calmamente.

Astorre sentou-se no cadeirão em frente dele e atirou duas carteiras Gucci, — uma dourada, a outra castanha — para cima da pequena mesa de café. Heskow inclinou-se para a frente e pegou-lhes. A primeira coisa que viu foi as cartas de condução dos irmãos Sturzo, com as suas fotos laminadas. Subiu-lhe à boca uma bÍlis tão azeda que quase vomitou.

— Denunciaram-no — disse Astorre. — Disseram-me que tinha sido o intermediário no golpe contra Don Aprile. Também me disseram que lhes tinha garantido que não haveria vigilância do FBi nem da polícia durante a cerimônia na igreja.

Heskow processou tudo o que tinha acontecido até ali. Não o tinham liquidado, embora os irmãos Sturzo estivessem com certeza mortos. Sentiu uma pontinha de desapontamento por aquela traição. Mas Astorre parecia ignorar que fôra ele o condutor. Havia ali uma negociação, a mais importante da sua vida.

Encolheu os ombros.

— Não sei do que está a falar.

Aldo Monza estivera a escutar atentamente, sem desviar os olhos dele. Foi à cozinha e regressou com duas canecas de café. Entregou uma a Astorre e a outra a Heskow.

— Eh, tens café italiano... Ótimo! — exclamou.

Heskow lançou-lhe um olhar de desdém.

Astorre bebeu um pouco de café e depois disse, lentamente, deliberadamente: — Dizem que é um homem muito inteligente, e essa é a única razão por que não está morto. Portanto, ouça o que lhe vou dizer, e pense muito bem. Sou o varredor de Don Aprile. Tenho todos os recursos que ele tinha antes de retirar-se. Conhecia-o, sabe o que isso quer dizer. Nunca se teria atrevido a servir de intermediário se ele não se tivesse

retirado. Certo? Heskow não respondeu. Continuava a olhar para Astorre, a tentar avaliá-lo.

— Os Sturzo estão mortos — continuou Astorre. — Pode ir juntar-se-lhes. Mas eu vou fazer-lhe uma proposta, e é aqui que tem de estar muito atento. Nos próximos trinta minutos, vai ter de convencer-me de que está do meu lado e de que será o meu agente. Caso contrário, enterra-lo-emos debaixo dos seus canteiros de flores. Permita agora que lhe comunique notícias mais agradáveis. Não envolverei o seu filho neste assunto. Não alinho nesse tipo de coisas, e além disso uma ação desse gênero faria de si meu inimigo e incita-lo-ia a trair-me. Mas tem de compreender que sou eu, e só eu, quem mantém o seu filho vivo. Os meus inimigos querem-me morto. Se forem bem sucedidos, os meus amigos não pouparão o seu filho. A sorte dele depende da minha.

— O que é que quer? — perguntou Heskow.

— Preciso de informações. Portanto, fale. Se eu ficar satisfeito, temos acordo. Se não ficar, você morre. O seu problema imediato e, pois, manter-se vivo esta noite. Comece.

Heskow não disse uma palavra durante pelo menos cinco minutos. Primeiro avaliou Astorre — um sujeito tão simpático, nada brutal ou assustador. E no entanto, os irmãos Sturzo estavam mortos. Depois, iludira os sistemas de vigilância da casa e encontrara as armas. O mais significativo fora tê-lo deixado procurar a arma inexistente. Aquele homem não era um bluff, e muito menos um bluff que ele se atrevesse a desafiar. Finalmente, acabou de beber o café e tomou uma decisão, com reservas.

— Tenho de alinhar consigo — disse a Astorre. — Tenho de confiar que fará o que é justo. O homem que me contratou e me deu o dinheiro foi Timmona Portella. Fui eu que comprei a ausência da polícia. Paguei, por conta do Portella, cinquenta mil ao chefe do Departamento Criminal, Di Benedetto, e vinte e cinco mil à sua adjunta, Aspinella Washington. Quanto à garantia do FBI, recebi-a do Portella. Insisti em coisas concretas e ele

disse-me que tinha este tipo, o Cilke, chefe da delegação de Nova Iorque, no bolso. Foi o Cilke que deu o OK para o golpe contra o Don.

— já tinha trabalhado para o Portella antes disto?

— Oh, claro! É ele que controla o tráfico de droga em Nova Iorque, por isso tem muito trabalho para mim. Nada ao nível do Don. Não tinha esse tipo de contatos. É tudo.

— Ótimo — disse Astorre. Tinha no rosto uma expressão de sinceridade. — Agora quero que seja muito cuidadoso. Para seu próprio bem. Há mais alguma coisa que possa dizer-me?

E subitamente, Heskow soube que estava a segundos de morrer. Que não conseguira convencer Astorre. Acreditou no que lhe diziam os seus instintos. Sorriu palidamente.

— Mais uma coisa — disse, muito devagar. — Neste preciso momento, tenho um contrato do Portella. O alvo é você. Vou pagar aos dois detetives meio milhão para acabarem consigo. Eles aparecem para detê-lo, você resiste à prisão e eles abatem-no.

Astorre pareceu levemente divertido.

— Porquê uma coisa tão complicada e cara? — perguntou. — Por que não contratar simplesmente um atirador?

Heskow abanou a cabeça.

— Colocam-no muito acima disso. E, depois do Dom outra execução chamaria demasiado as atenções. Sendo sobrinho dele, e tudo isso. Os meios de comunicação entravam em parafuso. Assim, esse aspecto fica coberto.

— Já lhes pagou?

— Não. Ficamos de nos encontrar.

— OK. — disse Astorre. — Marque o encontro para um lugar isolado. Avise-me dos pormenores antecipadamente. Uma coisa. Depois do encontro, não vá com eles.

— Oh, merda! — exclamou Heskow. — É assim que vai ser? já imaginou o barulho?

Astorre recostou-se na cadeira.

— É assim que vai ser — disse. — Levantou-se e deu a Heskow um meio abraço de amizade. — Não esqueça — acrescentou —, temos de manter-nos vivos um ao outro.

— Posso ficar com uma parte do dinheiro? — perguntou Heskow.

Astorre riu-se.

— Não. É precisamente aí que reside a beleza da coisa. Como é que os tiras explicarão o meio milhão que eles têm em seu poder?

— Só vinte — insistiu Heskow.

— OK. — aquiesceu Astorre, de bom humor. — Mas nem mais um centavo. Só para adoçar a boca.

Tornava-se agora imperativo para Astorre ter outro encontro com Don Craxxi e com o sr. Pryor. Precisava do conselho deles para o vasto plano operacional que tinha de executar.

Entretanto, as circunstâncias tinham mudado. O sr. Pryor insistiu em levar os dois sobrinhos como guarda-costas. E quando chegaram ao subúrbio de Chicago, descobriram que a modesta propriedade de Don Craxxi fôra transformada numa fortaleza. O caminho que conduzia à casa estava bloqueado por uma série de pequenas tendas verdes ocupadas por

jovens de ar muito duro. Debaixo da parreira estava estacionada um furgão de comunicações. Três jovens abriam a porta, atendiam os telefones e verificavam a identidade dos visitantes. Os sobrinhos do sr. Pryor, Erice e Roberto, eram esguios e atléticos, peritos em armas de fogo, e adoravam obviamente o tio. Pareciam igualmente a par da história de Astorre na Sicília e tratavam-no com enorme respeito, fazendo-lhe todo o gênero de pequenos serviços pessoais. Transportaram-lhe as malas até ao avião, serviram-lhe o vinho ao jantar, sacudiram-no com os seus próprios guardanapos; pagavam as gorjetas por ele e abriam-lhe as portas, tornando bem claro que o consideravam um grande homem.

Astorre, bem-humorado, tentou pô-los à vontade, mas eles nunca desceram à familiaridade.

Os homens que guardavam Don Craxxi não eram tão delicados. Corteses mas rígidos, concentravam-se totalmente no seu trabalho. Andariam todos pela casa dos cinqüenta, e estavam todos armados..

Nessa noite, terminado o jantar e enquanto comiam fruta à sobremesa, Astorre perguntou ao Dom: — Porquê tanta segurança?

— Apenas uma precaução — respondeu Craxxi, calmamente. — Chegaram-me aos ouvidos notícias inquietantes. Um velho inimigo meu, Inzio Tulippa, está na América. É um homem muito moderado e muito ganancioso, de modo que o melhor é sempre estar preparado. Veio encontrar-se com o nosso Timmona Portella. Mais vale estar preparado. Mas diz-nos, meu caro Astorre, o que tens para nos contar?

Astorre explicou-lhes o que tinha descoberto e como aliciara Heskow. Falou-lhes de Portella, e de Cilke, e dos dois detetives.

— Agora tenho de passar à fase operacional — concluiu. — Preciso de um perito em explosivos e de pelo menos mais dez homens. Sei que os dois podem arranjar-mos, que podem telefonar aos velhos amigos do Don. — Descascou cuidadosamente a pêra verde-amarelada que estava a comer. —

Sabem que isto pode revelar-se muito perigoso e se não querem envolver-se demasiado...

— Disparate — protestou o sr. Pryor, impaciente. — Devemos a nossa sorte ao Don. Claro que ajudamos. Mas lembra-te, isto não é vingança, é legítima defesa. Contra o Cilke, não se pode fazer nada. O governo federal transformava-nos a vida num inferno.

— Mas esse homem tem de ser neutralizado — afirmou Craxxi. — Será sempre um perigo.

Podes, no entanto, considerar a seguinte hipótese: vende os bancos, e fica toda a gente feliz.

— Toda a gente exceto eu e os meus primos — contrapôs Astorre.

— É uma possibilidade a considerar — disse o sr. Pryor. — Estou disposto a sacrificar a minha parte, tal como Don Craxxi, embora saiba que há de tornar-se uma enorme fortuna. Mas com certeza que uma vida pacífica tem muitas vantagens.

— Não vendo os bancos — declarou Astorre. — Mataram o meu tio e têm de pagar o preço, não alcançar os seus objetivos. E não posso viver num mundo onde o meu lugar é uma concessão da misericórdia deles. O Don ensinou-me isso.

Astorre ficou surpreendido ao ver que o sr. Pryor e Don Craxxi pareciam aliviados. Tentaram inclusivamente disfarçar um sorrisinho. Compreendeu que aqueles dois homens, poderosos como eram, o tinham em grande respeito, viam nele aquilo que nunca tinham chegado a ser.

— Sabemos qual é o nosso dever para com Don Aprile, Deus tenha a sua alma — disse Craxxi. — E sabemos qual é o nosso dever para contigo. Mas uma palavra de cautela: se te precipitares, e te acontecer alguma coisa, seremos obrigados a vender os bancos.

— Sim — corroborou o sr. Pryor. — Tem cuidado.

Astorre riu-se.

— Não se preocupem. Se eu cair, não ficará ninguém de pé.

Continuaram a comer pêras e pêssegos. Don Craxxi parecia perdido nos seus pensamentos. De súbito, disse:

— O Tulippa é o maior traficante de droga do mundo. O Portella é o seu sócio americano. Devem querer os bancos para branquear dinheiro da droga.

— Nesse caso, onde é que encaixa o Cilke? — perguntou Astorre.

— Não sei — admitiu Craxxi. — Mas seja como for, não podemos atacá-lo.

— Seria um desastre — confirmou o sr. Pryor.

— Lembrar-me-ei disso — prometeu Astorre. Mas se Cilke fosse culpado, que poderia ele fazer?

A detetive Aspinella Washington certificou-se de que a filha de oito anos jantava decentemente, fazia os trabalhos de casa e dizia as suas orações antes de ir para a cama. Adorava a criança e havia muito que expulsara o pai da sua vida. A babá, filha adolescente de um polícia, chegou às oito em ponto. Aspinella deu-lhe instruções sobre os remédios que a pequena tinha de tomar e disse que estaria em casa por volta da meia-noite.

Pouco depois, a campainha da porta do hall de entrada tocou e Aspinella desceu as escadas a correr e saiu. Nunca usava o elevador. Paul Di Benedetto esperava-a num Chevrolet sem qualquer identificação. Aspinella instalou-se a seu lado e colocou o cinto de segurança. O chefe do Departamento Criminal era um péssimo condutor noturno.

Di Benedetto fumava um enorme charuto, de modo que Aspinella baixou o vidro da sua janela.

— É cerca de uma hora de viagem — disse ele. — Temos de pensar bem nesta coisa.

Sabia que era um grande passo para ambos. Uma coisa era aceitar subornos e dinheiro da droga; outra muito diferente era levar a cabo uma execução.

— O que é que há para pensar? — perguntou Aspinella. — Recebemos meio milhão por liquidar um gajo que devia estar no corredor da morte. Sabes o que posso fazer com duzentos e cinqüenta mil dólares?

— Não — respondeu Di Benedetto. — Mas sei o que eu posso fazer. Comprar um super-condomínio em Miami e reformar-me. Lembra-te, vamos ter de viver com isto.

— Receber dinheiro da droga já é pisar muito para lá da linha — replicou Aspinella. — Que se lixe essa merda.

— Tens razão — respondeu Di Benedetto. — Vamos ver é se esse tal Heskow traz a massa esta noite ou se está a enrolar-nos.

— Até agora, tem sido sempre de confiança. É o meu Pai Natal. E se não trazer um grande saco para nós, vai ser um Pai Natal morto

Di Benedetto riu-se.

— É assim mesmo. Sabes por onde anda esse tal Astorre, para podermos despachá-lo rapidamente?

— Claro. Tenho-o sob vigilância. Até já escolhi o melhor lugar para lhe deitar a mão... O armazém de macaroni. O tipo trabalha quase sempre até tarde.

— Trouxeste a arma extra para lhe plantar?

— O que é que te parece? Nem o mais estúpido dos pés-chatos anda na rua sem uma delas.

Continuaram em silêncio durante cerca de dez minutos. Então Di Benedetto perguntou, numa voz deliberadamente calma e despida de emoção: — Qual dos dois vai disparar?

Aspinella lançou-lhe um olhar divertido.

— Paul, passaste os últimos dez anos atrás de uma secretária. Tens visto mais molho de tomate do que sangue. Eu disparo. — Viu o alívio espelhar-se no rosto dele e resmungou: Homens... são uma porra de uns inúteis.

Ficaram novamente silenciosos, perdidos em pensamentos a respeito do que os tinha feito chegar àquele momento das suas vidas. Di Benedetto entrara para a Polícia muito novo, havia mais de trinta anos. A sua corrupção fora gradual, mas inevitável. Começara com ilusões de grandeza — seria respeitado e admirado por arriscar a vida para proteger os outros, Mas os anos tinham-no ensinado. Primeiro, foram os pequenos subornos dos vendedores de rua e das lojecas de bairro. Depois, um testemunho falso para safar um tipo de uma acusação de roubo. Daí a aceitar dinheiro dos grandalhões da droga parecera um pequeno passo. Finalmente, aparecera Heskow, que, como ficara esclarecido logo desde o início, agia em nome de Timmona Portella, o maior chefe da Máfia de Nova Iorque.

Claro que havia sempre uma boa desculpa. A mente consegue vender a si mesma tudo o que quiser. Via os oficiais superiores da Polícia a enriquecerem com o dinheiro da droga, e os dos escalões inferiores eram ainda mais corruptos. E ele, não tinha três filhos para mandar para a universidade? Mas sobretudo, era a ingratidão das pessoas que protegia. Os grupos de Direitos Civis que se punham a berrar contra a brutalidade policial se um tipo dava um estalo num sacana de um preto que andava nas ruas a assaltar pessoas. Os meios de comunicação que despejavam merda em cima da Polícia à mais pequena oportunidade. Cidadãos a processarem

polícias. Polícias que eram postos na rua depois de anos e anos de serviço, privados das suas reformas, chegando até a ir para a prisão. Ele próprio fora uma vez repreendido por causa de uma acusação de tratar mal os criminosos negros, quando sabia perfeitamente que não tinha preconceitos racistas. Ou se calhar era por culpa dele que os criminosos de Nova Iorque eram majoritariamente negros? O que é que um tipo era suposto fazer? Dar-lhes licença para roubar, como forma de ação afirmativa? Fartara-se de promover polícias negros. Fora o protetor de Aspinella no Departamento, dando-lhe a promoção que ela merecia por aterrorizar os mesmíssimos criminosos negros. E a ela não podiam acusá-la de racismo. Em resumo, a sociedade cagava nos polícias que a protegiam. A menos, claro, que fossem mortos no cumprimento do dever. Então lá vinham com a trampa do costume. A verdade verdadeira? Não compensava ser um polícia honesto. E no entanto... no entanto, nunca pensara que chegaria ao assassinio. Mas, ao fim e ao cabo, era invulnerável; não havia qualquer risco, e havia uma grande porção de dinheiro, e a vítima era um assassino. No entanto...

Também Aspinella perguntava a si mesma como fora que a sua vida chegara àquele ponto. Deus sabia que sempre combatera o crime com uma paixão e uma implacabilidade que tinham feito dela uma lenda em Nova Iorque. Claro que aceitara alguns subornos, coisa pouca. Entrara tarde no jogo, quando Di Benedetto a convencera a receber dinheiro da droga. Fora o seu protetor durante anos, e seu amante durante alguns meses — nem mau nem bom, apenas um urso desastrado que usava o sexo como parte do impulso para hibernar.

A sua corrupção a sério começara logo no primeiro dia depois de ter sido promovida a detetive. Na sala de recreio da esquadra, um corpulento polícia branco chamado Gangee começara a entrar com ela, em ar de brincadeira.

— Eh, Aspinella — dissera —, com a tua rata e os meus músculos, vamos acabar com o crime no mundo civilizado.

Os outros polícias, incluindo alguns negros, riram-se. Aspinella olhara para ele friamente e respondera:

— Nunca serás meu parceiro. Um homem que insulta uma mulher não passa de um covarde de pila curta.

Gangee tentara manter a coisa numa base amigável.

— A minha pila curta chega para tapar a tua rata sempre que quiseres experimentar. De qualquer maneira, já andava a pensar em mudar de prato.

Aspinella voltara para ele um rosto gelado.

— Antes preto que covarde. Vai esgalhar uma, cretino de merda.

A sala ficara paralisada de surpresa. Gangee corara violentamente. Um desprezo tão virulento não podia passar sem luta. Começara a avançar para ela, e os outros afastaram-se da sua frente.

Aspinella estava preparada para sair. Empunhara a arma, sem a apontar. — Experimenta, e estouro-te os tomates — dissera, e naquela sala ninguém tivera a mínima dúvida de que puxaria o gatilho. Gangee parara e abanara a cabeça, com nojo.

O incidente fora denunciado, evidentemente. Era uma infração grave por parte de Aspinella. Mas Di Benedetto era suficientemente esperto para saber que um julgamento interno seria um desastre político para o Departamento de Polícia de Nova Iorque. Abafara a coisa e ficara tão impressionado com Aspinella que a chamara para junto de si e se tornara seu mentor.

O que afetara Aspinella mais do que qualquer outra coisa fôra o fato de haver pelo menos quatro polícias negros naquela sala e nenhum deles ter tentado defendê-la. Pelo contrário, tinham-se rido das graçolas do polícia branco. A lealdade sexual era mais forte do que a lealdade racial.

A partir daí, a sua carreira estabeleceu-a como o melhor elemento da divisão. Era implacável para com os traficantes de droga, os gatunos, os assaltantes à mão-armada. Não lhes dava quartel nem mostrava piedade, fossem pretos ou brancos. Feria-os a tiro, espancava-os, humilhava-os.

Várias vezes foram apresentadas queixas, mas nenhuma pudera ser provada, e a sua reputação de coragem falava por ela. Mas aquelas queixas despertavam nela uma raiva enorme contra a própria sociedade. Como se atreviam a pô-la em causa quando os protegia contra a pior escumalha da cidade? Di Benedetto apoiava-a contra tudo e contra todos.

Houvera uma situação delicada, quando abatera a tiro dois adolescentes que tinham tentado assaltá-la em plena luz do dia quando saía do seu apartamento, no Harlem. Um dos rapazes dera-lhe um murro na cara e o outro puxara-lhe pela bolsa. Aspinella sacara da arma e os dois rapazes ficaram petrificados. Muito deliberadamente, Aspinella matara-os a ambos. Não só por causa do murro na cara, mas também para deixar clara a mensagem de que não permitia assaltos no seu bairro. Os grupos de Direitos Civis tinham organizado um protesto, mas o Departamento decidira que se tratara de um caso de uso justificado de força. Ela, porém, sabia que era culpada.

Fora Di Benedetto que a convencera a aceitar o seu primeiro grande suborno num caso de droga. Falara-lhe com a afabilidade de um velho tio.

— Aspinella — dissera —, hoje em dia um polícia já nem se preocupa muito com as balas. São ossos do ofício. Com o que tem de preocupar-se a sério é com os grupos de Direitos Civis, os cidadãos e os criminosos que o processam por abuso de autoridade. Com os chefões políticos do Departamento que o mandam para a prisão para conseguirem votos. Especialmente alguém como tu. És uma vítima natural, de modo que diz-me, vais acabar como essas desgraçadas que andam por aí a ser violadas, roubadas e assassinadas? Ou vais proteger-te? Entra nesta. Terás mais proteção dos grandalhões do Departamento que já foram comprados. Dentro de cinco ou seis anos, podes reformar-te com um monte dele. E não terás de preocupar-te com ir parar à cadeia por teres despenteado um sacana de um gatuno qualquer.

Cedera.

E, pouco a pouco, começara a achar graça a esconder o dinheiro em contas bancárias secretas. Mas nem por isso dera tréguas aos criminosos. Aquilo era diferente, porém. Aquilo era uma conspiração para cometer assassinio, e tudo bem, o tal Astorre era um tipo da Máfia, e até ia ser um prazer arrumá-lo. De certa maneira, estaria a fazer o seu trabalho. Mas o argumento final fôra o risco ser tão pequeno e a recompensa tão grande. Um quarto de milhão.

Di Benedetto saiu da Southem State Parkway e minutos depois entrava no parque de estacionamento de um pequeno centro comercial com dois pisos. Todas as doze lojas que o constituíam estavam fechadas, incluindo a pizzaria, que ostentava um refulgente anúncio de néon na montra. Saíram do carro.

— É a primeira vez que vejo uma pizzaria fechar tão cedo — comentou Di Benedetto. Eram apenas dez horas.

Caminhou à frente dela até à porta lateral da pizzaria. Não estava fechada. Subiram uma dúzia de degraus até um corredor. Havia uma suíte com dois quartos do lado esquerdo e um quarto do lado direito. Fez um gesto, e Aspinella verificou a suíte do lado esquerdo enquanto ele ficava de guarda. Depois entraram no quarto da direita. Heskow estava lá, à espera deles. Estava sentado na extremidade de uma comprida mesa de madeira, rodeada por quatro desconjuntadas cadeiras também de madeira. Em cima da mesa havia um saco de lona, relativamente pequeno, que parecia bem recheado. Heskow apertou a mão a Di Benedetto e dirigiu um aceno de cabeça a Aspinella. Ela pensou que nunca tinha visto um branco que parecesse tão branco. O rosto, e até o pescoço, estavam completamente lívidos. O quarto era iluminado por uma lâmpada de fraca potência e não tinha janelas. Sentaram-se à volta da mesa. Di Benedetto estendeu o braço e deu uma palmadinha no saco.

— Está tudo aí? — perguntou.

— Claro — respondeu Heskow, com voz trêmula.

Bem, um homem que transportava meio milhão de dólares num saco de lona tinha o direito de estar um pouco nervoso, pensou Aspinella. Mas mesmo assim inspecionou o quarto, em busca de microfones.

— Deixa-me dar uma espreitadela — disse Di Benedetto.

Heskow desapertou o cordão que fechava a boca do saco e inclinou-o. Cerca de vinte maços de notas presas com elásticos deslizaram para cima da mesa. A maior parte era de notas de cem dólares, nenhum de cinquenta, e dois eram de vinte.

Di Benedetto suspirou.

— A merda dos vintes — murmurou. — OK., volta a metê-los lá dentro.

Heskow guardou os maços dentro do saco e re-apertou o cordão.

— O meu cliente deseja que o assunto seja tratado o mais rapidamente possível — disse.

— Dentro de duas semanas — anunciou Di Benedetto.

— Ótimo — disse Heskow.

Aspinella pegou no saco e pô-lo ao ombro. Não era muito pesado, pensou. Meio milhão não pesava assim tanto.

Viu Di Benedetto apertar a mão a Heskow e sentiu uma onda de impaciência. Queria sair dali para fora. Começou a descer a escadas, com o saco equilibrado no ombro, seguro com uma mão, enquanto a outra se mantinha pronta para sacar a arma. Ouviu os passos de Di Benedetto atrás dela. Estavam cá fora, sentindo o fresco da noite. Ambos escorriam suor. — Mete o saco no porta-bagagens — disse Di Benedetto. Sentou-se ao volante e acendeu um charuto. Aspinella deu a volta e entrou no carro. — Onde é que fazemos a partilha? — perguntou Di Benedetto.

— Em minha casa não — respondeu Aspinella. — Tenho uma babá em casa.

— Na minha também não — disse Di Benedetto. — Tenho uma mulher. Que tal alugarmos um quarto num motel?

Aspinella fez uma careta e Di Benedetto propôs, sorrindo:

— O meu gabinete. Trancamos a porta. — Riram-se ambos. — Verifica outra vez o porta-bagagens. Certifica-te de que está bem fechado. Aspinella não discutiu. Saiu do carro, abriu o porta-bagagens e pegou no saco. Nesse momento, Di Benedetto ligou a ignição.

A explosão fez chover pedaços de vidro sobre o pequeno edifício. O próprio carro pareceu flutuar no ar por uns instante antes de voltar a cair com um grito de metal rasgado que destruiu o corpo de Di Benedetto. Aspinella Washington foi projetada a quase três metros de distância, com um braço e uma perna partidos. Mas foi a dor do olho arrancado que a fez perder os sentidos.

Heskow, que saía pela porta das traseiras da pizzaria, sentiu a pressão do ar empurrá-lo contra a parede. Saltou para o carro e vinte minutos mais tarde estava em casa, em Brightwaters. Preparou uma bebida rápida e verificou os dois maços de notas de cem que tirara do saco de lona. Quarenta mil: um bônus bem simpático. Ia dar ao filho dois mil dólares, para gastar à vontade. Não, mil. O resto era para guardar.

Ficou à espera do noticiário da noite na TV, em que a explosão foi a história de abertura. Um polícia morto, outro gravemente ferido. E, no local, um saco de lona com uma grande quantia em dinheiro. O jornalista da Tv não disse quanto.

Quando Aspinella Washington voltou a si no hospital, dois dias mais tarde, não ficou surpreendida ao ser apertadamente interrogada a respeito do dinheiro e por que razão faltavam exatamente quarenta mil dólares para meio milhão. Negou ter qualquer conhecimento do dinheiro. Perguntaram-

lhe o que estavam o chefe do Departamento Criminal e a sua adjunta a fazer juntos. Recusou-se a responder alegando tratar-se de um assunto pessoal. Mas ficou furiosa por estarem a interrogá-la tão insistentemente quando ela se encontrava num estado tão evidentemente grave. O Departamento estava-se nas tintas para ela. Queriam lá saber de tudo o que tinha feito. Mas no fim, acabou bem. Não foram feitas acusações e arranjaram as coisas de modo que a investigação a respeito do dinheiro desse em nada.

Foi precisa mais uma semana de convalescença para que Aspinella juntasse todas as peças. Fôra uma armadilha. E o único tipo que podia tê-la montado era Heskow. E o fato de faltarem quarenta mil dólares no saco significava que aquele porco ganancioso não resistira a roubar a sua própria gente. Bom, ela havia de pôr-se boa, pensou, e então voltaria a ter uma conversa com o sr. Heskow.

# Capítulo 10

Astorre passou a ser extremamente cuidadoso nos seus movimentos, não só para evitar um ataque, mas também para não dar motivo a que o prendessem fosse por que motivo fosse. Mantinha-se sempre perto de casa, guardada vinte e quatro horas por dia por equipes de cinco homens. Mandara colocar sensores no bosque e nos terrenos circundantes, e luzes infravermelhas para vigilância noturna. Quando se arriscava a sair, era com seis guarda-costas, divididos em três equipes de dois. Por vezes viajava sozinho, confiando no segredo e na surpresa e nas suas próprias capacidades se encontrasse apenas um ou dois assassinos. O ataque contra os dois detetives fôra necessário, mas provocara uma pressão enorme. E quando Aspinella Washington recuperasse, aperceber-se-ia imediatamente de que fora Heskow quem a traíra. E se Heskow falasse, Aspinella não hesitaria em ir atrás dele.

Tinha perfeita consciência da enormidade do seu problema. Conhecia os nomes de todos os homens responsáveis pela morte do Don e sabia as dificuldades que teria de vencer. Havia Kurt Cilke, essencialmente intocável; Timmona Portella, que ordenara o assassínio; e também Inzio Tulippa, Grazziella e o cônsul-geral do Peru. Os únicos que conseguira punir tinham sido os irmãos Sturzo, e esses não passavam de simples peões naquele jogo.

Toda a informação viera de Heskow, o sr. Pryor, Don Craxxi e Octavius Bianco, na Sicília. Teria de reunir todos os seus inimigos no mesmo lugar, ao mesmo tempo. Apanhá-los um a um seria seguramente impossível. E tanto o sr. Pryor como Craxxi o tinham avisado repetidamente de que não podia tocar em Cilke.

E depois, havia o cônsul-geral do Peru, Marriano Rubio, companheiro de Nicole. Até que ponto ia a lealdade dela para com ele? O que fôra que

Nicole riscara no dossiê do FBI para que ele não o visse? Que estaria a querer esconder-lhe?

Nos seus escassos momentos de calma, sonhava com as mulheres que amara. Primeiro fôra Nicole, tão jovem e tão voluntariosa, com o seu corpo pequeno, tão delicado, tão apaixonada que o forçara praticamente a amá-la. E como agora estava mudada, com toda a sua paixão voltada para a política e para a carreira.

Recordou Buji na Sicília, não exatamente uma prostituta, mas muito perto disso, e no entanto uma deusa impulsiva que podia tão facilmente transformar-se numa fúria. Lembrava-se do maravilhoso corpo dela, das suaves noites sicilianas, quando nadavam e comiam azeitonas de barricas cheias de azeite. Sobretudo, recordava com especial carinho o fato de ela nunca mentir; era totalmente franca a respeito da sua vida, dos outros homens. E a lealdade que demonstrara quando ele fôra ferido, o modo como o arrastara para a areia, com o sangue dele a manchar-lhe o corpo. E a oferta da gargantilha de ouro com a sua medalha, para esconder a feia cicatriz da bala.

Então pensava em Rosie, a mentirosa Rosie, tão meiga, tão bonita, tão sentimental, que protestava veementemente o seu amor ao mesmo tempo que o traía. Mas que sabia sempre fazê-lo feliz quando estavam juntos. Quisera destruir o que sentia por ela usando-a contra os irmãos Sturzo, e ficara surpreendido ao descobrir como ela gostava do papel, como o ajustava à sua vida de faz-de-conta.

E então, insinuando-se-lhe no espírito como um fantasma, surgia a visão da mulher de Cilke, Georgette. Que estupidez. Passara uma noite a observá-la, a ouvi-la falar de coisas que considerava disparates, em que não acreditava, como a preciosidade de cada alma humana. E, no entanto, não conseguia esquecê-la. Como diabo teria ela casado com um tipo como Kurt Cilke?

Por vezes, à noite, ia até ao bairro de Rosie e ligava-lhe do telefone do carro. Ela estava sempre livre. Isto surpreendeu-o, mas Rosie explicou-lhe

que andava tão ocupada a estudar que nem tempo tinha para sair. O que lhe convinha perfeitamente, uma vez que seria demasiado perigoso levá-la a um restaurante ou ir ao cinema. Em vez disso, parava no Zabar's, no East Side, e comprava-lhe iguarias que a faziam sorrir de prazer. Entretanto, Monza esperava no carro.

Rosie punha a comida na mesa e abria uma garrafa de vinho. Enquanto comiam, pousava-lhe as pernas no colo num gesto de camaradagem, e o seu rosto brilhava de felicidade por estar com ele. Parecia acolher cada uma das suas palavras com um sorriso encantado. Era o seu dom, e Astorre sabia que ela era assim com todos os homens. Mas não se importava.

E quando iam para a cama, ela era apaixonada, mas também muito terna e possessiva. Estava sempre a tocar-lhe no rosto, e a beijá-lo, e a dizer: — Somos verdadeiramente almas gémeas.

E estas palavras punham um frio no coração de Astorre. Não queria que ela fosse a alma gémea de um homem como ele. Nesses momentos, ansiava pela virtude clássica, mas não conseguia deixar de continuar a procurá-la.

Ficava quatro ou cinco horas. Às três da manhã, ia-se embora. Por vezes, quando ela estava a dormir, tardava-se uns instantes a olhá-la, e via no relaxamento dos seus músculos faciais uma triste vulnerabilidade e uma luta, como se os demônios que escondia nos recônditos mais íntimos de si mesma quisessem libertar-se.

Certa noite, saiu mais cedo de uma destas visitas a Rosie. Quando chegou ao carro, Monza disse-lhe que tinha uma mensagem urgente para telefonar a um tal sr. Juice. Era o nome de código que ele e Heskow usavam, de modo que pegou imediatamente no telefone do carro.

A voz de Heskow soou com uma nota de premência.

— Não poso falar pelo telefone — disse. — Temos de encontrar-nos imediatamente.

— Onde?

— Vou estar à porta do Madison Square Garden. Apanhe-me de passagem. Dentro de uma hora.

Quando passou pelo Garden, Astorre viu Heskow no passeio. Monza parou o carro diante dele, com a arma pousada no colo. Astorre abriu a porta e Heskow saltou para o banco da frente. O frio pusera-lhe manchas de umidade na cara

— Tem um sarilho dos grandes — disse.

Astorre sentiu o gelo descer-lhe pela espinha. — Os filhos? — perguntou.

Heskow assentiu.

— O Portella apanhou o seu primo Marcantonio e tem-no escondido algures. Não sei onde. Amanhã vai convidá-lo para um encontro. Quer trocar qualquer coisa pelo refém. Mas se a coisa não correr bem, tem uma equipe de quatro atiradores pronta para si. Vai usar os seus próprios homens. Tentou passar-me o serviço, mas eu recusei.

Estavam numa rua escura.

— Obrigado — disse Astorre. — Onde é que posso deixá-lo?

— Aqui mesmo. O meu carro está a um quarteirão de distância. Astorre compreendeu. Heskow tinha medo de ser visto com ele.

— Mais uma coisa — acrescentou Heskow. — Sabe da suite do Portella no hotel privado? O irmão dele, o Bruno, está a usá-la esta noite com uma gaja qualquer. Sem guarda-costas.

— Mais uma vez obrigado — disse Astorre. Abriu a porta do carro e Heskow desapareceu na escuridão.

Marcantonio Aprile estava na sua última reunião do dia, e queria torná-la o mais curta possível. Eram sete da tarde e tinha um compromisso para jantar às nove.

A reunião era com o seu produtor preferido e melhor amigo na indústria do cinema, um homem chamado Steve Brody, que nunca ultrapassava os orçamentos, tinha um faro incrível para histórias dramáticas e muitas vezes lhe apresentava jovens atrizes prometedoras que precisavam de um pequeno empurrão nas suas carreiras.

Naquela noite, porém, estavam em lados opostos da barricada. Brody aparecera com um dos agentes mais poderosos do ramo, um tal Matt Glazier, que era ferrenhamente leal aos seus clientes. Estava ali em defesa de um romancista cuja última obra Marcantonio transformara numa excelente minissérie televisiva de oito horas, e agora queria vender os três primeiros livros desse mesmo autor.

— Marcantonio — disse Glazier —, os outros três livros são ótimos, mas não venderam. Sabe como são os editores... Não conseguiriam vender um jarro de caviar por dez centavos. O Brody está disposto a produzi-los. Você ganhou uma carrada de dinheiro com o último livro do homem, portanto seja generoso e fechemos o negócio.

— Não percebo — respondeu Marcantonio. — Estamos a falar de livros antigos. Nunca foram best-sellers. Já nem sequer estão nas livrarias.

— Isso não tem a menor importância — afirmou Glazier, com a confiança entusiasta de todos os agentes. — Mal fechemos o negócio, os editores mandam logo reimprimi-los.

Marcantonio tinha ouvido aquele argumento vezes sem conta. Era verdade, os editores reeditarão, mas isso não seria grande ajuda para a série televisiva. Pelo contrário, seria a série televisiva a ajudar os editores a venderem mais livros. Era um argumento essencialmente falacioso.

— Excetuando tudo o mais — disse —, li os livros, e não têm nada que nos interesse. São demasiado literários. É a palavra que os faz funcionar, não o incidente. Até gostei deles. Não estou a dizer que não resultem, o que estou a dizer é que não valem o risco e o esforço,

— Não me venha com tretas — protestou Glazier. — Leu um resumo. Você é diretor de programas, não tem tempo para ler livros.

Marcantonio riu-se.

— Engana-se. Gosto muito de ler e gostei muito desses livros. Mas não servem para a televisão. — A voz dele era calorosa e amigável. — Lamento, mas não estamos interessados. Mas não se esqueça de nós. Gostamos muito de trabalhar consigo.

Depois de os dois homens terem saído, Marcantonio tomou um banho na casa de banho da sua suíte executiva e mudou de roupa para o jantar. Despediu-se da secretária, que nunca saía antes dele, e desceu no elevador até ao vestíbulo do edifício.

O encontro era no Four Seasons, apenas a quatro quarteirões de distância, e iria a pé. Ao contrário da maior parte dos executivos de topo, não tinha carro com motorista exclusivamente ao seu serviço. Se precisava de transporte, limitava-se a pedir um. Orgulhava-se desta sua economia, e sabia que a aprendera com o pai, que desprezava a ostentação e os gastos supérfluos. Quando chegou à rua, sentiu o vento gelado e estremeceu. Uma limusine preta encostou ao passeio, o motorista apeou-se e abriu a porta para ele entrar. Teria a secretária pedido um carro? O motorista era um homem alto, corpulento, com um boné demasiado pequeno bizarramente empoleirado no alto da cabeça. Fez uma vênica e perguntou:

— Sr. Aprile?

— Sim — respondeu Marcantonio. — Não preciso de si esta noite.

— Precisa, sim — afirmou o motorista, com um sorriso jovial. — Entre no carro ou leva um tiro.

Subitamente, Marcantonio apercebeu-se dos três homens que tinham parado no passeio atrás de si. Hesitou.

— Não se preocupe - disse o motorista. — Um amigo seu só quer ter uma conversazinha consigo.

Marcantonio sentou-se no banco traseiro da limusine, e os três homens instalaram-se a seu lado.

Depois de terem percorrido um ou dois quarteirões, um deles deu-lhe uns óculos escuros e disse-lhe que os pusesse. Obedeceu, e foi como se tivesse ficado cego. As lentes eram tão negras que tapavam completamente a luz.

Achou o truque curioso e tomou nota para usá-lo futuramente numa história. Era bom sinal. Se não queriam que visse para onde ia, era porque não tencionavam matá-lo. E, no entanto, tudo aquilo parecia tão irreal como uma das suas séries de televisão. Até que subitamente se lembrou do pai. Pensou que tinha finalmente entrado no mundo dele, um mundo no qual nunca acreditara totalmente.

Cerca de uma hora mais tarde, o carro parou e dois dos guardas ajudaram-no a descer. Sentiu um caminho de tijolos debaixo dos pés, e depois fizeram-no subir quatro degraus e entrar numa casa. Mais escadas até um quarto. Ouviu a porta fechar-se. Só então lhe tiraram os óculos.

Estava num pequeno quarto de cama, com janelas tapadas por pesadas cortinas. Um dos guardas sentou-se numa cadeira ao lado da cama.

— Deite-se e durma um pouco — disse-lhe o guarda. — Tem um dia duro pela frente.

Marcantonio olhou para o relógio. Era quase meia-noite.

Pouco depois das quatro da manhã, com os fantasmas dos arranha-céus envoltos em escuridão, Astorre e Aldo Monza apearam-se diante do Lyceum Hotel. O motorista aguardou no carro. Monza examinava o seu molho de chaves enquanto subiam a correr os três lanços de escadas até à porta da suíte de Portella.

Monza serviu-se de uma das chaves para abrir a porta e entraram na saleta. Viram a mesa coberta de caixas de comida chinesa, copos vazios e garrafas de vinho e de uísque. Havia um grande bolo de creme, meio comido, com um cigarro esmagado a enfeitar-lhe o topo como uma vela de aniversário. Passaram ao quarto, e Astorre acionou o interruptor da parede. Ali, estendido na cama, vestindo apenas umas cuecas, estava Bruno Portella.

Havia um aroma intenso a perfume no ar, mas Bruno estava sozinho na cama. Não era um espetáculo agradável. A cara, pesada e flácida, brilhava de suor, e exalava da boca um cheiro enjoativo a marisco. O peito enorme fazia-o parecer um urso, e na realidade, pensou Astorre, a expressão dele a dormir tinha de certo modo, a doçura da de um ursinho de pelúcia. Aos pés da cama, uma garrafa de vinho tinto aberta criava a sua própria ilha de fragrância. Quase custava acordá-lo, e Astorre fê-lo delicadamente, batendo-lhe ao de leve na testa.

Bruno abriu um olho, depois o outro. Não pareceu assustado ou sequer surpreendido.

— Que diabo estão aqui a fazer?

A voz saiu-lhe entaramelada de sono.

— Bruno, não há motivo para te preocupares — disse-lhe Astorre, gentilmente. — Onde está a rapariga?

Bruno sentou-se na cama e riu-se.

— Teve de ir para casa mais cedo, para levar o filho à escola. Como já lhe tinha dado três trancadas, deixei-a ir. — Disse isto com orgulho, tanto da sua própria virilidade como da sua compreensão para com os problemas

de uma mãe trabalhadora. Estendeu despreocupadamente a mão para a mesa-de-cabeceira. Astorre segurou-lha sem violência e Monza abriu a gaveta e tirou de lá a arma.

— Ouve, Bruno — continuou Astorre, apaziguadoramente. — Ninguém vai fazer-te mal. Sei que o teu irmão não te conta estas coisas, mas ontem à noite raptou o meu primo Marc. Por isso agora preciso de ti, para trocar-te por ele. O teu irmão gosta muito de ti, Bruno, fará a troca. Acreditas nisso, não acreditas?

— Claro — respondeu Bruno. Parecia aliviado.

— Limita-te a não fazer disparates. Agora veste-te.

Quando acabou de vestir-se, Bruno pareceu ter dificuldade com os atacadores dos sapatos.

— O que é que há? — perguntou Astorre.

— É a primeira vez que calço estes sapatos — explicou Bruno. — Geralmente uso uns de enfiar.

— Não sabes atar os sapatos? — espantou-se Astorre.

— São os primeiros que uso com atacadores.

Astorre riu-se.

— Jesus Cristo! OK., eu trato disso. — E deixou que Bruno lhe pousasse o pé no joelho.

Quando terminou, entregou a Bruno o telefone que estava em cima da mesa-de-cabeceira.

— Telefona ao teu irmão — ordenou.

— Às cinco da madrugada? — protestou Bruno. — O Timmona mata-me.

Astorre compreendeu que não era o sono que embotava o cérebro de Bruno; o pobre diabo era genuinamente atrasado.

— Diz-lhe só que estás comigo. Depois eu falo com ele.

Bruno pegou no telefone, marcou o número e disse numa voz queixosa: — Timmona, meteste-me num grande sarilho, e é por isso que estou a telefonar-te tão cedo.

Astorre ouviu o rugido da outra extremidade da linha, e então Bruno disse apressadamente:

— O Astorre Viola está aqui e quer falar contigo. — E passou o telefone a Astorre.

— Timmona, lamento ter-te acordado — disse Astorre. - Mas tive de apanhar o Bruno, uma vez que tu tens o meu primo.

A voz de Portella brotou do auscultador noutra rugido de fúria:

— Não sei nada do que estás para aí a dizer. Afinal, que raio é que queres?

Bruno ouviu isto e gritou:

— Meteste-me nesta alhada, grande sacana! Agora tira-me dela.

— Timmona — continuou Astorre, tranqüilamente —, faz a troca, e depois podemos discutir o assunto que te interessa. Sei que pensas que eu tenho sido casmurro, mas quando nos encontrarmos explicar-te-ei a razão e saberás que tenho estado a fazer-te um favor.

A voz de Portella acalmou imediatamente.

— OK. Como é que combinamos o encontro?

— Vou ter contigo ao restaurante Paladin, ao meio-dia — disse Astorre. — Tenho lá uma sala privada. Levo o Bruno comigo, e tu levas o Marc. Podes levar guarda-costas, se quiseres, mas penso que nenhum dos dois está interessado num banho de sangue num local público. Conversamos um pouco e fazemos a troca.

Seguiu-se uma longa pausa. Depois Portella disse: — Lá estarei. Mas não tentes nenhuma gracinha.

— Não te preocupes. Depois deste encontro, passamos a ser amigos — prometeu Astorre, jovialmente.

Ele e Monza puseram Bruno no meio dos dois. Astorre deu-lhe o braço, como se fossem grandes cunpinchas. Desceram a escada até à rua, onde os esperavam mais dois carros com homens de Astorre.

— Leva-o contigo num dos carros — disse Astorre a Monza. — Amanhã está com ele no Paladin, ao meio-dia. Eu vou lá ter.

— Que raio faço com ele entretanto? — protestou Monza. — Ainda faltam horas.

— Leva-o a tomar café. Ele gosta de comer. Isso vai entretê-lo um par de horas. Depois leva-o a dar um passeio pelo Central Park. Vão ao zoológico. Eu levo um dos carros e um motorista. Se ele tentar fugir, não o mates. Limita-te a apanhá-lo.

— Vais ficar sozinho — observou Monza. — Será inteligente?

— Não há problema.

No carro, Astorre usou o telefone celular para ligar para o número particular de Nicole. Eram agora seis da manhã, e a luz trespassava a cidade em longas e finas linhas de pedra.

A voz de Nicole soou sonolenta quando atendeu. Astorre recordou que já assim era nos tempos em que ela era uma rapariguinha muito nova e ele o seu amante.

— Nicole, acorda — disse. — Sabes quem fala?

A pergunta irritou-a obviamente.

— Claro que sei quem fala. Quem mais me telefonaria a esta hora?

— Ouve com atenção — pediu Astorre. — Não faças perguntas. Aquele documento que tens guardado, aquele que eu assinei para o Cilke, lembra-te, o que me disseste para não assinar?

— Sim — respondeu ela secamente —, claro que me lembro.

— Tem-no em casa contigo ou no cofre do escritório?

— No escritório, evidentemente.

— OK. — disse Astorre. — Estou em tua casa dentro de trinta minutos. Toco à campainha. Está pronta para descer. Traz todas as tuas chaves. Vamos ao teu escritório.

Quando Astorre tocou à campainha, Nicole desceu imediatamente. Vestia um casaco de couro azul e transportava uma grande bolsa. Beijou-o na face, mas só falou quando já estavam ambos no carro e teve de dar instruções ao motorista. Depois voltou a remeter-se ao silêncio até chegarem ao escritório.

— Agora, diz-me para que queres o tal documento — exigiu.

— Não precisas de saber — respondeu Astorre.

A resposta irritou-a, mas abriu o cofre embutido na secretária e tirou dele uma pasta de cartolina.

— Não feches o cofre — indicou Astorre. — Quero a gravação que fizeste da nossa conversa com o Cilke.

Nicole entregou-lhe a pasta.

— Tens direito a estes documentos — declarou. — Mas não tens direito a qualquer gravação, mesmo se ela existisse.

— Disseste-me há muito tempo que gravavas todas as reuniões que tinhas no teu gabinete. E eu estive a observar-te durante a conversa. Estavas com o ar de quem se sentia um tudo nada demasiado satisfeita consigo mesma.

Nicole riu-se com um afeto trocista.

— Mudaste — comentou. — Nunca foste um desses cretinos convencidos de que são capazes de ler a mente dos outros.

Astorre dirigiu-lhe um sorriso acanhado e disse, apologeticamente: — Pensava que continuavas a gostar de mim. Por isso nunca te perguntei o que foi que riscaste no dossiê do teu pai antes de mo mostrares.

— Não risquei coisa nenhuma — respondeu Nicole, friamente. — E não te dou a fita se não me disseres o que se está a passar.

Astorre ficou silencioso. Finalmente, disse:

— OK, já és uma menina crescida. — Riu-se ao ver a fúria na cara dela, os olhos chispantes, os lábios arrepanhados de desprezo. Lembrou-lhe a Nicole que o enfrentara a ele e ao pai, havia já tantos anos. — Bom, sempre quiseste brincar com os meninos mais velhos. E não há dúvida de que o tens feito. Como advogada, tens assustado quase tanta gente como o teu pai.

— Ele não era tão mau como os jornais e o FBI o faziam — replicou ela, furiosamente.

— OK. — aquiesceu Astorre, apaziguador. - O Marc foi raptado ontem à noite pelo Timmona Portella. Mas não te preocupes. Apanhei-lhe o irmão, o Bruno, de modo que agora podemos trocar.

— Cometeste um rapto? — exclamou Nicole, incrédula.

— Eles também — respondeu Astorre, impávido. — Querem mesmo que lhes vendamos os bancos.

— Então dá-lhes a porcaria dos bancos! — quase gritou Nicole.

— Não estás a compreender — disse Astorre. — Não lhes damos coisa nenhuma. Temos o Bruno. Se eles fizerem mal ao Marc, eu faço mal ao Bruno.

Nicole estava a olhar para ele com uma expressão de horror. Astorre devolveu-lhe calmamente o olhar e levou um dedo à gargantilha de ouro que tinha ao pescoço.

— Pois é — acrescentou. — Teria de matá-lo.

O rosto firme de Nicole desfez-se em sulcos de amargura. — Tu não, Astorre, tu não, por favor.

— Agora já sabes — continuou ele. — Não sou homem para vender os bancos depois de eles terem morto o teu pai e meu tio. Mas preciso da gravação para fazer o negócio e recuperar o Marc sem derramamento de sangue.

— Vende-lhes os bancos — murmurou Nicole. — Seremos ricos. O que é que isso interessa?

— Interessa-me a mim — replicou Astorre. — Interessava ao Don.

Silenciosamente, Nicole meteu a mão dentro do cofre e retirou um pequeno embrulho que pousou em cima da pasta.

— Deixa-me ouvir — pediu Astorre.

Nicole tirou da gaveta da secretária um minúsculo gravador de cassetes. Introduziu a fita e ambos ouviram Cilke revelar o seu plano para apanhar Portella. Quando terminou, Astorre enfiou tudo no bolso e disse:

—Trago-te mais tarde, e o Marc também. Não te preocupes, não vai acontecer nada. E se acontecer, será pior para eles do que para nós.

Um pouco depois do meio-dia, Astorre, Aldo Monza e Bruno Portella estavam sentados na sala privada do restaurante Paladin, na East Sixties.

Bruno não parecia minimamente preocupado com o fato de ser refém. Conversava animadamente com Astorre.

— Sabe uma coisa, vivi toda a minha vida em Nova Iorque e nem sequer sabia que o Central Park tinha um zoo. Acho que mais pessoas deviam saber e ir vê-lo.

— Portanto, divertiste-te — respondeu Astorre num tom bem-humorado, pensando que, se as coisas corressem mal, Bruno teria pelo menos uma recordação agradável antes de morrer. A porta da sala abriu-se e o dono do restaurante apareceu, seguido por Timmona Portella e Marcantonio. O enorme vulto de Portella, com a sua roupa elegante, feito por medida, quase escondia completamente Marcantonio, um pouco atrás dele. Bruno correu para os braços de Timmona e beijou-o nas duas faces, e Astorre ficou espantado ao ver a expressão de amor e satisfação no rosto de Timmona.

— Que irmão! — exclamou Bruno, entusiasmado. — Que irmão!

Astorre e Marcantonio, pelo contrário, limitaram-se a trocar um aperto de mão, e depois Astorre deu-lhe um meio abraço e disse.

— Está tudo bem, Marc.

Marcantonio voltou-lhe as costas e sentou-se. Sentia as pernas fracas, em parte de alívio, em parte devido ao ar de Astorre. O rapazinho que gostava de cantar, o jovem voluntarioso mas alegre, tão descuidado e encantador, surgia agora sob a sua verdadeira forma, como o Anjo-da-Morte. O poder da sua presença dominava Portella no seu medo e fanfarronice. Astorre sentou-se ao lado do primo e deu-lhe uma palmadinha no joelho. Estava a sorrir afavelmente, como se aquilo fosse apenas um almoço de amigos.

— Estás bem? — perguntou.

Marcantonio olhou-o diretamente nos olhos. Nunca antes reparara em como eram claros e implacáveis. Olhou para Bruno, o homem que teria

pago pela sua vida. Estava a tagarelar com o irmão, qualquer coisa a respeito do zoo de Central Park.

— Temos coisas a discutir — disse Astorre a Portella.

— OK. — respondeu Portella. — Bruno, desaparece-me daqui. Está um carro à espera lá fora. Falo contigo quando chegar a casa.

Mona entrou na sala.

— Leva o Marcantonio a casa — disse-lhe Astorre. — Marc, espera lá por mim.

Portella e Astorre estavam agora sozinhos, sentados frente-a-frente, um de cada lado da mesa. Portella abriu a garrafa de vinho e encheu o seu próprio copo. Não se ofereceu para servir Astorre.

Astorre meteu a mão no bolso do casaco e tirou dele um sobrescrito castanho, cujo conteúdo espalhou em cima da mesa. Estava ali o documento confidencial que assinara para Cilke, aquele em que lhe era pedido que traísse Portella. E estava também o pequeno gravador de cassetes, com a fita lá dentro. Portella olhou para o documento com o logotipo do FBI e leu-o. Atirou-o para o lado.

— Pode ser uma falsificação — disse. — E por que havias tu de ser suficientemente estúpido para assinar uma coisa destas?

Em vez de responder, Astorre premiu o botão do gravador, e ouviu-se a voz de Cilke a pedir-lhe que colaborasse com ele para apanhar Portella. Portella escutou e tentou controlar a surpresa e a raiva que sentia, mas a cara pusera-se-lhe intensamente vermelha e movia os lábios em pragas mudas. Astorre parou a fita.

— Sei que tens trabalhado para o Cilke durante os últimos seis anos — disse. — Ajudaste-o a acabar com as Famílias de Nova Iorque. E também sei que foi por isso que ele te prometeu imunidade. Mas agora anda atrás de

ti. Esses tipos que usam distintivos nunca estão satisfeitos. Querem tudo. Pensavas que ele era teu amigo. Quebraste a omertà por ele. Tornaste-o famoso, e agora ele quer mandar-te para a prisão. Já não precisa de ti. Vai caçar-te assim que comprares os bancos. Era por isso que eu não podia fazer o negócio. Nunca quebraria a omertà.

Portella ficou muito calado, e então pareceu tomar uma decisão.

— Se eu resolver o assunto do Cilke, que negócio propões para os bancos?

Astorre voltou a guardar tudo no bolso.

— Venda total. Exceto no meu caso. Fico com uma fatia de cinco por cento.

Portella parecia ter recuperado do choque.

— OK — disse. — Podemos tratar dos pormenores depois de o problema estar resolvido.

Apertaram as mãos para selar o negócio e Portella foi o primeiro a sair. Astorre apercebeu-se de que estava cheio de fome e encomendou um grande bife mal passado. Um problema resolvido, pensou.

À meia-noite, Portella encontrou-se com Marriano Rubio, Inzio Tulippa e Michael Graziella, no consulado do Peru.

Rubio foôa um anfitrião excepcional para Tulippa e Graziella. Acompanhara-os ao teatro, à ópera e ao balle e providenciara a companhia de jovens belas e discretas que tinham alcançado alguma fama nas artes e na música. Estavam os dois a ter uma estada maravilhosa e pareciam relutantes em regressar aos respectivos ambientes naturais, muito menos estimulantes. Eram como pequenos reis paparicados por um imperador todo-poderoso que não se poupava a esforços para lhes agradar.

Nessa noite, o cônsul-geral excedeu-se em hospitalidade. A mesa de reuniões vergava sob o peso dos pratos exóticos, frutas, queijos e grandes bombons de chocolate; ao lado de cada cadeira havia uma garrafa de champanhe num balde de gelo. Pequenos bolos coloridos enfeitavam os degraus de delicadas estruturas de açúcar caramelizado. Espalhadas pela mesa viam-se caixas de charutos cubanos, maduros, castanhos-claros e verdes.

Rubio iniciou a sessão dirigindo-se a Portella:

— Ora bem, o que foi que aconteceu de tão importante ao ponto de nos obrigar a cancelar os nossos compromissos por causa deste encontro?

Malgrado a sua requintada delicadeza, havia na voz do cônsul-geral uma nota de condescendência que enfureceu Portella. E sabia que ficaria diminuído aos olhos dos sócios quando soubessem da duplicidade de Cilke. Contou-lhes a história toda.

Tulippa estava a comer um bombom quando perguntou, com uma voz carregada de desprezo: — Queres dizer que tiveste o Marcantonio Aprile em teu poder e fizeste um acordo para libertar o teu irmão sem nos consultares?

— Não podia deixar o meu irmão morrer — replicou Portella. — E além disso, se não tivesse feito o acordo, teríamos caído na armadilha do Cilke.

— Verdade — admitiu Tulippa. — Mas cabia-nos a nós tomar a decisão.

— Pois sim — disse Portella — E quem...

— Todos nós! — gritou Tulippa. — Somos teus sócios.

Portella olhou para ele e perguntou a si mesmo o que o impediria de matar aquele untuoso filho-da-puta. Mas então lembrou-se dos cinquenta panamás amarelos atirados ao ar.

O cônsul-geral pareceu ter-lhe lido a mente. Disse, apaziguadoramente:

— Todos nós vimos de culturas diferentes e temos diferentes valores. Precisamos de adaptar-nos uns aos outros, Timmona é um americano, um sentimentalista.

— O irmão dele é um merda de um atrasado mental — declarou Tulippa, calmamente.

Rubio abanou um dedo na sua direção.

— Inzio, fazes o favor de deixar de arranjar problemas só para te divertires? Todos nós temos o direito de decidir os nossos assuntos pessoais.

Grazziella esboçou um pequeno sorriso divertido.

— Isso é verdade. Tu, Inzio, nunca confiaste em nós ao ponto de nos falares dos teus laboratórios secretos. E desse teu desejo de possuir armas pessoais. Uma idéia tão louca. Pensas que o governo tolerará semelhante ameaça? Modificarão todas as leis que hoje nos protegem e nos permitem prosperar.

Tulippa riu-se. Estava a gostar daquela reunião.

— Sou um patriota — declarou. — Quero que a América do Sul tenha condições para defender-se de países como Israel, a Índia, e o Iraque. Rubio sorriu-lhe com uma expressão benigna.

— Não te sabia tão nacionalista.

Portella não achou graça.

— Tenho aqui um grave problema. Pensava que o Cilke era meu amigo. Investi nele uma grande porção de dinheiro. E agora prepara-se para vir atrás de mim, e atrás de vocês.

Grazziella falou sem rodeios, vigorosamente: —Temos de abandonar todo o projeto. Temos de viver com menos. — já não era o homenzinho agradável que todos conheciam. — Temos de encontrar outra solução. Esqueçam o Kurt Cilke e o Astorre Viola. São inimigos demasiado perigosos. Não devemos enveredar por um caminho que pode destruir-nos a todos.

— Isso não resolve o meu problema — redargüiu Portella. — O Cilke não vai deixar-me em paz.

Também Tulippa deixou cair a sua máscara de afabilidade. Voltou-se para Graziella.

— O fato de advogares uma solução tão pacífica vai contra tudo o que sabemos a teu respeito. Na Sicília, matas polícias e magistrados. Assassinaste o governador e a mulher. Tu e a tua cosca Corleonesi mataram o general que o governo enviou para destruir a tua organização. E agora dizes-nos para desistirmos de um projeto que vai render-nos bilhões de dólares? E para abandonarmos o nosso amigo Portella?

— Vou liquidar o Cilke — declarou Portella. — Digam vocês o que disserem.

— Uma linha de ação extremamente perigosa — interveio Rubio. — O FBI declarar-nos-á guerra. Utilizarão todos os seus recursos para encontrar o assassino.

— Concordo com o Timmona — disse Tulippa. — O FBI opera com limitações legais e pode ser controlado. Fornecerei uma equipe de assalto, e horas depois da operação estarão num avião a caminho da América do sul.

— Bem sei que é perigoso — insistiu Portella —, mas é a única solução.

— Concordo — tornou Portella. — Por uns quantos bilhões de dólares, há que correr alguns riscos. Ao fim e ao cabo, o que é que andamos aqui a fazer?

Rubio dirigiu-se a Inzio.

— Tu corres um risco mínimo, uma vez que tens imunidade diplomática. Tu, Michael, regressas à Sicília, pelo menos por agora. Serás tu, Timmona, a suportar o grosso das conseqüências.

— Se as coisas chegarem ao pior, posso esconder-te na América do Sul — prometeu Inzio.

Portella abriu as mãos no ar, num gesto de impotência.

— Serei eu a escolher — disse —, mas quero o vosso apoio. Michael, estás de acordo?

. O rosto de Graziella manteve-se impassível.

— Sim, estou de acordo. Mas no teu lugar preocupava-me mais com o Astorre Viola do que com o Kurt Cilke.

# Capítulo 11

Quando recebeu a mensagem de Heskow, codificada e urgente, a pedir um encontro, Astorre tomou assuas precauções. Havia sempre a possibilidade de uma armadilha, de uma traição. Por isso, em vez de responder ao recado, apareceu inesperadamente em casa de Heskow, em Brightwaters, à meia-noite. Levou Aldo Monza consigo e um segundo carro com mais quatro homens. Além disso, usava um colete à prova de bala. Chamou-o cá de fora, para obrigá-lo a abrir a porta.

Heskow não pareceu surpreendido. Serviu café para os dois e então, sorrindo, disse: — Tenho boas notícias e más notícias. Quais quer primeiro?

— Despeje — disse Astorre.

— Primeiro as más, então. Tenho de abandonar definitivamente o país, e a causa são as boas notícias. Espero que cumpra a sua promessa. De que nada acontecerá ao meu filho, mesmo que eu deixe de trabalhar para si.

— Tem essa promessa — aquiesceu Astorre. — Agora diga-me, por que é que tem de abandonar o país?

Heskow abanou a cabeça, num cômico gesto de comiseração.

— Porque o cretino do Portella passou-se de todo. Vai liquidar o Cilke, o tipo do FBI. E quer que eu chefie a equipe operacional.

— Por que não recusa? — perguntou Astorre.

— Porque não posso. A ordem partiu de todo o grupo que está com ele, e se eu recusar vou pelo cano, e provavelmente o meu filho também. Portanto, vou organizar o golpe, mas não acompanharei a equipe. Nessa altura já estarei bem longe. Quando despacharem o Cilke, o FBI manda uma

centena de homens para aqui e não deixa uma pedra por virar até resolver o caso. Disse-lhes isto mesmo, mas eles estão-se cagando. O Cilke traiu-os, ou lá o que foi. Estão convencidos de que podem sujá-lo o suficiente para que a coisa não vá muito longe.

Astorre esforçou-se por não mostrar a sua satisfação. Tinha resultado. Cilke morreria sem qualquer perigo para ele. E com um pouco de sorte, o FBI desembaraçar-se-ia de Portella.

— Quer deixar-me um endereço? — perguntou.

Heskow sorriu com uma desconfiança quase desdenhosa.

— Não me parece bom — disse. — Não que não confie em si; mas posso sempre entrar em contato consigo.

— Bom, obrigado por ter-me dito. Só mais uma coisa. Quem tomou verdadeiramente essa decisão?

— O Timmona Portella. Mas o Inzïo Tulippa e o cônsul assinaram por baixo. O Corleonesi, o tal Grazziella, lavou as mãos do assunto. Distanciou-se de toda a operação. Acho que se vai embora para a Sicília. O que é curioso, uma vez que, segundo parece, matou quase toda a gente que lá havia.

— A verdade é que não conseguem compreender como é que a América funciona, e o Portella é pura e simplesmente estúpido. Diz que pensava que ele e o Cilke eram amigos a sério.

— Vai então chefiar a equipe operacional — comentou Astorre. — Também não é lá muito inteligente.

— Não, já lhe disse que quando eles atacarem a casa já eu estarei muito longe.

— A casa? — perguntou Astorre. E nesse instante teve medo daquilo que sabia que ia ouvir.

— Exato — respondeu Heskow. — Uma grande equipe de ataque, que depois do golpe se mete num avião para a América do Sul e desaparece.

— Muito profissional — disse Astorre. — E quando vai ser isso?

— Depois de amanhã à noite. — Tudo o que tem de fazer é manter-se afastado e eles resolvem-lhe todos os problemas. São essas as boas notícias.

— Pois são. — Astorre manteve uma expressão impassível, mas no seu espírito estava a imagem de Georgerte Cilke, da sua beleza e bondade.

— Achei que era boa idéia avisá-lo, de modo a poder preparar um bom álibi — continuou Heskow. — É uma que me fica a dever, portanto tome conta do meu filho.

— Pode apostar que sim — respondeu Astorre. — Não se preocupe com isso.

Apertou a mão a Heskow antes de sair.

— Penso que faz bem em sair do país — disse. — Vai ser o diabo à solta.

— Pois vai — concordou Heskow.

Por um instante, Astorre perguntou a si mesmo o que fazer com ele. Ao fim e ao cabo, o homem conduzira o carro dos assassinos do Dom. Tinha de pagar por isso, por muito que o tivesse ajudado. Mas Astorre sofrera uma certa perda de energia ao saber que a mulher e a filha de Cilke seriam mortas juntamente com ele. Deixa-o ir, pensou. Ainda pode vir a ser-te útil mais tarde. Teria então muito tempo para matá-lo. Olhou para o rosto sorridente de Heskow, e devolveu-lhe o sorriso.

— É um homem muito esperto — disse-lhe.

Heskow corou de prazer.

— Eu sei — respondeu. — É assim que me mantenho vivo.

No dia seguinte, às onze da manhã, Astorre chegou à delegação do FBI acompanhado por Nicole Aprile, que arranjara o encontro.

Passara a noite inteira a ponderar o que devia fazer. Planeara tudo aquilo para conseguir que Portella matasse Cilke. Mas sabia que não podia deixar que Georgette e a filha fossem igualmente mortas. Também sabia que Don Aprile nunca teria interferido com o destino numa situação daquelas. Mas então recordara uma história a respeito do Don que o fizera pensar.

Certa noite; quando tinha doze anos e estava na Sicília com o Don durante a sua visita anual, Caterina servira-lhes o jantar no pavilhão do jardim. Astorre, com a inocência que o caracterizava, perguntara subitamente:

— Como foi que vocês os dois se conheceram? Cresceram juntos quando eram crianças?

O Don e Caterina trocaram um olhar e riram-se daquela curiosidade. Então o Don levava um dedo aos lábios e murmurara, com um ar muito sério:

— Omertà. É segredo.

Caterina, pelo seu lado, batera-lhe ligeiramente na mão com a colher de madeira com que mexia a salada.

— Não tem nada com isso, seu diabrete — dissera. — E, além disso, não é coisa de que me orgulhe.

Don Aprile olhara para ele com ternura.

— Por que é que não há de saber? É siciliano até à medula. Conta-lhe.

— Não — dissera Caterina. — Mas podes contar-lhe tu , se quiseres.

Depois do jantar, Don Aprile acendera o seu charuto, enchera o seu copo de anisette e contara-lhe a história.

— Há dez anos, o homem mais importante da cidade era um tal Padre Sigismundo, um indivíduo muito perigoso, mas apesar disso bem-humorado. Quando eu vinha à Sicília, ia muitas vezes a minha casa, jogar cartas com os meus amigos. Nessa altura, eu tinha uma outra governanta.

— O Padre Sigismundo não era, porém, um homem sem religião. Pelo contrário, era um sacerdote devoto e trabalhador. Certa vez, envolvera-se inclusivamente numa cena de pugilato com um exasperante ateu. Era famoso sobretudo por ministrar os últimos sacramentos às vítimas da Máfia no próprio momento em que entregavam a alma ao Criador, absolvendo-as e preparando-as para a viagem até ao Paraíso. Embora todos o reverenciassem por isto, a verdade é que a circunstância se repetiu com tanta frequência que as pessoas começaram a murmurar que a razão por que se encontrava tantas vezes presente era ser ele próprio um dos executores. Além disso, acusavam-no de trair o segredo do confessorário para servir os seus interesses.

— O marido de Caterina na altura era um polícia que combatia a Máfia por todos os meios ao seu alcance. Chegara inclusivamente a insistir na investigação de um caso de assassínio depois de ter sido avisado pelo chefe provincial da Máfia, um ato de desafio inaudito naqueles tempos. Uma semana mais tarde, caíra numa emboscada e tombara crivado de balas numa ruela de Palermo. Por uma feliz coincidência, o Padre Sigismundo estava presente para lhe ministrar os últimos sacramentos. O crime nunca fôra solucionado.

— Caterina, a inconsolável viúva, passara uma ano de luto e de devoção à igreja. Então, num sábado, fôra confessar-se ao Padre Sigismundo. E quando ele saíra do confessorário, ela, à frente de toda a gente, trespassara-lhe o coração com a adaga do marido.

A polícia atirara-a para a prisão, mas isso era o menos. O chefe da Máfia pronunciara uma sentença de morte contra ela.

Astorre ficara a olhar para Caterina de olhos muito abertos. — Fizeste mesmo isso, tia Caterina? — perguntara.

Caterina olhara para ele, divertida. O garoto estava cheio de curiosidade, mas nem uma ponta de medo.

— Tens de compreender porquê — dissera. — Não foi por ele ter morto o meu marido. Os homens passam o tempo a matar-se uns aos outros, aqui na Sicília. Mas o Padre Sigismundo era um falso padre, um assassino impenitente. Não tinha legitimidade para ministrar os últimos sacramentos. Por que haveria Deus de dar-lhe ouvidos? Por isso o meu marido não só tinha sido assassinado, como vira ser-lhe recusada a entrada no Céu, e tivera de descer ao inferno. Os homens não sabem quando devem parar. Há coisas que não se fazem. Foi por isso que matei o padre.

— Então como é que está aqui? — inquirira Astorre.

— Porque Don Aprile se interessou pelo caso — respondera Caterina. — Por isso, naturalmente, tudo se resolveu.

O Don olhara gravemente para ele.

— Tinha uma certa posição na cidade, um respeito. As autoridades eram fáceis de contentar, e a Igreja não queria chamar a atenção pública para um padre corrupto. O chefe da Máfia não foi tão compreensivo e recusou-se a levantar a sentença de morte. Encontraram-no no cemitério onde estava enterrado o marido da Caterina, com a garganta cortada, e a sua cosca foi aniquilada. Entretanto, eu tinha-me tornado amigo de Caterina, e fi-la governanta desta casa. E desde há nove anos, os meus verões na Sicília têm sido os mais doces da minha vida.

Para Astorre, tudo aquilo era magia. Comera um punhado de azeitonas e cuspira os caroços.

— A Caterina é a sua namorada? — perguntara.

— Claro que sou — respondera ela. — És um rapaz com doze anos, já compreendes estas coisas. Vivo sobre a proteção do teu tio como se fosse sua mulher, e cumpro todos os meus deveres de esposa.

Don Aprile parecera ligeiramente embaraçado, a única vez que Astorre o vira assim.

— Então por que é que não casam? — perguntara.

— Nunca poderia deixar a Sicília — explicara Caterina. — Aqui vivo como uma rainha, e o teu tio é generoso. Tenho aqui os meus amigos, as minhas irmãs e irmãos e primos. E o teu tio não pode viver na Sicília, Por isso fazemos o melhor que podemos.

— Tio, pode casar com a Caterina e viver aqui — dissera então Astorre ao Don. — Eu fico com vocês. Não quero deixar a Sicília, nunca. Tinham ambos rido ao ouvir isto.

— Escuta-me — dissera o Dom — Foi muito difícil travar a vendetta contra ela. Se casássemos, haviam de nascer por todo o lado conjuras e más vontades. Esta gente aceita o fato de ela ser minha amante, mas não minha mulher. Portanto, desta maneira, estamos ambos contentes e felizes. Além disso, não quero uma mulher que não aceite as minhas decisões, e por isso, quando ela se recusar deixar a Sicília, eu não serei um marido.

— E seria uma infâmia — murmurara Caterina. Inclinará ligeiramente a cabeça, e então voltara os olhos para o negro céu siciliano e começara a chorar.

Astorre ficara perturbado. Nada daquilo fazia sentido para ele. — Mas porquê? — insistira.

Don Aprile suspirara. Puxara uma baforada do charuto e bebera um gole de anisette.

— Tens de compreender — dissera. — O Padre Sigismundo era meu irmão.

Astorre recordou agora que a explicação deles não o convencera. Com a voluntariedade de um romântico rapazinho de doze anos, acreditava que a duas pessoas que se amavam uma à outra tudo era permitido. Só agora compreendia a terrível decisão que o tio e a tia tinham tomado. Se o Don casasse com Caterina, todos os seus próprios familiares de sangue se teriam tornado seus inimigos. Não que não soubessem que o Padre Sigismundo era um patife. Mas era um irmão, e isso desculpava todos os pecados. E um homem como o Don não podia casar com a assassina do irmão. Caterina não podia pedir-lhe um tal sacrifício. E se Caterina acreditasse que o Don estivera de algum modo implicado na morte do marido? Que coragem a dos dois e, talvez, que traição de tudo aquilo em que acreditavam.

Ali, no entanto, era a América, não a Sicília. Durante a longa noite, Astorre tomara a sua decisão. De manhã, telefonara a Nicole.

— Vou buscar-te para tomarmos café — disse. — Depois vamos os dois visitar o Cilke na sede do FBI.

— Tem de ser uma coisa séria, certo? — disse Nicole.

— Claro. Conto os detalhes no café.

— Tens reunião marcada com ele?

— Não, essa é a tua parte.

Uma hora mais tarde, os dois primos estavam a tomar café salão de um hotel de luxo, numa mesa o mais isolada possível, pois o lugar era um ponto de encontro muito usado por executivos e homens de negócios.

Nicole acreditava nas vantagens de um café da manhã generoso; sabia que precisava de combustível para agüentar os seus dias de trabalho de doze horas. Astorre pediu um suco de laranja e café, o que, juntamente com uma cesta de pãezinhos, lhe custou vinte dólares.

— Que gatunos — disse a Nicole, com um sorriso.

O comentário irritou-a.

— Estás a pagar o ambiente — resmungou. — As toalhas de linho, a louça importada. Que diabo se passa agora?

— Vou cumprir o meu dever cívico — respondeu Astorre. — Tenho informações, de fonte absolutamente fidedigna, de que Kurt Cilke e a família serão mortos amanhã à noite. Quero avisá-lo. Quero tirar vantagens do fato de tê-lo avisado. Mas ele vai querer saber qual foi a minha fonte, e isso não vou poder dizer-lhe.

Nicole empurrou o prato e recostou-se na cadeira.

— Quem raio é assim tão estúpido? — disse. — Jesus, espero que não estejas envolvido.

— O que te leva a pensar isso? — perguntou Astorre.

— Não sei. Foi uma idéia que me ocorreu. Por que não o avisas anonimamente?

— Quero os louros das minhas boas ações. Tenho a sensação de que atualmente ninguém gosta de mim — respondeu ele, sorrindo.

— Eu gosto de ti — disse Nicole, inclinando-se para a frente. — OK, a nossa história é a seguinte. Quando vínhamos a entrar no hotel, um desconhecido chegou-se a nós e murmurou-te a informação ao ouvido. Vestia um terno de listras cinzentas, camisa branca e gravata preta. Era de

estatura média, moreno, podia ser italiano ou hispânico. A partir daqui, podemos diferir. Eu confirmarei a tua história, e ele sabe bem que não se brinca comigo.

Astorre riu-se; o riso dele era sempre desarmante; tinha a alegria despreocupada do de uma riança.

— Tem então mais medo de ti do que de mim — disse.

Nicole sorriu. — Conheço o diretor do FBI. É um animal político. Tem mesmo de ser. Vou telefonar ao Cilke e dizer-lhe que espere a nossa visita. — Tirou o telefone da bolsa e fez a chamada. — Sr. Cilke, fala Nicole Aprile. Estou com o meu primo, Astorre Viola, e ele tem uma informação importante para lhe comunicar. — Depois de uma pausa, continuou: Isso é demasiado tarde. Estamos aí dentro de uma hora. — E desligou antes que Cilke pudesse dizer fosse o que fosse.

Uma hora mais tarde, Nicole e Astorre eram introduzidos no gabinete de Kurt Cilke. Um amplo gabinete de esquina, com janelas de vidro polarizado à prova de bala através dos quais nada se via, pelo que não havia vista.

Cilke, de pé atrás de uma grande secretária, esperava por eles. Diante da secretária, havia três cadeiras de couro preto. A parede por detrás de Cilke era estranhamente ocupada por um quadro negro, como os das escolas. Numa das cadeiras sentava-se Bill Boxtton, que não se ofereceu para apertar-lhes a mão.

— Vai gravar isto? — quis saber Nicole.

— Claro — respondeu Cilke.

— Que diabo, gravamos tudo, até quando pedimos café e donuts — disse Boxtton, tranquilizadamente. — Também gravamos qualquer pessoa que pensemos que vamos ter de mandar para a prisão.

— Você é um merda a armar-se em engraçadinho — atirou-lhe Nicole, impassível. — Nem no seu melhor dia conseguiria mandar-me para a prisão. Pense outra vez. O meu cliente, Astorre Viola, veio aqui voluntariamente, com a intenção de lhes fornecer uma informação importante. Eu estou aqui para o proteger de qualquer tipo de abuso depois de o ter feito.

Kurt Cilke não foi tão encantador como tinha sido nos seus encontros anteriores. Fez-lhes sinal para que se sentassem e ocupou a sua própria cadeira atrás da secretária.

— OK. — disse. — Venha lá isso.

Astorre sentiu a hostilidade do homem, como se o fato de estar a jogar em casa o dispensasse de mostrar a habitual afabilidade de circunstância. Como iria reagir? Olhou-o diretamente nos olhos e disse:

— Recebi a informação de que vai haver um forte ataque armado à sua casa, amanhã à noite. Tarde. O objetivo é matá-lo, por qualquer razão que desconheço.

Cilke não respondeu. Ficou petrificado na cadeira, mas Boxtton saltou do seu lugar e ficou de pé junto de Astorre.

— Kurt, tem calma — disse, dirigindo-se a Cilke.

Cilke pôs-se de pé. Todo o seu corpo pareceu explodir de raiva.

— É um velho truque da Máfia — declarou. — Ele é que prepara a operação, e depois sabota-a. E pensa que eu vou ficar-lhe agradecido. Ora diga-me, onde diabo obteve essa informação?

Astorre contou-lhe a história que ele e Nicole tinham preparado.

Cilke voltou-se para Nicole e perguntou: — Assistiu a este incidente?

— Sim, mas não ouvi o que o homem disse.

— Considere-se detido — disse Cilke a Astorre.

— Por que motivo? — inquiriu Nicole.

— Por ameaçar um agente federal.

— Acho que é melhor telefonar ao seu diretor — disse Nicole.

— A decisão compete-me.

Nicole consultou o relógio.

— Nos termos de uma ordem executiva do presidente — declarou Cilke, suavemente — estou autorizado a detê-la a si e ao seu cliente, sem apoio legal, durante quarenta e oito horas, como ameaça à segurança nacional.

Astorre teve um sobressalto. Voltou-se para Nicole, com uma expressão de espanto quase infantil, e perguntou: — É verdade? Ele pode mesmo fazê-lo? — Estava verdadeiramente impressionado por tamanho poder. — Eh, isto está a parecer-se cada vez mais com a Sicília — acrescentou, jovialmente.

— Se tomar essa medida, o FBI vai passar os próximos dez anos no tribunal, e você passa à história — ameaçou Nicole, com toda a calma. — Tem tempo para afastar a sua família e emboscar os atacantes. Não saberão que foram denunciados. Se capturar algum, poderá interrogá-lo. Nós não falaremos. Não os avisaremos.

Cilke pareceu ponderar isto. Dirigiu-se a Astorre, com desprezo: — Pelo menos, respeitava o seu tio. Ele nunca teria falado.

Astorre lançou-lhe um sorriso embaçado.

— Outros tempos, outras terras. E além disso, você não é assim tão diferente, com as suas ordens executivas secretas.

Perguntou a si mesmo o que diria Cilke se lhe explicasse que estava a salvá-lo apenas porque passara algumas horas a conversar com a mulher dele e se apaixonara romântica e tolamente pela idéia que fazia dela.

— Não acredito na sua história, mas trataremos disso se houver realmente um ataque amanhã à noite. Se acontecer alguma coisa, prendo-o, e talvez também a si, senhora doutora advogada. — Mas por que me avisou?

Astorre sorriu. — Porque gosto de si — respondeu.

— Desapareçam daqui — disse-lhes Cilke. E, voltando-se para Boxtton, acrescentou: — Chama o comandante da força operacional e diz à minha secretária que peça uma chamada para o diretor.

Retiveram-nos mais duas horas, para serem interrogados pelo pessoal de Cilke. Entretanto, no seu gabinete, este falava com o diretor, em Washington, pelo telefone codificado.

— Não os prenda seja em que circunstâncias for — disse-lhe o diretor. — Vinha tudo para os meios de comunicação e nós ficaríamos cobertos de ridículo. E não se meta com a Nicole Aprile a menos que tenha qualquer coisa que possa fazer valer em tribunal. Mantenha tudo sob o mais estrito segredo, e veremos o que acontece amanhã à noite. Os homens que guardam a sua casa foram avisados, e a sua família está neste preciso momento a ser transferida. Agora passe-me o Bill. Será ele a chefiar a emboscada.

— Mas, senhor, essa função compete-me a mim — protestou Cilke.

— Ajudará no planeamento, mas não participará, sob pretexto algum, na operação tática. O Bureau funciona sob regras estritas para evitar violência

desnecessária. Você seria suspeito se as coisas corresse mal. Está a compreender-me?

— Sim, senhor. Compreendia-o perfeitamente.

## Capítulo 12

Ao cabo de um mês, Aspinella Washington saiu do hospital. O seu corpo fisicamente perfeito parecia regenerar-se por si mesmo à volta dos ferimentos. Teria, no entanto, de esperar ainda um pouco mais antes que os médicos pudessem colocar-lhe um olho artificial. É certo que arrastava um pouco o pé esquerdo, e que o aspecto da órbita vazia era horrível. Mas Aspinella cobriu-a com uma pala quadrada e verde, em vez de redonda e preta, e aquele verde-escuro acentuava a beleza da sua pele cor de chocolate. Apresentou-se ao serviço vestindo calças pretas, camisola de malha verde e um casaco de couro igualmente verde. Quando se viu no espelho, achou-se mais do que bela, impressionante.

Embora continuasse de baixa médica, aparecia por vezes no Departamento e ajudava nos interrogatórios. O fato de ter sido ferida dava-lhe uma sensação de liberdade, de poder fazer tudo o que quisesse. E esticava ao máximo os limites do seu poder.

No primeiro interrogatório em que participou havia dois suspeitos, uma parelha invulgar, na medida em que um era branco e o outro negro. O branco, que teria cerca de trinta anos, sentiu-se imediatamente aterrorizado. O negro, pelo contrário, ficou encantado com aquela bela mulher que fixava nele o olhar firme e gelado do seu único olho. Ali estava uma irmã à maneira. — Porra! — exclamou, deliciado. Era a sua primeira detenção, não tinha antecedentes criminais e não fazia verdadeiramente a mínima idéia de que estava metido em gravíssimos sarilhos. Ele e o parceiro tinham assaltado um apartamento, amarrado o casal que lá vivia e saqueado a casa. Estavam ali porque um informador os denunciara. O garoto negro ainda ostentava no pulso o Rolex que roubara ao proprietário. — Então como é, capitão Kidd — continuou jovialmente, dirigindo-se a Aspinella sem malícia, na realidade até com uma ponta de admiração na voz —, vai fazer-nos caminhar pela prancha?

Tanta imprudência fez sorrir os outros detetives presentes na sala. Mas Aspinella não respondeu. O rapaz estava algemado e não pôde evitar o golpe. O cassetete atingiu-o na cara, partindo-lhe o nariz e rachando o osso malar. Não caiu logo; os joelhos vergaram-se-lhe e olhou para ela com uma expressão de censura. A cara dele era uma pasta de sangue. Então as pernas cederam e tombou no chão. Durante dez minutos, Aspinella espancou-o ferozmente. O sangue começou a jorrar-lhe dos ouvidos como de uma fonte.

— Jesus! — exclamou um dos detetives. — Como é que vamos interrogá-lo agora?

— Não queria falar com ele — respondeu Aspinella. — É com este tipo que quero conversar. — Apontou o cassetete para o suspeito branco. — Zeke, não é? Quero conversar contigo, Zeke. — Agarrou-o rudemente por um ombro e empurrou-o para a cadeira colocada diante da sua secretária. O homem olhava-a fixamente, aterrorizado. Aspinella apercebeu-se de que a pala tinha escorregado para o lado e que Zeke estava a olhar para a sua órbita vazia. Levantou a mão e colocou-a no seu lugar. — Zeke — continuou —, quero que ouças com muita atenção o que te vou dizer. A idéia aqui é poupar tempo. Quero que me digas como foi que meteste o miúdo numa coisa destas. Como foi que te meteste a ti mesmo numa coisa destas. Compreendeste? Vais colaborar?

Zeke estava mortalmente pálido. Não hesitou uma fração de segundo. — Sim, minha senhora — disse. — Conto-lhe tudo.

— OK — prosseguiu Aspinella, dirigindo-se a outro detetive. — Levem o miúdo para a enfermaria e chamem a malta do vídeo para gravar a confissão que o Zeke vai fazer de sua livre e espontânea vontade.

Quando o equipamento acabou de ser montado, voltou-se para Zeke e perguntou:

— Quem é o vosso receptador? Quem lhes deu informações sobre o alvo? Dá-me os pormenores exatos do roubo. O teu parceiro parece ser um

puto porrerinho. Não tem cadastro, e além disso é pouco esperto. Por isso não apertei muito com ele. Mas tu não, Zeke, tu tens um belo cadastro, e quanto a mim foste o sacana que o meteu nesta alhada. Portanto, começa a ensaiar para o vídeo.

Quando saiu da esquadra, Aspinella meteu pela Southern State Parkway até Brightwaters, em Long Island.

Curiosamente, descobriu que conduzir com um só olho era até bastante agradável. A paisagem tornava-se mais interessante porque ficava focada, como um quadro futurista que se dissolvesse em sonhos à volta das margens. Era como se o mundo, o próprio globo, tivesse sido cortado ao meio, e a metade que ela conseguia ver exigisse mais atenção.

Finalmente, chegou a Brightwaters e passou em frente da casa de John Heskow. Viu o carro dele parado no caminho de acesso e um homem a transportar uma enorme azálea da estufa para dentro de casa. Depois, um segundo homem saiu da estufa carregando uma caixa cheia de flores amarelas. Aquilo era interessante, pensou. Estavam a esvaziar o viveiro. Durante o tempo que passara no hospital, fizera algumas investigações sobre John Heskow. Através do Registro Automóvel do Estado de Nova Iorque, descobrira a morada. Depois, passara em revista todas as bases de dados policiais disponíveis e ficara a saber que John Heskow se chamava na realidade Louis Ricci; o filho-da-puta era italiano, apesar de parecer um pudim alemão. Fora preso diversas vezes por extorsão e assalto, mas nunca condenado. Era impossível o negócio das flores gerar o dinheiro suficiente para sustentar o seu estilo de vida.

Fizera tudo isto porque compreendera que a única pessoa que podia ter apontado o dedo a ela própria e a Di Benedetto era Heskow. Só uma coisa a intrigava: o fato de ele lhes ter dado o dinheiro. Aquele dinheiro lançara-lhe os tipos dos Assuntos Internos aos calcanhares, mas não tivera grande dificuldade em livrar-se dos seus aliás muito pouco entusiásticos esforços, uma vez que se tinham dado por satisfeitos ficando com a massa para eles próprios. Agora, preparava-se para livrar-se de Heskow.

Vinte e quatro horas antes do planejado ataque a casa de Cilke, Heskow dirigiu-se ao aeroporto Kennedy para apanhar um voo com destino à Cidade do México, onde desapareceria do mundo civilizado com os passaportes falsos de que tivera o cuidado de munir-se havia anos.

Todos os pormenores estavam tratados. Os viveiros de flores tinham sido esvaziados; a ex-mulher encarregar-se-ia de vender a casa e depositar o dinheiro numa conta bancária para custear os estudos universitários do filho. Heskow dissera-lhe que estaria ausente dois anos. Contara a mesma história ao filho, durante um jantar no Shun Lee.

Chegou ao aeroporto ao princípio da noite. Despachou no check-in duas malas, tudo o que precisava, além dos cem mil dólares em notas de cem que tinha presos ao corpo com fita gomada, metidos em pequenas bolsas. Estava bem preparado para as primeiras despesas, e dispunha ainda de uma conta secreta nas ilhas Caymans, com quase cinco milhões de dólares. Graças a Deus, porque com toda a certeza não poderia concorrer à Segurança Social. Orgulhava-se deter vivido uma vida prudente, em vez de esbanjar o seu dinheiro ao jogo, com mulheres ou outras idiotices.

Feito o check-in e na posse do cartão de embarque, ficou apenas com uma pequena pasta com os seus documentos de identidade e os passaportes falsos. Deixara o carro no parque permanente; a ex-mulher iria buscá-lo mais tarde.

Faltava ainda pelo menos uma hora para o voo. Sentiu-se ligeiramente pouco à vontade por estar desarmado, mas teria de passar pelos detectores para entrar no avião, e além disso poderia — conseguir todas as armas que quisesse através dos seus contatos na Cidade do México.

Para matar o tempo, comprou algumas revistas na livraria e dirigiu-se ao restaurante do terminal. Carregou uma bandeja com uma fatia de bolo e café e sentou-se a uma das pequenas mesas. Folheou as revistas e comeu o bolo, uma falsa torta de morango coberta com creme de pasteleiro. Subitamente, teve consciência de que alguém se sentara à sua mesa. Ergueu os olhos e viu a detetive Aspinella Washington. Como toda a gente, ficou

fascinado pela pala quadrada, verde-escura, que lhe tapava a órbita vazia. Sentiu uma onda de pânico. A mulher pareceu-lhe muito mais bonita do que se lembrava.

— Olá, John — disse ela. — Nunca foste visitar-me ao hospital.

Heskow estava tão desorientado que a levou a sério.

— Sabe bem que não podia fazer uma coisa dessas, detetive Washington. Mas lamentei muito saber do seu acidente.

Aspinella dirigiu-lhe um grande sorriso.

— Estava a brincar, John. Mas gostaria de ter uma conversinha contigo antes do teu vôo.

— Claro — respondeu Heskow. Contava sempre com a necessidade de subornar alguém, e tinha na pasta dez mil dólares preparados precisamente para uma contingência desse tipo. — Gosto de vê-la com tão bom aspecto. Estava preocupado consigo.

— A sério? — exclamou Aspinella, e o seu único olho brilhou como o de um falcão. — Foi uma pena, aquilo do Paul. Éramos bons amigos, sabes, além de ele ser o meu chefe.

— Foi uma grande pena, é verdade — concordou Heskow. Teve até um pequeno soluço, que fez Aspinella sorrir.

— Não preciso de mostrar-te o meu distintivo, pois não? — continuou ela. Fez uma pausa. — Quero que venhas comigo até uma salinha de interrogatórios que temos aqui no terminal. Dá-me algumas respostas interessantes, e podes apanhar o teu avião.

— OK. — disse Heskow. E pôs-se de pé, pegando na pasta.

— E nada de brincadeiras, ou dou-te um tiro. Queres saber uma coisa engraçada? Atiro ainda melhor agora que tenho só um olho. Levantou-se também, pegou-lhe por um braço e subiu com ele até à ária superior onde se situavam os serviços administrativos das companhias de aviação. Conduziu-o ao longo de um comprido corredor e abriu uma porta. Heskow ficou surpreendido não só pelo tamanho da sala, mas também pelos painéis de monitores de TV, pelo menos vinte, montados nas paredes e vigiados por dois homens que, sentados em cómodas cadeiras de braços, os observavam enquanto comiam sanduíches e bebiam café. Um deles levantou-se e disse:

— Olá, Aspinella. O que é que há?

— Vou ter uma conversa particular com este tipo na sala de interrogatórios. Fecha-nos a porta.

— Certo — respondeu o homem. — Queres que um de nós fique contigo?

— Não. É só uma conversa amigável.

— Oh, uma das tuas famosas conversas amigáveis — disse o homem, com uma gargalhada. Olhou atentamente para Heskow. — Vi-o num dos monitores do terminal. Torta de morango, não foi? — Conduziu-os até uma porta ao fundo da sala e abriu-a. Depois de Heskow e Aspinella terem entrado, voltou a fechá-la à chave.

Heskow sentiu-se tranqüilizado, sabendo que havia outras pessoas envolvidas. A sala de interrogatórios era desarmante, com um sofá, uma secretária e três cadeiras de aspecto confortável. Num dos cantos havia um distribuidor de água com copos de papel. As paredes cor-de-rosa estavam decoradas com fotografias e desenhos de máquinas voadoras.

Aspinella empurrou-o para a cadeira colocada diante da secretária sobre cujo tampo se sentou, olhando-o de cima para baixo.

— Podemos ir ao assunto? — perguntou Heskow. — Não quero perder o meu vôo.

Aspinella não respondeu. Estendeu um braço e pegou na pasta que ele tinha no colo. Heskow contorceu-se na cadeira. Ela abriu a pasta e remexeu o seu conteúdo, incluindo os maços de notas de cem dólares. Estudou um dos passaportes falsos, voltou a meter tudo dentro da pasta e devolveu-a. — És um homem esperto — disse. — Sabias que era altura de desaparecer. Quem te avisou de que eu andava atrás de ti?

— Por que havia de andar atrás de mim? — perguntou Heskow. Sentia-se mais confiante, agora que ela lhe devolvera a pasta.

Aspinella levantou a pala verde, para que ele pudesse ver a feia cratera. Mas Heskow nem pestanejou: tinha visto muito pior, nos seus tempos. — Custaste-me um olho — afirmou ela. — Só tu podias ter-me denunciado a mim e ao Paul.

Heskow falou com a mais absoluta sinceridade, desde sempre um dos seus melhores trunfos na atividade a que se dedicava:

— Está enganada, completamente enganada. Se tivesse feito uma coisa dessas, teria ficado com o dinheiro... com certeza compreende isso. Ouça, tenho mesmo de apanhar aquele vôo. — Desabotoou a camisa e arrancou um pedaço de fita gomada. Dois maços de notas apareceram em cima da mesa. — É seu, e o dinheiro que está na pasta. São trinta mil.

— Epa! — exclamou Aspinella. — Trinta mil. Uma porção de massa só por um olhozito. OK. Mas tens de dizer-me o nome do tipo que te pagou para nos armares a cilada.

Heskow tomou uma decisão. A sua única possibilidade era ir naquele avião. Sabia que ela não estava a fazer bluff. Lidara com demasiados maníacos homicidas no exercício da sua profissão para se enganar a respeito daquela.

— Ouça, acredite em mim — disse. — Nunca me passou pela cabeça que aquele tipo fosse liquidar dois polícias de alta patente. Só fiz um acordo

com o Astorre Viola para que ele pudesse esconder-se. Nunca sonhei que fizesse uma coisa daquelas.

— Ótimo. Agora diz-me, quem pagou o golpe contra ele?

— O Paul sabia — respondeu Heskow. — Não lhe disse? Foi o Timmona Portella.

Aspinella sentiu uma onda de raiva invadi-la. O seu gordo parceiro fora não só uma desilusão na cama como ainda por cima um sacana de um mentiroso.

— Levanta-te — ordenou. Subitamente, aparecera uma arma na sua mão. Heskow ficou aterrorizado. Já vira aquela expressão noutras ocasiões, com a diferença de que não fora ele a vítima. Por um instante, pensou nos seus cinco milhões de dólares, que morreriam com ele, sem ninguém que os reclamasse, e aqueles cinco milhões pareceram-lhe uma criatura viva. Que tragédia.

— Não! — gritou, e encolheu-se ainda mais na cadeira.

Ela agarrou-o pelos cabelos com a mão livre e obrigou-o a levantar-se. Manteve a arma afastada do pescoço dele e disparou. Heskow pareceu voar-lhe da mão e tombou no chão. Ajoelhou-se ao lado do corpo. Metade da garganta tinha sido arrancada pela bala. Tirou então a arma extra do coldre do tornozelo, meteu-a na mão de Heskow e pôs-se de pé. Ouviu a chave girar na fechadura, e os dois outros polícias irromperam na sala, de armas empunhadas.

— Tive de matá-lo — disse. — Tentou subornar-me e depois sacou de uma arma. Chamem a ambulância do terminal. Eu mesma falo com os Homicídios. Não toquem em nada, não me percam de vista.

Na noite seguinte, Portella desferiu o seu ataque. A mulher e a filha de Cilke tinham já sido secretamente levadas para uma bem guardada base do FBI na Califórnia. Cilke, obedecendo às ordens do diretor, estava na sede do

Bureau em Nova Iorque, acompanhado por todo o seu pessoal. Bill Boxtton recebera o comando global da força-tarefa especial que montaria a emboscada em casa de Cilke. As regras de confrontação tinham, no entanto, sido estritamente definidas. O FBI não queria um banho de sangue que provocasse os protestos dos grupos liberais. Os homens do Bureau só disparariam se fossem alvejados. Far-se-iam todos os esforços para dar aos atacantes a possibilidade de se renderem.

Como participante da equipe de planeamento, Kurt Cilke reuniu-se com Bill Boxtton e o chefe da equipe operacional, um homem comparativamente jovem, de trinta e cinco anos, cujo rosto tinha a rigidez fria e distante dos habituados a comandar. Tinha também uma pele desagradavelmente cinzenta e uma indesculpável covinha no queixo. Chamava-se Sestak e o seu sotaque era puramente Harvard. A reunião foi no gabinete de Cilke.

— Espero que se mantenham permanentemente em contato comigo disse. — As regras de confrontação serão estritamente observadas.

— Não te preocupes — procurou Boxtton tranquilizá-lo. - Temos cem homens e um poder de fogo muito superior. Vão render-se.

— Ótimo. Quando os capturarem, despachem-nos para o centro de interrogatórios de Nova Iorque. Não estou autorizado a participar no interrogatório, mas quero ser informado logo que possível.

— E se alguma coisa correr mal e elas acabarem por ser mortas? — perguntou Sestak.

— Haverá um inquérito interno e o diretor ficará extremamente aborrecido. Ora bem, a realidade é esta: serão presos por tentativa de homicídio, e depois postos em liberdade sob fiança. Logo a seguir, desaparecerão para a América do Sul. Portanto, temos apenas uns poucos dias para interrogá-los.

Boxtton olhou para ele com um pequeno sorriso.

Sestak disse-lhe, no seu tom de voz muito culto: — Suponho que isso o deixará a si extremamente aborrecido.

— Claro que me desagrada — admitiu Cilke. — Mas o diretor tem de ter em conta as implicações políticas. As acusações de conspiração são sempre complicadas de provar.

— Estou a ver — disse Sestak. — Nesse caso, tens as mãos atadas.

— Exatamente — respondeu Cilke.

— É uma vergonha — observou Boxtton, surdamente. — Esses tipos tentam matar um agente federal e safam-se numa boa.

Sestak estava a olhar para ambos com um sorriso divertido. A sua pele cinzenta adquiriu uma tonalidade rosada.

— Está a pregar para o coro — disse. — De qualquer modo, estas operações correm sempre mal. Um fulano que tem uma arma pensa sempre que pode dispará-la. Um aspecto muito curioso da natureza humana.

Nessa noite, Boxtton acompanhou Sestak à área operacional em torno da residência de Cilke, em Nova Jersey. As luzes tinham sido deixadas acesas, para dar a impressão de que estava gente em casa. Havia além disso três carros estacionados diante da porta, sugerindo que os guardas se encontravam no interior. Os carros tinham sido armadilhados, de modo a explodirem se o motor fosse posto a trabalhar. Tirando isto, Boxtton nada viu. Onde raio estão os seus cem homens? — perguntou a Sestak.

Este dirigiu-lhe um amplo sorriso.

— Muito bom, hein? Estão à nossa volta, e nem mesmo você consegue vê-los. Já têm as suas linhas de fogo definidas. Quando os atacantes entrarem, a estrada será fechada. E nós teremos um cesto cheio de ratazanas.

Boxton permaneceu ao lado de Sestak no posto de comando situado a cinquenta metros da casa. Com eles estava uma equipe de transmissões constituída por quatro homens camuflados de modo a confundirem-se com o bosque que lhes dava cobertura. Sestak e os membros do grupo operacional estavam armados com fuzis. Boxton tinha apenas a sua pistola.

— Não o quero envolvido na luta — disse-lhe Sestak. — Além disso, a arma que usa seria inútil nesta situação.

— Por que não? — protestou Boxton. — Passei toda a minha carreira à espera de uma oportunidade de disparar contra os maus.

Sestak riu-se.

— Mas não vai ser hoje. A minha equipe está protegida por ordens executivas contra quaisquer inquéritos ou acusações legais. Você não está.

— Mas sou o comandante.

— Só até iniciarmos a fase operacional — replicou Sestak, friamente. — A partir desse momento, o único comandante sou eu. Todas as decisões são minhas. Nem o diretor pode desautorizar-me.

Esperaram juntos na escuridão. Boxton consultou o relógio. Faltavam dez para a meia-noite. Um dos membros da equipe de transmissões sussurrou ao ouvido de Sestak:

— Cinco carros cheios de homens vêm nesta direção. A estrada foi fechada. Tempo estimado de chegada, cinco minutos.

Sestak usava equipamento infravermelho que lhe dava visão noturna.

— OK. — disse. — Avisa os homens. Ninguém dispara a menos que seja em resposta a fogo inimigo ou por ordem minha.

Esperaram. Subitamente, cinco carros entraram de rompante no pátio e travaram com um chiar de pneus. Do seu interior começaram a saltar homens, um dos quais lançou uma bomba incendiária para dentro da casa de Cilke. O engenho estilhaçou o vidro de uma das janelas e cuspiu uma fina língua de fogo vermelho.

Na mesma fração de segundo, toda a área foi inundada pela luz ofuscante dos projetores, que paralisou o grupo de vinte atacantes. Simultaneamente, um helicóptero brilhantemente iluminado apareceu a pairar sobre a casa. Os alto-falantes rugiram a sua mensagem para a noite:

— Agentes federais. Larguem as armas e deitem-se no chão. Ofuscados pelas luzes, os homens encurralados permaneceram imóveis. Boxtou apercebeu-se, com alívio, de que tinham perdido toda a vontade de resistir.

Por isso foi apanhado de surpresa quando Sestak ergueu a espingarda e disparou para o meio do grupo de atacantes, que ripostaram imediatamente ao fogo. No mesmo instante, o bosque encheu-se com o estrondar de centenas de disparos que varreram o pátio e ceifaram os assaltantes.

Um dos carros armadilhados explodiu. Foi como se um furacão de chumbo tivesse assolado o pequeno espaço. Os outros carros assentaram no solo, tão crivados de balas que a tinta saltou literalmente das carroçarias. O pátio pareceu jorrar uma fonte de sangue que começou a escorrer, contornando os veículos. Os vinte atacantes tinham-se transformado em montes de carne esfarrapada e ensanguentada, como sacos de roupa suja à espera de serem levados.

Boxton estava em estado de choque. Voltou-se para Sestak

— Disparou antes deles poderem render-se — disse, acusadoramente.  
— Será esse o meu relatório.

— Discordo. — Sestak sorriu-lhe. — A partir do momento em que lançaram a bomba incendiária, passou a ser tentativa de homicídio. Não

podia arriscar os meus homens. Será esse meu relatório. E também que foram eles os primeiros a disparar.

— Pois não será o meu — replicou Boxtton.

— A sério? — troçou Sestak. — Acha que o diretor quer o seu relatório? A única coisa que vai conseguir é ficar na lista negra. Para sempre.

— Ele há de arrancar-lhe a cabeça por ter desobedecido às ordens. Se eu cair, caímos os dois.

— Ótimo — respondeu Sestak. — Mas eu sou o comandante tático. Não posso ser desautorizado. Quando me chamam, é o fim da conversa. Não quero que os criminosos pensem que podem atacar um agente federal. Essa é que é a realidade. Quanto ao resto, você e o diretor podem ir se foder.

— Vinte homens mortos — murmurou Boxtton.

— Que vão para o diabo. Você e o Cilke queriam que eu acabasse com eles, mas não tiveram tomates para dizê-lo abertamente.

E, de repente, Boxtton soube que aquilo era verdade.

Kurt Cilke preparou-se para nova reunião com o diretor, em Washington. Tinha as suas notas, com um esboço do que ia dizer e um relatório sobre todas as circunstâncias que tinham rodeado o ataque a sua casa.

Como sempre, Bill Boxtton acompanha-lo-ia, mas dessa vez por desejo expresso do diretor.

Cilke e Boxtton estavam no gabinete do diretor, onde uma fila de monitores de Tv mostrava aspectos das diversas atividades da secção local do FBI. Sempre cortês, o diretor apertou a mão aos dois homens e convidou-os a sentarem-se, não sem dirigir a Boxtton um olhar frio, desconfiado. Dois dos seus adjuntos encontravam-se igualmente presentes.

— Meus senhores — disse, dirigindo-se a todo o grupo —, temos um problema para resolver. Não podemos deixar passar uma coisa destas sem responder com todos os nossos recursos. Cilke, quer manter-se no lugar ou pedir a reforma?

— Fico — respondeu Cilke.

O diretor voltou-se para Boxtton, com uma expressão dura no rosto aristocrático.

— Você comandava a operação. Como é possível que todos os assaltantes tenham sido mortos e não tenhamos um único para interrogar? Quem deu a ordem de fogo? Você? E com base em quê?

Boxtton sentou-se muito rígido na sua cadeira.

— Os atacantes lançaram uma bomba para dentro da casa e começaram a disparar — respondeu. — Não tínhamos alternativa.

O diretor suspirou. Um dos seus adjuntos emitiu um grunhido de troça.

— O capitão Sestak é um dos nossos rapazes-maravilha — disse o diretor. — Tentou, ao menos, conseguir um prisioneiro?

— A ação não demorou mais de dois minutos, senhor — afirmou Boxtton. — Sestak é um tático de campo muito eficiente.

— Bom, não houve reações dos meios de comunicação nem do público — continuou o diretor. — Mas devo dizer que considero o que se passou um banho de sangue.

— Foi o que foi — comentou um dos adjuntos.

— Bom, agora não tem remédio — concluiu o diretor. — Cilke, preparou algum plano operacional?

Cilke sentira-se invadir pela raiva face às críticas de que ele e Boxtton estavam a ser alvo, mas respondeu calmamente:

— Quero cem agentes colocados na minha delegação. Quero que peça uma auditoria, completa aos bancos Aprile. Vou cavar fundo no passado de todos os envolvidos neste assunto.

— Não se sente minimamente em dívida para com esse Astorre Viola por tê-lo salvo a si e à sua família? — inquiriu o diretor.

— Não. É preciso conhecer essa gente. Primeiro arranjam-nos os sarilhos, e depois ajudam-nos a sair deles.

— Não esqueça, um dos nossos interesses primordiais e apropriarmos dos bancos Aprile. Não só porque beneficiamos, mas também porque esses bancos estão destinados a ser um centro de branqueamento de dinheiro da droga. E através deles chegamos ao Portella e ao Tulippa. Temos de olhar para tudo isto de uma forma global. Astorre Viola recusa vender os bancos, e o cartel está a tentar eliminá-lo. Até ao momento, não conseguiram. Sabemos que os dois assassinos contratados que abateram o Don desapareceram. Dois detetives da polícia de Nova Iorque foram vítimas de um atentado à bomba.

— Astorre Viola é um homem astuto e escorregadio, e não está envolvido em qualquer atividade criminosa — lembrou Cilke —, pelo que não podemos verdadeiramente acusá-lo seja do que for. É possível que o cartel consiga desembaraçar-se dele, e nesse caso os filhos do Don venderão os bancos. Estou certo de que então, mais cedo ou mais tarde, cometerão um erro qualquer.

Não era invulgar as agências policiais do governo entrarem em jogos a longo prazo, sobretudo com a gente da droga. Mas, para fazê-lo, tinham de permitir que fossem cometidos alguns crimes.

— Não seria a primeira vez que fazíamos uma jogada desse tipo — concordou o diretor. — O que não significa dar carta branca ao Portella.

— Claro que não — respondeu Cilke, sabendo perfeitamente que estavam todos a falar para o gravador.

— Dou-lhe cinqüenta homens — disse o diretor. — E vou pedir uma auditoria completa aos bancos, só para agitar as águas.

— Já os investigamos noutras ocasiões — interveio um dos adjuntos — e nunca encontramos fosse o que fosse.

— Há sempre uma possibilidade — disse Cilke. — O Astorre não é banqueiro, pode ter cometido erros.

— Sim — corroborou o diretor. — Um pequeno deslize, é tudo aquilo de que o Procurador-Geral precisa.

De volta a Nova Iorque, Cilke reuniu-se com Boxtton e Sestak para planear a sua campanha.

— Vão dar-nos mais cinqüenta agentes para investigar o assalto a minha casa — disse-lhes. — Temos de ter muito cuidado. Quero tudo o que possam arranjar-me sobre o Astorre Viola. Quero investigar essa história da bomba no carro dos dois detetives. Quero tudo o que houver sobre o desaparecimento dos irmãos Sturzo e toda a informação que conseguirmos juntar sobre o cartel. Concentrem-se no Astorre e também na detetive Washington. Tem fama de corrupta e brutal, e a história que conta a respeito da explosão e do dinheiro encontrado no local é muito suspeita.

— E o tal Tulippa? — perguntou Boxtton. — Pode sair do país a qualquer momento.

— O Tulippa anda em digressão, a fazer conferências sobre a legalização da droga e a cobrar dinheiro de chantagem a várias grandes empresas.

— Não podemos deitar-lhe a mão com base nisso? — inquiriu Sestak

— Não — respondeu Cilke. — Oficialmente, tem uma seguradora, e vende-lhes seguros. Talvez conseguíssemos qualquer coisa, mas os tipos das empresas opõem-se. Resolveram o problema da segurança do seu pessoal na América do Sul. E o Portella não tem para onde ir.

Sestak sorriu-lhe com frieza.

— Quais são as regras de confrontação neste caso?

— As ordens do diretor foram: nada de matanças, mas protejam-se — respondeu Cilke, calmamente. — Sobretudo contra o Astorre.

— Por outras palavras, podemos abatê-lo — comentou Sestak.

Durante alguns instantes, Cilke pareceu perdido em pensamentos.

— Se necessário — respondeu.

Foi só uma semana mais tarde que os auditores federais se abateram como um enxame de moscas sobre os registros dos bancos Aprile e que Cilke em pessoa se apresentou no gabinete do sr. Pryor, a quem, depois de lhe apertar a mão, disse com um sorriso divertido:

— Gosto sempre de conhecer pessoalmente as pessoas que posso ter de vir a mandar para a prisão. Ora bem, pode ajudar-nos de alguma maneira e saltar do comboio antes que seja demasiado tarde?

O sr. Pryor olhou para ele com um ar de benevolente preocupação. — Palavra? — perguntou. — Está totalmente enganado, asseguro-lhe. Dirijo estes bancos impecavelmente, de acordo com a lei nacional e internacional.

— Bem, só queria que soubesse que ando a investigar o seu passado. O seu e o de toda a gente. Espero que estejam todos limpos. Especialmente os

irmãos Aprile.

O sr. Pryor sorriu-lhe. — Estamos imaculados.

Depois de Cilke sair, o sr. Pryor recostou-se na cadeira. A situação estava a tornar-se alarmante. E se chegassem a Rosie? Suspirou. Que pena. Ia ter de fazer alguma coisa a esse respeito.

Quando Cilke notificou Nicole que de que a queria a ela e ao primo no seu gabinete na manhã seguinte, ainda não compreendia verdadeiramente o carácter de Astorre, nem queria compreender. Apenas sentia por ele o mesmo desprezo que por qualquer pessoa que violasse a lei. Não compreendia o espírito de um verdadeiro mafioso.

Astorre acreditava na velha tradição. Os seus homens amavam-no não só pelo seu carisma, mas porque punha a honra acima de tudo.

Um verdadeiro mafioso era suficientemente forte na sua vontade para vingar qualquer insulto feito à sua pessoa ou à sua cosca. Nunca se submeteria à vontade de outro homem ou de qualquer agência do governo. E era essa a base do seu poder. A sua vontade era soberana; a justiça era aquilo que ele decretava que devia ser. O fato de ter salvo a família de Cilke fora um gesto de fraqueza. Mesmo assim, quando se dirigiu com Nicole ao gabinete de Cilke, ia vagamente à espera de algum agradecimento, de um relaxar de animosidade por parte do agente do FBI.

Tornou-se imediatamente evidente que tinham sido feitos preparativos cuidadosos para recebê-los. Dois guardas revistaram-no e a Nicole antes de entrarem no gabinete. O próprio Cilke esperava-os de pé atrás da sua secretária. Sem o mais pequeno indício de cordialidade, indicou-lhes as cadeiras. Um dos guardas fechou a porta à chave e postou-se junto dela.

— Isto está a ser gravado? — perguntou Nicole.

— Sim — respondeu Cilke. — Vídeo e áudio. Não quero qualquer mal-entendido relativamente a esta conversa. — Fez uma pequena pausa antes de continuar, dirigindo-se a Astorre. — Quero que compreenda que nada

mudou. Considero-o um monte de esterco e não permitirei que viva neste país. Não vou nessa treta dos dons. Não acredito na sua história a respeito de um informador. Penso que foi você quem engendrou tudo o que aconteceu e depois traiu o seu cúmplice para conseguir da minha parte um tratamento mais leniente. Desprezo esse tipo de espertezas.

Astorre estava espantado por Cilke ter chegado tão perto da verdade. Olhou para ele com renovado respeito. E no entanto sentia-se ofendido. O homem não sabia o que era gratidão, não tinha respeito por quem o salvara a ele e à família. Aquela contradição íntima fê-lo sorrir.

Aquele sorriso enfureceu Cilke

— Acha que é engraçado, uma das suas piadas da Máfia? Eu já trato de lhe tirar esse sorriso dos lábios em dois segundos. — Voltou-se então para Nicole. — Em primeiro lugar, o Bureau exige que nos revele as verdadeiras circunstâncias em que a informação chegou ao vosso conhecimento. Não a história da carochinha que o seu primo nos contou. Estou surpreso consigo, doutora. E estou também a pensar acusá-la de cumplicidade.

— Pode tentar — respondeu Nicole, gélida. — Mas sugiro que fale primeiro com o seu diretor.

— Quem o informou do ataque à minha casa? — perguntou Cilke. — Queremos o verdadeiro informador.

Astorre encolheu os ombros.

— Já lhe disse tudo o que tinha a dizer. É pegar ou largar — declarou.

— Nem uma coisa nem outra — replicou Cilke. — Vamos deixar isto bem claro. Você não passa de mais um monte de lixo. Mais um assassino. Sei que estourou o Di Benedetto e a Washington. Estamos a investigar o desaparecimento dos irmãos Sturzo em L. A. Matou três dos patifes do Portella e participou num rapto. Mais cedo ou mais tarde, acabamos por apanhá-lo. E nessa altura será só mais um pedaço de merda.

Pela primeira vez, Astorre pareceu perder a compostura, e a sua máscara de afabilidade escorregou um pouco. Viu Nicole a olhar para ele com uma espécie de pena assustada. Por isso permitiu que alguma da sua fúria escapasse.

— Não espero favores de si — disse a Cilke. — Você nem sequer sabe o que significa a palavra honra. Salvei a vida da sua mulher e da sua filha. Se não fosse eu, neste momento estariam debaixo de terra. Agora chama-me aqui para me insultar. Se a sua mulher e a sua filha estão vivas, devem-no a mim. Mostre algum respeito ao menos por isso.

Cilke fulminou-o com o olhar.

— Não lhe mostro coisa nenhuma — disse, e sentiu uma raiva terrível por estar em dívida para com aquele homem.

Astorre levantou-se para sair da sala, mas o guarda empurrou-o para a cadeira.

— Vou transformar a sua vida num inferno — prometeu Cilke.

Astorre encolheu os ombros.

— Faça o que quiser. Mas deixe-me dizer-lhe isto. Sei que colaborou na morte de Don Aprile. Só porque você e o Bureau queriam deitar a mão aos bancos. — Ao ouvirem isto, os dois guardas avançaram para ele, mas Cilke deteve-os com um gesto. — Sei que pode pôr fim aos ataques contra a minha família. Digo-lhe aqui e agora que passo a considerá-lo responsável por isso.

Do outro lado da sala, Bill Boxtton olhou para Astorre e perguntou, arrastando as palavras: — Está a ameaçar um agente federal?

— Claro que não — interveio Nicole. — Está apenas a pedir a ajuda dele.

Cilke pareceu agora mais frio.

— Tudo isto pelo seu amado Don. Obviamente, não leu o dossiê que eu entreguei à sua prima. O seu amado Don foi o homem que matou o seu pai quando você tinha apenas três anos.

Astorre pestanejou e olhou para Nicole. — Foi essa a parte que tentaste apagar?

Nicole assentiu.

— Não acreditei que fosse verdade, e mesmo que fosse, não me pareceu que devesse saber. Só serviria para te magoar.

Astorre sentiu a sala começar a rodopiar, mas manteve a compostura.

— Não faz a menor — disse.

— Agora que estamos entendidos, podemos ir? — perguntou Nicole, dirigindo-se a Cilke.

Cilke era um homem poderosamente constituído, e quando saiu de trás da secretária deu uma leve palmada na cabeça de Astorre. O que o surpreendeu tanto a ele como a Astorre, pois nunca antes tinha feito uma coisa daquelas. Foi uma palmada destinada a mostrar o seu desprezo, que mascarava um ódio real. Compreendeu que nunca conseguiria perdoar a Astorre ter-lhe salvo a família. Quanto a Astorre, olhou-o fixamente nos olhos. Sabia exatamente o que Cilke sentia.

Voltaram os dois ao apartamento dela. Nicole tentou consolá-lo na sua humilhação, mas isso só serviu para enfurecê-lo ainda mais. Nicole preparou um almoço ligeiro e depois convenceu-o a deitar-se, para descansar um pouco. A certa altura, Astorre teve consciência da presença dela na cama, a abraçá-lo. Repeliu-a.

— Ouviste o que o Cilke disse a meu respeito. E queres envolver-te na minha vida?

— Não acredito nele nem nos seus relatórios — afirmou Nicole. — Astorre, acho que continuo apaixonada por ti.

— Não podemos voltar ao tempo em que éramos crianças — disse-lhe ele, gentilmente. v Eu já não sou a mesma pessoa, e tu também não. Estás apenas a desejar que fôssemos outra vez miúdos.

Deixaram-se ficar abraçados. De súbito, Astorre perguntou, sonolentemente: — Achas que é verdade o que eles disseram a respeito de o Don ter morto o meu pai?

No dia seguinte, levando consigo o sr. Pryor, Astorre foi a Chicago, para conferenciar com Benito Craxxi. Pô-los ao corrente do que se passara, e então perguntou: — É verdade que Don Aprile matou o meu pai?

Craxxi ignorou a pergunta e inquiriu por sua vez: — Tiveste alguma coisa a ver com o ataque à família desse Cilke?

— Não — mentiu Astorre.

Mentiu-lhes porque não queria que conhecessem a profundidade da sua astúcia. E sabia que o teriam reprovado.

— E no entanto salvaste-os — disse Don Craxxi. — Porquê?

Astorre teve de mentir novamente. Não podia permitir que os seus aliados o soubessem capaz de tamanho sentimentalismo, que não podia suportar ver a mulher e a filha de Cilke mortas.

— Fizeste bem — disse Craxxi.

— Não respondeu à minha pergunta — insistiu Astorre.

— Porque é uma pergunta complicada. Eras o filho recém-nascido de um grande chefe da Máfia na Sicília, já com oitenta anos, cabeça de uma cosca muito poderosa. A tua mãe era muito nova quando morreu de parto. Ao sentir chegar o fim, o velho Don chamou-nos, a mim, a Don Aprile e ao Bianco, para junto do seu leito de morte. Toda a sua cosca desapareceria quando ele morresse, e estava preocupado com o teu futuro. Fez-nos prometer que tomaríamos conta de ti e escolheu Don Aprile para te trazer para a América. Pouco depois, porque a mulher estava a morrer e queria poupar-te a novos sofrimentos, Don Aprile mandou-te para junto da família Viola, o que foi um erro, porque o teu pai adotivo acabou por revelar-se um traidor e teve de ser executado. Don Aprile levou-te novamente para sua casa logo que as coisas acalmaram. O Don tinha um sentido de humor macabro, e por isso arranjou as coisas de modo que aquela morte passasse por suicídio no porta-bagagens de um carro. Então, à medida que ias crescendo, revelaste ter todas as qualidades do teu verdadeiro pai, o grande Don Zeno. Por isso Don Aprile decidiu fazer de ti o defensor da sua família. Mandou-te para a Sicília, para seres ensinado.

Astorre não estava verdadeiramente surpreendido. Algures na sua memória havia a imagem de um homem muito velho e de um passeio num carro fúnebre.

— Sim — disse, lentamente —, e ensinaram-me bem. Sei como tomar a ofensiva. No entanto, o Portella e o Tulippa estão bem protegidos. E tenho de preocupar-me com o Grazziella. O único que posso matar facilmente é o cônsul, o Marriano Rubio. Entretanto, tenho o Cilke aos calcanhares. Nem sequer sei por onde começar.

— Nunca, mas nunca, ataques o Cilke — aconselhou Don Craxxi.

— Sim - corroborou o sr. Pryor. — Seria desastroso.

Astorre sorriu-lhes tranquilizadamente. — Concordo — disse.

— Nem tudo são más notícias — continuou Craxxi. — O Grazziella contactou o Bianco, em Palermo, a pedir um encontro contigo. O Bianco vai

mandar-te recado para lá ires dentro de um mês. Talvez ele seja a tua chave.

Tulippa, Portella e Rubio reuniram-se na sala de conferências do consulado peruano. Na Sicília, Michael Grazziella expressou o seu mais profundo pesar por não poder estar presente.

Inzio abriu a reunião sem o seu habitual charme sul-americano. Estava impaciente: —Temos de resolver esta questão. Conseguimos ou não conseguimos os bancos? Investi milhões de dólares, eestou muito decepcionado com os resultados.

— O Astorre é como um fantasma — justificou-se Portella. — Não conseguimos chegar até ele. Não aceita mais dinheiro. Temos de matá-lo. Então, os outros venderão.

Inzio voltou-se para Rubio.

— Tens a certeza de que o teu amorzinho vai estar de acordo?

— Hei-de convencê-la — afirmou Rubio.

— E os dois irmãos? — perguntou Inzio.

— Não estão interessados em vendettas. A Nicole garantiu-mo.

— Só há uma maneira — disse Portella. — Raptar a Nicole e atrair o Astorre a uma emboscada.

— Por que não um dos irmãos? — protestou Rubio.

— Porque agora o Marcantonio anda sempre muito bem guardado — explicou Portella. — E não nos podemos meter com o Valerius, porque então os Serviços Secretos do Exército caíam-nos em cima, e esses tipos são do pior que há.

Tulippa voltou-se para Rubio.

— Estou farto das tuas tretas. Por que haveríamos de pôr em risco biliões de dólares só para não incomodar a tua namorada?

— É que já tentamos esse truque uma vez — redarguiu Rubio. — E lembrem-se de que ela tem uma guarda-costas.

Estava a ser muito cuidadoso. Seria um desastre se Tulippa se zangasse com ele.

— A guarda-costas não é problema — garantiu Portella.

— Bem, estou de acordo, desde que a Nicole não seja molestada — disse Rubio.

Marriano Rubio preparou a armadilha convidando Nicole para o baile anual no consulado peruano. Na tarde do baile, Astorre foi visitá-la para comunicar-lhe que ia ausentar-se para uma curta visita à Sicília. Enquanto Nicole tomava banho e se vestia, Astorre pegou numa guitarra que ela tinha em casa precisamente por causa dele e cantou canções de amor italianas com a sua voz rouca mas agradável.

Nicole saiu da casa de banho completamente nua, com exceção da toalha branca que trazia no braço. Astorre ficou quase esmagado pela beleza daquele corpo que as roupas do dia-a-dia só permitiam adivinhar. Quando ela se aproximou, pegou no roupão e envolveu-a nele.

Ela aninhou-se-lhe nos braços e suspirou. — Já não me amas.

— Nem sequer sabes quem eu sou na verdade — disse ele, rindo. — Já não somos crianças.

— Mas sei que és bom — replicou Nicole. — Salvaste o Cilke e a família dele. Quem é o teu informador?

Astorre riu-se novamente.

— Não tens nada com isso — respondeu. E foi para a sala, para evitar mais perguntas.

Nessa noite, Nicole foi ao baile acompanhada por Helene, que se divertiu mais do que ela. Compreendia que Rubio, como anfitrião, não podia dispensar-lhe uma atenção especial. Apesar de ter mandado uma limusine buscá-la.

Depois do baile, a limusine deixou-a diante da porta do seu apartamento. Helene apeou-se primeiro. Mas antes que pudessem entrar no edifício, quatro homens rodearam-nas. Helene dobrou-se para chegar ao coldre do tornozelo, mas era demasiado tarde. Um dos homens meteu-lhe uma bala na cabeça. A coroa de flores com que enfeitava os cabelos desabrochou em sangue.

Nesse momento, outro grupo de homens surgiu das sombras. Três dos atacantes fugiram, Astorre, que seguira discretamente Nicole até ao baile, colocou-se à frente dela. O atirador que abatera Helene tinha sido desarmado.

— Leva-a daqui para fora — ordenou Astorre a um dos seus homens. Depois apontou a arma ao assassino e perguntou : Ok, quem te enviou? O homem não parecia assustado.

— Vai-te foder — cuspiu.

Nicole viu o rosto de Astorre ficar gelado. Viu-o disparar, atingindo o homem no peito, e depois dar um passo em frente, agarrá-lo pelos cabelos antes que tombasse no chão e dar-lhe outro tiro na cabeça. Naquele momento, viu o que o pai devia ter sido. Vomitou em cima do corpo de Helene. Astorre voltou-se para ela com um sorriso de pena nos lábios. Nicole não conseguiu encará-lo.

Astorre subiu com ela ao apartamento e deu-lhe instruções sobre o que dizer à polícia: tinha desmaiado logo que Helene fora assassinada e nada vira do que se passara a seguir. Quando ele saiu, Nicole chamou a polícia.

No dia seguinte, depois de certificar-se de que Nicole estaria guardada vinte e quatro horas por dia, Astorre partiu para a Sicília, para um encontro com Grazziella e Bianco. Seguiu a rota habitual, voando primeiro para o México e daí, num jato particular, para Palermo, de modo a não deixar qualquer registo da sua viagem.

Foi recebido por Octavius Bianco, agora tão bem arranjado e elegante ao estilo de Palermo que era difícil recordá-lo como um feroz e barbudo bandido. Bianco ficou encantado por vê-lo e abraçou-o afetuosamente. Depois levou-o de carro para a sua villa, junto à costa.

— Estás então com problemas na América — disse, já no pátio da villa, decorado com estátuas do Império Romano. — Mas eu tenho boas notícias para ti. — Mudou subitamente de assunto para perguntar: — E a tua ferida. Tem-te dado problemas?

Astorre tocou no colar de ouro.

— Não — respondeu. — Mas deu-me cabo da voz. Agora sou grasnador em vez de tenor.

— Antes barítono que soprano — disse Bianco, com uma gargalhada. — De qualquer modo, a Itália tem tenores demais. Menos um não fará grande diferença. És um verdadeiro mafioso, e isso é que interessa.

Astorre sorriu e pensou naquele dia já tão distante em que fora nadar. Agora, em vez da raiva surda da traição, recordava apenas como se sentira ao acordar. Tocou novamente no amuleto que usava ao pescoço e perguntou:

— Que boas notícias são essas?

— Fiz as pazes com os Corleonesi e o Grazziella — respondeu Bianco. — Ele nunca esteve envolvido no assassinio de Don Aprile. Entrou para o cartel depois disso. Mas agora está descontente com o Portella e o Tulippa.

Acha que são demasiado precipitados, e ainda por cima trapalhões. Desaprovou a tentativa contra o agente federal. Além disso, tem um grande respeito por ti. Lembra-se de ti do tempo em que trabalhavas para mim. Vê-te como um homem extraordinariamente difícil de matar. Agora quer esquecer todas as antigas vendettas e ajudar-te.

Astorre sentiu alívio. A sua missão seria muito mais fácil se não tivesse de preocupar-se com Grazziella.

— Amanhã vem encontrar-se connosco aqui na villa — continuou Bianco.

— Confia assim tanto em si? — estranhou Astorre.

— Não tem outro remédio — explicou Bianco. — Porque sem mim aqui em Palermo, não pode governar a Sicília. E agora somos mais civilizados do que quando cá estiveste da última vez.

Na tarde do dia seguinte, Michael Grazziella chegou à villa e Astorre notou que vestia ao estilo ultra-respeitável dos políticos romanos: terno escuro, camisa branca e gravata escura. Fazia-se acompanhar por dois guarda-costas, vestidos da mesma maneira. Grazziella era um homem de pequena estatura, delicado, com uma voz muito suave — ninguém adivinharia que fôra responsável pelo assassinio de vários dos principais magistrados anti-Máfia. Apertou a mão a Astorre e disse:

— Vim aqui ajudá-lo como prova da minha profunda estima pelo nosso amigo Bianco. Por favor, esqueça o passado. Temos de começar de novo.

— Obrigado — respondeu Astorre. — É muita honra.

Grazziella fez um gesto aos guardas, que se afastaram em direção à praia.

— Então, Michael — perguntou Bianco. — Como é que podes ajudar?

— O Portella e o Tulippa são demasiado irrequietos para o meu gosto — começou Grazziella, dirigindo-se a Astorre. — E o Marriano Rubio é demasiado desonesto. Pelo contrário, julgo-o a si um homem muito esperto e qualificado. Além disso, o Nello é meu sobrinho, e soube que o poupou, o que não é pequena coisa. Aqui tem os meus motivos.

Astorre assentiu. Para lá de Grazziella, viu o verde-profundo do mar da Sicília refulgir ao sol siciliano. Foi invadido por uma súbita onda de nostalgia, e de pena, pois sabia que tinha de partir. Tudo aquilo lhe era familiar de uma maneira que a América nunca poderia ser. Tinha saudades das ruas de Palermo, do som de vozes italianas, de falar ele próprio uma língua que lhe era mais natural do que o inglês. Voltou a concentrar a sua atenção em Grazziella.

— Que pode então dizer-me?

— Os membros do cartel querem que eu vá encontrar-me com eles na América — disse Grazziella. — Posso informá-lo sobre o momento, o local e as medidas de segurança. Se optar por uma ação drástica, posso oferecer-lhe refúgio aqui na Sicília, e se tentarem extraditá-lo, tenho amigos em Roma que travarão o processo.

— Tem esse tipo de poder? — espantou-se Astorre.

— Certamente — respondeu Grazziella, com um leve encolher de ombros. — Como poderíamos existir de outra maneira? Mas não seja demasiado precipitado.

Astorre sabia que ele estava a referir-se a Cilke. Sorriu. — Nunca sou precipitado — afirmou.

Grazziella sorriu delicadamente e declarou:

— Os seus inimigos são meus inimigos, e prometo o meu apoio à sua causa.

— Presumo que não estará nessa reunião — disse Astorre.

Grazziella voltou a sorrir. — No último instante, surgirá um impedimento. Não estarei presente.

— E quando será isso?

— Dentro de um mês.

Depois de Graziella ter partido, Astorre perguntou a Bianco: — A sério, diga-me, por que está ele a fazer isto?

Bianco olhou para ele com admiração.

— Como compreendes bem a Sicília — disse. — Todas as razões que te deu são válidas, mas há um motivo principal que não referiu. — Hesitou um instante. — O Tulippa e o Portella têm andado a enganá-lo na distribuição dos lucros da droga, de modo que mais tarde ou mais cedo teria inevitavelmente de declarar-lhes guerra por causa disso. Não podia tolerar semelhante coisa. Tem-te em alto apreço, e para ele seria ótimo se liquidasses os seus inimigos e te tornasses seu aliado. É um homem muito esperto, este Graziella.

Nessa noite, Astorre passeou pela praia e pensou no que devia fazer. Finalmente, o desfecho da guerra aproximava-se.

O sr. Pryor não tinha problemas no que respeitava a gerir os bancos Aprile e defendê-los contra as autoridades. Mas quando os homens do FBI invadiram Nova Iorque na sequência da tentativa de assassinio contra Cilke, ficou um pouco preocupado com aquilo que poderiam descobrir. Especialmente depois da visita de Cilke.

Na sua juventude, o sr. Pryor fora um dos mais apreciados assassinos da Máfia de Palermo. Mas vira a tempo que ia por mau caminho e transferira-se para a atividade bancária, onde o seu encanto natural, a sua inteligência e as suas ligações criminosas lhe garantiram o êxito. Em resumo, tornara-se o banqueiro mundial da Máfia. Em muito pouco tempo, fizera-se especialista

em provocar tempestades no mercado de divisas e em amontoar dinheiro sujo. Tinha, além disso, um talento especial para comprar negócios legítimos a bons preços. Acabara por emigrar para Inglaterra porque a lisura do sistema inglês protegia melhor a sua riqueza do os subornos em Itália.

No entanto, o seu comprido braço ainda chegava a Palermo e aos Estados Unidos. Continuava a ser o principal banqueiro da cosca de Bianco nos seus esforços para controlar a indústria da construção civil na Sicília. Era igualmente o elo de ligação entre os bancos Aprile e a Europa.

Agora, com toda aquela atividade policial, ocorrera-lhe um possível ponto perigoso: Rosie. Rosie podia ligar Astorre aos irmãos Sturzo. Além disso, sabia que Astorre tinha um fraquinho por ela e continuava a encontrar algum conforto nos seus encantos. O que o não fazia respeitá-lo menos; era uma fraqueza que os homens exibiam desde tempos imemoriais. E Rosie era uma rapariga tão mafiosa. Quem poderia resistir-lhe? No entanto, por muito que a admirasse, continuava a pensar que não era sensato tê-la por perto.

Por isso resolvera tratar ele próprio do assunto, como certa vez fizera em Londres. Sabia que não teria a aprovação de Astorre para o que tinha em mente — conhecia o feitio de Astorre e não subestimava a sua periculosidade. Mas Astorre era sempre razoável. Saber convencê-lo depois do fato consumado, e ele reconhecer a sensatez por detrás da Ação.

Fosse como fosse, tinha de ser feito. Por isso, certa noite, o sr. Pryor telefonou a Rosie. Ela ficou encantada por ouvi-lo, sobretudo depois de ele lhe dizer que tinha boas notícias. Quando desligou o telefone, o sr. Pryor soltou um suspiro de pena.

Levou os sobrinhos consigo, como motoristas e guarda-costas. Um ficou no carro, diante do prédio, e o outro acompanhou-o até ao apartamento de Rosie.

Ela recebeu-os correndo para os braços do sr. Pryor, o que sobressaltou o sobrinho e o fez levar a mão ao interior do casaco. Rosie preparou café e

serviu um prato de pastéis que, segundo disse, eram especialmente importados de Nápoles. Ao sr. Pryor não souberam a nada que se parecesse, e considerava-se um perito nessas matérias.

— Ah, é tão querida! — disse a Rosie. E, dirigindo-se ao sobrinho, acrescentou : Prova um.

O sobrinho, porém, recuara para um canto da sala e sentara-se numa cadeira para assistir àquela pequena comédia que o tio representava. Rosie deu uma palmadinha no chapéu que o sr. Pryor pousara a seu lado e disse, risonhamente:

— Gostava mais do seu coco. Naquele tempo não tinha um ar tão empertigado.

— Ah! — respondeu o sr. Pryor, com bom humor. — Quando se muda de país, é sempre preciso mudar de chapéu. E, minha querida Rosie, estou aqui para pedir-lhe um grande favor.

Notou a ligeiríssima hesitação dela antes de bater alegremente as mãos. — Oh, tudo o que quiser! — exclamou. — Devo-lhe tanto.

O sr. Pryor sentiu-se enternecido por tanta doçura, mas o que tinha de ser feito tinha de ser feito.

— Rosie — disse —, quero que arranje as suas coisas de modo que amanhã possa partir para a Sicília, só por alguns dias. O Astorre está lá á sua espera e tem de entregar-lhe certos papéis absolutamente secretos. Ele tem saudades suas e quer mostrar-lhe a Sicília.

Rosie corou de prazer. — Claro, Sr. Pryor — afirmou.

Na realidade, Astorre estava de regresso da Sicília e chegaria a Nova Iorque na noite seguinte. Ele e Rosie cruzar-se-iam algures sobre o Atlântico, cada qual no seu avião.

Rosie adoptou um ar sério, não isento de uma certa timidez.

— Não posso ir assim tão de repente — declarou. — Preciso de reservar o vôo, ir ao banco, tratar de uma porção de pequenas outras coisas.

— Espero que perdoe a presunção — disse o sr. Pryor —, mas já tratei de tudo. — Tirou um sobrescrito branco do bolso do casaco. — Aqui tem o seu bilhete de avião. Primeira classe. E também dez mil dólares, para qualquer compra de última hora e despesas de viagem. O meu sobrinho, que está ali sentado naquele canto com cara de pateta, virá buscá-la na limusine amanhã de manhã. O Astorre, ou alguém por ele, estará à sua espera em Palermo.

— Não posso ficar mais de uma semana — anunciou Rosie. — Tenho de fazer uns exames para a minha licenciatura.

— Não se preocupe — disse-lhe o sr. Pryor. — Faltar aos exames não será problema. Prometo. Alguma vez lhe falhei?

Falou num tom docemente paternal. Mas estava a pensar que era na verdade uma pena Rosie nunca mais tornar a ver a América.

Beberam café e comeram pastéis. O sobrinho voltou a recusar ambos, apesar de Rosie ter insistido com o seu sorriso mais encantador. A conversa foi interrompida pelo toque do telefone. Rosie levantou o auscultador.

— Oh, Astorre! — exclamou. — Estás a ligar da Sicília? Disse-me o sr. Pryor. Está aqui mesmo ao pé de mim, a beber café.

O sr. Pryor continuou a beber calmamente o seu café, mas o sobrinho levantou-se da cadeira, voltando a sentar-se quando o tio lhe dirigiu um olhar imperioso.

Rosie estava calada, a olhar interrogativamente para o sr. Pryor, que lhe acenou tranquilizadamente com a cabeça.

— Sim, arranhou as coisas para eu ir passar uma semana à Sicília contigo — disse Rosie. Fez uma pausa para escutar. — Sim, claro que estou desapontada. Lamento que tenhas tido de regressar inesperadamente. Queres falar com ele? Não? OK., eu digo-lhe.

E desligou.

— Que pena — continuou, voltando-se para o sr. Pryor. — Teve de regressar mais cedo. Mas quer que espere aqui por ele. Disse mais ou menos meia hora. — É verdade que o Astorre quer ver-me?

O sr. Pryor pegou noutro pastel. — Com certeza — disse.

— Diz que explica tudo quando chegar, — acrescentou Rosie. — Mais café?

O sr. Pryor assentiu, e depois suspirou.

— Que pena. Havia de gostar de ir à Sicília. — Imaginou o funeral dela num cemitério siciliano. Teria sido tão triste. — Vai para baixo e espera no carro — ordenou ao sobrinho.

O jovem ergueu-se relutantemente, e o sr. Pryor fez um gesto, como que a tranquilizá-lo.

Rosie acompanhou-o até à porta.

O sr. Pryor dirigiu a Rosie um sorriso solícito e perguntou: — Então, tem sido feliz nestes últimos anos?

Astorre chegara um dia mais cedo e Aldo Monza fora buscá-lo ao pequeno aeroporto de Nova Jersia. Viajara, claro, num jato particular, com um passaporte falso. Fora puramente por impulso que telefonara a Rosie, levado pela vontade de vê-la e de passar uma noite descontraída a seu lado. Quando ela lhe dissera que o sr. Pryor estava no apartamento, os seus instintos tinham dado instantaneamente o alarme. Quanto à ida dela à Sicília, adivinhou de imediato os planos do sr. Pryor. Tentou controlar a sua

fúria. O sr. Pryor queria fazer o que achava que devia ser feito de acordo com a sua experiência, mas o preço era demasiado alto.

Pouco depois, Rosie abriu-lhe a porta e lançou-se-lhe nos braços. O sr. Pryor levantou-se da cadeira e Astorre dirigiu-se-lhe e abraçou-o. O sr. Pryor disfarçou a sua surpresa. Não era habitual Astorre mostrar-se tão afetuoso.

Então, para grande estupefação do sr. Pryor, Astorre voltou-se para Rosie e disse: — Vai amanhã para a Sicília, como planeámos, e eu vou ter contigo dentro de dias. Fazemos umas férias.

— Formidável! — exclamou Rosie. — Nunca fui à Sicília.

— Obrigado por ter tratado de tudo — continuou Astorre, dirigindo-se ao sr. Pryor. — E então, novamente para Rosie. — Não posso ficar. Encontramo-nos na Sicília. Esta noite, tenho uns assuntos importantes a tratar com o sr. Pryor. O melhor é ires preparar-te para a viagem. Não leves muita roupa. Podemos fazer compras em Palermo.

— OK. — disse Rosie. Beijou o sr. Pryor na face e deu a Astorre um longo abraço e um interminável beijo. Depois abriu a porta para ambos saírem.

Uma vez na rua, Astorre disse ao sr. Pryor:

— Vamos no meu carro. Diga aos seus sobrinhos que regressem a casa... Não vai precisar deles esta noite.

Foi só então que o sr. Pryor começou a sentir-se um pouco nervoso.

— Ia fazê-lo para teu bem — explicou.

No banco traseiro do carro, com Monza ao volante, Astorre voltou-se para o sr. Pryor.

— Ninguém o aprecia mais do que eu — disse. — Mas sou o chefe ou não sou?

— Inquestionavelmente — respondeu o sr. Pryor.

— Era um problema que eu já tencionava abordar. Reconheço o perigo e agradeço ter-me feito agir. Mas preciso dela viva. Por vezes, é preciso correr alguns riscos. Portanto, aqui tem as minhas instruções. Na Sicília, arranje-lhe uma casa de luxo, com criados. Pode inscrever-se na Universidade de Palermo. Terá uma renda muito generosa, e o Bianco apresentá-la-á à melhor sociedade siciliana. Faremos com que se sinta feliz, e o Bianco saberá controlar quaisquer problemas que surjam. Sei que não aprova o meu afeto pela Rosie, mas é algo que não consigo evitar. Julgo que os seus próprios defeitos a ajudarão a ser feliz. Sei que tem um fraquinho por dinheiro e por prazer, mas quem não tem? Torno-o responsável pela segurança dela. Nada de acidentes.

— Eu próprio gosto imenso daquela rapariga, como bem sabes — respondeu o sr. Pryor. — Uma autêntica mafiosa. Vais voltar à Sicília?

— Não — respondeu Astorre. v Temos assuntos mais importantes a tratar.

## Capítulo 13

Depois de ter encomendado, Nicole centrou a sua atenção em Marriano Rubio. Tinha duas mensagens importantes a entregar naquele dia, e queria certificar-se de que não cometia erros em qualquer delas.

Rubio escolhera o restaurante, um bistro francês de luxo onde os empregados andavam nervosamente de mesa em mesa transportando altos moinhos de pimenta de madeira envernizada e compridas cestas de verga cheias de pães acabados de sair do forno. Não gostava particularmente da comida, mas conhecia o maitre, o que lhe garantia sempre uma boa mesa num canto sossegado. Levava frequentemente ali as suas conquistas.

— Hoje estás mais calada que de costume — disse, estendendo a mão por cima da mesa para agarrar a dela. Nicole sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. Compreendeu que o odiava por ter aquele poder sobre ela, e retirou a mão.

— Sentes-te bem?

— Foi um dia difícil.

— Ah! — exclamou ele, com um suspiro. — É o preço de trabalhar com serpentes. — Rubio não tinha a menor consideração pela firma de advogados de Nicole. — Por que é que os aturas? Por que não deixas que em vez disso seja eu a tomar conta de ti?

Nicole perguntou a si mesma quantas mulheres teriam já ido naquela conversa e deitado janelas fora as suas carreiras para estarem com ele.

— Não me tentes — disse, coquetamente.

A resposta surpreendeu Rubio, que a sabia dedicada à carreira. Mas era aquela por que esperara.

— Deixa-me tomar conta de ti — repetiu. — Além disso, quantas mais empresas achas que consegues processar?

Um dos empregados abriu uma garrafa de vinho branco gelado, deu a rolha a cheirar a Rubio e verteu uma pequena quantidade num elegante copo de cristal. Rubio provou-o e assentiu com a cabeça. Depois voltou a dedicar a sua atenção a Nicole.

— Por mim, desistia já — disse ela —, mas há alguns casos pro bono que quero levar até ao fim. — Bebeu um pequeno gole de vinho. — Ultimamente, tenho andado a pensar na banca.

Rubio semicerrou os olhos.

— Bem, felizmente para ti, os bancos são hereditários na família.

— Pois são — concordou ela. — Mas, infelizmente, o meu pai não julgava as mulheres capazes de geri-los. Por isso sou obrigada a ficar a ver o maluco do meu primo dar cabo de tudo. — Ergueu a cabeça para olhar para ele e acrescentou: — A propósito, o Astorre acha que tu andas a tentar liquidá-lo.

Rubio tentou parecer divertido.

— A sério? E como conseguiria eu uma coisa dessas?

— Oh, não faço idéia! — respondeu ela, aborrecida. — Não esqueças que estamos a falar de alguém que ganha a vida a vender macarrão. Tem farinha no lugar do cérebro. Diz que queres os bancos para branquear dinheiro e não sei que mais. Até quis convencer-me de que tinhas tentado raptar-me. — Nicole sabia que tinha de ser muito cuidadosa naquele ponto. — Mas eu não acredito. Penso que é ele que está por detrás de tudo o que tem acontecido. Sabe que eu e os meus irmãos queremos controlar os

bancos, por isso anda a tentar tornar-nos paranóicos. Mas nós estamos fartos de o ouvir.

Rubio estudou-lhe o rosto. Orgulhava-se da sua capacidade de distinguir a verdade da ficção. Ao longo dos seus anos como diplomata, ouvira mentiras da boca de alguns dos mais respeitados estadistas do mundo. E naquele momento, olhando Nicole no fundo dos olhos, decidiu que ela estava a dizer-lhe a verdade absoluta.

— Fartos a que ponto? — perguntou.

— Estamos todos exaustos — disse Nicole.

Vários empregados surgiram do nada e afadigaram-se à volta da mesa durante longos minutos para lhes servirem o prato principal. Quando finalmente se retiraram, Nicole inclinou-se para Rubio e sussurrou-lhe:

— Quase todas as noites o meu primo trabalha até tarde no armazém.

— O que é que estás a sugerir? — perguntou Rubio.

Ela pegou na faca e começou a cortar o prato principal: escuros medalhões de pato a nadar num leve molho de laranja.

— Não estou a sugerir coisa nenhuma — disse. — Mas como é que o accionista maioritário de um banco internacional passa a maior parte do seu tempo num armazém de macarrão? Se eu tivesse o controle, estaria constantemente no banco, a fazer o possível para que os meus sócios recebessem o melhor retorno possível do seu investimento. — Dito isto, provou o pato. Sorriu a Rubio. — Delicioso - afirmou.

Além de todas as suas outras qualidades, Georgette Cilke era uma mulher muito organizada. Todas as terças-feiras à tarde passava exatamente duas horas na sede nacional da Campanha Contra a Pena de Morte, onde ajudava a atender os telefones e revia as petições dos advogados a favor de

presos nas celas da morte. Por isso Nicole sabia exatamente onde entregar a sua segunda mensagem importante desse dia.

Quando Georgette viu Nicole entrar no gabinete, o rosto iluminou-se-lhe. Levantou-se para beijar a amiga.

— Graças a Deus — disse. — Tem sido um dia horrível. Ainda bem que vieste. Bem preciso de um pouco de apoio moral.

— Não sei se vou ser de grande ajuda — respondeu Nicole. — Há uma coisa que me está a perturbar e que quero discutir contigo.

Durante todos aqueles anos a trabalharem juntas, nunca Nicole fizera confidências a Georgette, embora mantivessem um caloroso relacionamento profissional. Georgette nunca discutia o trabalho do marido fosse com quem fosse. E Nicole nunca vira a vantagem de falar a respeito dos seus amantes com mulheres casadas, que se sentiam sempre na obrigação de dar conselhos sobre a melhor maneira de levar um homem ao altar, que era precisamente o que ela não queria. Nicole preferia conversar a respeito de sexo, mas notara que o tema deixava normalmente as mulheres casadas pouco à-vontade. Talvez, pensava Nicole, não gostassem de ouvir falar a respeito daquilo que não tinham.

Georgette perguntou a Nicole se queria conversar em privado, e quando ela assentiu, encontraram um pequeno gabinete vazio ao fundo de um corredor.

— Nunca falei disto com ninguém — começou Nicole —, mas deves saber que o meu pai era Raymonde Aprile... conhecido como o Don. Alguma vez ouviste falar dele?

Georgette pôs-se de pé.

— Não me parece que deva ter esta conversa contigo...

— Senta-te, por favor — interrompeu-a Nicole. — Precisas de ouvir o que tenho para te dizer.

Georgette pareceu pouco à-vontade, mas fez o que Nicole lhe pedia. Na realidade, sempre tivera curiosidade em relação à família da amiga, mas sabia que não podia abordar o assunto. Como muitas outras pessoas, assumia que Nicole tentava, através do seu trabalho pro bono, compensar os pecados do pai. Que infância terrível devia ter sido a dela, crescendo à sombra de criminosos. E que embaraçante. Georgette imaginou a própria filha a ter vergonha de ser vista em público com qualquer dos pais. Perguntou a si mesma como teria Nicole sobrevivido àqueles anos.

Nicole sabia que Georgette nunca trairia o marido fosse de que maneira fosse, mas também sabia que era uma mulher cheia de compaixão e com um espírito aberto. Alguém que dedicava o seu tempo livre a defender assassinos condenados à morte. Pousou nela um olhar firme e disse: — O meu pai foi morto por homens que têm uma relação muito próxima com o teu marido. E eu e os meus irmãos temos provas de que o teu marido recebeu subornos desses homens.

A primeira reação de Georgette foi de choque, depois de incredulidade. Mas decorreram apenas segundos até que, pela primeira vez na sua vida, sentiu em si uma explosão de fúria.

— Como te atreves! — sussurrou. Olhou Nicole bem nos olhos. — O meu marido preferia morrer a violar a lei.

Nicole ficou surpreendida pela intensidade da resposta. Via agora que Georgette acreditava verdadeiramente no marido.

— O teu marido não é o homem que parece ser — continuou. — E eu sei como te sentes. Acabo de ler o processo do FBI sobre o meu pai, e por muito que o tenha amado, sei que me escondeu certas coisas. Tal como o Kurt te esconde certas coisas.

Contou-lhe então do milhão de dólares que Portella depositara na conta de Cilke, e das ligações de Portella com traficantes de droga e assassinos, que só podiam fazer o seu trabalho com a bênção tácita do marido dela.

— Não espero que acredites em mim. Tudo o que espero é que perguntes ao teu marido se o que estou a dizer-te é ou não verdade. Se ele é o homem que tu dizes, não mentirá.

Georgette não deixou transparecer o mais pequeno indício do tumulto que lhe ia na alma.

— Por que estás a contar-me tudo isso? — perguntou.

— Porque o teu marido tem uma vendetta contra a minha família. Vai permitir que os associados dele matem o Astorre para poderem assumir o controle dos bancos da família. Será amanhã à noite, no armazém de macarrão do meu primo.

Quando Nicole falou de macarrão, Georgette riu-se e disse:

— Não acredito em ti. — Levantou-se para sair. — Lamento muito, Nicole — acrescentou. — Sei que estás perturbada, mas nada mais temos a dizer uma à outra.

Nessa noite, na sala escassamente mobilada da casa de campo para onde a família fôra transferida, Cilke enfrentou o seu pesadelo. Ele e a mulher tinham acabado de jantar e estavam sentados em frente um do outro, ambos a ler. Subitamente, Georgette pousou o livro e disse: — Preciso de falar contigo a respeito de Nicole Aprile.

Nunca, em todos aqueles anos de casamento, Georgette pedira ao marido para falar de assuntos relacionados com a profissão dele. Não queria a responsabilidade de carregar segredos federais. E sabia que aquela era uma parte da sua vida que Cilke precisava de manter só para si. Por vezes, deitados na cama lado-a-lado, perguntava a si mesma como seria que ele fazia o seu trabalho — as táticas que usava para obter informações, a

pressão que devia ter de exercer sobre os suspeitos. Mas no seu espírito imaginava-o sempre como a epítome do agente federal, com o seu terno muito bem engomado, o seu muito folheado exemplar da Constituição enfiado no bolso de trás das calças. No fundo do coração, era suficientemente sagaz para saber que isto não passava de uma fantasia. O marido era um homem determinado. Iria aonde fosse preciso para derrotar os seus inimigos. Mas aquela era uma realidade que sempre preferira não examinar.

Cilke estava a ler um romance policial — o terceiro volume de uma série a respeito de um assassino psicopata que criava o filho para o sacerdócio. Quando Georgette disse aquilo, fechou imediatamente o livro. — Estou a ouvir — disse.

— A Nicole disse-me hoje umas coisas... a teu respeito e a respeito da investigação que estás a conduzir — continuou Georgette. — Sei que não gostas de falar do teu trabalho, mas ela fez acusações muito sérias.

Cilke sentiu a raiva subir-lhe no peito, até transformar-se numa fúria cega. Primeiro tinham-lhe morto os cães. Depois tinham-lhe destruído a casa. E agora manchavam a mais pura das suas relações. Finalmente, quando o seu coração parou de rufar, pediu a Georgette, com uma voz muito calma, que lhe contasse exatamente o que tinha acontecido.

Georgette repetiu toda a conversa que tivera com Nicole e vigiou atentamente a expressão do marido à medida que absorvia a informação. O rosto dele não denunciou qualquer sinal de surpresa ou ofensa. Quando ela terminou, Cilke disse:

— Obrigado, querida. Sei que foi muito difícil para ti dizer-me isso. E lamento que tenhas tido de fazê-lo. Em seguida, levantou-se da cadeira e dirigiu-se à porta da frente.

— Aonde vais? — perguntou Georgette.

— Preciso de apanhar ar — respondeu Cilke. — Preciso de pensar.

— Kurt, querido? — A voz de Georgette soou interrogativamente; estava a pedir-lhe que a tranquilizasse, que lhe dissesse que os seus medos não tinham razão de ser.

Cilke jurara nunca mentir à mulher. Se ela insistisse na verdade, teria de dizer-lha e sofrer as conseqüências. Estava na esperança de que ela compreendesse e decidisse que era melhor fingir que aqueles segredos não existiam.

— Há alguma coisa que possas dizer-me? — perguntou Georgette.

Ele abanou a cabeça.

— Não. Faria tudo por ti. Sabes isso, não sabes?

— Sim. Mas preciso de saber. Por nós e pela nossa filha.

Cilke viu que não havia por onde escapar. Compreendeu que a mulher nunca mais olharia para ele da mesma maneira se lhe contasse a verdade. Naquele instante, teve vontade de esmagar o crânio de Astorre Viola. Pensou no que poderia dizer a Georgette: só aceitei os subornos porque o FBI me pediu? Deixamos passar os pequenos crimes para nos concentrarmos nos grandes? Violamos algumas leis para podermos impor as mais importantes? Sabia que estas respostas só conseguiriam enfurecê-la, e amava-a e respeitava-a demasiado para fazer uma coisa dessas.

Saiu de casa sem dizer uma palavra. Quando voltou, Georgette fingiu estar a dormir. Foi nesse momento que tomou a sua decisão. Na noite seguinte confrontaria Astorre Viola e reclamaria a sua própria visão de justiça.

Aspinella Washington não odiava todos os homens, mas ficava muitas vezes surpreendida pela enorme quantidade dos que a decepcionavam. Eram tão... inúteis.

Depois de ter-se encarregado de Heskow, foi sumariamente interrogada por dois agentes da segurança do aeroporto, que eram demasiado estúpidos ou estavam demasiado intimidados para questionarem a versão que ela dava dos fatos. Quando descobriram os cem mil dólares presos ao corpo de Heskow, chegaram à conclusão de que o motivo dele era óbvio. Decidiram que era justo recompensarem-se a si mesmos com uma taxa de serviço por terem de limpar a porcaria que ela fizera antes da chegada da ambulância. Também deram a Aspinella um maço de notas manchadas de sangue, que ela juntou aos trinta mil que Heskow já lhe tinha dado.

Só tinha dois usos para o dinheiro. Guardou-o todo, menos três mil dólares, no seu cofre de depósito. Deixara à mãe instruções precisas no sentido de que, se lhe acontecesse alguma coisa, todo o dinheiro do cofre — mais de trezentos mil dólares — fosse depositado num fundo em nome da filha. Com os restantes três mil, apanhou um táxi para a esquina da Quinta Avenida com a Rua Cinquenta e Três, entrou na mais luxuosa loja de artigos de couro da cidade e subiu no elevador até uma suite privada no terceiro andar.

Uma mulher que usava óculos de marca e um fato às riscas azuis aceitou o dinheiro e conduziu-a a uma sala ao fundo do corredor, onde tomou um banho com óleos aromáticos importados da China. Deixou-se ficar de molho mais de vinte minutos, a ouvir um pouco de canto gregoriano, enquanto esperava por Rudolfo, um terapeuta especializado em massagem-sexual. Rudolfo cobrava três mil dólares por cada sessão de duas horas, o que, como gostava de fazer notar às suas sempre satisfeitas clientes, era mais do que até os advogados mais famosos recebiam à hora. “A diferença”, dizia, com o seu sotaque bavaro e um sorriso malandro, “é que eles se limitam a fodê-las com truques, ao passo que eu as fodo a valer.”

Aspinella ouvira falar de Rudolfo durante uma investigação de costumes que, sob disfarce, conduzira nos hotéis mais caros da cidade. Um dos porteiros, preocupado com a possibilidade de ser chamado a depor, dera-lhe, a troco da promessa de que não seria citado, a dica a respeito de Rudolfo. A primeira intenção de Aspinella fora mandá-lo para a cadeia, mas depois de tê-lo conhecido e experimentado uma das suas massagens,

pensara que seria um crime ainda maior negar às mulheres o prazer de tão extraordinários talentos.

Passados alguns minutos, Rudolfo bateu à porta e perguntou: — Posso entrar?

— Estou a contar com isso, boneco — respondeu ela. Ele entrou e examinou-a dos pés à cabeça.

— Bonita pala — comentou.

Durante a sua primeira sessão, Aspinella ficara surpreendida ao vê-lo entrar na sala nu, mas ele explicara. “Para quê estar com o trabalho de vestir-me para ter de despir-me logo a seguir?” Rudolfo era um espécime impressionante, alto e forte, com um tigre tatuado no bícepe direito e uma sedosa mata de pêlos louros no peito. Aspinella gostava especialmente daqueles pêlos, que distinguiam Rudolfo desses modelos das revistas, tão cuidadosamente depilados, barbeados e engordurados que se tornava quase impossível saber se eram machos ou fêmeas...

— Como tem passado? — perguntou ele.

— Isso não te interessa — respondeu Aspinella. — Tudo o que precisas de saber é que estou necessitada de um pouco de terapia sexual.

Rudolfo começou pelas costas, carregando com força, concentrando-se nos nós de nervos contraídos. Depois, massajou-lhe suavemente o pescoço antes de voltá-la e massajar ao de leve os seios e o estômago. Quando começou a acariciá-la entre as pernas, já ela estava úmida e a respirar ofegantemente.

— Por que é que os outros homens não me fazem isto? — exclamou, com um suspiro de êxtase.

Rudolfo preparava-se para iniciar a melhor parte do seu serviço, a massagem de língua, que executava de uma forma particularmente hábil e

com notável vigor. Mas a pergunta, que ouvira inúmeras vezes, fê-lo parar. Nunca deixava de surpreendê-lo. A impressão que tinha era de que a cidade estava a explodir de mulheres sexualmente subalimentadas.

— O motivo por que outros homens não o fazem constitui um mistério para mim — disse. — O que é que lhe parece?

Aspinella detestava interromper o seu devaneio sexual, mas compreendeu que Rudolfo precisava de um pouco de conversa de almofada antes do “grand finale.”

— Os homens são fracos — explicou. — Somos nós que tomamos todas as decisões importantes. Quando casar. Quando ter filhos. Mantemos-lhes a rédea curta e pedimos-lhes contas das coisas que fazem.

Rodolfo sorriu delicadamente.

— Sim, mas o que é que isso tem a ver com sexo?

Aspinella queria que ele voltasse ao trabalho.

— Não sei — disse. — É só uma teoria.

Rodolfo recomeçou a massajá-la, lentamente, regularmente, ritmicamente. Parecia nunca se cansar. E de cada vez que ele a levava aos píncaros do prazer, ela imaginava as profundezas de dor a que levaria Astorre Viola e o seu bando de assassinos na noite seguinte.

A Viola Macaroni Company tinha a sua sede num grande armazém de tijolo no Lower East Side de Manhattan. Trabalhavam ali mais de cem pessoas, descarregando grandes sacos de serapilheira de macaroni italiano para uma correia transportadora, que os separava e empacotava automaticamente.

Um ano antes, inspirado pelo artigo de uma revista a respeito de como as pequenas empresas estavam a expandir os seus negócios, Astorre

contratara um consultor de gestão recém-licenciado pela Harvard Business School, para recomendar mudanças. O jovem dissera-lhe que dobrasse os preços, mudasse a marca do seu macaroni para Uncle Vitds Homemade Pasta e despedisse metade dos empregados, que poderiam ser substituídos por trabalhadores eventuais a ganhar metade do ordenado. Ao ouvir esta última sugestão, despedira o consultor.

O seu escritório ficava no piso principal, que tinha mais ou menos o tamanho de um campo de futebol e ao longo de cujas paredes se alinhavam reluzentes máquinas de aço inoxidável. As traseiras do edifício davam para um cais de carga e descarga. Havia câmaras de vídeo em todas as portas e espalhadas pelo interior da fábrica, o que lhe permitia manter um olho nos visitantes e na produção a partir do gabinete. Normalmente, o armazém fechava às seis da tarde, mas naquela noite Astorre retivera cinco dos seus empregados mais qualificados e Aldo Monza. Estava à espera.

Quando, na noite anterior, no apartamento de Nicole, lhe explicara o seu plano, ela opusera-se veementemente.

— Não — dissera, abanando a cabeça. — Em primeiro lugar, não vai resultar. E em segundo lugar, não quero tornar-me cúmplice de assassinio. — Eles mataram a tua assistente e tentaram raptar-te — dissera Astorre, calmamente. — Estamos todos em perigo, a menos que eu tome medidas.

Nicole pensara em Helene e então recordara as suas muitas discussões à mesa com o pai, que teria sem a mínima dúvida procurado vingança. O pai ter-lhe-ia dito que devia aquilo à memória da amiga, e ter-lhe-ia feito notar que era razoável e necessário tomar medidas para proteger a família. — Por que não procuramos as autoridades? — perguntara.

A resposta de Astorre fora seca: — É demasiado tarde para isso.

Agora estava sentado no seu gabinete, a servir de isca. Graças a Grazziella, sabia que Tulippa e Portella se encontravam na cidade para uma reunião do cartel. Não podia ter a certeza de que a dica dada por Nicole a Rubio os levaria a fazer-lhe uma visita, mas esperava que tentassem uma

última vez convencê-lo a vender os bancos antes de recorrerem à violência. Assumi que o revistariam, de modo que não não tinha qualquer arma consigo, com exceção de um estilete que guardou num bolso especial cosido à manga da camisa.

Estava a vigiar atentamente os monitores de vídeo quando viu meia dúzia de homens entrarem no edifício pelo cais de carga. Dera instruções aos seus próprios homens para que se escondessem e não atacassem antes de ele lhes fazer sinal.

Estudou o monitor e reconheceu Portella e Tulipa entre os seis visitantes. Então, quando as figuras desapareceram do visor, ouviu passos a aproximarem-se do gabinete. Se já tivessem decidido matá-lo, Monza e a sua equipe estavam a postos e poderiam intervir.

Ouviu, no entanto, Portella chamar por ele. Não respondeu.

Segundos depois, Portella e Tulippa apareceram à porta.

— Entrem — convidou Astorre, com um amplo sorriso. Levantou-se para lhes apertar a mão. — Que surpresa. Raramente tenho visitas a esta hora. Alguma coisa que possa fazer por vocês?

— Sim — respondeu Portella, em ar de troça. — Vamos ter um grande jantar e acabou-se-nos o macaroni.

Astorre agitou magnanimamente uma mão e declarou: — O meu macaroni é o vosso macaroni.

— E que tal os seus bancos? — perguntou Tulippa, sombriamente. Astorre estava preparado para aquilo.

— Chegou a altura de falarmos a sério. Chegou a altura de tratar de negócios. Mas primeiro quero mostrar-lhes a fábrica. Orgulho-me muito dela.

Tulippa e Portella trocaram um olhar confuso. Estavam desconfiados. — OK, mas que seja rápido — aquiesceu Tulippa, perguntando a si mesmo

como fora possível um palhaço daqueles sobreviver tanto tempo. Astorre guiou-os. Os quatro homens que os tinham acompanhado estavam por perto. Astorre cumprimentou-os calorosamente, apertando a mão a cada um deles e elogiando-lhes as roupas.

Os seus próprios homens observavam-no atentamente, à espera da ordem para atacar. Monza colocara três atiradores na galeria que dominava a nave, fora das vistas. Os outros encontravam-se em lados opostos do armazém.

Passaram-se longos minutos, enquanto Astorre mostrava as instalações aos seus convidados. Até que, finalmente, Portella disse:

— Vê-se bem que é na verdade aqui que está o seu coração. Por que é que não nos deixa gerir os bancos? Fazemos-lhe uma nova oferta e ainda lhe damos uma percentagem.

Astorre preparava-se para fazer sinal aos seus homens quando ouviu uma longa rajada e viu três deles caírem da galeria e precipitarem-se de uma altura de seis metros no chão de cimento. Olhou em redor, à procura de Monza, ao mesmo tempo que se escondia rapidamente atrás de uma enorme máquina de embalar.

Dali, viu uma mulher negra com uma pala verde a tapar-lhe um olho correr para eles e agarrar Portella pelo pescoço. Espetou-lhe na proeminente barriga o cano da espingarda automática que empunhava, sacou de um revólver e atirou a espingarda para o chão.

— OK. — disse Aspinella Washington. — Toda a gente larga as armas! — Quando ninguém se mexeu, não hesitou um segundo. Ainda a agarrar Portella pelo pescoço, fê-lo dar meia volta e disparou-lhe duas balas no estômago. Quando ele se dobrou para a frente, bateu-lhe com a coronha do revólver na nuca e pontapeou-o na boca. Quase no mesmo movimento, agarrou Tulippa e ameaçou: — Tu és o próximo, a menos que toda a gente faça o que eu mando. Isto é olho por olho, seu filho-da-puta.

Portella soube que, sem ajuda, só viveria mais alguns minutos. Já começava a perder a visão. Estava estendido no chão, a respirar pesadamente, com a florida camisa empapada em sangue. Sentia a língua entorpecida.

— Façam o que ela diz — murmurou, debilmente. Os seus homens obedeceram.

Portella sempre ouvira dizer que apanhar um tiro no estômago era a forma mais dolorosa de morrer. Agora sabia porquê. Cada vez que inspirava, era como se lhe espetassem uma faca no coração. Perdeu o controle da bexiga, e a urina pôs uma mancha escura nas suas calças azuis. Tentou focar os olhos na atiradora, uma atlética mulher negra que não reconheceu. Tentou formar as palavras “Quem é você?”, mas não conseguiu reunir força suficiente para isso. O seu último pensamento foi curiosamente sentimental: quem iria dizer a Bruno que ele tinha morrido?

Astorre só precisou de uma fração de segundo para compreender o que se tinha passado. Nunca vira a detetive Aspinella Washington, exceto nos jornais e nos noticiários da TV. Mas soube que se ela o tinha encontrado, era porque já conseguira apanhar John Heskow. E Heskow estava com toda a certeza morto. Não sentiu pena do escorregadio intermediário. Heskow tinha o grande defeito de ser um homem capaz de dizer fosse o que fosse para permanecer vivo. Ainda bem que estava debaixo de terra, a fazer crescer as flores de que tanto parecia gostar.

Tulippa não fazia a mínima idéia de quem era aquela cabra negra que lhe encostava ao pescoço o cano de um revólver. Confiara as questões de segurança a Portella e dera folga aos seus leais guarda-costas. Um estúpido erro. A América era um país tão estranho, pensou. Nunca se sabia de onde ia surgir a violência.

Enquanto o cano do revólver se lhe cravava na carne cada vez com mais força, Tulippa fez a si mesmo a promessa de que, se escapasse daquilo com vida e conseguisse voltar à América do Sul, aceleraria o seu programa de produção de um arsenal nuclear. Faria pessoalmente tudo o que pudesse

para estourar a maior parte possível da América, especialmente Washington D.C., uma capital de fanfarrões arrogantes que passavam a vida com o cu sentado em cadeirões estofados, e Nova Iorque, onde os loucos como aquela puta zarolha pareciam nascer por geração espontânea.

— Muito bem — disse Aspinella, dirigindo-se a Tulippa. — Ofereceu-nos meio milhão para tomar conta deste tipo. — Apontou para Astorre. — Teria muito gosto em aceitar o serviço, mas, depois do meu acidente, fui obrigada duplicar o preço. Só com um olho, tenho de concentrar-me a dobrar.

Kurt Cilke passara o dia inteiro a vigiar o armazém. Sentado no seu Chevrolet sem mais companhia do que um pacote de pastilhas elásticas e um exemplar da Newsweek, esperou que Astorre fizesse a sua jogada.

Fôra sozinho, não querendo envolver quaisquer outros agentes naquilo que acreditava poder ser o fim da sua carreira. Quando viu Tulippa e Portella entrarem no edifício, a bÍlis subiu-lhe à garganta. E apercebeu-se de como Astorre era um inimigo astuto. Se, como suspeitava, aqueles dois tentassem atacá-lo, ele teria o dever legal de protegê-lo. Astorre ficaria livre e ilibaria o seu nome sem quebrar o silêncio. E Cilke veria anos de trabalho muito duro voarem pela janela.

O inesperado aparecimento de Aspinella Washington empunhando uma espingarda automática fê-lo sentir algo muito diferente: frio medo. Soubera do papel que Aspinella desempenhara nos acontecimentos do aeroporto. Tudo aquilo lhe parecera extremamente suspeito. Os elementos não se ajustavam.

Verificou o tambor do revólver e teve a remota esperança de poder contar com ela para o ajudar. Antes de sair do carro, decidiu que era altura de informar o Bureau. Ligou para Boxtton, servindo-se do telefone celular.

— Estou à porta do armazém do Astorre Viola — disse-lhe. E nesse momento ouviu o som de uma rajada. — Vou entrar, e se as coisas correrem

mal, quero que digas ao diretor que agi por minha conta e risco. Estás a gravar esta chamada?

Boxton hesitou, sem saber se Cilke gostaria de saber que estava a ser gravado. Mas, desde a tentativa de assassinio montada contra ele, todos os seus telefonemas eram monitorizados.

— Sim — respondeu, por fim.

— Ótimo — disse Cilke. — Para que conste, nem tu nem qualquer outra pessoa do FBI e responsável pelo que vou fazer a seguir. Vou entrar numa situação hostil que envolve três figuras conhecidas do crime organizado e uma renegada do Departamento de Polícia de Nova Iorque, pesadamente armada.

Boxton interrompeu-o. — Kurt, espera por apoio.

— Não há tempo. E além disso, este sarilho é meu. Compete-me a mim resolvê-lo. — Pensou em deixar uma mensagem para Georgette, mas decidiu que seria demasiado mórbido e piegas. Mais valia deixar que as suas ações falassem por ele. Desligou o telefone sem mais uma palavra. Quando saiu do carro, reparou que estava mal-estacionado.

A primeira coisa que viu quando entrou no armazém foi a arma de Washington cravada no pescoço de Tulippa. Todos as personagens daquele drama estavam silenciosas. Ninguém se movia.

— Sou um agente federal — anunciou, mostrando o revólver. — Deixem cair as vossas armas no chão.

Aspinella voltou-se para ele e atirou-lhe, num tom carregado de desprezo.

— Sei muito bem que você é. Esta captura é minha. Vá prender uns contabilistas, ou corretores, ou lá o raio que vocês, seus janotas de merda,

passam o tempo a fazer. Este é um caso do Departamento de Polícia de Nova Iorque.

— Detetive — respondeu Cilke, calmamente — deixe cair a sua arma, já. Caso contrário, usarei a força, se necessário. Tenho razões para pensar que está envolvida numa associação criminosa.

Aspinella não tinha contado com aquilo. Pela expressão nos olhos de Cilke e pela firmeza da sua voz, soube que ele não cederia. Mas ela também não estava disposta a ceder, pelo menos enquanto tivesse uma arma na mão. Muito provavelmente, aquele tipo não disparava contra uma pessoa havia anos, pensou.

— Acha que eu estou envolvida numa conspiração criminosa? — gritou. — Pois eu acho que você é que está envolvido numa associação criminosa. Acho que há anos que recebe subornos deste monte de merda. — E empurrou ainda mais o cano da arma contra o pescoço de Tulippa. — Não é verdade, senhor?

De início, Tulippa não respondeu, mas quando Aspinella lhe aplicou um pontapé entre as pernas, dobrou-se pela cintura e assentiu com a cabeça. — Quanto? — perguntou Aspinella.

— Mais de um milhão — disse Tulippa, abrindo muito a boca para tentar respirar.

Cilke controlou a sua fúria e disse: — Cada dólar depositado na minha conta foi controlado pelo FBI. Isto é uma investigação federal, detetive Washington. — Inspirou fundo e fez uma contagem inversa, antes de dizer. — Este é o meu último aviso. Largue essa arma, ou dispare.

Astorre observava-os friamente. Aldo Monza, estava escondido atrás de outra máquina. Astorre viu o rosto de Aspinella contorcer-se. Então, como se estivesse a acontecer em câmara lenta, viu-a deslizar para trás de Tulippa e disparar contra Cilke. Mas mal ela disparou, Tulippa libertou-se e mergulhou para o chão, desequilibrando-a.

Cilke fora atingido no peito. Mas disparou uma vez contra Aspinella, que cambaleou para trás, com o sangue a jorrar-lhe do ombro direito. Nenhum deles atirara a matar. Tinham obedecido ao seu treino até ao fim, visando a parte mais larga do corpo. Mas quando Aspinella sentiu a dor lancinante da bala e viu os estragos que ela fizera, soube que era tempo de esquecer as regras. Apontou para o meio dos olhos de Cilke e apertou o gatilho quatro vezes. Todas as balas acertaram no alvo, e o nariz de Cilke transformou-se numa polpa sangrenta, e pedaços de cérebro espalharam-se pelo que restava da testa dele.

Tulippa viu que Aspinella estava ferida e a cambalear. Agarrou-a pelas costas e desferiu-lhe uma cotovelada na cara, deixando-a inconsciente. Mas antes que conseguisse apanhar a arma dela, Astorre saiu de trás da máquina e, com um pontapé, atirou-a para o meio da nave. Depois aproximou-se de Tulippa e ofereceu-lhe galantemente a mão.

Tulippa aceitou-a e Astorre ajudou-o a levantar-se. Entretanto, Monza e os membros sobreviventes da sua equipe tinham dominado os homens de Portella, amarrando-os às colunas de aço que suportavam o tecto da nave. Ninguém tocou em Cilke nem em Portella.

— Ora bem — disse Astorre —, penso que temos um negócio para concluir.

Tulippa estava confuso. Aquele Astorre era uma massa de contradições — um adversário amistoso, um assassino cantor. Poderia alguma vez confiar numa pessoa assim?

Astorre caminhou até ao centro da nave e indicou a Tulippa que o seguisse. Quando chegou a um espaço aberto, parou e voltou-se para o sul-americano: — Mataste o meu tio e tentaste roubar os nossos bancos. Nem devia estar a despediçar palavras contigo. — Tirou da manga da camisa o fino estilete, cuja lâmina prateada refulgiu à luz, e mostrou-o a Tulippa. — O que devia era cortar-te a garganta e acabar com isto. Mas tu és fraco, e não há honra em matar um velho indefeso. Por isso vou dar-te uma hipótese.

Com estas palavras, e depois de ter feito um sinal quase imperceptível a Monza, levantou as duas mãos, como se estivesse a render-se, deixou cair o estilete e recuou vários passos. Tulippa era mais velho e mais pesado do que ele, e nos seus tempos fizera correr rios de sangue. Era um homem extremamente hábil com uma faca. Mas não o suficiente para Astorre. Tulippa apanhou o estilete e começou a avançar.

— És um indivíduo estúpido e descuidado — disse. — Estava disposto a aceitar-te como sócio.

Atacou a fundo várias vezes, mas Astorre foi mais rápido e evitou a lâmina. Quando Tulippa parou momentaneamente para recuperar o fôlego, Astorre tirou o medalhão de ouro do pescoço e atirou-o ao chão, expondo a cicatriz violácea na garganta.

— Quero que isto seja a última coisa que vês antes de morreres — disse.

Tulippa ficou como que fascinado pela cicatriz, que tinha um tom de púrpura como nunca vira. E antes que percebesse o que estava a acontecer, Astorre arrancou-lhe o estilete da mão com um pontapé, agarrou-o por um ombro, fê-lo rodopiar, cravou-lhe um joelho nas costas e, com uma chave precisa, partiu-lhe o pescoço. O estalido foi claramente audível. Sem fazer uma pausa para olhar para a sua vítima, Astorre apanhou o medalhão, voltou a pô-lo no seu lugar e saiu do edifício.

Cinco minutos mais tarde, vários carros cheios de homens do FBI pararam diante da Viola Macaroni Company. Aspinella Washington, ainda viva, foi levada para a unidade de cuidados intensivos do hospital mais próximo.

Quando os agentes do FBI completaram o exame da fita de vídeo sem som que Monza lhes proporcionou, chegaram à conclusão de que Astorre, que largara a sua faca e erguera os braços, tinha agido em legítima defesa.

# Epílogo

Nicole pousou com força o auscultador do telefone e gritou à secretária:

— Estou farta de ouvir falar a respeito de como o raio do eurodólar está fraco. Veja se consegue desencantar o sr. Pryor. O mais certo é estar no nono buraco de um campo de golfe qualquer.

Tinham passado dois anos, e Nicole era agora a administradora-geral dos bancos Aprile. Antes de reformar-se, o sr. Pryor recomendara-a insistentemente para o lugar. Era uma lutadora que conhecia muitíssimo bem a arena empresarial e não cederia a pressões de autoridades reguladoras nem de clientes exigentes.

Naquele dia, Nicole estava a tentar freneticamente limpar a sua mesa de trabalho. Mais tarde, ela e os irmãos viajarão até à Sicília para uma festa de família com Astorre. Mas antes de ir, tinha de resolver o que fazer relativamente a Aspinella Washington, que lhe pedira que a representasse num apelo para escapar à pena de morte. A simples idéia assustava-a, e não só por ter o tempo completamente ocupado.

Ao princípio, quando Nicole se oferecera para gerir os bancos, Astorre hesitara, recordando a última vontade do Don. Mas o sr. Pryor convencera-o de que ela era bem a filha de seu pai. Sempre que um grande empréstimo estivesse à beira de vencer-se, o banco podia contar com ela para pôr em campo uma poderosa combinação de palavras doces e intimidações veladas. A verdade era que sabia conseguir resultados.

O intercomunicador zumbiu e a voz do sr. Pryor fez-se ouvir com o seu habitual tom de cortesia:

— Que posso fazer por si, minha querida?

— Estas taxas de câmbios estão a matar-nos — disse ela. — O que é que acha de apostarmos mais forte no marco alemão?

— Parece-me uma excelente idéia — respondeu o sr. Pryor.

— Sabe uma coisa? Esta história do comércio de divisas tem tanta lógica como ir para Vegas e jogar bacará todo o dia.

O sr. Pryor riu-se.

— Talvez seja verdade, mas as perdas ao bacará não são garantidas pela Reserva Federal.

Depois de desligar, Nicole deixou-se ficar sentada por alguns instantes, a pensar nos progressos conseguidos. Desde que assumira o cargo, comprara seis novos bancos em mercados emergentes e duplicara os lucros. Mas orgulhava-se sobretudo do fato de o banco estar a conceder grandes empréstimos a empresas de países em vias de desenvolvimento.

Sorriu para si mesma e recordou o seu primeiro dia.

Mal o novo papel de carta com o seu nome no cabeçalho chegara, escrevera ao ministro das Finanças do Peru exigindo o pagamento de todos os empréstimos vencidos. Tal como esperara, a exigência provocara uma crise econômica no país, de que resultara uma enorme agitação política e uma mudança de governo. O novo partido do poder exigira a demissão do cônsul-geral nos Estados Unidos, Marriano Rubio.

Meses mais tarde, ficara encantada ao saber pelos jornais que Rubio se declarara em situação de insolvência pessoal. Estava igualmente envolvido numa série de complicados processos judiciais com investidores peruanos que tinham financiado uma das suas muitas aventuras: um parque temático que falira. Rubio prometera que seria “a Disneyland latina”, mas tudo o que conseguira atrair fora uma roda gigante e uma franchise do Taco Bell.

O caso, que os tablóides batizaram como “A Matança do Macarrão”, acabara por transformar-se num incidente internacional. Logo que recuperara do ferimento infligido pela bala de Cilke — um pulmão perfurado —, Aspinella Washington fizera uma série de declarações aos meios de comunicação. Enquanto aguardava julgamento, apresentara-se a si mesma como uma mártir à escala de Joana d'Arc. Processara o FBI por tentativa de homicídio, difamação e violação dos seus direitos civis. Processara igualmente o Departamento de Polícia de Nova Iorque, exigindo os vencimentos relativos ao tempo de suspensão.

Apesar dos seus protestos, o júri precisara apenas de três horas para declará-la culpada. Quando o veredicto fora anunciado, Aspinella despedira os seus advogados e apelara à Campanha Contra a Pena de Morte. Demonstrando mais uma vez a sua queda para a publicidade, pedira que Nicole Aprile se encarregasse do caso. Na sua cela no corredor da morte, dissera aos jornalistas:

— O primo meteu-me nesta alhada, agora ela pode safar-me dela.

Ao princípio, Nicole recusara a idéia, alegando que qualquer advogado se escusaria num caso em que havia um tão evidente conflito de interesses. Mas então Aspinella acusara-a de racismo, e Nicole — que não queria problemas com os seus depositantes pertencentes às minorias étnicas — aceitara falar com ela.

No dia do encontro, tivera de esperar vinte minutos enquanto Aspinella se dirigia a um pequeno congresso de dignitários estrangeiros que a consideravam uma corajosa lutadora contra o bárbaro sistema judicial americano. Finalmente, Aspinella fizera-lhe sinal para se aproximar da divisória de vidro. Passara a usar uma pala amarela, na qual estava pontuada a linha a palavra LIBERDADE.

Nicole explicara todas as excelentes razões que tinha para recusar o caso e concluía fazendo notar que tinha representado Astorre no seu depoimento contra ela.

Aspinella ouvira atentamente, retorcendo as pontas da cabeleira afro que resolvera deixar crescer. E no final dissera: — Entendo o que diz, mas há muita coisa que não sabe. O Astorre disse a verdade: sou culpada dos crimes pelos quais fui condenada, e passarei o resto da minha vida a expiar por eles. Mas, por favor, ajude-me a viver o suficiente para corrigir aquilo que puder.

De início, Nicole pensara que aquilo era apenas mais uma das manobras de Aspinella para conquistar simpatias, mas houvera qualquer coisa na voz dela que a comovera. Continuava a acreditar que nenhum ser humano tinha o direito de condenar outro à morte. Continuava a acreditar na possibilidade de redenção. Sentia que Aspinella tinha direito a uma defesa, como qualquer outro condenado à morte. Só desejava não ter de ser ela a ocupar-se daquele caso.

Antes de tomar a decisão final, porém, sabia que havia uma pessoa que tinha de enfrentar.

Depois das exéquias, em que Cilke recebera honras de herói nacional, Georgette pedira uma entrevista ao diretor. Uma escolta do FBI fora esperá-la ao aeroporto e levava-a até ao quartel-general do Bureau.

Mal entrara no gabinete, o diretor abraçara-a carinhosamente e prometera-lhe que o Bureau faria todo o possível para ajudá-la a ela e à filha a enfrentarem aquela perda.

— Obrigada — respondera Georgette v, mas não foi por isso que vim. Preciso de saber por que razão o meu marido foi morto.

O diretor fizera uma longa pausa antes de falar. Sabia que ela ouvira rumores. E esses rumores podiam representar uma ameaça para o prestígio do Bureau. Precisava de tranquilizá-la. Finalmente, dissera:

— Sinto-me embaraçado ao admitir que até nós tivemos de organizar uma investigação. O seu marido era a epítome daquilo que um homem do FBI deve ser. Era dedicado ao seu trabalho e observava todas as leis ao pé

da letra. Sei que nunca faria fosse o que fosse que compromettesse o Bureau ou a sua família.

— Por que foi então que entrou sozinho naquele armazém? — perguntara Georgette. — E qual era o relacionamento dele com esse tal Portella?

O diretor seguira um a um os pontos que preparara com os seus conselheiros antes da entrevista.

— O seu marido era um grande investigador. Tinha conquistado a liberdade e o direito de agir como melhor entendesse. Não acreditamos que tenha recebido qualquer suborno ou pisado a linha com o Portella ou com quem quer que fosse. Os resultados que conseguiu falam por si mesmos. Foi o homem que destruiu a Máfia.

Ao sair do gabinete, Georgette apercebera-se de que não acreditava nele. Sabia que para encontrar paz teria de acreditar na verdade que sentia no seu coração: que o marido, apesar do seu zelo, era o melhor homem que alguma vez conhecera.

Depois da morte do marido, Georgette continuara a trabalhar como voluntária na Campanha Contra a Pena de Morte, mas Nicole não voltara a vê-la desde aquela fatídica conversa. Alegando as suas responsabilidades no banco, dissera que não dispunha de tempo para a Campanha. Mas a verdade era que não tinha coragem para enfrentar Georgette.

Mesmo assim, quando naquele dia passou a porta, Georgette acolheu-a com um abraço: — Tive saudades tuas — disse.

— Desculpa não ter-me mantido em contato — respondeu Nicole. — tentei escrever-te uma carta de condolências, mas não consegui encontrar as palavras.

Georgette assentiu com a cabeça e disse: — Compreendo.

— Não — murmurou Nicole, com um nó na garganta —, não compreendes. Sou em parte culpada por aquilo que aconteceu ao teu marido. Se não tivesse falado contigo naquela tarde...

— Teria acontecido do mesmo modo — interrompeu-a Georgette. — Se não tivesse sido o teu primo, era outra pessoa qualquer. Uma coisa destas tinha de acontecer mais cedo ou mais tarde. O Kurt sabia-o, e eu também. — Hesitou apenas um instante antes de acrescentar: — O importante é que agora recordamos a sua bondade. Portanto, não falemos mais do passado. Estou certa de que todos nós temos coisas de que nos arrependemos.

Nicole bem gostaria que fosse assim tão fácil. Inspirou fundo: — Há mais. A Aspinella Washington quer que eu a represente. Apesar de ela ter tentado escondê-lo, Nicole viu-a estremecer ao ouvir o nome de Aspinella. Georgette não era uma mulher religiosa, mas naquele instante teve a certeza de que Deus estava a testar a força das suas convicções. — OK. — disse, mordendo o lábio.

— OK? — repetiu Nicole, surpresa. Tivera a esperança de que Georgette se opusesse, o proibisse, dando-lhe assim uma desculpa para rejeitar o predido de Aspinella alegando lealdade à amiga. Quase podia ouvir a voz do pai a dizer-lhe: “Haveria honra nessa lealdade.”

— Sim — confirmou Georgette, fechando os olhos. — deves defendê-la.

Nicole estava espantada.

— Não sou obrigada a fazê-lo. Toda a gente compreenderia.

— Isso seria hipocrisia — disse Georgette. — A vida é sagrada ou não e. Não podemos ajustar aquilo em que acreditamos só porque nos causa dor.

Georgette ficou silenciosa e estendeu a mão a Nicole num gesto de despedida. Dessa vez não houve abraço.

Depois de repassar esta conversa no seu espírito durante todo o dia, Nicole telefonou a Aspinella e, com relutância, aceitou o caso. Dentro de uma hora partiria para a Sicília.

Na semana seguinte, Georgette enviou uma nota ao coordenador da Campanha Contra a Pena de Morte. Dizia que ela e a filha iam mudar-se para outra cidade e começar uma nova vida, e que desejava o melhor para todos. Não indicava um novo endereço.

Astorre tinha cumprido a sua promessa a Don Aprile: salvar os bancos e garantir o bem-estar da família. Considerava-se agora livre de quaisquer obrigações.

Uma semana depois de ter sido totalmente ilibado no caso das mortes ocorridas no armazém, encontrou-se com Don Craxxi e Octavius Bianco no gabinete da fábrica e falou-lhes do seu desejo de regressar à Sicília. Explicou-lhes que tinha uma saudade enorme da própria terra, que se lhe insinuava nos sonhos havia muitos anos. Tinha inúmeras recordações felizes da sua infância em Villa Grazia, o retiro campestre de Don Aprile, e sempre esperara lá voltar. Era uma vida mais simples, mas de muitas maneiras mais rica.

Foi então que Bianco lhe disse:

— Não precisas de voltar a Villa Grazia. Há na Sicília uma vasta propriedade que te pertence. Toda a aldeia de Castellammare del Golfo. Astorre estava confuso.

— Como é isso possível?

Benito Craxxi falou-lhe do dia em que o grande chefe da Máfia, Don Zeno, chamara os amigos para junto do seu leito de morte.

— És o filho do seu coração e da sua alma — disse. — E agora és o seu único herdeiro. A aldeia foi-te legada pelo teu pai. É tua por direito de nascimento.

— Antes de Don Aprile te trazer para a América, Don Zeno tomou certas disposições relativamente a todos os habitantes da aldeia, até ao dia em que tu a reclamasses. Nós encarregamo-nos de protegê-los depois da morte do teu pai, segundo os seus desejos. Quando as colheitas eram más, fornecíamos aos camponeses dinheiro para comprarem novas sementes, e coisas assim.

— Por que não me disseram isso antes? — perguntou Astorre.

— Don Aprile fez-nos jurar segredo — explicou Bianco. — O teu pai queria a tua segurança, e Don Aprile queria que fizesses parte da sua família. Além disso, precisava de ti para proteger os filhos. Na realidade, tiveste dois pais. És um abençoado.

Astorre aterrou na Sicília num belo dia cheio de sol. Dois dos guardacostas de Michael Grazziella foram esperá-lo ao aeroporto e escoltaram-no num Mercedes azul escuro.

Enquanto atravessavam Palermo, Astorre maravilhou-se com a beleza da cidade: colunas de mármore e ornadas esculturas de figuras míticas faziam de certos edificios templos gregos, ou catedrais espanholas, com santos e anjos profundamente esculpidos na pedra cinzenta. A descida até Castellammare del Golfo demorou quase duas horas, por uma íngreme estrada de montanha onde cabia apenas um carro. Para Astorre, como sempre, o mais impressionante da Sicília era a beleza dos campos, com a sua maravilhosa vista sobre o Mediterrâneo.

A aldeia, aninhada num profundo vale rodeado por montanhas, era um labirinto de ruas empedradas, ladeadas por pequenas casas de dois pisos. Astorre avistou vários rostos a espreitarem por entre as fendas das janelas pintadas de branco, fechadas para manter lá fora o abrasador Sol do meio-dia.

Foi recebido pelo presidente da municipalidade local, um homem de pequena estatura que vestia roupas de camponês, que se apresentou como

Leo DiMarco e lhe fez uma respeitosa vênia, dizendo:

— Il Padrone. Bem-vindo.

Astorre, ligeiramente embaraçado, sorriu e pediu em siciliano: — Importa-se de mostrar-me a aldeia?

Passaram por alguns velhos que jogavam às cartas sentados em bancos de madeira. No extremo oposto da praça erguia-se uma bela igreja. E foi a esta igreja, chamada de São Sebastião, que o presidente da câmara começou por levar Astorre, que não rezava uma oração formal desde a morte de Don Aprile. Astorre ajoelhou, de cabeça inclinada, para receber a bênção de don Del Vecchio, o padre da aldeia.

Em seguida, o presidente DiMarco acompanhou-o até à pequena casa onde ficaria instalado. Pelo caminho, Astorre reparou na presença de vários carabinieri, encostados às casas e com as espingardas à mão.

— Depois do anoitecer — explicou o presidente —, é mais seguro ficar na aldeia. Mas, durante o dia, é uma alegria estar nos campos. Durante os dias que se seguiram, Astorre deu longos passeios pelos campos, perfumados pelo aroma fresco dos pomares de laranjeiras e limoeiros. O seu principal objetivo era conhecer os aldeãos e explorar as velhas casas de pedra, construídas ao estilo das vilhrs romanas. Queria encontrar uma de que pudesse fazer seu lar.

Ao terceiro dia, sabia que ia ser feliz ali. Os habitantes, normalmente reservados e solenes, cumprimentavam-no na rua, e quando se sentava no café da pia, os velhos e as crianças metiam-se brincalhonamente com ele. Havia apenas mais duas coisas que tinha de fazer.

No dia seguinte, pediu ao presidente que lhe mostrasse o caminho para o cemitério da aldeia.

— Para quê? — perguntou DiMarco.

— Para apresentar os meus respeitos ao meu pai e à minha mãe — respondeu Astorre.

DiMarco assentiu e pegou numa grande chave de ferro forjado suspensa de um prego na parede do gabinete.

— Conheceu bem o meu pai? - perguntou-lhe Astorre.

— Quem não conheceu Don Zeno? — respondeu o homem, benzendo-se rapidamente. — É a ele que devemos as nossas vidas. Salvou os nossos filhos mandando vir remédios de Palermo. Protegeu a nossa aldeia contra saqueadores e bandidos.

— Mas como era ele, como pessoa? — insistiu Astorre.

DiMarco encolheu os ombros.

— Já restam muito poucos dos que o conheceram dessa maneira, e são ainda menos os que falarão consigo a esse respeito. Tornou-se uma lenda. Quem quereria conhecer o homem real?

Eu quereria, pensou Astorre.

Atravessaram os campos e em seguida subiram uma íngreme colina, com DiMarco a parar de vez em quando para recuperar o fôlego. Finalmente, Astorre viu o cemitério. Mas em vez de lápides, havia filas de pequenas construções de pedra. Jazigos. Todo o espaço estava cercado por um alto gradeamento de ferro forjado, dotado de um portão fechado à chave. Por cima do portão, uma placa dizia: PARA LÁ DESTA PORTA, TODOS SÃO INOCENTES.

O presidente abriu o pesado portão e conduziu Astorre até ao mausoléu do pai, uma grande construção de mármore cinzento sobre cuja porta estavam gravadas as palavras: VINCERIZO ZENO, UM HOMEM BOM E GENEROSO. Astorre entrou no edifício e, sobre o altar, estudou a

fotografia do pai. Era a primeira vez que via uma foto dele, e ficou impressionado ao notar como aquele rosto lhe parecia familiar.

DiMarco conduziu-o depois a um outro jazigo mais pequeno, várias filas mais adiante. Este era de mármore branco, tendo como única nota de cor uma imagem a traço da Virgem, gravada a azul-claro por cima do arco que servia de porta. Astorre entrou e examinou a foto. A rapariga não teria mais de vinte e dois anos, mas os seus grandes olhos verdes e o seu sorriso pareceram aquecê-lo.

Lá fora, disse a DiMarco:

— Quando era um rapazinho, costumava sonhar com uma mulher como ela, mas pensava que era um anjo.

DiMarco assentiu gravemente com a cabeça.

— Era uma bonita rapariga. Lembro-me de vê-la na igreja. E tem razão. Cantava como um anjo.

Astorre cavalgou através dos campos, só se detendo o tempo suficiente para comer o fresco queijo de cabra e o pão estaladiço que uma das mulheres da aldeia lhe tinha preparado.

Finalmente, chegou a Corleone. Não podia adiar por mais tempo o seu encontro com Michael Grazziella. Devia ao homem pelo menos essa cortesia.

Tinha a pele bronzeada por todo aquele tempo passado ao ar livre, e Grazziella recebeu-o de braços abertos.

— O sol siciliano tem sido bom para si — disse.

Astorre conseguiu pôr na sua voz a nota exata de gratidão: — Obrigado por tudo. Especialmente pelo seu apoio.

Graziella caminhou com ele até à villa.

— E que o traz a Corleone? — perguntou.

— Penso que sabe por que estou aqui — respondeu Astorre.

Grazziela sorriu.

— Um jovem forte como você? Claro que sim! E vou já levá-lo até junto dela. É uma alegria para os olhos, esta sua Rosie, e tem dado prazer a todos quantos a conhecem.

Conhecedor do apetite sexual de Rosie, Astorre perguntou a si mesmo por um instante se Graziella estaria a tentar dizer-lhe qualquer coisa. Mas depressa se arrependeu. Graziella era demasiado decente para dizer semelhante coisa, e demasiado siciliano para tolerar qualquer comportamento menos decente sob o seu olhar vigilante.

A casa de Rosie ficava a poucos minutos de distância. Quando chegaram, Graziella gritou cá de fora: — Rosie, minha querida, tens uma visita.

Rosie envergava um simples vestido azul, de verão, com os cabelos louros presos num rabo-de-cavalo. Sem maquilhagem, parecia mais nova e mais inocente do que ele se lembrava.

Parou quando o viu, surpresa. Logo a seguir gritou:

— Astorre! — Correu para ele, beijou-o, e começou a falar excitadamente. — Já aprendi a falar fluentemente o dialecto siciliano. E também aprendi algumas receitas famosas. Gostas de espinafres gnocchi?

Astorre levou-a para Castellammare del Golfo e passou a semana seguinte a mostrar-lhe a aldeia e os campos circundantes. Todos os dias iam nadar, conversavam durante horas e faziam amor com esse conforto que só vem com o tempo.

Ele observava-a atentamente, procurando indícios de que estava a aborrecer-se ou farta daquela vida simples. Mas ela parecia verdadeiramente em paz. Perguntou a si mesmo se, depois de tudo o que tinham passado juntos, poderia alguma vez confiar realmente nela. E então perguntou a si mesmo se seria muito inteligente amar uma mulher ao ponto de confiar inteiramente nela. Tanto ele como Rosie tinham segredos a esconder — coisas que não queriam recordar nem partilhar. Mas Rosie conhecia-o e continuava a amá-lo. Guardaria os segredos dele, e ele guardaria os dela.

Só uma coisa ainda o perturbava. Rosie tinha um fraco por dinheiro e por prendas caras. Astorre perguntava a si mesmo se alguma vez ficaria satisfeita com aquilo que um só homem, fosse ele quem fosse, podia oferecer-lhe. Tinha de saber.

No último dia em Castellamare, Astorre e Rosie percorreram as colinas a cavalo, galopando pelos campos até ao crepúsculo. Pararam então numa vinha, onde colheram uvas que meteram na boca um do outro.

— Nem posso crer que fiquei tanto tempo — disse Rosie, quando descansavam os dois estendidos na erva.

Os olhos verdes de Astorre brilharam intensamente.

— Achas que eras capaz de ficar um pouco mais? — perguntou.

Rosie pareceu surpreendida.

— Em quanto tempo estás a pensar.

Astorre pôs-se de joelhos e estendeu a mão para ela.

— Talvez cinqüenta ou sessenta anos — disse, com um sorriso. Na palma da mão tinha um simples anel de bronze. — Queres casar comigo? Pôs-se à espreita de qualquer hesitação nos olhos de Rosie, do mais pequeno desapontamento com a qualidade do anel, mas a resposta dela foi

imediate. Lançou-lhe os braços ao pescoço e cobriu-o de beijos. Depois caíram ambos no chão e rolaram juntos pelas colinas.

Um mês mais tarde, Astorre e Rosie casavam num dos laranjais dele. O padre Del Vecchio celebrou a cerimônia. Estiveram presentes todos os habitantes de ambas as aldeias. A colina estava atapetada de glicínias silvestres e o aroma das laranjas e dos limões perfumava o ar. Astorre envergava uma roupa branca de camponês, e Rosie um vestido de seda cor-de-rosa. Havia um porco a assar num espeto sobre um leito de brasas vermelhas e belos tomates maduros dos campos. Havia grandes pães e queijos acabados de fazer. O vinho caseiro correu como um rio.

Quando a cerimônia terminou e os dois trocaram votos, Astorre cantou para a noiva as suas baladas preferidas. Bebeu-se tanto e dançou-se tanto que os festejos se prolongaram até ao nascer do Sol.

Na manhã seguinte, quando acordou, Rosie viu Astorre a aparelhar os cavalos.

— Vens comigo? — perguntou ele.

Viajaram o dia inteiro, e Astorre encontrou o que procurava: Villa Grazia. — O paraíso secreto do meu tio — disse a Rosie. — Passei aqui os dias mais felizes da minha infância.

Rodeou a casa até ao quintal, e Rosie seguiu-o. E finalmente chegaram à oliveira dele, aquela que crescera do caroço que tinha plantado quando era um rapazinho. A árvore era agora tão alta como ele, com um grosso tronco. Astorre tirou do bolso uma afiada navalha, agarrou um ramo e cortou-o.

— Vamos plantá-lo no nosso quintal. Assim, quando tivermos um filho, também ele terá recordações felizes.

Um ano mais tarde, Astorre e Rosie festejavam o nascimento do seu filho, Raymonde Zeno. E quando chegou a altura de batizá-lo, convidaram toda a família de Astorre a juntar-se-lhes na igreja de São Sebastião.

Depois de o padre Del Vecchio ter terminado, Valerius, sendo o mais velho dos filhos de Don Aprile, ergueu o seu copo para fazer um brinde: — Possam todos prosperar e viver uma vida feliz. E possa o vosso filho crescer tendo no coração a paixão da Sicília e o romantismo da América.

Marcantonio ergueu também o seu copo, e acrescentou: — E se quiserem trabalhar na televisão, já sabem com quem falar

Agora que os bancos Aprile estavam a dar tanto lucro, Marcantonio estabelecera uma linha de crédito de vinte milhões de dólares para desenvolver as suas próprias idéias dramáticas. Ele e Valerius estavam a trabalhar juntos num projeto baseado nos ficheiros do FBI sobre o pai. Nicole achara uma péssima idéia, mas todos concordaram que o Don teria apreciado a ironia de receber grandes quantidades de dinheiro pela dramatização da lenda dos seus crimes.

— Alegados crimes — acrescentara Nicole.

Astorre perguntou a si mesmo se alguém estaria ainda interessado. A velha Máfia morrera. Os grandes Dons tinham alcançado os seus objetivos e desaparecido graciosamente na sociedade, como os melhores criminosos sempre fazem. Os pouco pretendentes que restavam eram uma mistura de miseráveis bandidos de segunda-classe e ladrões impotentes. Por que haveria de alguém de dar-se a tanto trabalho quando era muito mais fácil roubar milhões criando uma empresa e vendendo ações ao público?

— Eh, Astorre, achas que poderias ser o nosso consultor especial para o filme? — perguntou Marcantonio. — Queremos fazê-lo o mais autêntico possível.

— Com certeza — respondeu Astorre, sorrindo. — Vou dizer ao meu agente que entre em contato convosco.

Mais tarde, na cama, Rosie voltou-se para Astorre.

— Achas que algum dia vais querer voltar? — perguntou.

— Aonde? A Nova Iorque? À América?

— Tu sabes — disse Rosie, hesitantemente. — À tua antiga vida.

— Aqui é o meu lugar. Contigo.

— Ainda bem — disse Rosie. — Mas, e o nosso filho? Não achas que deveria ter a oportunidade de experimentar tudo o que a América tem para oferecer?

Astorre imaginou Raymonde a correr pelas montanhas, a comer azeitonas da barrica, a ouvir histórias sobre os grandes Dons da Sicília de antigamente. Ansiava pelo dia em que havia de contar ao filho essas histórias. E no entanto, sabia que esses mitos não seriam o suficiente.

Um dia, o filho iria para a América, uma terra de vingança, misericórdia e magníficas oportunidades.

FIM



**BIBLIOTECA  
DO EXILADO**